

A. Savel

Segundo Túmulo à Esquerda

DARYNDA JONES



DARYNDA JONES

Segundo Tímulo à Esquerda
Charley Davidson – Vol.2

Tradução de Niandra e Leka (Talionis)
Formatação de LeYtor

Charley Davidson está feliz da vida. Transcorreu uma semana desde sua topada com a morte, e acredita que merece um descanso, mas Cookie, sua vizinha/recepcionista/amiga, recebeu um bilhete de uma amiga desaparecida e não tem nenhum receio em despertá-la no meio da noite para pedir ajuda. Se por acaso não fosse suficiente desvendar este mistério, Charley tem outra preocupação: Reyes confessa que oculta o corpo maltratado para evitar que o utilizem de isca para encontra-la. Antes de permitir que o anjo da morte caia em mãos malignas, prefere desaparecer para sempre. Mas Charley passou momentos muito bons com esse esplêndido, maravilhoso e escultural corpo para cruzar os braços e deixá-lo morrer.

Agradecimentos

Jamais imaginei que algum dia pudesse chegar a ter uma agente como Alexandra Machinist ou uma editora como Jennifer Enderlin. Já disse em outras ocasiões, mas não cansarei de repetir: desconheço o que fiz para merecer. Talvez se deva ao tempo que trabalhei de voluntária no lar de idosos de minha cidade. Ou possivelmente, a essa vez que resgatei uma criança de um edifício em chamas. Não, um momento, nunca resgatei a uma criança de um edifício em chamas.

Bem, seguirei dando voltas. Enquanto isso, muitíssimas graças a Jen, minha maravilhosa editora, e a todas as pessoas do St. Martin's Press and Macmillan. São os melhores.

A Alexandra, minha Superwoman pessoal, e a toda a equipe da agência literária Linda Chester.

A incrível Whitney Lee do The Fielding Agency e a sagaz e inteligente Josie Freedman, do ICM. Obrigada a todos.

A uma das pessoas com maior talento que conheci, Liz Bemis, do Bemis Promotions. Não tenho palavras.

A minha Charley Davidson pessoal, Danielle Tanner.

A minha família —vocês sabem quem— e a meus amigos. Obrigada por gostarem de mim. Ou por fingir. Em qualquer caso, agradeço o esforço.

Às deusas do LERA e a minhas Irmãs dos Sapatos de Rubi, minha outra família.

A Bria Quinlan, Gabi Stephens e Samira Stephan pela ajuda com as traduções.

A comandante Murray Conrad. Obrigada por permitir que te importunasse constantemente sem me prender.

E desejaria dedicar um agradecimento especial a meus leitores, sobre tudo a essas leitoras que ficaram acordadas a noite anterior à entrega deste livro para me dar seu parecer, Danielle Swopes, Tammy Bauman e Kit Carson. Devo-lhes um capuccino com chocolate. Ou uma ilha.

*Aos extraordinariamente extraordinários meninos Jones, Danny, Jerrdan e Casey.
São a razão de minha existência.*

Capítulo 1

Os anjos da morte estão para morrer.

(Camiseta que Charlotte Jean Davidson costuma usar, INCOMPARÁVEL ANJO DA MORTE)

—Charley, vadia, acorda.

Uns dedos providos de unhas afiadas cravaram em meu ombro e se empenharam a fundo para vencer a névoa sonolenta que estava me distraíndo. Sacudiram-me com energia suficiente para desencadear um pequeno terremoto em Oklahoma e, considerando que vivia no Novo México, poderíamos dizer que era um problema.

A julgar pelo tom de voz da intrusa, estava certa de que a pessoa que me importunava era minha melhor amiga, Cookie. Deixei escapar um suspiro, contrariada, me rendendo com resignação ante a evidência de que minha vida era só uma série de interrupções e exigências. Quase sempre exigências. O mais provável é que fosse por ser o único anjo da morte deste lado de Marte, o único portal que os defuntos podiam cruzar ao Além. Ao menos os que não cruzaram ao morrer e ficaram na Terra. E era um montão. Anjo da morte de nascimento, não lembrava um momento de minha vida em que não houvesse mortos batendo na porta (metaforicamente falando, já que os mortos raramente chamam em qualquer lugar) para me pedir que desse uma mão com os assuntos que deixaram pela metade. Nunca deixava de me espantar a quantidade de defuntos que esqueceram de desligar o fogão.

Quase todos os que cruzam através de mim é porque consideram que já estão há muito tempo na Terra. Aparece o anjo. Ou seja, *moi*^[1]. O defunto me vê, onde estiver, seja da outra parte do mundo, e cruza ao Além através de mim. Pelo que me disseram, sou uma espécie de farol que emite uma luz tão brilhante como mil sóis juntos, uma verdadeira tarefa para o morto com ressaca de Martini.

Meu nome é Charlotte Davidson: detetive particular, assessora da polícia e não há quem possa comigo. Ou não teria continuado com as aulas de MMA^[2], como se aprender a matar não valesse nada. Ah, claro, sim, e não esqueçamos o anjo da morte. Devia reconhecer que ser o anjo da morte não era tão ruim. Possuía alguns amigos pelos quais mataria (alguns vivos, outros nem tanto), uma família que agradecia que alguns membros seguissem vivos, outros nem tanto, e falava de igual para igual com um dos seres mais poderosos do universo, Reyes Alexander Farrow, o filho de Satã, metade humano, metade supermodelo.

Portanto, como anjo da morte, me entendo bem com os mortos. Possuem um péssimo senso de oportunidade, claro, mas não me importo. Entretanto, acordar no meio da noite por um ser vivinho e abanando o rabo que lixava as unhas na fábrica de facas da cidade..., isso sim não tem justificativa.

Comecei a dar tapas como um menino defendendo-se de uma garota e continuei lançando palmadas ao ar quando a intrusa caminhou apressada para profanar meu armário. É certo que Cookie foi eleita na escola como a Pessoa Com Mais

Probabilidades De Morrer De Um Momento A Outro. Apesar do desejo irrefreável de fulminá-la com o olhar, não consegui reunir energia suficiente para abrir os olhos. De todos os modos, uma luz cruel se filtrava através de minhas pálpebras. Havia um grave problema com a potência elétrica do apartamento.

—Charley...

Embora também possa ser que morri. Talvez tivesse batido as botas e flutuava como uma pobre infeliz para a luz, como nos filmes.

—... não estou brincando...

Não me sentia especialmente clara, mas a experiência me ensinou a não subestimar o escasso senso de oportunidade que a morte costumava ter.

—... De verdade, levante.

Apertei os dentes e concentrei todas as minhas forças em me segurar a Terra. Não... devo... ir... para a luz.

—Acaso está me escutando?

A voz de Cookie soava amortecida enquanto revolvia em meus efeitos pessoais. Teve muita sorte que nenhum instinto assassino me possuiu ou teria chutado seu traseiro, ou nesse momento só ficaria uma mulher quebrada, destrocada, um farrapo atirado no chão. Gemendo de dor. Com um ou outro espasmo incontrolável.

—Charley, pelo amor de Deus!

A escuridão me envolveu de repente quando um objeto me esbofeteou a cara. Um gesto completamente gratuito que poderia muito bem ter economizado.

—Digo o mesmo — respondi meio grogue, tirando de cima de mim a pilha de roupa cada vez maior. — O que faz?

—Se vista.

—Estou tão vestida quanto preciso às... — Dei uma olhada aos dígitos que reluziam sobre o criado mudo . — Duas da madrugada. Maldição, isto não é sério.

—Muito sério.

Atirou algo mais. Embora com a sua pontaria, a lâmpada saiu voando pelos ares. A cúpula aterrissou a meus pés.

—Ponha isso.

—A cúpula?

Mas se foi. Que estranho. Precipitou-se para a porta e deixou atrás dela um rastro de inquietante silêncio. Esse silêncio que fecha as pálpebras e vira sua respiração rítmica, profunda e compassada.

—Charley!

Quase morro de susto ao ouvir o grito de Cookie e pulei no chão. O xis da questão, pequeno par de pulmões! Gritou de seu apartamento, do outro lado do corredor.

—Vai acordar os mortos! — respondi gritando.

Não me entendia bem com os mortos às duas da madrugada. E quem sim?

—Vou fazer mais que isso se não tirar o traseiro da cama imediatamente.

Minha melhor amiga-barra-vizinha-barra-recepcionista-barra-negócios, Cookie estava fumegando. Instalamos-nos em nossos respectivos apartamentos, que davam porta com porta ambos os lados do andar, fazia três anos. Eu acabava de sair do Corpo

de Paz e ela acabava de sair do tribunal com seu divórcio e uma criança nas costas. Fomos como essas pessoas que, sem nunca se encontrar, parece conhecer-se de toda a vida. Quando abri o escritório de detetive particular, ofereceu-se para atender as ligações até que encontrasse alguém fixo. O resto é história. Depois, foi minha escrava.

Olhei os objetos jogados pelo quarto e peguei um par com cara estranha.

—Chinelos de coelho e minissaia de couro? —disse em voz alta. — As duas coisas? Em conjunto?

Cookie irrompeu de novo, com as mãos na cintura e o cabelo curto apontando a todas as partes, menos para baixo e me lançou um olhar assassino, o mesmo que minha madrastra costumava me dirigir quando a saudava ao estilo nazista. Uma mulher muito suscetível, não podia dizer nada a respeito da semelhança com Hitler.

Suspirei chateada.

—Vamos a uma dessas festas em que todo mundo se disfarça de animais de pelúcia? Porque essa gente me dá desgosto.

Cookie encontrou umas calças de ginástica e jogou junto com uma camiseta que proclamava: “Os anjos da morte são para morrer”. Ato seguido, abandonou o quarto com o mesmo ímpeto.

—Isso é um não? —perguntei ao ar.

Afastei o edredom do Pernalonga com um gesto dramático, saí da cama e tentei acertar colocar os pés nas pernas da calça antes de vestir um desses sutiãs de renda que tanto me afixionei. Minhas garotas mereciam todo o sustento que pudesse oferecer.

Notei que Cookie retornou enquanto tentava colocar o sutiã, bracejando como se tivesse dança de São Vito^{3}, e a olhei com ar interrogativo.

—Suas duplo D^{4} estão bem seguras? —perguntou, sacudindo a camiseta e me embainhando isso pela cabeça.

Continuando, jogou em minhas mãos uma jaqueta que não usava desde o colégio, recolheu do chão um par de chinelos de ficar em casa e me arrastou pelo braço para fora do quarto.

Cookie era como uma mancha de suco de laranja em uma calça branca: podia ser irritante ou engraçada, dependendo de quem usasse a calça. Calcei os chinelos de coelho enquanto ela me puxando pela escada e, como pude, consegui colocar a jaqueta enquanto saía pela porta do edifício de um empurrão. De pouco serviam minha “Espera”, “Ai” ou “O mindinho!”. Só se dignou afrouxar a pressão que seus dedos exerciam sobre meu braço quando perguntei se levava lâminas nas unhas.

A fria e negra noite nos envolveu a caminho do carro. Transcorreu uma semana desde que resolvemos um dos casos mais importantes de Albuquerque (o assassinato de três advogados com relação com uma rede de tráfico de pessoas), tempo durante o que desfrutei da calma que costuma anteceder à tempestade, uma tranquilidade que, pelo visto, estava prestes a ir para o inferno.

Tolerei as sacudidas de Cookie em um esforço por achar seu comportamento errático engraçado, até que (por razões que nesses momentos desconhecia), tentou me enfiar no porta-malas de seu Taurus. Dois problemas surgiram no ato: primeiro, meu cabelo prendeu na fechadura o e, segundo, já havia um defunto ali dentro, um

fantasma de aspecto monocromático sob a escassa luz. Debati sobre dizer a Cookie que levava um presunto no porta-malas, embora no fim decidi que era melhor não. Seu comportamento era já muito errático para, em cima, acrescentar um vagabundo ao assunto. Menos mal que Cookie não podia ver os mortos. Entretanto, sob nenhum conceito ia entrar no porta-malas com aquele cara.

—Para — pedi, levantando uma mão em sinal de rendição enquanto tentava desenredar com a outra as longas mechas de cabelo castanho que se engancharam na fechadura. — Não se esquece de alguém?

Cookie ficou plantada, metaforicamente falando, e me olhou com verdadeiro desconcerto. Estava bonita.

Eu não possuía filhos, mas acredito que teria sido difícil para eu esquecer algo que demorou trinta e sete horas de dor insuportável em sair de entre minhas pernas. Decidi dar uma pista.

—Começa com “A” e acaba com “mmm-ber”.

Cookie piscou e ficou em dúvida uns instantes.

Voltei a tentar.

—O fruto de seu ventre?

—Ah, Amber está com o pai. Entre no porta-malas.

Recompus o cabelo como pude e dei uma olhada no interior do compartimento. O presunto parecia ter sido um sem teto em vida. Estava deitado feito um novelo, em posição fetal, e não prestou a menor atenção a nenhuma das duas. Coisa que me chocou bastante, considerando que, supostamente, eu emitia uma luz ofuscante. O resplendor de mil sóis e tudo isso. Pois não, nem o mínimo gesto de reconhecimento. Nem uma mísera saudação. Nada. Mudo. Como um tumulto. Estava fazendo mal a coisa do anjo da morte. Decidido: precisava buscar uma foice.

—Isto não vai funcionar — falei, enquanto pensava onde venderiam ferramentas agrícolas de lavoura. — Além disso, aonde diabos iremos às duas da madrugada para que eu precise viajar no porta-malas de um carro?

Cookie esticou a mão através do presunto, puxou uma manta e fechou de repente.

—Certo, sobe atrás, mas não levante a cabeça e se cubra.

—Cookie — disse, colocando as mãos em seus ombros e obrigando-a a parar, — o que está acontecendo?

Então eu vi. As lágrimas amontoavam nos olhos azuis. Só duas coisas faziam Cookie chorar: os filmes do Humphrey Bogart¹⁵¹ e que alguém próximo a ela sofresse. O pânico acelerou a respiração e o medo começou a emanar dos poros como a bruma sobre um lago.

—O que está acontecendo? —insisti, agora que finalmente prestava atenção.

—Minha amiga Mimi está há cinco dias desaparecida — respondeu, depois de um suspiro entrecortado.

Fiquei boquiaberta.

—E me diz isso agora?

—Acabo de descobrir.

O lábio começou a tremer e meu coração encolheu. Eu não gostava de ver a

minha melhor amiga sofrer.

—Sobe — ordenei sem brutalidade. Tirei as chaves e ocupei o banco do motorista enquanto ela rodeava o carro e sentava no do acompanhante. — Vamos, me explique o que aconteceu.

Fechou a porta e secou os olhos úmidos antes de decidir falar.

—Mimi me ligou semana passada. Parecia muito assustada e me fez um milhão de perguntas sobre você.

—Sobre mim? —repeti, surpresa.

—Queria saber se você poderia... fazê-la desaparecer.

Estava escrito que aquilo traria problemas. Em maiúsculas. E negrito. Chiei os dentes. A última vez que tentei dar uma mão a alguém para desaparecer, e isso não fazia nem uma semana, a coisa não poderia ter acabado pior.

—Assegurei que não importava que problema tivesse, que você a ajudaria.

Tudo um detalhe de sua parte, embora por desgraça exagerasse.

—Por que não me disse que ela ligou? —perguntei.

—Estava no meio do caso com seu tio, alguém parecia empenhado em matá-la e dava a impressão de estar muito ocupada.

Não podia negar, ela tinha um pouco de razão. Certo, alguém se empenhou em me matar. Em mais de uma ocasião. Embora, menos mal que não se conseguiu, porque nesse momento poderia estar morta ali sentada.

—Disse que viria para falar com você em pessoa, mas não se apresentou. E há pouco recebi esta mensagem.

Alcançou o telefone.

Cookie, por favor, se encontre comigo em nossa cafeteria assim que receber esta mensagem. Veem sozinha. M.

—Nem sequer sabia que desaparecera.

—Têm uma cafeteria? —perguntei.

—Como é possível que não soubesse?

Reprimiu um soluço, angustiada.

—Espera, como sabe que desapareceu?

—Liguei no celular assim que recebi a mensagem, mas não respondeu, assim tentei em casa. Seu marido atendeu.

—Bom, suponho que ele saberia.

—Ficou bobo. Quis saber o que estava acontecendo, e onde sua mulher estava, mas a mensagem dizia que fosse sozinha, assim assegurei que ligaria quando soubesse algo. —mordeu o lábio. — Não posso dizer que ele entendeu muito bem.

—Posso imaginar. Não existem muitas razões pelas quais uma mulher deseje desaparecer.

Cookie me olhou com uma piscada, desconcertada, até que fez uma inspiração tão repentina e profunda que provocou um acesso de tosse.

—OH, não, não é isso — disse, quando se recuperou. — Mimi é muito feliz em seu casamento. Warren beija o chão que ela pisa.

—Cookie, tem certeza? Quer dizer...

—Tenho certeza. Acredite, se alguém saía maltratado nessa relação, era a conta

corrente do Warren. Não sabe como adora essa mulher. E as crianças.

—Têm filhos?

—Sim, dois — respondeu Cookie, com maior abatimento.

Decidi que era melhor não seguir discutindo sobre a existência de possíveis maus tratos até que soubesse algo mais.

—Então, não fazia ideia de onde estaria.

—Nem ideia.

—E ela não te explicou o que acontecia? Não disse por que queria desaparecer?

—Não, mas estava assustada.

—Bom, com um pouco de sorte logo teremos alguma resposta.

Liguei o motor e conduzi até o Chocolate Coffee Café, que Cookie não era proprietária, por desgraça. Porque, vamos ver, chocolate e café... juntos? Deveriam ter concedido o Prêmio Nobel da Paz ao inventor dessa combinação. Ou, como mínimo, uma subscrição vitalícia ao Reader's Digest^[6].

Ao entrar no estacionamento, procuramos um lugar escuro para observarmos o que ocorria a nosso redor sem que ninguém nos visse. Não sabia como Mimi reagiria a minha presença, sobre tudo depois de dizer a Cookie que fosse sozinha. Fiz uma lista mental apoiada no pouco que sabia sobre quem poderia ir atrás dela, e seu marido a encabeçava. As estatísticas existiam por algo.

—Por que não espera aqui? —perguntou Cookie, estendendo a mão para a maçaneta da porta.

—Porque tem muita papelada para fazer no escritório e os papéis não se arquivam sozinhos, bonita. Não penso em arriscar te perder.

Virou-se para mim.

—Charley, está tudo bem. Não vai me atacar nem nada do estilo. Quer dizer, não sou você. As pessoas não costumam ir por aí se equilibrando sobre mim com intenção de me matar um dia sim e outro também.

—Não me diga! —respondi, bancando a ofendida. — Entretanto, talvez quem esteja atrás dela não tenha isso claro. Eu também vou. Sinto muito, querida.

Desembarquei do carro e joguei as chaves quando saiu. Depois de dar uma nova olhada ao estacionamento meio deserto, fomos à cafeteria com toda tranquilidade, ligeiramente envergonhada por meu chinelo de coelhinho.

—Vê-a? —perguntei.

Não imaginava como era.

Cookie passeou o olhar pelo estabelecimento. Havia exatamente duas pessoas: um homem e uma mulher. Não é a toa que houvesse tão pouco movimento considerando a hora que era. O homem vestia chapéu de feltro e gabardina e parecia um astro do cinema dos anos quarenta, enquanto a mulher parecia uma prostituta depois de uma noite difícil. Em qualquer caso, nenhum dos dois contava, já que estavam mortos. O homem fixou em mim imediatamente. Maldito brilho ofuscante. A mulher nem sequer virou.

—Pois claro que não — respondeu Cookie. — Quem você quer ver, se aqui não há ninguém? Onde se meteu? Talvez demorei muito em vir. Talvez não deveria ter procurado seu marido ou me ocupado tirando seu traseiro mirrado da cama.

—Desculpa?

—Ai, Deus, isto não é bom sinal. Sei disso. Tenho um palpíte.

—Cookie, tem que se acalmar. Falo sério. Investiguemos um pouco antes de chamar a Guarda Nacional, certo?

—Certo. Entendido.

Levou uma mão ao peito e fez o que pode para acalmar.

—Está bem? —perguntei, incapaz de resistir à tentação de provocar, só um pouquinho. — Quer um ansiolítico?

—Não, estou bem — respondeu, pondo em prática as técnicas de respiração que aprendemos enquanto víamos documentários de partos sob a água. — Traseiro bobo.

Aquilo estava fora de lugar.

—Falando de meu traseiro, temos que conversar longamente sobre a impressão que tem de meu traseiro. —Fomos para o bar. — Mirrado? Fala sério? —A cafeteria de ambiente retrô estava decorada com bancos turquesa e bancadas rosas. A garçonete, cujo uniforme combinava com os bancos, aproximou-se sem pressa. — Que saiba...

—Já estou aqui.

Virei para a mulher e sorri. Em sua identificação se lia *Norma*.

—Gostariam de um café, bonitas?

Cookie e eu nos olhamos. Era como perguntar ao sol se gostava de brilhar. Ocupamos nossos respectivos bancos junto ao bar e assentimos como dois bonequinhos de cabeças bamboleantes sobre o painel de uma caminhonete Volkswagen. E nos chamou de bonitas, o que era de agradecer.

—Pois então estão com sorte — disse, com um sorriso, — porque faço o melhor café deste lado do Rio Grande.

Foi então quando me apaixonei. Um pouquinho.

—Na verdade, estamos procurando alguém — falei, tentando não babar quando o delicioso aroma invadiu meu nariz. — Faz muito tempo que começou o turno?

Terminou de servir e deixou a cafeteira de lado.

—Santo céu — disse, piscando surpresa, — tem os olhos mais bonitos que já vi. São de cor...

—Dourado — acabei a frase, sorrindo. — Costuma me dizer isso. Pelo visto, não era uma cor muito comum e certamente despertavam muitos comentários espontâneos. — Dizia que...

—Ah, não, recentemente comecei o turno, são minhas primeiras clientes, mas o cozinheiro está aqui toda a noite. Talvez ele possa ajudar. Brad! — chamou, como só as garçonetes sabem.

Brad apareceu no guichê nas costas de Norma, que ligava a cozinha. Esperava encontrar um cara maior e desalinhado, com uma cara que pedisse a gritos um barbeador e, entretanto, topei com um cara de olhar travesso que não aparentava ter mais de dezenove anos e que esboçava o típico sorriso travesso dos jovens, enquanto repassava de cima abaixo à garçonete, de quem tirou uns quantos anos.

—Chamou? —perguntou, em tom sedutor.

A mulher revirou os olhos e o repreendeu com o olhar.

—Estas senhoras estão procurando alguém.

O jovem virou para mim e não pode dizer que a expressão dissimulasse precisamente seu repentino interesse.

—Bom, pois graças a Deus já encontraram.

Por favor. Tentei reprimir a risada para não dar asas.

—Viu a uma mulher branca, de uns trinta e tantos, cabelo curto e castanho? — perguntou Cookie, indo direto ao assunto.

O jovem arqueou uma sobrancelha, como se dissesse algo engraçado.

—Todas as noites, senhora. Terá que ser um pouco mais específica.

—Tem uma foto? —perguntei a Cookie, que me olhou desanimada.

—Não pensei nisso. Devo ter alguma em casa, claro. Como é que nem sequer pensei nisso?

—Agora não comece a te flagelar. —Virei para o menino. — Se importaria de dizer o nome e dar seu número de telefone? —perguntei. — E o da garçonete do turno anterior — acrescentei, olhando a Norma, que inclinou a cabeça, em dúvida.

—Acho que prefiro falar primeiro com ela antes de te dar essa informação, bonita.

Normalmente, costumo levar a licença de detetive particular, a verdadeira, plastificada para deslumbrar as pessoas sem mostrar a língua, mas Cookie me arrastou para fora de meu apartamento com tanta pressa que não me lembrei de pegar. Embrulhava-me o estômago não poder impressionar às pessoas.

—Já digo como se chama a garçonete — disse o menino com um brilho malicioso no olhar. — Chama-se Izzy. Seu número está no banheiro masculino, segundo compartimento, debaixo de um poema comovedor sobre a tragédia dos caras gordos com seios.

Aquele cara errou de profissão.

—Um cara com peitos é uma desgraça. O que acha de eu voltar amanhã a noite? Estará aqui?

O menino abriu os braços para abranger toda a cafeteria.

—Isto é um sonho feito realidade, baby. Não faltaria um dia por nada do mundo.

Dediquei uns minutos a estudar o entorno. A cafeteria estava localizada na esquina de um cruzamento bastante transitado, em pleno centro da cidade. Ou devia ser bastante transitado em horas de trabalho. O astro do cinema clássico morto com chapéu seguia me olhando e eu seguia ignorando-o. Não era momento de conversar com um cara que só eu podia ver. Depois de vários longos e deliciosos goles de um dos melhores cafés que provei em toda minha vida (Norma não mentia), virei para Cookie.

—Vamos dar uma olhada.

Quase se engasga.

—Claro. Nem me ocorreu. Dar uma olhada. Sabia que te trouxe por algum motivo.

Levantou do banco de um salto e, bom, deu uma olhada ao redor. Tive que fazer um grande esforço para não começar a rir.

—O que acha de olharmos nos banheiros, Magnum ^{7}? —propus, antes que minha vontade começasse a fraquejar.

—Certo — respondeu, dirigindo-se muito decidida ao depósito.

Enfim, também podíamos começar por aí.

Pouco depois entrávamos no banheiro feminino. Felizmente, Norma se limitou a arquear as sobrancelhas quando começamos a pesquisar o lugar. Algumas pessoas teriam se incomodado, sobre tudo quando olhamos no masculino, já que estava destinado principalmente aos homens, mas Norma era das que sempre estavam dispostas a colaborar.

Dedicou-se a encher os açucareiros enquanto nos vigiava com a extremidade do olho. Entretanto, depois de uma busca exaustiva do lugar, compreendemos que Elvis não estava no edifício. Nem a amiga de Cookie.

—Por que não está aqui? —perguntou. — O que acha que aconteceu?

Estava começando a deixar-se levar pelo pânico outra vez.

—Olhe, está escrito.

—Como pode dizer isso! —gritou, completamente fora de si.

—Grite mais, que ainda não estou surda.

—Não sou como você. Não penso igual a você, não tenho seus dons — protestou, agitando os braços. — Se não sei investigar em público, menos saberei em particular. Uma amiga me pede ajuda e eu nem sequer sei seguir a única e simples indicação que me dá, não sei... Bla-bla-bla.

Estive tentada a esbofeteá-la enquanto estudava a inscrição recente e clara que decorava uma das paredes do banheiro feminino, mas Cookie encarreirou. Não quis interrompê-la.

Depois de um momento, parou sem minha intervenção e olhou a parede.

—Ah, queria dizer literalmente — murmurou, envergonhada.

—Sabe quem é Janelle York? —perguntei.

Aquele nome estava escrito com uma letra muito legal para tratar-se do vandalismo de um adolescente. Debaixo se lia Hana L2-S3-R27, marcado com maior perfeição. Não era um grafite, era uma mensagem. Rasguei um pedaço de papel higiênico e pedi uma caneta a Cookie para copiar.

—Não, não conheço nenhuma Janelle — assegurou . — Acha que foi Mimi quem escreveu?

Olhei no cesto de papéis e tirei um pacote de marcadores permanentes recém-aberto.

—Acho que tem todos os pontos.

—Mas por que diria para encontrá-la aqui se pretendia me deixar algo escrito na parede? Por que não enviou uma mensagem?

—Não sei, querida. —Arranquei outro pedaço de papel para voltar vasculhar o lixo, mas não encontrei nada interessante. — Suspeito que a intenção era esperar aqui e algo ou alguém a fez mudar de opinião.

—Ai, céus. Então agora, o que fazemos? —perguntou Cookie, que voltou a entrar em pânico. — O que nós, bem, faremos?

—Primeiro, vamos parar de nos repetir — respondi, lavando as mãos. — Parecemos idiotas.

—Certo. —Assentiu. — Desculpe.

—Depois, você reunirá toda a informação que encontrar sobre a empresa que

Mimi trabalha. Quais são os donos, os administradores, os chefes... as plantas do edifício... acaso precisemos. E veja o que pode descobrir sobre esse nome — acrescentei, assinalando a minhas costas o que estava escrito na parede.

Seu olhar correu pelo chão, tão concentrada que quase pude ver as engrenagens girando em sua cabeça enquanto os pensamentos tomavam milhares de direções diferentes e pendurava a bolsa do ombro.

—Chamarei tio Bob quando começar seu turno e descobrirei a quem atribuíram o caso de Mimi. —O tio Bob era irmão de meu pai e um dos inspetores do Departamento de Polícia de Albuquerque, como meu pai fora naquele momento. Meu trabalho com ele como assessora do departamento representava grande parte de meus ganhos. Resolvi muitos casos para aquele homem, e para meu pai antes dele. Era mais fácil solucionar crimes quando podia perguntar ao defunto quem deu o passaporte. — Não tenho certeza de quem está com os desaparecidos na delegacia de polícia. E também teremos que falar com o marido. Como se chamava?

—Warren — respondeu, me seguindo fora.

Fiz uma lista mental enquanto saíamos dos banheiros. Depois de pagar a consumação, dei um sorriso a Brad e me encaminhei à porta. Por desgraça, um homem fora de si que empunhava uma pistola nos fez voltar a entrar aos empurrões. Certamente, seria muito pedir que houvesse passado por ali só para roubar.

Cookie parou em seco atrás de mim e afogou um grito.

—Warren — murmurou, sem acreditar em seus olhos.

—Está aqui? —perguntou o homem, com o semblante, de expressão geralmente benevolente, distorcido pela raiva e o medo.

Até o poli mais duro treme as pernas quando se encontra do outro lado de um calibre trinta e oito de cano curto; entretanto, estava demonstrado que Cookie possuía menos senso comum que um esquilo.

—Warren Jacobs — disse, dando um peteleco no cocuruto.

—Ai!

O homem esfregou a cabeça e Cookie aproveitou para tirar o revólver e meter na bolsa.

—Quer matar alguém? —O homem encolheu os ombros, como um menino repreendido pela tia preferida. — O que faz aqui?

—Fui a seu apartamento depois que ligou. Depois te segui até aqui e esperei para ver se Mimi saía, mas como nada acontecia, decidi entrar.

Estava bastante desalinhado e dava a impressão de não ter comido em vários dias, morto de angústia. Além disso, parecia tão culpado do desaparecimento da mulher quanto eu. Sabia interpretar as emoções de outros como ninguém e aquele cara destilava inocência a torrentes. Sentia-se mal por algo, mas nada a ver com um ato criminoso. O mais provável era que se sentisse culpado de ter ofendido a mulher de algum modo e que isso tivesse provocado à fuga. Ignorava o que ocorreu a Mimi, mas possuía sérias dúvidas de que tivesse algo a ver com o assunto.

—Vamos — falei, acompanhando-os ao interior da cafeteria. — Brad — chamei.

O jovem colocou a cabeça pelo guichê que comunicava com a cozinha com um sorriso malicioso no rosto.

—Já sentiu minha falta?

—Me mostre o que tem, baby.

Brad arqueou as sobrancelhas, deixando claro que aceitava a provocação, e girou a espátula entre os dedos como o baterista de um grupo de rock.

—Olhe e aprenda — respondeu, antes de voltar para a cozinha e começar a trabalhar.

Aquele menino quebraria mais corações dos que imaginava. Estremeci ao pensar na devastação que estava por vir.

Três burritos enormes e sete xícaras de café depois (quatro meus) estava sentada junto a um homem tão atormentado pelas dúvidas e preocupação que minhas sinapses^{8} estavam apostando quanto tempo o marido de Mimi conseguiria manter o café da manhã no estômago. O pobre homem não conseguiria.

Estava comentando o estranho comportamento que observou recentemente na esposa.

—Quando notou essa mudança tão drástica? —quis saber, sendo essa minha centésima décima segunda pergunta, mais ou menos.

—Não sei. Estou por fora. Às vezes, nem sei se perceberia se meus filhos pegassem fogo. Eu diria que umas três semanas.

—Falando dos filhos — disse, levantando os olhos, — onde estão?

—O que? —respondeu, virando para mim. — Ah, com minha irmã.

Um ponto positivo. Aquele cara era um desastre. Graças a Norma, passou de anotar nos guardanapos a tomar notas em uma caderneta de pedidos.

—E sua mulher não disse nada? Não perguntou nada que parecesse estranho? Não comentou se estava preocupada ou se acreditava que alguém a seguia?

—Estava assando uma alcatra e queimou — respondeu, animando-se ligeiramente ao ver que ao menos possuía uma resposta. — Depois daquilo, tudo foi para o inferno.

—Então, leva a cozinha muito a sério.

Assentiu, depois negou com a cabeça.

—Não, não era isso o que queria dizer. Ela nunca queima nada. E menos ainda os assados.

Cookie me beliscou por baixo da mesa ao ver que escolhia entre começar a rir ou me reprimir. Fulminei-a pela extremidade do olho e recuperei minha expressão preocupada e pomenorizada.

—É uma detetive profissional, verdade? —quis saber Warren.

Olhei com receio.

—Defina profissional. —Ao ver que não respondia e seguia concentrado em mim, como consumido pelos pensamentos, acrescentei— Não, agora sério, não sou como outros detetives particulares que andam por aí. Não tenho ética, nem código de conduta, que são desde limpadores de armas.

—Gostaria de contratá-la — disse, sem deixar-se impressionar por minha confissão sobre os limpadores.

Já decidira aceitar o trabalho pela Cookie (sobre tudo considerando que, o que pagava a ela, apenas chegava para comprar comida de verdade), mas o dinheiro viria

muito bem quando aparecessem os credores.

—Sou muito cara — adverti, esperando que parecesse um pouco a prostituta da taberna.

Ele se inclinou para frente.

—Sou rico.

Olhei Cookie com desconfiança em busca de confirmação e ela arqueou as sobrancelhas e assentiu com um gesto.

—Ah. Bom, então acredito que podemos falar de negócios. Um momento — disse, enquanto meus pensamentos se amontoavam em minha cabeça, — quanto rico?

—Suficiente, eu diria.

Se suas respostas ficassem mais imprecisas, acabariam por parecer com a comida que serviam nas lanchonetes dos colégios.

—Alguém pediu dinheiro recentemente?

—Só meu primo Harry, mas ele sempre me pede dinheiro.

Talvez o primo Harry estivesse mais desesperado que o habitual. Ou mais encorajado. Anotei a informação sobre Harry.

—Lembra-se de algo mais? —perguntei a seguir. — Algo que pudesse explicar o comportamento de sua mulher?

—A verdade é que não — respondeu, depois de alcançar o cartão de crédito a Norma.

Nem Cookie nem eu tínhamos para pagar os cafés adicionais que tomamos, nem o que dizer dos enormes, e considerando que duvidava de que aceitassem os chinelos de coelhinho como pagamento e sinal...

—Senhor Jacobs — disse, ficando seria, — devo confessar algo: sou uma perita julgando às pessoas e, não se ofenda, mas você esconde algo.

Mordeu os lábios com peso na consciência e o remorso começou a gotejar por todos os poros de sua pele. Nem tanto do tipo matei-minha-mulher-e-enterrei-o-cadáver-no-quintal-traseiro, mas do tipo sei-algo-mas-não-querer-dizer.

De repente, suspirou profundamente e afundou a cabeça nas mãos.

—Acho que me traia.

Bingo.

—Bom, é algo. Poderia dizer por que acreditava tal coisa?

Muito exausto para o esforço que o gesto requeria, somente conseguiu encolher ligeiramente os ombros.

—Pela forma de comportar-se. Notava-a muito distante. Perguntei diretamente e começou a rir, disse que não havia mais homens em sua vida porque não estava disposta a aguentar outro mais.

Na grande ordem universal das coisas, para ele era lógico suspeitar que o enganava com outro, considerando o tanto que Mimi mudou, segundo ele.

—Ah, e recentemente uma amiga sua morreu—disse, como se acabasse de pensar. Enrugou a testa, tratando de recordar os detalhes. — Esqueci completamente. Mimi disse que a assassinaram.

—Assassinaram? Como? —perguntei.

—Sinto muito, mas não lembro.

Outra baforada de remorso saiu de seu corpo.

—Eram íntimas?

—Pois essa é a coisa. Foram juntas a escola, mas não voltaram a ver-se depois. Mimi nem sequer me falou dela até que soube que havia morrido; por isso me surpreendeu o tanto que a notícia afetou. Estava destroçada, mas mesmo assim...

—Mesmo assim...? —repeti, animando-o a seguir ao ver que voltava a abstrair-se em si mesmo. Não pararia agora que aquilo ficava interessante.

—Não sei. Parecia em pedaços, embora não parecesse muito triste por ter perdido a amiga. Era outra coisa. —Moveu a mandíbula como se fosse dizer algo enquanto mexia na memória. — Naquele momento não dei muita importância, mas, para ser sincero, não parecia surpresa de a assassinarem. Perguntei se queria ir ao funeral e, mãe de Deus, teriam que ver a cara que fez. Qualquer um diria que pedi que afogasse o gato do vizinho.

Tenho que reconhecer que afogar o gato do vizinho não dava muitas pistas, tendo em conta que não me importaria de fazê-lo.

—Então se zangou?

Virou para mim piscando incrédulo e ficou olhando. Um bom tempo. Tanto, que acabei passando a língua pelos dentes para confirmar que não ficou nada entre eles.

—Escandalizou-se — respondeu finalmente.

Maldição, oxalá se lembrasse do nome da mulher. E de por que Mimi não se surpreendeu ao saber que a assassinaram. Se há algo que surpreende a morte de um próximo é precisamente o assassinato.

Falando de nomes, decidi tentar com o que escreveu na parede do lavabo.

— Mimi mencionou alguma vez uma tal Janelle York? —perguntei, depois de me certificar de que não havia nenhum objeto estranho entre os dentes.

—Isso! —Exclamou, surpreso. — Esse era o nome da amiga de Mimi que assassinaram. Como sabia?

Não sabia, mas que acreditasse me fez parecer boa.

Capítulo 2

*Não cruze os raios. Nunca cruze os raios.
(Adesivo de para-choque)*

—Mas o que você escuta? —perguntei, adiantando o corpo para baixar o rádio enquanto Cookie conduzia de volta a casa.

This Little Light of Mine^[9] era muito alegre para as condições atmosféricas.

Cookie apertou o botão Scan.

—Eu que sei. Supõe-se que é rock clássico.

—Ok. Bom, este carro é de segunda mão? —perguntei, pensando no presunto do porta-malas e em como teria chegado até lá.

Ainda não consegui esclarecer se Cookie foi uma viúva negra antes de nos conhecer. Sim, o cabelo era negro e não fazia muito que cortou. Teria feito para despistar, talvez? Por não falar desse instinto assassino que a assaltava antes do primeiro café da manhã e que fazia da direção agressiva uma alternativa prática para encontrar uma Cookie mais sã e feliz. Os mortos raramente passeavam pela Terra porque queriam. Era muito provável que o Morto do Porta-malas sofrera uma morte violenta e, se chegasse o momento de ter que ajudá-lo a cruzar, primeiro devia descobrir como e por que.

—Sim — respondeu sem prestar muita atenção. — Ao menos sabemos por onde começar, com essa tal Janelle York. Quer que chame seu tio? Pode ser que também valha a pena falar com o forense.

—Suponho que sim — respondi com ar despreocupado. — E onde diz que o comprou?

Voltou-se para mim, franzindo o cenho.

—Que comprei o que?

Encolhi os ombros e olhei pela janela.

—O carro.

—Em Domino Ford. Por quê?

Levantei as mãos para tirar a importância.

—Por curiosidade. Uma dessas coisas bobas que a gente pensa na volta para casa depois de trabalhar em um caso sobre pessoas desaparecidas.

Arregalou os olhos, horrorizada.

—Ai, Meu deus! Há um morto no banco de trás, certo?

—Um momento, o que? —falei, gaguejando estupefata. — Porque haveria morto em seu carro? O que te faz pensar isso?

Dirigiu-me um olhar escrutinador carregada desconfiança antes de desviar o carro para um posto de gasolina e frear com um chiado.

—Cook, estamos a dois passos de casa.

—Me diga a verdade — exigiu, depois de estar a ponto de atravessar o para-brisa. Certamente, não podia dizer que os freios não funcionam. — Falo sério, Charley. Tudo

bem que os mortos estão em toda parte, mas não os quero em meu carro. Além disso, sinto pena.

—Não é verdade. —Não sei por que, mas aquele comentário me deixou desanimada. — Minto que é uma maravilha, pergunte a meu dentista. Está convencido de que passo o fio dental diariamente.

Deixou o carro no estacionamento e ficou olhando fixamente. Sem piscar. Seria uma boa administradora na prisão.

—Prometo a você, Cook — disse por fim, depois de converter um suspiro em uma interpretação digna da Broadway, — não leva um morto no banco de trás.

—Então está no porta-malas. Há um corpo no porta-malas, certo?

Achei graça do tom aterrorizado da voz. Até que saiu disparada do carro.

—O que? — falei, descendo atrás dela. — Claro que não.

Cookie apontou o Taurus branco e me dirigiu um olhar acusador.

—Há um cadáver nesse porta-malas — sentenciou. Em voz bastante alta. Tanto que o poli ao lado, sentado em seu carro com janela aberta ouviu.

Revirei os olhos. Estávamos no fim de outubro, por que demônios estava com a janela aberta? Quando abriu a porta do carro patrulha e ficou em pé, inclinei a cabeça e dei um tapa na cara. Menos mal que era a minha. Aquilo não podia estar acontecendo de verdade. Se voltasse a chamar o tio Bob, inspetor da polícia do Albuquerque, em plena noite, para que me tirasse de uma dessas brigas bobas que costumava ter com um ou outro poli, me mataria. Ao menos isso era o que disse. Com um descascador de laranjas. Não sei por que.

—Têm algum problema, senhoras? —perguntou o agente.

Cookie me olhou com a testa franzida.

—Por que não diz que não há um cadáver nesse porta-malas? Hein?

—Cook, de verdade...

Cruzou os braços, esperando uma resposta.

Virei para Perseguidor implacável^{10}.

—Olhe, agente O. Vaughn — disse, consultando a placa identificativa. — Sei que o que Cookie disse não soou muito bem, mas falava metaforicamente. Como vamos levar um...? —Me fixei melhor em seu rosto e naquela careta quase desdenhosa que seus lábios esboçavam, e uma vaga sensação de familiaridade me provocou um formigamento que me percorreu as costas. Ao estilo It ^{11}do Stephen King. — Por acaso, não é parente de Owen Vaughn, verdade?

Seus lábios desenharam uma fina linha.

—Sou Owen Vaughn.

Vamos. Por algum motivo que só ele sabia, Owen Vaughn tentou me matar na escola. Com um SUV. Embora depois contou à polícia que queria me deixar parálitica, negou-se explicar a razão. Pelo visto, fiz algo, mas por mais que pensasse, nunca cheguei a descobrir por que.

Decidi ir com calma. Não valia a pena jogar na cara seu passado criminal. O passado no passado estava. Sobre tudo porque ele estava armado e eu não.

Sorri e dei um suave murro no braço, como se fôssemos velhos amigos.

—Quanto tempo sem ver você, Vaughn.

Não funcionou. Ficou tenso e ficou olhando uns instantes o lugar que meu punho bateu. Logo elevou o olhar, sem pressa, e cravou os olhos nos meus, como se somente desejasse me arrancar pela raiz.

Uma situação um pouco desconfortável.

Então lembrei que era muito amigo de Neil Gossett, na escola, com quem há pouco que recuperei o contato, por isso decidi utilizar essa informação para romper o bloco de gelo que Vaughn estava envolto.

—Ah, ouça, o outro dia vi Neil. É subdiretor da prisão da Santa Fé.

—Sei onde está Neil Gossett — respondeu com ódio reconcentrado. — Sei onde estão todos. —inclinou-se para mim. — Não esqueça.

Fiquei petrificada, incapaz de reagir enquanto ele dava meia volta e retornava ao carro patrulha. Cookie também ficou olhando, boquiaberta, vendo como se afastava em seu veículo.

—Nem sequer registrou o porta-malas — disse.

—Só parece ou seu comentário foi do típico perseguidor? —perguntei, sem afastar a vista das luzes traseiras cada vez mais longínquas.

—Que diabos fez?

—Eu? —Levei uma mão ao peito para demonstrar o muito que me ofendiam suas palavras. — Por que sempre dá por certo que tenho culpa?

—Porque sempre tem culpa.

—Pois para sua informação, esse homem tentou me deixar parálitica na escola. Com um SUV.

Virou-se para mim, atônita.

—Alguma vez pensou em emigrar a outro país?

—Por estranho que pareça, sim.

—Porta-malas. Presunto.

Dirigiu-se para o carro e colocou a chave na fechadura, mas me lancei atrás dela e fechei a porta do bagageiro antes que o defunto me visse.

—Sabia — disse, e voltou a afastar do veículo. — Há um presunto no porta-malas.

Tentei fazê-la calar levando um dedo aos lábios repetidamente.

—Não é um presunto, é uma pessoa que faleceu — a repreendi, sussurrando em voz alta, como os bêbados nos bares de solteiros. — Não é o mesmo. E se descobrir que posso vê-lo, me pegará como um marisco até que resolva seu assassinato e tolices.

Mudou a expressão e me olhou ressentida.

—Você me deixaria dirigindo com esse cara no porta-malas para sempre.

—O que? —protestei, com um bufo. — Sim, cara. Bom, para sempre não, uns dias, até que descobrisse quem era.

Deu um passo à frente, até que nossos dedos dos pés se tocaram.

—Isso não está bem, como quer que pareça.

Dito isso, deu meia volta e tomou o caminho para casa.

Merda. Corri atrás dela, surpresa com a distância que uma mulher de saco cheio podia cobrir em tão pouco tempo.

—Cookie, não pode ir andando. Ainda não amanheceu. E estamos na Central.

—Prefiro me encontrar com dez mau nascidos em uma dúzia de becos escuros

que subir nesse carro — respondeu, assinalando a suas costas sem perder o passo.

—E o que me diz dos estacionamentos escuros? —perguntei, depois de fazer a multiplicação. — Ou das passagens escuras? Esses também dão bastante medo, não acha?

Cookie continuou com passo firme, sem titubear em sua nobre tentativa de evitar defuntos para acabar recebendo uma navalhada pelos cinco dólares que levava nos bolsos. Embora não começasse a ver a lógica, ao menos compreendia que tivesse medo. Um momento... Não, não compreendia.

—Cookie, os mortos estão em toda parte. Estão no escritório, sentados na sala de espera, esperando junto à cafeteira. Por que se converteu em um problema de repente?

—Por isso mesmo. Porque é você quem seguem e não a mim. E não em meu carro.

—Então melhor não dizer nada sobre o menino de seu apartamento, não? — deteve-se em seco, muda de espanto. — Não. Bem. Esquece o que disse.

—Há um menino morto em meu apartamento?

—Nem sempre.

Sacudiu a cabeça e recomeçou a marcha, com o qual acabei brincando de correr bobamente atrás dela com meus chinelos de coelhinho, tentando alcançar. Resignada, compreendi que estava fazendo muito exercício. Logo teria que rebater com um pouco de bolo.

—Não posso acreditar que há um menino morto em meu apartamento e que não me disse.

—Não queria te assustar. Acredito que está louco por Amber.

—O que me faltava.

—Olhe, levemos o carro a casa e depois me encarrego disto — falei, puxando sua jaqueta até que por fim parou. — Não podemos deixá-lo aqui, roubarão.

Iluminou o rosto.

—Você acha? Não, espera, será melhor que volte e deixe as chaves. Já sabe, para ficar mais fácil.

—Sim, bom, é uma ideia.

Variou o rumo para o carro, animada por uma nova determinação. Começava a me preocupar, mas agora ao menos avançava na direção correta.

—Sem contar a vez que tomei banho pelada com o clube de xadrez, esta foi a noite mais movimentada de minha vida — disse, entre fôlegos. Levantei a vista em um gesto pensativo, tropecei, vacilei, recuperei o equilíbrio e olhei a meu redor como se tivesse feito de propósito, antes de retificar. — Não, retiro o que disse. Acredito que a noite mais movimentada de minha vida foi essa vez que ajudei a meu pai a resolver o mistério da explosão de gás em que morreram trinta e duas pessoas. Assim que o caso esteve resolvido, todos cruzaram. De uma vez. Levei toda a noite para me recuperar desse sem-fim de emoções formando redemoinhos em meu interior.

Cookie afrouxou o passo, mas seguiu sem virar a cabeça. Mal podia culpá-la? Deveria ter falado do menino há muito tempo. Não estava certo ocultar esse tipo de informação.

—Se não fosse por esse homem que viu um universitário destroçando as tubulações de gás, talvez o caso tivesse ficado sem resolver. Claro que eu estava com sete anos — prossegui, com a esperança de distrair Cookie com o bate-papo. — Custou-me muito compreender o que acontecia. Bem, ao menos seu carro segue no mesmo lugar.

Assinalei-o.

Cookie se plantou junto ao Taurus em dois passos e virou para mim.

—Sinto muito, Charley.

Olhei-a um instante com o cenho franzido, sem entender.

—Está a ponto de fazer uma piada fácil? Porque me fartei deles aos doze.

—Eu, aqui, meio desenquadrada porque levo um presunto no porta-malas...

—Um morto. Morto.

—... e você preocupando-se por todos. Nunca me contou essa história.

—Que história? —perguntei, ainda receosa. — A história da explosão? Não foi nada.

Só contei para separar de sua mente a imagem dos mortos que se comportam como alienados.

—Nada? É como um super heroína, mas sem capa.

—OH, que detalhe. Onde está a armadilha?

Cookie afogou uma risada.

—Não há armadilha. Só me diga que não há um morto em meu porta-malas.

A contra gosto, girei a chave e levantei a porta do bagageiro.

—Não há um morto em seu porta-malas.

—Charley, seja sincera. Está tudo bem.

Pisquei, surpresa. Foi-se.

—Não, digo a sério — assegurei, enquanto procurava por toda parte.

Retrocedi um passo para ver melhor e tropecei com algo frio e imóvel. A temperatura desceu em torno de mim e um calafrio percorreu minhas costas. Era como entrar em uma câmara frigorífica, mas não quis assustar Cookie. Outra vez.

—Não — insisti, encolhendo os ombros, — aqui não há nenhum morto.

Seus lábios desenharam uma fina linha, como se estivesse virando. Fiquei de lado e olhei a meu redor, simulando que fiscalizava a área, enquanto olhava com a extremidade do olho a torre que se elevava a meu lado. O Morto do Porta-malas estava com os olhos cravados em mim, com o olhar vazio e o semblante desprovido de emoção. Reprimi a tentação de agitar uma mão diante dele, de estalar os dedos. Em qualquer caso, o mais provável era conseguir chateá-lo.

—Está a seu lado? —perguntou Cookie.

Devo ter olhado mais tempo que acreditava, porque Cookie não engoliu meu falso ar de despreocupação. Assenti envergonhada, deixando escapar um suspiro de resignação.

—Depressa, depressa. —Pegou as chaves e começou a correr para a porta do motorista. — Charley, corre, antes que ele volte.

—Ah.

Fui até lado do acompanhante e subi no carro. Cookie seguia pensando que era

possível deixar os mortos pra trás. Deixei que acreditasse enquanto ligava o motor e saía do estacionamento como alma que leva o diabo, ali onde as leve.

—Nos esquivamos? —perguntou.

Não sabia o que fazer. Por um lado, Cookie queria conhecer e compreender como funcionava o outro mundo e, pelo outro, eu sentia o ardente desejo de chegar à casa sã e salva, com poucas peças do automóvel, ou nenhuma, aparecendo pela cabeça, peito ou ambos.

—É claro que sim — assegurei, fazendo verdadeiros esforços para não olhá-la.

Aquela situação me lembrou da vez, na universidade, que me encontrei com o exibicionista do lugar ao virar uma esquina, a caminho da aula. Agora e naquela vez, era difícil não dar na cara, sobre tudo considerando que o Morto do Porta-Malas se instalou no colo de Cookie.

—Brrr — resmungou.

Adiantou o corpo e ligou a calefação apesar de já estarmos no estacionamento do edifício de apartamentos.

—Primeiro tomarei um banho e depois descobrirei o que ocorreu a Janelle York — disse quando chegamos ao segundo andar. Não eram nem quatro e meia da madrugada. — Por que não tira um cochilo?

—Cookie —disse, tratando de me afastar ligeiramente do Morto do Porta-Malas, que invadia meu espaço vital. Era muito suscetível no que se refere a meu espaço vital. — Tomei três xícaras de café a mais das que costumo tomar. Agora mesmo não poderia voltar a dormir nem que me propusesse.

—Tenta, ao menos. Acordarem em algumas horas.

—Voltará a me jogar roupas na cara?

—Não.

—Certo, mas falo sério, não vou voltar a dormir por toda minha vida.

Despertei duas horas depois, segundo meu relógio. Eram quase sete. Tempo de sobra para tomar um banho, preparar um café e olhar caras gostosos na internet. Pelo visto, o Morto do Porta-Malas também precisava tomar banho.

Capítulo 3

*Grandes peitos suportam uma grande responsabilidade.
(Camiseta)*

—Este tarado deveria ser preso.

Estava no chuveiro, a água saía fervendo e mesmo assim estava arrepiada, o que costumava me ocorrer quando algum morto queria tomar banho comigo. Olhei aos olhos vazios do sem teto do porta-malas de Cookie. O cabelo, de cor insignificante, chegava até os ombros, a barba era um matagal condensado e os olhos castanho esverdeado. Era como um ímã para aqueles caras.

Meu fôlego embaçou o ar e o vapor ricocheteava contra as paredes do banheiro. Resisti a tentação de olhar para os céus e levantar os braços lentamente enquanto as nuvens de vapor se elevavam a nosso redor, mas não seria mal fingir que era uma deusa do mar. Inclusive poderia ter cantado um pouco de ópera para dar maior efeito.

—Vem sempre aqui? —acabei perguntando, embora fosse à única que achou engraçado. Suficiente, por outro lado.

Ao ver que não respondia, comprovei o grau de lucidez dando uns golpezinhos no peito com o dedo. A ponta tocou o casaco esfarrapado, para mim tão sólido como as paredes do banheiro que nos rodeavam, mas as gotas escorregavam por meu dedo, o atravessaram e se bateram contra o chão junto com as demais. Minhas rabugices não provocaram nenhuma reação. Seu olhar vazio me transpassava. Aquilo era muito estranho. Pareceu-me bastante sensato quando o vi no porta-malas de Cookie.

A contra gosto, inclinei a cabeça para trás para limpar o cabelo, mantendo os olhos bem abertos, vendo como me olhava. Ou o que fosse.

—Alguma vez teve um desses dias que começa te abarrotando de fibra como um louco e a partir daí tudo vai ladeira abaixo?

Fiel ao arquétipo de maluco retraído, não respondeu. Perguntei-me quanto tempo estaria morto. Talvez vagasse tanto tempo pela Terra que perdeu as estribeiras. Vi em um filme. Claro que, se já era um sem teto quando faleceu, talvez a loucura fosse um fator determinante em sua vida.

Levantou s olhos quando fechei a água. Eu fiz o mesmo. Basicamente porque ele fez.

—O que houve, grandalhão?

Quando voltei a olhá-lo, foi-se. Desapareceu como os defuntos costumam fazer. Sem um adeus. Sem até logo.

—Sorte, campeão.

Malditos mortos.

Afastei a cortina para pegar uma toalha quando percebi que umas gotas de cor vermelha intensa escorregavam por meu braço. Levantei os olhos para o teto e descobri um círculo vermelho escuro cada vez maior, como o atoleiro que se pulveriza se alguém se corta. Não deu tempo nem para blasfemar quando alguém atravessou.

Alguém grande. E pesado. Que aterrissou totalmente sobre mim.

Caímos ao chão do banheiro, feito um novelo. Por desgraça, acabei esmagada sob uma pessoa que parecia feita de aço puro, embora reconheci algo imediatamente: o calor que desprenhia, seu selo de identidade, o mensageiro que anuncia sua chegada. Consegui sair de debaixo de um dos seres mais poderosos do universo, Reyes Farrow, e descobri que estava coberta de sangue dos pés à cabeça. Seu sangue.

—Reyes — chamei, preocupada. Estava inconsciente e vestia uma camiseta e jeans empapados de sangue. — Reyes — insisti, sustentando a cabeça entre as mãos.

Estava com o cabelo molhado. Uns enormes arranhões atravessavam o rosto e pescoço, como se garras o tivessem atacado, mas a maior parte do sangue procedia das feridas, profundas e mortais, no peito, costas e braços. Esteve defendendo-se, mas do que?

O coração lutava para sair do meu peito.

—Reyes, por favor — murmurei.

Dei uns tapinhas no rosto e suas pestanas, manchadas de vermelho escuro, agitaram-se. Um instante depois, recuperou a consciência. Lançou um grunhido e a capa negra se materializou a seu redor, a nosso redor. Ato seguido, uma mão saiu disparada para meu pescoço, e se fechou. No tempo que meu coração demorou em recuperar o batimento, fui jogada contra a parede do banheiro, com uma lâmina reluzente e extremamente afiada no meu rosto.

—Reyes — disse com um fio de voz, começando a perder a consciência por causa da pressão precisa e exata dos dedos ao redor de meu pescoço.

Seu rosto se apagou e vi tudo negro. De repente, sua face desapareceu sob a negra e ondulante capa, uma prolongação dele mesmo que protegia a identidade inclusive de mim. Tudo a meu redor ficou impreciso e começou a girar. Apesar da braçadeira de aço que me asfixiava, tentei escapar, mas por mais resistência que opus, tive a sensação de que as pernas fraquejavam quase imediatamente, muito fracas para me sustentar em pé.

Acabei comprimida entre o peito e a parede enquanto me sobrevinha um lento eclipse total. Ouvi sua voz, que se enrolou a meu redor como uma coluna de fumaça envolvente.

—Se afaste do animal ferido.

Em seguida, desapareceu e a gravidade reclamou seu lugar. Desabei uma vez mais no chão do banheiro, desta vez de bruços, e no mais profundo de meu ser soube que aquilo ia doer.

O acontecimento mais estranho da minha vida foi no dia de meu nascimento. Uma figura escura me esperava junto ao ventre materno. Vestia uma roupa encapuzada, que se agitava ao redor e enchia a sala de partos de ondas negras e majestosas, como a fumaça levada pela brisa. Embora não pude ver seu rosto, sei que olhava quando o médico cortou o cordão umbilical. Embora não sentisse os dedos, sei que me acariciava enquanto as enfermeiras me asseavam. Embora não ouvisse sua voz, rouca e profunda, sei que sussurrou meu nome.

Era muito poderoso, a mera presença me debilitava, quase me impedia de

respirar, e o temia. Com o passar dos anos, acabei compreendendo que temia somente a ele. Nunca padeci das fobias típicas das crianças, o que devo agradecer, considerando que os mortos costumavam me seguir a todas as partes. Mas ele, ele me apavorava. E isso que aparecia somente em casos de extrema necessidade. Salvou minha vida em mais de uma ocasião, portanto por que me aterrorizava? Por que quando pequena o apelidei The Big Bad quando parecia ser justo o contrário?

Talvez pelo poder que emanava dele e que parecia absorver parte de mim quando estava perto.

Voltando no tempo até uma noite gelada há quinze anos, nas ruas de Albuquerque, à primeira vez que vi Reyes Farrow. Minha irmã mais velha, Gemma, e eu saímos em reconhecimento, como parte de um projeto de aula e nos encontrávamos em uma zona bastante deprimida da cidade quando algo nos chamou a atenção em uma janela de um pequeno apartamento. Horrorizadas, descobrimos que um homem dava uma surra em um adolescente. Nesse momento, só pensei em ajudá-lo. Como fiz. A todo custo. Levada pelo desespero, joguei um tijolo contra a janela e funcionou: o homem deixou de atacar, mas, por desgraça, veio por nós. Começamos a correr por um beco escuro e procurávamos um buraco em uma cerca para nos enfiar quando descobrimos que o menino também escapou. O encontramos dobrado sobre si mesmo, atrás do edifício de apartamentos.

Retrocedemos e nos aproximamos. O sangue corria pelo rosto e gotejava de uma boca irresistível. Disse que se chamava Reyes. Quisemos dar uma mão, mas rechaçou nossa ajuda, chegando inclusive a nos ameaçar se não fôssemos dali. Aquela foi minha primeira lição sobre as incoerências da mente masculina. Entretanto, graças àquele incidente, não me surpreendeu descobrir mais de uma década depois que Reyes passou os últimos dez anos na prisão por matar aquele homem.

Embora esse fosse um dos muitos detalhes de sua vida que me informei há pouco, não sendo o menos importante que Reyes e o The Big Bad, o ser misterioso que me seguiu e me observou desde o meu nascimento, eram o mesmo. Reyes era isso que me salvou a vida repetidamente. Isso que me vigiou entre as sombras, uma mais entre elas, e me protegeu a distância. O que sempre temi. Merda, o único que temi em toda minha vida.

Era muito desconcertante descobrir que o ser de fumaça de minha infância era um homem de carne e osso e que, mesmo assim, podia abandonar o corpo e viajar através do tempo e do espaço na forma imaterial. Um homem que podia desmaterializar-se em um segundo. Que podia desencapar uma espada e cercar a coluna de um ser humano em um abrir e fechar de olhos. Que podia fundir as calotas polares com o entreabrir das pálpebras.

Entretanto, cada nova revelação levava a mais perguntas. Não fazia nem uma semana que descobri de onde emanavam seus poderes sobrenaturais. Espionei seu mundo depois de seus dedos percorrerem meu braço em uma carícia, depois que a boca incendiou minha pele e ele afundou em mim. A corrida imparável do orgasmo abriu as trancas do passado e descortinou ante mim. Vi o universo nascer ante meus olhos quando seu pai (seu verdadeiro pai, o anjo mais belo da criação) foi expulso dos salões celestiais. Lúcifer contra-atacou auxiliado por um vasto exército e, em meio

aqueles tempos convulsos, nasceu Reyes. Forjado no calor de uma supernova, não demorou a abrir caminho entre as filas até converter-se em um quarterback^[12] respeitado. Unicamente superado por seu pai, dirigia milhões de soldados, um general entre ladrões, inclusive mais belo e poderoso que o progenitor, com a chave das portas do inferno tatuadas no corpo.

Entretanto, o orgulho de Lúcifer não possuía limites. Cobiçava o céu. Compilava o controle absoluto de todos os seres vivos do universo. Cobiçava o trono de Deus.

Reyes acatava as ordens sem hesitações e por isso se manteve vigilante, à espera que nascesse um portal na Terra, um caminho direto ao céu, uma saída do inferno. Rastreador de habilidade e discrição, abriu caminho através das portas do inframundo e encontrou os portais nos limites mais afastados do universo, uma miríade de luzes idênticas em tamanho e forma. Uma miríade de anjos da morte à espera de serem mercedores do privilégio de servir na Terra.

Ainda assim, Reyes seguiu procurando e encontrou um de cabelos dourados, uma filha do sol, radiante e resplandecente. Eu. Virei, vi-o e sorri. E Reyes estava perdido.

Desafiou os desejos do pai e não retornou ao inferno para informar de nosso paradeiro, esperou durante séculos que me enviassem a Terra, onde ele também nasceu, renunciando assim a tudo o que conhecia, por mim. Porque o dia que nasceu com forma humana foi o dia que esqueceu quem era, o que era. E o mais importante de tudo: do que era capaz. Sacrificou tudo para estar comigo, mas um cruel giro do destino o jogou nos braços de um monstro e Reyes cresceu com uma ave de rapina da pior índole, que acabou ditando todos os seus passos. Pouco a pouco, começou a recordar o passado. Quem era. O que era. No entanto, já estava encarcerado por matar ao homem que o criou.

Despertei sobressaltada no chão do banheiro e me arrumei rapidamente. A superfície do chão sendo dura e lisa como era, quer dizer, basicamente dura e escorregadia, coloquei as mãos e voltei a escorregar com a mesma velocidade. Dei um bom golpe e daí que na segunda tentativa tentei com mais calma, enquanto procurava Reyes a meu redor e prometia comprar adesivos para evitar quedas no banheiro.

Não havia sangue. Nem sinais de luta. E menos de Reyes. O que aconteceu? O que causaria umas feridas tão graves? Tentei afastar aquela imagem da mente, sobre tudo porque me sentia muito débil só de imaginar. Estava enjoada.

Nesse momento recordei o que disse: *se afaste do animal ferido*. Mas disse em aramaico, uma de tantas milhares de línguas que conhecia de maneira inata desde que nasci. Sua voz um pouco acima do limite de um grunhido grave, transpassado de dor. Precisava encontrá-lo.

Depois de vestir um jeans e suéter apressada, calcei botas e preendi o cabelo em um rabo de cavalo. Havia muitas perguntas. Muitas preocupações. No último mês, Reyes esteve em coma. Um projétil o alcançou ao realizar um disparo de advertência perto de um grupo de detentos que pareciam preparar um motim. O dia que o Estado retiraria o respirador, Reyes despertou como por magia e saiu andando o tranquilo da unidade de doentes crônicos da Santa Fé. Fazia uma semana e depois ninguém viu

nem ouviu nada dele. Nem sequer eu. Até agora.

Seguiria vivo? O que o atacou? O que se atreveu a atacá-lo? Merda, era o filho de Satanás. Quem teve coragem de arriscar? Apertaria uns botões, ver o que conseguia descobrir. Estava a ponto de sair do apartamento quando tocou o telefone.

—Depressa — disse ao atender.

—Bem. Dois homens do FBI estão aqui — me informou Cookie. Rápido.

Merda.

—Há dois homens de negro no escritório?

—Bom, sim, embora na verdade vistam azul marinho.

Merda, Merda, Merda. Não tinha tempo para aqueles caras. Vestissem da cor que vestissem.

—Ok, duas perguntas: uma, parecem zangados? E dois, são gostosos?

—Uma, não muito — respondeu ao final de uma longa pausa. — Dois, prefiro não fazer comentários neste momento. E três, está falando pelo viva voz.

—Pois bem, então. Chego em um piscar de olhos.

Sem me dar tempo, um braço apareceu por cima de meu ombro e finalizou a ligação. Reyes estava atrás de mim. O calor que sempre desprendia penetrou em minhas roupas e me senti envolta em chamas. Aproximou-se um pouco mais e colou seu corpo a meu traseiro. A adrenalina começou a correr por minhas veias em resposta a proximidade e, ao baixar a cabeça para mim e sentir seu fôlego me acariciando a bochecha, acreditei que desabaria, traída por minhas pernas.

—Belo ajuste, Dutch — disse com uma voz tão suave quanto um arrulho.

Uma corrente de prazer percorreu minha coluna vertebral e desembocou em meu abdômen. Reyes me chamava Dutch desde que nasci e ainda não descobri por que. Era como o deserto, agreste e lindo, duro e implacável, que te tentava com a promessa de um tesouro atrás de cada duna, com a miragem de um manancial.

Virei para olhá-lo de frente. Ele se negou a ceder um só milímetro de território conquistado e tive que me recostar nele para poder vê-lo, para absorvê-lo. O cabelo escuro caía ligeiramente desordenado sobre a testa e frisava depois das orelhas. Os cílios (tão espessos que sempre parecia que acabava de levantar) escureciam uns olhos castanhos de olhar limpo. Entretanto, um brilho travesso os animava enquanto passeavam sem pressas por minha pele, atrasando em minha boca para acabar mergulhando no vale que corria entre Danger e Will Robinson^{13}. No momento em que nossos olhares se encontraram, compreendi o verdadeiro significado da perfeição.

—Parece melhor — disse, quase sem fôlego.

As feridas profundas e mortais desapareceram por completo. A cabeça girava, dividida entre o alívio e a preocupação.

Fez-me levantar o queixo e os dedos percorreram meu pescoço, acariciando o inchaço que o episódio de insanidade temporária no chuveiro deixou de lembrança. Que genial.

—Sinto muito.

—Importa-se de explicar?

Baixou a cabeça.

—Acreditava que fosse outra pessoa.

—Quem?

Em vez de responder, tocou minha pele com a ponta dos dedos, procurando o pulso, e o gesto, a constatação de que a vida corria por minhas veias, pareceu deleitá-lo.

—Trata-se dos demônios que me falou? —perguntei.

—Sim.

Pela calma e tranquilidade com que respondeu, qualquer um diria que era algo comum que uns demônios queriam matá-lo. Falou-me deles na semana anterior, pouco depois de descobrir quem era Reyes realmente. Segundo ele, na verdade foram atrás de mim, mas para me alcançar, primeiro teriam que passar por cima de seu cadáver. Naquele momento, supus que falava metaforicamente. Pelo visto, não era assim.

—Estão...? —Parei no meio da frase e engoli. — Está bem?

—Inconsciente — respondeu, aproximando-se um pouco mais, passando a língua pelos lábios carnudos.

O estômago revirou, embora nem toda a culpa fosse daquele gesto.

—Está inconsciente? O que quer dizer?

Reyes apoiou as mãos na bancada, os lados de meus quadris, e fiquei presa entre seus braços musculosos.

—Quero dizer que não estou acordado — respondeu, um instante antes de morder o lóbulo de uma orelha. A leve pressão dos dentes estremeceu a camada mais superficial de minha pele.

Sua voz grave e profunda reverberou através de meus ossos e liquidificou a medula. Fiz todo o possível para me concentrar nas palavras e afastar minha atenção da agitação que provocava cada sílaba, cada toque. Era como um tiro de heroína recoberto de chocolate, e eu, uma autêntica viciada.

Esteve dentro de mim. Conheci o céu durante um breve instante e a experiência transpassou de tal modo os limites da realidade, foi tão demolidora que estava certa que jamais poderia estar com outro homem. Porque, vamos ver, quem competiria com um ser criado de beleza e pecado e forjado no fogo abrasador da sensualidade? Era um deus entre os homens. Maldição.

—Por que não está acordado? —perguntei, tratando de reconduzir meus pensamentos. — Reyes, o que aconteceu?

Parecia muito ocupado fazendo um caminho de pequenas dentadas para minha clavícula. Os lábios ardentes provocavam atividade sísmica em cada ponto de contato.

Não queria interromper, mas...

—Reyes, está me escutando?

Levantou a cabeça com um sorriso sensual que paira no canto dos lábios.

—Estou escutando — assegurou.

—O que? Como o sangue se concentra em suas partes íntimas?

—Não — respondeu, afogando uma risada rouca que formigou todo meu corpo. — A batida de seu coração.

Voltou a baixar a cabeça e retomou o ataque aéreo.

—Reyes, sério, como conseguiu todas essas feridas?

—Com muita dor — sussurrou ao ouvido.

Sua resposta me encolheu o coração.

—Tempo — pedi, enquanto fechava os dedos sobre o punho de uma mão que estava fazendo coisas incríveis em minhas partes femininas.

Girou-a e entrelaçou os dedos com meus.

—Está me castigando?

—Sim — afirmei, e deixei escapar um suspiro trêmulo entre os lábios.

—Se desobedecer, me dá umas chicotadas?

Sem poder me reprimir, dei uma gargalhada.

—Reyes, temos que conversar — falei, tentando parecer séria.

—Pois fale — me animou, enquanto acariciava o punho com o polegar.

Coloquei um dedo em seu ombro e o empurrei ligeiramente.

—Perdão, melhor dizendo: tem que falar. Diga-me o que aconteceu, por favor.

Por que está inconsciente?

Endireitou-se lançando um lento suspiro e me olhou fixamente com seus cristalinos olhos castanhos.

—Já disse isso semana passada: encontraram-me.

—Os demônios.

—Sim.

—O que querem?

—O mesmo que eu — respondeu, passeando o olhar por meu corpo, — embora por razões distintas.

Já me explicou que me buscavam, o portal, o caminho para o céu, mas nunca imaginei que estivessem dispostos a chegar tão longe para conseguir.

—Segue vivo?

—Meu corpo terrestre é como o seu. É mais resistente, muito mais, comparado com o da maioria dos humanos.

Uma sensação de alívio invadiu até a última molécula de meu ser.

—Me diga o que está acontecendo — falei por fim, respirei fundo. — Exatamente.

—Exatamente. Certo, estão esperando que ocorram, exatamente, algumas coisas.

—Que são...

—Que meu corpo morra para poder me devolver ao inferno, ou que você me encontre. Uma delas proporcionaria a chave — disse, apontando com a cabeça as suaves e fluídas linhas das tatuagens, um mapa que conduzia às portas do inferno. Sem ele, a perigosa viagem através do vazio da eternidade raramente acabava bem para quem tentasse fugir. — E a outra daria livre acesso ao céu. — Olhou aos olhos. — Qualquer das duas os faria imensamente felizes.

—Então, me diga onde está seu corpo e assim poderíamos... Não sei, te esconder.

Sacudiu a cabeça, como se o lamentasse.

—Sinto muito, mas não posso.

Franzi o cenho.

—O que quer dizer com que não pode? Reyes, onde está?

Esboçou um sorriso amargo.

—Em um lugar seguro.

—Está a salvo dos demônios? — perguntei, esperançosa.

—Não — respondeu . — Você está a salvo dos demônios.

Ao ver que voltava a concentrar-se em meu pescoço, separei-me dele.

—Então, eles sabem onde está? Querem te matar?

O que Reyes insinuava parecia muito pior que meus pesadelos: encontrar-me em qualquer lugar ferida e indefesa, enquanto um louco me perseguia decidido a acabar comigo. Jamais me teria ocorrido converter ao culpado de meus pesadelos em um ser demoníaco, mas agora que dispunha de material novo, estava convencida de que meus sonhos recorrentes atualizariam o software para incorporar uma presença maligna. Maravilhoso.

Reyes suspirou profundamente, deu um passo atrás, se deixou cair em uma cadeira antes de subir as pernas na mesa e cruzar à altura dos tornozelos.

—Será que realmente temos que fazer isto agora? Não posso ficar muito tempo.

Meu coração parou e me perguntei quanto ficaria. Como faríamos. Não havia mesa e cadeiras de jantar, mas uma bancada e um par de bancos. Ocupei um e me virei para ele.

—Por que não me quer dizer onde está?

—Por muitas razões.

Passeou os olhos por todo meu corpo, como se me impusesse um véu de fogo. Era capaz de acender meus desejos mais íntimos com um simples olhar. Nesse mesmo momento decidi que se acabou aquilo de ler livros românticos à luz das velas.

—Vai me dizer quais são essas razões ou tenho que adivinhar?

—Desde que é muito provável que não possa ficar todo o dia, será melhor que diga.

—Por fim chegamos a algum lugar.

—A primeira é porque se trata de uma armadilha, Dutch, disposta única e exclusivamente para você. Por que acha que não me mataram ainda? Querem que me busque e me encontre. Lembre: se você não os vir, eles não a veem.

Não era a primeira vez que mencionava, embora o significado era um pouco enigmático. Por não dizer inquietante.

—E se os visse? —perguntei.

Seu olhar voltou a vagar sobre mim.

—Digamos que seria difícil passar despercebida.

—Pois o faremos incógnito. Já sabe, como os marines ou forças especiais.

—Não funciona assim.

—Com isso não basta. —Fechei as mãos em um punho. — Terá que tentar. Não podemos deixar que matem você.

—Não ouviu a segunda razão.

O tom que usou não augurava nada bom.

—Muito bem, adiante, do que se trata?

Cruzei os braços e esperei.

—Você não gostará.

—Já sou grande — respondi, elevando ligeiramente o queixo, — poderei suportar.

—Bem, como quer. Vou deixar que minha parte humana morra. —Fiquei dura . —

Não que goste da ideia — prosseguiu, encolhendo os ombros com absoluta tranquilidade, — mas me deixa mais lento e, como viu com os próprios olhos, também vulnerável.

—Mas desapareceu ante a câmera quando despertou do coma. Desmaterializou o corpo humano.

—Dutch — disse, enquanto me dirigia um olhar reprovador sob os cílios escuros, — nem sequer eu posso fazer isso.

—Então como desapareceu? Vi a imagem.

—Posso interferir nos aparelhos elétricos quando quiser. Igual a você, se te concentrar.

Não sabia.

—Pensava que...

—Pois não — me interrompeu de maneira cortante. Ficava um pouco suscetível quando o torturavam.

—Certa, estava enganada. Não é que ser sobrenatural venha com um manual de instruções.

—Certo.

—Mas essa não é razão para deixar que o matem. Porque, vamos ver, o que acontecerá depois? Acaba de dizer que se falecer, devolverão você ao inferno.

—Nem sequer eles sabem se podem me arrastar de volta, unicamente confiam que assim seja. Suponho que só há uma forma segura de saber — disse, arqueando as sobrancelhas ao imaginar o que teria que enfrentar.

—Um momento, não sabe o que acontecerá? Não sabe se podem te fazer voltar?

Encolheu os ombros.

—Não tenho a mínima ideia, mas duvido.

—Bem, mas e se pudessem? E se conseguissem?

—É muito pouco provável que ocorra — insistiu, — quem está qualificado para isso?

—OH, por favor. Não posso acreditar que esteja disposto a correr esse risco.

—É muito mais arriscado permanecer aqui vivo, na Terra, Dutch — replicou, revelando certa irritação em sua voz. — E é um risco que não estou disposto a seguir assumindo.

—Mais arriscado, para quem?

—Mais arriscado para você.

A resposta me deixou ainda mais confusa.

—Não entendo. Por que é mais arriscado para mim?

Passou as mãos pelo cabelo. O cabelo assim alvoroçado deu um ar tão sensual que demorei uns segundos em me recuperar da impressão.

—São demônios, Dutch, e só há uma coisa neste universo que desejam mais que almas humanas.

—Os burritos de Macho Taco?

Levantou e ficou de pé, diante de mim, imponente.

—Querem você, Dutch. Precisam do portal. Sabe o que ocorreria se a encontrassem?

Mordi os lábios e encolhi os ombros.

—Que teriam via livre para o céu?

—Não permitirei que isso aconteça.

—Ok — falei, com voz apática. — Esqueci, teria que me matar.

Aproximou-se um pouco mais e baixou a voz.

—E se tivesse que fazer, faria, Dutch. Sem pensar duas vezes.

Genial. Era comovedor saber que alguém cobria minhas costas.

—Incomoda-se? —perguntou, levantando meu queixo com os dedos.

—Pare de ler minha mente — respondi, defensiva.

—Não posso ler sua mente. Sou como você, percebo as emoções, sentimentos. E sei que está doída.

—Para começar, como é possível que um demônio encontre o caminho até este plano? —perguntei, me separando dele. Fiquei em pé e comecei a caminhar pelo apartamento. Ele voltou a sentar e descansar as pernas sobre a mesa. Não me fixei em suas botas até esse momento. Eram negras, uma mescla de estilo vaqueiro e motoqueiro. Eu gostava. — Acreditava que era quase impossível que os demônios pudessem cruzar as portas.

—Sim, você disse, quase impossível. De vez em quando, desafiam o vazio e buscam o caminho para sair do labirinto. É perigoso e poucas vezes conseguem. Quase todos se perdem e jamais voltam ou sabe-se se deles.

Deu um tapinha no mouse e o computador voltou para a vida. O que significa que apareceu o papel de parede. O que significa que apareceu a foto de Reyes, a do arquivo da prisão, a única dele que eu possuía. Franziu o cenho.

Resisti à tentação de me esconder debaixo do banco. De qualquer forma, o mais provável era que mesmo assim me visse.

—Dizia...

—Sim, bem — disse, me devolvendo a atenção. — Embora por algum milagre um deles conseguisse atravessar as portas, ainda ficaria muito caminho até chegar aqui. Tem que entrar nas costas da alma de um recém-nascido. Não dispõem de outro modo de acessar este plano. O plano em que estamos você e eu — me recordou.

—Mas isso não foi o que você fez quando escapou do inferno. Você não teve que entrar nas costas de ninguém.

—Eu sou diferente. Uma vez que consegui escapar, pude navegar entre os planos com a mesma facilidade com que você atravessa as soleiras das portas.

—Como é possível?

—É e já basta — respondeu evasivo. — Sou diferente. Criaram-me por uma razão concreta. Quando expulsaram do céu aos caídos, desterraram-nos da luz, por isso me necessitavam. Sou um instrumento, um meio para um fim. Embora admita que nascer na Terra talvez não seja a melhor decisão que tomei em minha vida. Meu corpo me fez muito vulnerável e devo acabar com ele. Tenho que ocultar as provas físicas da existência da chave.

Quando Reyes nasceu com forma humana, a chave, o mapa para o inferno gravado em seu corpo no momento da criação, também apareceu em seu corpo humano. Teria gostado de saber o que pensaram seus pais humanos ao ver aquilo. E

os médicos. Um recém-nascido coberto de tatuagens. Não estava segura de como funcionava o assunto, mas, pelo visto, a tatuagem era o meio que contava Satã para sair do inferno. Em qualquer caso, o príncipe das trevas não pensava em escapar e voltar-se vulnerável antes de um portal nascer, assim enviou seu filho a este plano à espera do tal acontecimento. Supostamente, quando aquilo acontecesse, Reyes guiaria Satã e a todos os exércitos. Entretanto, ele também nasceu na Terra. Para estar comigo. Para crescer comigo. Embora o arrebataram dos pais humanos muito antes de seu sonho virar realidade.

—Se esses demônios conseguem voltar com a chave através das portas — prosseguiu, — meu pai poderá escapar. E te asseguro que fará. —Se espreguiçou na cadeira e uniu as mãos atrás da nuca. — Poderia dizer que as pessoas profetizam o fim do mundo desde o começo dos tempos, verdade?

—Sim — respondi. Algo me disse que o dado anedótico não acabar bem.

—Pois não têm nem ideia do inferno que os espera se meu pai conseguir a chave. —Baixou as mãos e se inclinou para frente. — E o primeiro que fará é ir por você.

—Não importa.

Por seu olhar reprovador, deduzi que não acreditou.

—Claro que importa.

—Não, não importa. Não pode deixar que seu corpo mora. Não sabemos com certeza o que acontecerá. E se conseguissem te derrotar inclusive depois de se desfazer de seu corpo?

—Supondo que deixassem de ser uma ameaça, que você fosse capaz de vencê-los.

—Eu?

—Seguiria existindo um pequeno problema ao que chamo “viver atrás das grades”. Não penso voltar para o cárcere, Dutch.

O que? Aquilo preocupava?

—Não entendo. Pode abandonar o corpo a seu desejo. Essas grades não o prendem.

—Não é tão simples.

Já voltava a mostrar-se evasivo. Havia algo que não queria me contar.

—Reyes, por favor, me diga a verdade.

—Não é importante.

Adiantou o corpo e apagou a tela do computador, como se de repente incomodasse.

—Reyes. —Coloquei uma mão no braço, o obrigando a voltar-se para mim. — Por que não é tão simples?

Abriu a boca com intenção de dizer algo e olhou as botas.

—Tem... efeitos secundários.

—Abandonar o corpo?

—Sim. Quando me separo dele, é como se meu corpo entrasse em coma. Se fizer muito frequentemente, os médicos da prisão me injetam medicamentos para acalmar os ataques. Medicamentos que têm uns efeitos secundários intoleráveis. —Nossos olhares voltaram a encontrar-se. — Não me permitem abandonar meu corpo, por isso eu acabo preso no cárcere e você completamente vulnerável.

Ah.

—Bom, pois então continue em fuga, eu ajudarei, mas por agora deixe que busque atenção médica. Tenho um amigo que é médico e conheço umas enfermeiras. Eles se ocuparão de você e não nos entregarão, prometo. Diga-me onde está. Teremos tempo e depois nos preocuparemos com a prisão.

—Se você me encontrar, ele me encontra. E eu volto para a prisão, por mais contatos que tenha.

Já estávamos outra vez com os mistérios?

—Quem te encontra?

—O cara que seu tio tem em seus calcanhares.

Aquilo me surpreendeu.

—Do que está falando?

—Seu tio está seguindo você, imagino que com a esperança de que eu apareça.

—O tio Bob tem alguém me seguindo? —repeti, atônita.

—Não se supõe que deveria te precaver desse tipo de coisas? Não é parte de seu trabalho?

Piscou um olho com dissimulação.

—Está mudando de assunto — protestei, tentando me recuperar da piscada.

—Sinto muito. —ficou sério. — Certo, vejamos, quer que siga vivo porque existe a longínqua possibilidade de que possam me enviar de volta ao inferno. Mais ou menos, isso resume tudo, não é assim?

—Reyes, escapou dali. Nada mais e nada menos que o ser que foi criado com o mapa das portas do inferno gravado no corpo. É a chave de sua liberdade e fugiu com ela. Foi seu general, o mais poderoso de seus guerreiros, e os traiu. O que acha que ocorrerá se conseguem te enviar de volta? Sem mencionar o fato de que se voltar, seu pai, que, olhe você, resulta ser Satã, terá a chave para escapar do inferno.

—Você disse, se.

— U m se que não estou disposta a arriscar. Certamente o inferno é suficientemente atroz sem necessidade de ser o inimigo público número um do inframundo. Além disso, como vamos arriscar deixar Satã sair? —Cruzei os braços. — Diga-me onde está.

—Dutch, não me busque. Embora pudesse vencer todos...

—Por que não deixa de repetir isso? —perguntei, exasperada. — Sou uma luz brilhante que atrai os mortos para que possam cruzar através de mim. Pensando bem, sou como um desses apanha insetos elétricos. E tenho certeza de que Açoite de Demônios não acaba de se encaixar com o que faço.

O leve sorriso se desenhcou em seu lindo rosto esteve a ponto de fundir minhas rótulas.

—Se só tivesse uma vaga ideia do que é capaz de fazer, o mundo seria um lugar bastante perigoso.

Não era a primeira vez que ouvia algo parecido, e expresso com a mesma imprecisão.

—Muito bem, então por que não me ilumina? —perguntei, sabendo que não faria.

—Se dissesse do que é capaz, estaria em situação de vantagem, e não penso me

expor a isso.

—Que demônios acha que faria?

Levantou-se e me atraiu para ele, com um grunhido.

—Deus, que coisas perguntas, Dutch.

Envolveu meu pescoço entre seus longos dedos e levantou meu queixo apenas um instante antes que a boca se equilibrasse sobre a minha. O que começou com uma leve hesitação se converteu em uma exigência irrefreável em questão de segundos. A língua abriu caminho no interior de minha boca e o sabor da pele, o aroma de terra úmida, me fez perder o mundo de vista. Abandonei-me em seus braços, inclinei a cabeça em um gesto que aumentou a paixão do beijo e agarrei aos ombros largos com desespero.

Rodeou minha nuca com uma mão e me apertou contra ele com a outra enquanto me fazia retroceder até a parede. Continuando, agarrou minhas mãos com uma só e as segurou por cima de minha cabeça enquanto a outra explorava a seu desejo. Passou sobre Danger e acariciou a ponta até que endureceu sob a palma, arrancando um fraco gemido.

Sorriu, baixou a cabeça e pousou os lábios ardentes sobre meu pulso. A lava incandescente que formou redemoinhos em meu estômago desatou sensuais tremores por todo meu corpo. Tentei encontrar forças para pará-lo. Sério, aquilo era ridículo. Minha absoluta falta de controle quando se tratava de Reyes raiava o lamentável. Quem se importava que fosse o filho de Satã, conforme se dizia a criatura mais bela que já pisou nos céus? Quem se importava que se forjou no calor de milhares de estrelas? Quem se importava que me fundisse as vísceras?

Precisava encontrar algo para me segurar e não perder o controle. E precisava ser algo diferente do pênis de Reyes.

—Espera — falei, quando a língua fez estremecer o mais profundo de meu ser, — tenho que fazer uma justa advertência.

—Ah, sim?

Endireitou-se e me dirigiu um olhar lânguido e voluptuoso.

—Não vou permitir que deixe seu corpo morrer.

—Vai me parar? —perguntou, com certo cepticismo.

Empurrei-o para afastá-lo de mim, peguei minha bolsa e me dirigi para a porta.

—Vou encontrar você — assegurei, antes de fechá-la, me virando para ele.

Capítulo 4

*Se tiver pneus ou testículos, te dará problemas.
(Adesivo de para-choque)*

Tranquei depois de fechar a porta e deixei o filho de Satã em meu apartamento. Sozinho. Desconcertado. E certamente, sexualmente frustrado. Entretanto, não deixava de me repetir que esperava não irritá-lo. Seria um problema que envolvesse meu apartamento de solteira nas chamas do inferno.

Em qualquer caso, Reyes comportava-se como um idiota. Como um verdadeiro idiota. Tudo aquilo lembrava quando ia à escola primária e minha melhor amiga dizia: “Os meninos são nojentos, vamos atirar pedras?”.

A brisa fria moderou o desejo ardente que seguia me atormentando enquanto atravessava o estacionamento apressada, com a intenção de atalhar pelo bar de meu pai para subir pela escada interna. Meu pai foi policial de Albuquerque e, igual a tio Bob, cresceu na profissão até alcançar a categoria de inspetor. Com minha ajuda, é claro. Resolvia crimes desde os cinco anos. Embora, talvez exagere um pouco. Digamos que confiava a eles a informação que os mortos me passavam para ajudar a resolver crimes desde os cinco anos. Ainda que meu tio seguisse na folha de pagamentos do Departamento de Polícia de Albuquerque, meu pai se aposentou há vários anos e comprou o bar junto ao que eu trabalhava. Meu escritório estava no segundo andar. Além disso, vivia a dois passos da porta traseira. Não podia me queixar.

Meu pai chegou mais cedo que o habitual. A luz do escritório penetrava por baixo da porta e se disseminava pela escura sala. Fui sorteando as mesas, rodeei a bancada e enfiei a cabeça.

—Olá, papai — saudei.

Sobressaltado, o homem deu um coice ao ouvir minha voz e virou imediatamente. Estava absorto em uma das fotos penduradas na parede do fundo. Como era alto e magro, parecia um pirulito vestido como o boneco Ken, com a roupa enrugada. Era evidente que esteve trabalhando toda a noite. Havia uma garrafa de uísque canadense aberta na mesa e sustentava uma taça meio vazia em uma mão.

A intensidade das emoções me pegou despreparada. Algo estava errado, como essa vez que um garçom me trouxe um chá gelado quando pedi um refrigerante diet. O sabor inesperado depois do gesto completamente corriqueiro de tomar o primeiro gole me provocou um curto-circuito. Embora meu pai tivesse maus dias como todo mundo, soube a diferença. Inesperado. Um profundo pesar misturado com o peso entristecedor do desespero se equilibrou sobre mim e me cortou a respiração.

Fiquei tensa, repentinamente preocupada.

—Papai, o que houve?

Um esboço de sorriso se desenhava com esforço no rosto de meu pai.

—Nada, querida, estava acabando a papelada — mentiu.

Sua tentativa de ocultar a verdade me deixou um gosto amargo; entretanto, seguiria o jogo. Se não desejava falar do que o preocupava, não insistiria. No momento.

—Foi para casa? —perguntei.

Deixou a taça na mesa e agarrou a jaqueta bege do respaldo da cadeira.

—Vou agora mesmo. Queria algo?

Deus, mentia muito mal. Talvez herdei dele.

—Não, nada. Diga Olá a Denise por mim.

—Charley — me repreendeu em tom desaprovador.

—O que acontece? Não posso cumprimentar minha madrastra favorita?

Vestiu a jaqueta com um suspiro de cansaço.

—Tenho que tomar banho antes das hordas invasoras do meio-dia. Sammy deve estar chegando, já sabe, caso queira tomar café da manhã.

Sammy, o cozinheiro de papai, preparava uns ovos rancheiros^{14} de morte.

—Talvez daqui a pouco.

Estava com pressa para ir. Ou, talvez, por afastar-se de mim. Passou ao lado sem me olhar, deixando atrás de si um desespero que se desprendia dele como um vapor denso e enlodado.

—Voltarei em seguida — disse, tão animado como um paciente com tendências suicidas submetido a vigilância contínua.

—Bem — respondi, com a mesma alegria.

Cheirava a bala de mel e limão, o mesmo aroma que impregnava o escritório. Uma vez que se foi, entrei no escritório e me virei para a foto que olhava, em que eu aparecia. Teria uns seis anos, com a franja torta e faltavam dois dentes da frente; entretanto, estava comendo melancia. A água que soltava da fruta corria pelos dedos e o queixo, mas o que me chamou atenção, o que chamou a atenção de meu pai, era a sombra que se abatia sobre meu ombro. O rastro rabiscado de um dedo no vidro demonstrava que meu pai estudava aquela mancha.

Baixei a vista para o móvel que estava debaixo da exposição de alegres momentos familiares e ele organizou uma fileira de minhas fotografias com uma sombra no fundo. Todas estavam o rastro de um dedo sujo justo no mesmo lugar. Perguntei-me o que meu pai atraía entre mãos. Bom, isso e o que significava aquela sombra, porque eu não sabia. Seria consequência do anjo mortismo? Ou talvez, só talvez, tratava-se de Reyes e a sugestão de uma capa escura que a câmera quase conseguiu capturar. Aquilo me intrigou. O vi em contadas ocasiões ao longo de minha vida. Seria possível que estivesse acompanhado mais frequentemente do que supus? Que me vigiasse? Protegendo-me?

Havia dois homens de terno me esperando quando cheguei ao escritório e, efetivamente, vestiam azul escuro. Ficaram em pé e estenderam a mão.

—Senhorita Davidson — saudou um.

Mostrou a identificação e guardou no bolso interno da jaqueta. Como na televisão. Que fim da picada. Nesse momento, compreendi que, se pretendia alguma vez ser levada a sério, precisava de uma jaqueta com bolso interno. Costumava levar

minha licença plastificada de detetive particular no bolso traseiro dos jeans, por isso estava dobrada, enrugada e meio esfarrapada.

O outro agente imitou, estreitou-me uma mão e ao mesmo tempo me mostrou a identificação com a outra. Que grande coordenação. E pareciam irmãos. Embora um fosse mais velho que o outro, ambos eram loiros, levavam o cabelo cortado e possuíam olhos azuis que, em qualquer outra situação, não teriam parecido nem remotamente tão inquietantes como nesse momento.

—Sou o agente Foster —se apresentou o primeiro— e este é o agente especial Powers. Estamos investigando o desaparecimento de Mimi Jacobs.

Cookie derrubou um porta lápis ao ouvir o nome de Mimi. E a coisa teria ficado aí, se ao tentar recuperar, não batesse em um abajur. Enquanto os lápis e outros similares saíam voando pelos ares, o abajur ficou pendurando a meio caminho do chão sem chegar a cair se conseguíssemos apanhar o fio a tempo. Nervosa pelo tumulto que armou, puxou o fio muito forte e o abajur retrocedeu até chocar contra a parte traseira do monitor de computador e derrubar a estátua de cerâmica de um cão salsicha que Amber deu no Natal.

Quanta discrição.

Depois daquele mini episódio do Mister Bean (que teria para rir durante meses) virei para nossos convidados.

—Acompanham-me ao escritório?

—É óbvio — disse o agente Foster, vigiando Cookie com a extremidade do olho, como se suspeitasse que não estava bem da cabeça.

Enquanto os conduzia para o escritório, dirigi a Cookie um olhar carregado de incredulidade. Ela baixou a cabeça. Graças a Deus, o cão salsicha aterrissou no cesto de papéis, em cima de um colchão de papéis, e não quebrou. Resgatou-o, sem levantar os olhos em nenhum momento.

—Sinto muito, mas acredito que nunca ouvi falar de nenhuma Mimi Jacobs — assegurei, me servindo uma xícara de café enquanto eles sentavam diante de minha mesa.

Cookie era a melhor em ter sempre café ao ponto e em dar calorosos abraços. Ou era em ter sempre o café quente e em dar abraços ao ponto? Em qualquer caso, todos saíam ganhando.

—Tem certeza? —perguntou Foster. Parecia dos galos de briga. Os galos de briga não eram santo de minha devoção, mas estava em pleno processo de aprendizagem para não me deixar levar pela primeira impressão. — Faz perto de uma semana que não se têm notícias da senhora Jacobs e, no momento do desaparecimento, havia sobre sua mesa somente uma caderneta com seu nome e número anotados.

Devem ter observado quando falei com Cookie. Virei para eles, remexendo o café com ar inocente.

—Se Mimi Jacobs está uma semana desaparecida, por que vieram agora?

O maior dos dois, Powers, pareceu impacientar-se, certamente porque respondi uma de suas perguntas com outra pergunta. Era evidente que costumava receber respostas. Pobre iludido.

—Não demos muita importância à nota até que soubemos que você era detetive

particular. Pensamos que poderia tê-la contratado.

—Para que teria que me contratar? —perguntei, tentando surrupiar informação.

Moveu-se em seu assento.

—Isso nós viemos averiguar.

—Então, não estava com problemas? Talvez com a empresa que trabalha?

Os homens intercambiaram um olhar. Em qualquer outra situação, gritaria eureka. Ao menos internamente. Entretanto, tive a sensação de que acabava de entregar o bode expiatório perfeito. Sabiam algo mais e não pensavam em contar — Consideramos esse extremo, senhorita Davidson, mas agradeceríamos se esse tipo de informação ficasse entre nós.

Então não era a empresa. Uma coisa menos, ficavam vinte e sete mil possibilidades mais.

Aparentemente satisfeitos, ambos ficaram em pé. Foster estendeu um cartão de visita.

—Suponho que não é necessário lembrar sua obrigação de informar no caso da senhora Jacobs tentasse entrar em contato com você — disse, em um velado tom de ameaça.

Tentei não começar a rir.

—É óbvio — respondi, acompanhando-os à saída. Parei antes de abrir a porta que separava o escritório de Cookie e o meu . — Sinto não poder ser de maior ajuda e que tenham que ir.

Foster limpou a garganta, incômodo, ao ver que me demorava mais do que necessário.

—Certo, está bem, voltaremos a chamá-la se necessitarmos algo mais.

Enquanto esperavam atrás de mim, girei a maçaneta devagar, sacudi ligeiramente e abri a porta. Cookie estava escrevendo no computador. Conhecendo-a, claro que estava escutando nossa conversa através do intercomunicador.

—Senhorita Davidson — disse Foster, tocando a aba de um chapéu invisível ao passar ao meu lado.

Depois que os agentes se foram, Cookie se virou para mim com gesto exasperado.

—Girando a maçaneta? Muito sutil.

—É claro que sim, e muito elegante. Não havia nada mais que pudesse atirar?

A fumaça baixou imediatamente.

—Acha que suspeitam de algo?

Várias respostas foram a minha mente: *Já te digo, Você acha?, Terei que ser idiota.*

—Sim — respondi, embora a falta de inflexão em minha voz esclarecia todo o anterior.

—Mas não deveríamos colaborar com eles em vez trabalhar a suas costas? — perguntou.

—Eu acredito que, o que se diz agora mesmo, não.

—Por que não?

—Basicamente porque não são agentes do FBI.

Afogou um grito.

—Como sabe?

—Realmente pergunta isso?

A última coisa que queria era explicar como sabia que alguém mentia. Pela enésima vez.

—Certo — concedeu, sacudindo a cabeça, — desculpa. —Um novo grito afogado.
— Sabia que não eram agentes do FBI?

—Suspeitava.

—E, mesmo assim, deixou passarem ao escritório? A sós?

—Minhas suspeitas nem sempre se acabam confirmando.

Refletiu uns instantes sobre o que acabava de dizer e acalmou.

—Certo. Lembra aquela vez que derrubou o carteiro e...?

Levantei uma mão para interrompê-la. Havia coisas que era melhor não dizer.

—Não siga com o da investigação da empresa — disse, pensando alto. — Jogo minha granja virtual que não levará a nenhum lugar. Se concentre em descobrir o que une Mimi e Janelle York.

—Além do fato de que foram juntas a escola? —perguntou.

—Não. Começamos por aí. Pinça no passado de ambas, veja se sai algo.

Justo nesse momento, tio Bob entrou no escritório. Ou, melhor dizendo, irrompeu no escritório. Sempre estava muito estressado, assim, talvez chegou o momento de ter “a conversa”. Ou encontrava uma namorada ou um derrame cerebral. Talvez uma boneca inflável fosse suficiente.

—Eu não tenho culpa de que levantou com o pé esquerdo, assim se veio em plano velho mal humorado, pode dar meia volta e voltar de onde saiu — adverti, apontando a porta.

Girei os dedos no ar em um gesto inconfundível para que desse meia volta, fosse comprar uma floresta e se perdesse nela. Parou em seco e me olhou com uma mistura de desconcerto e irritação.

—Não sou um velho mal humorado. —Parecia ofendido. Achei graça. — Só quero saber em que nova confusão se meteu.

Agora a ofendida era eu.

—O que? —perguntei. — Por quê? Eu nunca...

—Não estou de humor para suas travessuras — me interrompeu, agitando um dedo. Estava bem feito. — Como conhece Warren Jacobs?

Merda! As notícias corriam como a pólvora no mundinho da luta contra a delinquência.

—Desta manhã, por quê?

—Porque quer ver você. Não só sua mulher desapareceu, mas ontem à noite encontramos o cadáver de um cara que se envolveu na venda de carros usados que o senhor Jacobs apossou e ameaçou de morte. Me chame de idiota, mas acho que poderia estar relacionado.

Filho da puta, pensei, deixando escapar um fundo suspiro.

—Em vez do típico idiota de toda a vida, posso te chamar Bob o Idiota?

—Não.

—BI, para abreviar? —Ao ver que só consegui um olhar muito pouco amistoso por resposta, acrescentei— Bom, então posso vê-lo?

—Agora mesmo estão interrogando-o e certamente pedirá um advogado. O que houve?

Cookie e eu nos olhamos e logo derramamos nossas entranhas como sapos no laboratório de biologia.

Contamos tudo, até o que não estava escrito. O tio Bob tirou o telefone e ordenou a um de seus ajudantes que passasse pela cafeteria.

—Deveriam ter me informado — disse depois de desligar, em tom reprovador.

—Como se tivesse dado tempo. Já que tocamos no assunto, também busquem dois homens que se fazem passar por agentes do FBI. E estão desesperados.

Preocupado, tio Bob (ou Ubie^{15}, como eu gostava de chamá-lo, embora quase nunca para ele) anotou a descrição.

—Este assunto está ficando feio — comentou.

—Nem me fale. Temos que encontrar Mimi antes deles.

—Entrarei em contato com os federais para dizer que uma dupla de impostores anda por ai. De todas as maneiras, deveria ter me contado antes.

—Bom, tampouco acreditava que fosse necessário, considerando que está me seguindo e tal.

Ficou boquiaberto, completamente deslocado. Suspirou profundamente, aproximou-se de mim e levantou meu queixo com delicadeza.

—Reyes Farrow é um assassino sentenciado, Charley. É pelo seu bem. Se ficasse em contato contigo, agradeceria se me contasse.

—Retirá a vigilância? —perguntei. Ao ver que vacilava e acabava sacudindo a cabeça, acrescentei—Então, que ganhe o melhor detetive.

Saí muito presunçosa pela porta, consciente do ridículo daquilo, considerando que o tio Bob, inspetor veterano do Departamento de Polícia do Albuquerque, era um machado no campo da investigação. Eu não passava de um canivete suíço.

A caminho da loja de tatuagens de minha amiga Pari, ao final do bloco, dei uma olhada ao meu redor em busca da sombra que Ubie me atribuiu, sem sorte. Quem quer que fosse, era bom. O tio Bob não teria enviado um novato.

Parei diante da loja de Pari, embora não porque precisasse de uma tatuagem, mas porque Pari podia ver auras. Eu também possuía aquela capacidade, mas me ocorreu que talvez tivesse escapado algo em todos esses anos. Como era possível que pudesse ver auras, defuntos, filhos de Satã e, mesmo assim, não tivesse visto um só demônio em toda minha vida? Diabo, nem sequer sabia que os demônios existiam até que Reyes me contou, e muito menos que estavam dispostos a lutar no braço para chegar até mim. Para passar através de mim. Nesse momento fiquei sem respiração: se os demônios existiam, caralho, se Satã existia, então também existiam os anjos. Sério, como era possível que vivesse tão na pobreza?

Com um pouco de sorte, Pari saberia algo que eu não, algo que não fosse que correia de distribuição correspondia a um Plymouth Duster ^{16} 1970 com um motor Big Block 440 ^{17} superalimentado. Nem sequer sabia que os carros tivessem problemas de superalimentação. Ainda era cedo para o fuso horário da loja de

tatuagens, por isso me surpreendeu que a porta estivesse aberta. Entrei.

—Preciso de luz — pediu alguém ao fundo.

—Estou nisso — respondeu uma voz masculina.

Ouvi animação atrás à medida que me aproximava de Pari, que estava de costas. Estava agachada debaixo de uma poltrona de dentista restaurada, com uma montanha de fios junto aos joelhos.

—Obrigada — disse, enquanto seguia separando os fios.

—O que? —perguntou o cara nos fundos.

Sobressaltada, Pari se endireitou de repente e bateu a cabeça contra o assento da cadeira antes de virar para mim.

—Maldição, Charley — protestou, levando uma mão aos olhos para proteger-se da luz e a outra no lugar onde bateu. — Não pode entrar às escondidas. É como uma dessas sirenes no teto de um carro patrulha aceso no meio da noite.

Abafei uma risada enquanto Pari procurava os óculos de sol.

—Disse que precisava de luz.

Pari era desenhista gráfica, mas se inclinou para a arte corporal para manter aos credores na linha. Por fortuna, encontrou sua vocação, e honrava a profissão levando os braços completamente tatuados com linhas elegantes, açucenas^{18} e flores de lis^{19}, além de um par de caveiras para impressionar a clientela.

Ela quem desenhou o anjo da morte que adornava minha omoplata esquerda, uma criatura pequena de olhos enormes e olhar inocente, embelezada com uma túnica vaporosa que parecia feita de fumaça. Para mim era um mistério como conseguia aquele efeito só com tinta.

Colocou os óculos e virou para mim, lançando um suspiro.

—Disse que precisava de luz, não uma explosão sideral. Juro, um dia destes me deixará completamente cega.

Como já disse, Pari podia ver as auras e a minha brilhava muito.

Pegou uma garrafa de água do balcão e sentou na maltratada poltrona de dentista. Apoiou as botas em caixas de embalagem nos lados e descansou os cotovelos nos joelhos. Tirei outra garrafa de água de uma pequena geladeira e me virei para ela, tratando de não soltar uma gargalhada a uma postura tão pouco decorosa.

—Bom, o que conta, anjo da morte?

—Não encontro a lanterna! —anunciou gritando o cara dos fundos.

—Não importa — respondeu Pari, voltando-se para mim com um sorriso. — Muito bonito, mas sem cérebro. —Assenti. Admirava a beleza. Quem não?. — Bem, finge que está tranquila e relaxada — prosseguiu, me esquadrinhando com olho perito, — mas te vejo tão relaxada como uma galinha na guilhotina. O que houve?

Merda, era muito boa, assim decidi andar sem rodeios.

—Alguma vez viu um demônio?

Sua respiração ficou mais compassada enquanto meditava a resposta.

—Fala de um desses rodeado de chamas e enxofre?

—Sim.

—Tipo servo do inferno?

—Sim — respondi, de novo.

—Como esses...?

—Sim — repeti pela terceira vez.

Aquele tema me revirava o estômago. E pensar que um deles podia estar torturando Reyes nesse momento... Não era que desgraçado não merecesse que o torturassem um pouquinho, mas mesmo assim...

—Então existem de verdade?

—Interpretarei isso como um não — disse, enquanto se desvaneciam todas as minhas esperanças. — É que tenho a impressão de que virão por mim e esperava que você soubesse algo que eu ignorasse.

—Merda. —Baixou os olhos para o chão, pensativa, mas não demorou a me olhar novamente. Ao menos deduzi. Era difícil saber com os óculos. — Um momento, uns demônios a perseguem?

—Mais ou menos.

Depois de um olhar prolongado, longo o bastante para considerá-la indiferente às normas culturais e de educação estabelecidas, assentiu.

—Nunca vi um demônio — disse com toda tranquilidade, — mas sei que aí fora há algo, algo que percorre as ruas no meio da noite. E não me refiro à típica prostituta, a não ser algo aterrador. Impossível de esquecer.

Inclinei a cabeça, intrigada.

—A que se refere?

—Quando estava com quatorze anos, um grupo de amigas e eu fizemos uma festa do pijama e, como muitas vezes acabam fazendo quase todas as adolescentes de quatorze anos, decidimos celebrar uma sessão de espiritismo.

—Bem.

Aquilo parecia que não ia acabar bem.

—Enfim, descemos ao porão e estávamos em plena sessão, entoando cânticos e conjurando os espíritos do Alem, quando senti algo. Como uma presença.

—Um fantasma?

—Não. —Sacudiu a cabeça, pensativa. — Bom, acredito que não. Os fantasmas são frios. Aquele ser simplesmente estava ali. Senti seu roce ao passar junto a mim, como se fosse um cão. —levou uma das mãos ao braço contrário, absorta nas lembranças. Um leve calafrio percorreu o corpo. — Fui à única que o sentiu, claro, até que disse. — virou para mim com um olhar alarmado. — Se aprecia algo na vida, jamais diga a um grupo de adolescentes em um porão às escuras e em plena sessão de espiritismo que notou alguma coisa tocando você.

Reprimi a vontade de começar a rir.

—Prometo. O que aconteceu?

—Ficaram em pé de um salto, gritando, e correram para a escada. Assustei-me muito assim, naturalmente, eu também comecei a correr.

—Naturalmente.

—Só queria me afastar do que quer que se materializou no porão, de modo que corri como se fosse a vida nisso, apesar das minhas tendências suicidas.

Pari foi gótica quando *ser* gótico não estava na moda. Mais ou menos como nesse momento.

—Acreditei estar a salvo assim que coloquei um pé no alto da escada, mas nesse instante ouvi um grunhido, profundo, gutural, e de repente, sem saber como, caí rodando até a metade dos degraus, com o que torci o punho e machuquei as costelas. Levantei como pude e comecei a engatinhar para sair dali, sem olhar atrás. Demorei um pouco em compreender que não me cansei, mas sim algo puxou minhas pernas e me arrastou de volta ao porão. —puxou uma perna da calça e baixou a zíper das botas, que chegavam até o joelho, para me mostrar a cicatriz irregular que percorria a panturrilha. Pareciam marcas de garras. — Nunca tive tanto medo.

—Merda, Par. O que aconteceu depois?

—Quando meu pai conseguiu desentranhar por que estávamos gritando, começou a rir e desceu ao porão para nos demonstrar que não havia nada.

—E?

—Não havia nada — respondeu, encolhendo os ombros.

—Mostrou a ferida?

—O que acha? Claro que não. —Sacudiu a cabeça como se tivesse perguntado se comia crianças no café da manhã. — Já me colocavam o rótulo de esquisita. Não possuía mínima intenção de confirmar as suspeitas.

—Merda, Par — repeti.

—Nem me fale.

—E o que te faz acreditar que era um demônio?

—Nada, não era um demônio. Ou, bom, não acredito que fosse um demônio. Era outra coisa.

—Como sabe?

Retorceu as pulseiras de couro.

—Basicamente porque sei como se chamava.

Fiquei de pedra.

—Poderia repetir? —consegui dizer depois de um instante.

—Lembra-se do acidente que te falei?

Olhou-me, com o cenho franzido.

—Sim, é óbvio.

Pari morreu em um acidente de trânsito quando estava com seis anos. Graças a Deus, um paramédico conseguiu reanimá-la. Depois daquilo, Pari podia ver auras, inclusive às dos falecidos. Com o tempo, aprendeu que as auras cinzentas que via e que não podia atribuir a nenhum corpo, correspondiam às almas dos falecidos. A um fantasma.

—Quando morri, meu avô estava me esperando.

—Lembro —falei— e menos mal que a devolveu a este mundo. Devo-lhe uma cesta de fruta quando for ao céu.

Adiantou o corpo e apertou minha mão em uma estranha demonstração de afeto. Um pouco embaraçoso.

—Só o vi uma vez — disse, rodeando a garrafinha de água com ambas as mãos. — Somente lembrava que possuía grandes dinamarqueses, mais altos que eu, mas mesmo assim soube sem nenhuma dúvida que era meu avô. E quando disse que ainda não chegara a hora, que precisava voltar, só desejei me afastar dele.

—Bom, pois me alegro de que te mandasse de volta com vento fresco. Sua vida teria sido um calvário no céu.

Sorriu.

—Pode estar certa, mas nunca contei o mais estranho.

—A maioria das pessoas consideram muito estranha as experiências próximas à morte.

—Certo — admitiu com um sorriso.

—É mais estranho ainda?

—Muito mais. —Hesitou um instante antes de seguir, tomou ar e me olhou fixamente. — No caminho de volta, já sabe, a Terra, ouvi coisas.

Aquilo era novo.

—Que tipo de coisas?

—Vozes. Ouvi uma conversa.

—Escutou às escondidas? —perguntei, ligeiramente surpresa de que aquilo fosse possível. — Criaturas celestiais?

—Suponho que poderia dizer assim, mas não fiz de propósito. Ouvi uma conversa inteira em um só instante, como se tivesse aparecido de repente em minha cabeça. Entretanto, soube imediatamente que não deveria ouvi-la, que a informação que continha era muito delicada. Descobri o nome de um ser com poder suficiente para provocar o fim do mundo.

—O fim do mundo? —repeti, engolindo. —Sei que parece uma loucura, acredite, mas falavam sobre um ser que escapou do inferno e nasceu na Terra.

Meu pulso acelerou de maneira tão repentina que senti um ligeiro vazio no estômago.

—Diziam que podia destruir o mundo, que podia causar o Apocalipse se quisesse.

Só conhecia um ser que escapou do inferno. O mesmo que nasceu na Terra. E embora soubesse que era poderoso, jamais teria imaginado que pudesse chegar a causar o puto Apocalipse. Embora, como era o Apocalipse? Deveria ter prestado mais atenção nas aulas de catecismo.

—De modo que, na noite da sessão de espiritismo, com essa grande sensatez que sempre vai unida à adolescência, decidi invocá-lo.

Olhei boquiaberta. Bom, ligeiramente boquiaberta.

—Claro, por que não quereria invocar ao único ser que pode acabar com todo inseto vivente sobre a face da Terra?

—Exato — disse, carregando-se meu sarcasmo. — Pensava que talvez pudesse convencê-lo para que não fizesse. Já sabe, fazê-lo entrar em razão.

—E como foi?

Deteve-se e franziu os lábios.

—Estava com quatorze anos, sabichona.

Estive a ponto de soltar uma gargalhada, mas esta não conseguiu superar o nó em minha garganta.

—Bem, então, é sério? Esse ser vai causar o Apocalipse?

—Não, não me escuta. —Franziu os lábios em uma fina linha antes de prosseguir. — O que disse é que esse ser possui suficiente poder para desencadear o Apocalipse. —

Bem, ok, um ponto a seu favor. Nada de profecias sobre destruições maciças. — E por isso o invoquei essa noite durante a sessão de espiritismo. Pelo seu nome.

Um calafrio me percorreu as pernas e braços, temendo o que viria a seguir. Ou era isso ou o Morto do Porta-Malas me encontrou. Olhei a meu redor.

—Mas como já disse — prosseguiu, — não é o que acredita. Não é um demônio.

—Bom, então já podemos respirar tranquilos.

—Pelo que pude captar da conversa, é muitíssimo mais que isso.

Era mais, claro.

—Pari — disse, começando a perder a paciência, — como se chama?

—Não penso em falar de nenhuma maneira — assegurou, com um brilho malicioso no olhar.

—Pari.

—Falo sério. —ficou muito séria. — Desde esse dia, não pronunciei seu nome alto. Nunca. Jamais.

—Ah, bem. Bom...

Não me deixou continuar, tomou um pedaço de papel e escreveu algo nele apressada.

—Aqui está, mas não em voz alta. Tenho a impressão de que não gosta que o invoquem.

Aceitei o pedaço de papel com mão tremula, mais do que gostaria, e me cortou a respiração quando li o nome: *Rey'aziel. Rei'AZ...* Reyes. O filho de Satã.

—Significa o “bonito” — disse, enquanto eu lia uma e outra vez. — Não sei o que é — prosseguiu, alheia a meu estupor, — mas armou uma boa no outro lado, não sei se me entende. Caos. Agitação. Pânico.

Sim. Então era Reyes. Maldito.

Capítulo 5

*O que acontece se você quase morrer de susto... duas vezes?
(Camiseta)*

Minha cabeça girava. Abandonei a loja de Pari atordoada e fui rumo a casa sem tomar nenhum caminho concreto antes de lembrar que estava com um trabalho pendente. E um trabalho que faria. Chegou a hora de abrir as cortinas e deixar a minha sombra com o traseiro no ar. Quem quer que fosse a pessoa que tio Bob atribuiu minha vigilância, estava a ponto de ter um mau dia.

Peguei o telefone e respondi como se tivesse recebido uma chamada. Parei, incrédula. Olhei a meu redor. Gesticulei como uma louca.

—Quer me encontrar? Agora? Bom, maldito, ok. Está no beco a minha direita? Tão perto? Você está louco. Pegarão você. Pois claro que passou pela cabeça de alguém que acabaria entrando em contato comigo. Pois claro que... Está bem, ok.

Desliguei, olhei a meu redor e, continuando, fui para o beco que se abria entre dois edifícios, sem deixar de dar olhadas furtivas a minhas costas.

Depois daquela magnífica interpretação de Casablanca^{20}, adaptado com Missão: Impossível, saí disparada para um contêiner, atrás do que me escondi aguardando minha sombra aparecer. Enquanto esperava de cócoras, me sentindo estranhamente ridícula, fui dando voltas no nome de Reyes, deixando que tomasse forma e deslizasse por minha língua. Rey'aziel. O Bonito. Macho, nisso era justo.

Entretanto, por que quereria machucar Pari? Calculei as idades. Se Pari estava com quatorze anos quando fez aquela pequena sessão de espiritismo, naquela época Reyes não podia ter mais de oito. Nove, no máximo. E a atacou? Talvez não fosse ele. Talvez Pari tivesse invocado outra coisa por engano, algo maligno.

—O que faz?

A voz a minhas costas me sobressaltou e (depois de agitar os braços ligeiramente no ar) caí de bunda, por isso acabei engordurando as mãos e traseiro em uma pequena descarga ilegal de óleo que formou um atoleiro. Fantástico. Apertei os dentes e levantei os olhos para um membro de gangue morto e sorridente com mais insolência que era socialmente aceitável.

—Angel, seu safado.

Soltou uma gargalhada enquanto eu olhava as mãos, toda gordurosa.

—Foi genial.

Malditos adolescentes.

—Sabia que deveria ter exorcizado seu maldito traseiro quando tive a oportunidade.

Angel morreu porque seu melhor amigo decidiu expulsar aos filhos da puta que entraram em seu território utilizando a técnica de execução do passeio de carro que foi tão popular entre os pirralhos de sua geração. Angel tentou detê-lo e acabou pagando o pato. Para minha eterna mortificação.

—Se não sabe expulsar nem um gato, muito menos um chicano^{21} duro de roer com pólvora nas veias. Além disso, o esporte não leva a nada.

Rindo entre dentes da própria piada, tomou a mão que estendia e me ajudou a levantar o traseiro do chão. Precisava seguir agachada atrás do contêiner, a posição tática principal para uma emboscada.

—Por suas veias já não corre nada — observei, se por acaso não percebeu.

—É claro que sim — respondeu, olhando-se.

Vestia uma camiseta branca suja, um jeans que quase abotoava nos joelhos, uma cueca gasta e uma munhequeira larga de couro. Levava o cabelo, negro como a noite, raspado nos lados, mas ainda possuía rosto de menino e um sorriso tão sincero que era capaz de derreter meu coração.

—O que acontece é que agora é invisível.

Esfreguei as mãos contra a parede do contêiner em vão, me perguntando quantos germes estariam aproveitando para subir ao carro.

—Está aqui por alguma razão especial? —perguntei, passando a limpar isso na calça.

Era evidente que não poderia tirar aquilo até que encontrasse um pouco de água e um desengordurante industrial.

—Ouvi que temos um caso — disse.

Angel me acompanhava desde meus primeiros dias de escola e fazia três anos que era meu colaborador principal, desde que abri o negócio de investigação particular. Contar com um ser imaterial como investigador era como fazer colas no exame de acesso à universidade: destroçava-te os nervos, mas era curiosamente eficiente. E resolvemos mais de um ou dois casos juntos.

Indiferente a meu problema com o derramamento de óleo, sentou-se diante de mim e apoiou as costas contra o contêiner até que, de repente, seu olhar foi atraído para a mão com que tentava sacudir as pedras e o óleo em meu traseiro.

—Quer que ajude? —perguntou, apontando meu traseiro com um gesto de cabeça.

Os adolescentes sempre estavam com hormônios até as sobrancelhas. Inclusive os mortos.

—Não, não quero e não temos um, e sim dois casos.

Embora Mimi fosse prioritária no âmbito profissional, Reyes era no pessoal. Não podia renunciar a nenhum dos dois casos e sopesei qual podia se encarregar. Unicamente optei pelo de Reyes porque não possuía mais recursos nessa área, mas sabia que Angel não gostaria disso.

—O que sabe de Reyes? —perguntei, esperando que não desaparecesse de repente. Ou que tirasse uma nove milímetros e me deixasse rígida ali mesmo.

Cravou-me um olhar atônito um instante, remexeu-se incômodo, apoiou os cotovelos nos joelhos e dirigiu o olhar para o infinito. Bom, para um armazém, para ser mais exata.

—Rey'aziel não é nosso assunto, Charley — disse depois de um momento.

Cortou minha respiração ouvir o nome pelo que respondia Reyes no Além. Como era possível que o conhecesse? É mais, desde quando o conhecia?

—Angel, sabe o que é Reyes?

Encolheu os ombros.

—Sei o que não é. —Virou-se para mim e me olhou fixamente nos olhos. — Não é nosso assunto.

Suspirei, sentei-me no chão (foda-se a mancha de óleo) e apoiei as costas contra o contêiner, a seu lado. Precisava do Angel. Da sua ajuda, seu talento natural.

—Se não encontrá-lo, morrerei — falei, depois de colocar uma mão suja sobre a sua.

Uma risada sufocada, com se quisesse parar minhas palavras, agitou seu peito e nesse instante tive a sensação de que possuía muito mais que os treze anos que morrera.

—Oxalá fosse simples assim.

—Angel, não pode falar sério — protestei, repreendendo-o com dureza.

Olhou-me com tanta raiva e incredulidade que tentei reprimir o impulso de me afastar dele.

—Não, é você quem não pode estar falando sério — replicou, como se acreditasse que acabava de perder o julgamento. Não imaginava que nem sequer procurei um advogado.

Supus que não gostasse dele, mas ignorava que guardasse tanto rancor.

—Há alguma razão para estar sentada em um atoleiro de óleo falando sozinha?

Levantei o olhar e topei com Garret Swopes, um rastreador moreno e de olhos cinza que sabia o suficiente sobre mim para considerá-lo perigoso. Virei para Angel, mas já se foi. Como não. Péssima hora, o descarado.

Levantei trabalhosamente e percebi que meu jeans nunca voltaria a ser o mesmo.

—O que faz aqui, Swopes? —perguntei, sacudindo o traseiro pela segunda vez essa manhã.

Quanto a rastreadores, Garrett era o melhor. Poderia dizer que fomos amigos até que o tio Bob, em um momento de debilidade induzido por umas algumas cervejas a mais, explicou o que eu fazia para ganhar a vida. Não a investigação particular (isso Garrett já sabia), a não ser o “Charley vê mortos”. Depois daquilo, nossa relação, salpicada até então de pequenas paqueras, deu um brusco giro para território hostil, como se incomodasse que usasse aquele tipo de truques. Depois de um mês, Garrett começou a acreditar pouco a pouco (e muito a seu pesar) em minhas habilidades especiais depois de ver por si mesmo. A verdade é que dou a mínima se acreditava ou não, sobre tudo depois de como se comportou aquele último mês, mas Garrett era bom no que fazia. Não era nada mal contar com ele de vez em quando. Quanto ao cético que levava dentro, já podia beijar minha bunda.

Que era justo o que parecia estar pensando nesse preciso momento. Garrett inclinou a cabeça e não tirava o olho da minha metade inferior, que estava sacudindo a porcaria e as pedrinhas.

—Quer que ajude?

—Não, não quero. —Não tive já aquela conversa?. — Deixa de fazer de médium do Angel e me responda. Um momento. —Nesse instante se iluminou, lentamente, e me

virei boquiaberta para ele, me recuperando imediatamente. — OH, Meu deus, você é minha sombra.

—O que?

Retrocedeu um passo, franzindo o cenho para negar.

—Filho da puta.

Depois de olhar horrorizada perto de um minuto (menos mal que fazia pouco que pratiquei meu olhar horrorizado no espelho) vi com absoluta clareza como os músculos de seu rosto tentavam dissimular o sobressalto e lancei um soco muito direito no ombro, embora fosse como bater uma parede.

—Ai. —levou a mão ao lugar do impacto. — Por que demônios fez isso?

—Como se não soubesse — respondi, me afastando irada.

Não podia acreditar. Não conseguia. Bom, sim podia, mas mesmo assim... O tio Bob se atreveu a pedir a Garrett Swopes que me seguisse. A Garrett Swopes! Ao mesmo que esteve me chateando e rindo de mim no último mês, proclamando aos quatro ventos que deveriam me prender ou, no mínimo, me queimar como bruxa. Os céticos eram cine maníacos perigosos. E o tio Bob pediu que fosse minha sombra!

Já não havia justiça neste mundo? Naquele passo, não sei onde íamos parar. Era... Um momento. Parei o carro e considerei todas as possibilidades. As magníficas e maravilhosas possibilidades.

Garrett pisava nos calcanhares quando parei em seco e, graças a essa capacidade de reação que o caracterizava, esteve prestes a me atropelar.

—Já esqueceu a medicação, Charles? —perguntou, me salvando como a um obstáculo enquanto tentava mudar de assunto.

Fazia pouco que começou a me chamar Charles. Certamente para me incomodar, assim não pensava em seguir o jogo. Além disso, o que tomo ou deixo de tomar não era de sua incumbência.

Virei e lancei meu melhor olhar assassino.

—Ah, não, nem sonhe — falei.

—O que?

Retrocedeu um passo. Avancei um passo.

—Não vai se safar tão facilmente, cavalheiro.

A cara de desconcerto de Garrett seria engraçada se não me sentisse tão traída por meu tio. Entre todos os que poderia ter escolhido, optou por Garrett Swopes! Além disso, eu precisava desesperadamente de um investigador que estivesse na lista dos melhores de Albuquerque. Trabalho grátis.

—Acaba de me chamar cavalheiro?

—É claro que sim, se souber o que é bom — falei, me adiantando um passo mais, — não vai me pegar por não me ocorrer nada melhor com tão pouco tempo.

—Certo. —Levantou as mãos a modo de rendição. — Nada de insultos, prometido.

Não confiava em um cabelo dele. Se meteu comigo na primeira oportunidade. Maldição.

—Quanto tempo está me seguindo?

—Charles... — disse, tentando inventar algo acreditável.

—Nem se atreva. —Voltei a golpeá-lo, no caso de. — Desde quando?

—Primeiro...

Agarrou meus ombros e me empurrou para o muro do edifício para me afastar do caminho do carro que queria atravessar o beco.

Uma vez a salvo de atropelos, cruzei os braços e esperei.

—Desde que Farrow desapareceu da UTI — admitiu, com um suspiro de resignação.

Contive o fôlego, indignada.

—Faz uma semana. Está me seguindo a uma semana? Não posso acreditar que tio Bob fez algo assim.

—Charley... — protestou com voz pesarosa. Não precisava de sua compaixão.

—Não. Este ano Ubie fica sem cartões de Natal. —Ao ver que Garrett abria as mãos como dando a entender que estava deixando as coisas desproporcionais, acrescentei— E você também está fora da lista.

—Mas eu o que fiz? —perguntou, me seguindo através do estacionamento, em direção à rua.

—Não está certo perseguir as pessoas, Swopes.

—Não é perseguição quando pagam por isso.

Parei e dei um olhar reprovador.

—Bem, quando quem paga por isso é o Departamento de Polícia — retificou . — Além disso, seu tio não fez nada. Supôs que havia a possibilidade de que Farrow tentasse entrar em contato com você e que, por alguma razão que ninguém explica, acreditou que não convinha a sua sobrinha andar por aí com um assassino condenado.

Já estávamos outra vez com o mantra do assassino condenado.

—Farei um trato contigo.

—Certo — aceitou, embora não parecesse muito convencido.

—Preciso encontrar Reyes tanto quanto você ou, bem, como tio Bob. Você me ajuda e eu te ajudo.

—Por quê? —perguntou, desconfiado.

Qualquer um diria que não costumo cumprir com minha parte do trato. Quase sempre, perto de cento por cento das vezes, trato de respeitar por todos os meios minha parte do acordo, sempre que as circunstâncias permitem.

Agora vinha o mais difícil, a parte do “Sim, já sei que o condenaram por assassinato, e que suportou o diabo, mas no fundo é um bom menino”.

—O que meu tio te contou sobre Reyes?

Garrett franziu o cenho, pensando um pouco. Os olhos cinza ressaltavam sobre sua pele morena.

—Bom, resumindo, disse que Farrow estava preso na penitenciária do Novo México os últimos dez anos pelo brutal assassinato de seu pai, até que recebeu um tiro na cabeça de maneira acidental quando tentava salvar um de seus companheiros, e também que esteve em coma um mês, mas que acordou como por arte de magia e saiu da UTI sem se abalar.

Deixei que a informação se assentasse antes de abrir a boca.

—Bem, não está mal para começar, mas há muitas coisas que meu tio desconhece.

—Como quais? — Perguntou, com um sorriso torto que delatava as dúvidas a respeito.

Genial. Temos de volta Garrett, o Rastreador Cético.

—Reyes Farrow salvou minha vida em várias ocasiões e segue fazendo-o.

—Não me diga — disse, com um tom evidentemente sarcástico.

Aquilo não seria fácil.

—Sim, sim digo.

Um carro que queria estacionar no lugar que ocupávamos deu uma buzina. Comecei a andar de novo para a rua.

—Um homem condenado por assassinato a protege?

—Sim. —Quando chegamos à calçada, parei e o olhei fixamente. — E é um ser sobrenatural.

Voltou a inclinar a os lábios, mas decidiu ir na onda.

—Em estado de espírito sobrenatural ou em estado super herói?

Boa pergunta.

—Na realidade, tem um pouco de ambos.

Lançou um suspiro e passou os dedos pelo cabelo.

—Olhe, não tenho tempo para entrar em detalhes — disse, me encorajando. — Acha que uma vez na vida poderia fazer algo louco, que vai contra todos os princípios, e confiar em mim, embora somente nisto? —Transcorreu um bom momento antes de assentir com a cabeça, embora com certa reticência. — Certo, porque preciso encontrá-lo quanto antes.

Fui para meu apartamento. Um jeans limpo era um elemento imprescindível para qualquer detetive particular que se preze. E para que tal detetive conservasse a prudência.

—Espere.

—Não. Entre.

—Claro — respondeu, começando a correr até me alcançar. Logo adequou o passo ao meu. — Bem, então, quando diz que Farrow é sobrenatural, quer dizer que é como você? Um anjo da morte?

Sua pergunta me surpreendeu. Estava convencida de que não acreditou em nenhuma palavra do que contei durante nossa última conversa, em que colocou todo seu empenho em abrir a mente e escutar o que digo em vez de meter-se comigo continuamente.

—Não é um anjo da morte. É algo mais.

—Que mais? —O receio voltou a tingir a voz.

—É um homem, Swopes, igual a você, mas com superpoderes.

—Que tipo de superpoderes?

Parei só para fulminá-lo com o olhar.

—Seguirá com o interrogatório?

—Só quero saber o que enfrento.

—Olhe, só preciso que meça o terreno. Já sabe, ouça por aí se por acaso alguém ouviu algo, não sei, estranho.

—Certo. Só tenho uma pergunta mais.

—Adiante.

Olhou-me fixamente.

—Como posso matá-lo?

Enfim, aquilo foi um pouco grosseiro de sua parte. Esperava que a evolução tivesse moderado a sede de sangue do macho humano, mas estava claro que não era assim.

—Não pode — respondi, dando meia volta para seguir meu caminho.

Parei em seco quando uma névoa espessa, escura e ondulante se materializou em forma de homem diante de mim.

Reyes cortava meu passo com um brilho irado no olhar castanho.

—O que está fazendo, Dutch? —perguntou com voz suave e ameaçadora.

Garrett seguiu caminhando, mas não demorou a parar. Olhou-me e depois uma olhada à rua, tentando elucidar por que me deteve. No momento, fingi não ter reparado nem em sua curiosidade nem na ira de Reyes.

—Segue vivo?

Avançou com um movimento intimidador. De seu corpo emanava um calor ondulante.

—Por desgraça. O que está fazendo?

—Charles, o que houve? —perguntou Garrett, nervoso.

Senti um grande alívio ao saber que Reyes seguia vivo. Podia morrer a qualquer momento e me preocupava que já houvesse falecido. Tentei respirar em um ritmo mais pausado, mas sua ira era tão evidente que era quase impossível. Deveria ter adivinhado que ainda não exalou o último suspiro. Do contrário, não estaria tão zangado. Do que me servia encontrar seu corpo uma vez que tivesse morrido? Só em pensar, senti que aumentava a opressão do peito.

Meu gesto deve ter delatado minha preocupação. Garrett aproximou sua cabeça à minha.

—Charley, o que houve?

Reyes o olhou e se virou para mim.

—Diga a essa tralha que se cale.

Bom, isso sim que foi grosseiro. Aqueles meninos não sabiam jogar juntos. Reyes estava com ciúmes do Garrett sem motivo algum. Não havia nada de nada entre nós.

—Não é uma tralha, Reyes — falei, virtualmente convidando-o a discutir. — É o melhor rastreador do estado e vai ajudar a te encontrar.

Ao jogar aquela luva em seu rosto, senti-me como uma criança da terceira série no meio do pátio desafiando ao fanfarrão da classe a nos encontrarmos na saída do colégio. Nos balanços. As três em ponto.

Um lento sorriso se desenhava no rosto de Reyes enquanto virava para Garrett e o avaliava com uma só olhada.

—Como estão as costas? —disse, me devolvendo a atenção.

A pergunta cortou minha respiração. Era uma ameaça séria, uma que ele sabia que levaria muito a sério. Partiu mais de uma coluna vertebral para me defender, portanto o que impediria de fazê-lo para defender-se? Retrocedi um passo e me

seguiu, mantendo a distância mínima de quinze centímetros que nos separava. Nunca se daria por vencido. Sabia como me intimidar, como me ferir com a habilidade de um cirurgião veterano.

—Não pode falar sério — falei, parando em seco, vendo que o retroceder não estava dando resultado.

—Se sequer passar pela cabeça tentar me encontrar, seus últimos anos na Terra estarão... infestados de dificuldades.

A ameaça era tão hostil, tão terminante, que me desarmou. Ignorava que fosse capaz de tanta crueldade. Endireitei os ombros e o olhei nos olhos com o queixo elevado.

—De acordo. Ele não te buscará — falei, e seu olhar se iluminou com o brilho da vitória, — mas eu não penso em ficar de braços cruzados.

Seu orgulho desvaneceu tão de repente, e voltou a estremecer.

Dei um passo à frente, sem pensar, virtualmente me jogando em seus braços. Ele me deixou fazer, acolheu-me e baixou o guarda apenas um instante.

—Vai partir minha coluna — perguntei, vendo como se concentrava em meus lábios, — Rey'aziel?

Esta vez foi ele o surpreso. Ficou muito tenso e, apesar do rosto imperturbável, senti o desassossego que o agitava interiormente. Do mesmo modo que ele era capaz de adivinhar minhas emoções, eu podia fazer com as suas, e nesse momento ambas poderiam ter conseguido que o chão estremecesse sob nossos pés.

Garrett disse algo, mas não ouvi, asfixiada sob o peso esmagador do limpo olhar dos olhos castanhos de Reyes, em que começava a entender o que insinuavam minhas palavras. De certo modo, era como se o traísse, o esfaqueasse pelas costas. Entretanto, acaso não era isso mesmo o que ele fez? Além disso, eu quase nunca levava facas.

—De onde você tirou esse nome? —perguntou Reyes em um sussurro sinistro mais próximo a uma ameaça que um pedido.

Reuni toda coragem que fui capaz para responder.

—Uma amiga me disse—respondi, com a esperança de não estar colocando a vida de Pari em perigo sem querer. — Contou-me que te invocou quando era jovem e que você quase arrancou uma perna.

—Charley, faço o que posso, mas talvez devêssemos seguir com isto em outro lugar.

Era Garrett. Pelo visto, levava um momento tentando intervir para que desse a impressão de que estávamos tendo uma conversa, em vez do que pensaria qualquer um que passasse por ali: uma psicopata falando com ar. Dei uma breve olhada ao redor e, sim, topei com algum olhar de estranheza e cenho desaprovador, mas em geral ninguém prestava a menor atenção. Estávamos na Central, no meio de Albuquerque. Não era a primeira vez que as pessoas por ali viam alguém que não parecia sensato.

Ao sentir que duas mãos me empurravam levemente e me faziam retroceder até o muro de tijolos do terraço de uma cafeteria, voltei a me concentrar no ser em minha frente.

—Foi você? —perguntei, retomando a discussão onde paramos. — Fez mal a Pari?

Apoiou as mãos no muro atrás e aproximou-se de meu corpo. Sempre fazia o mesmo: quando se sentia ameaçado ou intimidado, reagia a empurrões. Dominava. E procurava o ponto mais fraco do oponente, lançava-se a jugular. Utilizava a atração que sentia por ele contra mim com a habilidade de um artista. Aquilo era jogar sujo, mas até certo ponto, o compreendia. Assim foi como se criou. Era o que conhecia.

—Não foi nada comparado com o que poderia ter feito — respondeu com enganosa tranquilidade.

—A machucou? —voltei a perguntar, me negando a acreditar.

—Talvez, Dutch — disse em meu ouvido. Como se alguém mais pudesse ouvi-lo.
— Eu não gosto que me invoquem.

No instante em que a boca descia sobre a minha, nesse segundo em que o formigamento que sua força vital me provocava, me obrigava a abandonar meu corpo para me envolver em suas chamas, Reyes desapareceu. O frio do fim de outubro me esbofeteou e aspirei uma gélida baforada de ar que me devolveu à realidade em um abrir e fechar de olhos.

Machucou Pari. Aquilo me deixou tão atônita quanto às ameaças de machucar um homem inocente, quer dizer, Garrett, que de repente estava diante de mim. Nesse momento percebi que cai em seus braços. Segurei-me nele enquanto me afastava dos olhares curiosos dos transeuntes.

—Foi interessante.

—Eu disse — respondi, tentando compreender o mundo de Reyes Farrow.

Enfureceu-se porque sabia seu nome? Seu verdadeiro nome? Eu sabendo mudava alguma coisa? Salvo que... isso me concede algum tipo de vantagem. Talvez pudesse usar contra ele.

—Enfim, tenho que entender que não quer que o busque? —perguntou Garrett.

—Por dizer suavemente.

Rodeamos o Calamity's, o bar de meu pai, e fomos a meu prédio logo atrás. Ainda me agarrava ao braço do Garrett quando chegamos ao segundo andar, onde vivia, sem confiar em minhas pernas.

Garrett esperou enquanto tirava as chaves do bolso.

—Vi sua foto — disse, repentinamente sério.

Introduzi a chave na fechadura e virei.

—A do arquivo policial? —perguntei, assumindo que seguíamos falando de Reyes.

—Sim, e umas mais.

Não estranhei, considerando que o destinaram a sua busca e captura.

—Entra? Troco-me rapidamente.

—Escuta, entendo — disse. Seguiu-me e fechou a porta.

—De verdade? Bom, pois menos mal que alguém entende. —Nesse momento, não gostava nada falar de Reyes, e menos com ele, considerando o quanto sua coluna estava inteira. — Tem bebida na geladeira. —Lancei as chaves sobre a bancada e me dirigi ao quarto. — Tudo bem, senhor Wong?

—É sexy, né?

Parei e me virei para ele.

—O senhor Wong?

Olhei a meu perpétuo companheiro de apartamento, aquela presença cinza que adornava o canto de minha sala. Estava ali desde que aluguei o apartamento e, tendo em conta seu direito de antiguidade, não tive coragem de expulsá-lo. Claro que, tampouco saberia como. Em qualquer caso, nunca vi seu rosto. Levitava as vinte e quatro horas do dia, sete dias da semana, de costas para mim, com o nariz enterrado no canto e os pés a escassos centímetros do chão. Parecia um cruzamento entre um prisioneiro de guerra chinês e um imigrante do século XIX.

—Quem é o senhor Wong? —perguntou Garrett.

Não os apresentei.

Todo aquilo era muito novo para Swopes, e pensei que o melhor era introduzi-lo em meu mundo pouco a pouco, dar um tempo prudencial para digerir cada novo dado e reservar o secundário para outro momento. Embora fosse Swopes quem pediu que os apresentasse, de fato, insistiu, assim lá ele.

—O cara morto que vive no canto e minha sala. Embora nunca vi seu rosto, ou ao menos não de frente, assim na verdade não sei dizer se é atraente.

—Ele não — respondeu Garrett, — Farrow. Um momento, tem um cara morto vivendo em seu apartamento?

—Vivendo, vivendo... Além disso, a verdade é que não ocupa muito espaço. Assim falava de Reyes?

—Sim, do Farrow — insistiu, mas olhou para o canto com a extremidade de olho com uma mistura de curiosidade e espanto.

—Sim, é claro que é. —Consultei as mensagens do telefone. — Espera, vai sair do armário?

Um suspiro audível ricocheteou contra a parede ao abrir caminho até meu quarto e fechar a porta. Achei graça.

—Não sou gay, Charley — assegurou, elevando a voz para que ouvisse. — Só tento compreender.

—Compreender o que? —perguntei, embora soubesse de sobra aonde queria parar.

Como podia uma garota como eu misturar-se com um cara como Reyes? Se ele soubesse toda a história... Embora não fosse boa ideia, porque certamente acabaria me prendendo por me apaixonar pelo filho de Satã.

—Olhe, entendo a atração do *bad boy*, mas um assassino condenado?

Surpreendentemente, o óleo não conseguiu impregnar através do tecido do jeans, por isso não precisei tomar banho. Considerando que meu quarto seguia em modo catastrófico, rebusquei em um montão de roupa no chão e encontrei um jeans passável, combinei com um par de botas aos tropeços e me dirigi ao lavabo para me refrescar.

—Acho que deve regar as plantas — comentou Garrett sem baixar a voz.

—Não se preocupe, são falsas.

Supus que se referia as plantas no batente. Era isso ou meu problema com o mofo estava descontrolado

—São falsas? —Ouvi, depois de um bom momento.

—Sim. Tive que fazer parecerem reais. Um pouco de pintura em spray, um pouco de líquido para acendedores e *voilà*^[22]..., plantas secas de mentira.

—Para que precisa de falsas plantas secas? —perguntou.

—Porque se estivessem frescas e viçosas, qualquer um que me conhece saberia que eram de mentira.

—Já... De verdade é essa a razão?

—Pois claro.

Ouvi que alguém batia na porta do banheiro que dava a sala e abri uma fresta.

—Sim? —perguntei ao Garrett, que estava lendo o letreiro.

Esse que dizia Proibida a entrada de gente morta além desta porta. No fim das contas era meu banheiro, meu santuário. Embora o letreiro nem sempre sortisse efeito. O senhor Habersham, o cara morto do 2B, costumava a infringir descaradamente com certa assiduidade.

Estendeu a mão e empurrou a porta.

Eu empurrei pelo outro lado.

—Cara, o que faz?

—Me assegurando que não estou morto.

—Sente-se morto?

—Não, mas me ocorreu que possuía um letreiro que só os mortos podiam ver.

—Como demônios teria um letreiro que só os mortos veriam?

—Bem, é seu mundo — repôs à defensiva, encolhendo os ombros.

Saí do banheiro pronta para voltar a enfrentar o mundo. Ou, ao menos, aquele pequeno canto.

—Olhe, Reyes é meu problema, ok? —falei, enquanto pegava as chaves e me dirigia à porta.

—Neste momento é um fugitivo e, portanto, também é meu problema. Antes ameaçou você?

Precisava afastar Garrett de tudo relacionado com Reyes, e logo. Até onde eu sabia, Reyes nunca machucou um inocente (ao menos não de maneira irreparável, claro), mas não valia a pena arriscar a coluna de Swopes.

—Preciso que me ajude com um caso.

—Bem, mas é que supostamente estou te seguindo.

—Nosso trato ainda segue em pé. —Fechei a porta do apartamento com chave e me dirigi para a escada. — Olá, senhora Allen — saudei, para ouvir o chiado de uma porta no fim do corredor.

—Outro morto? —perguntou Garrett.

—Não, por desgraça — respondi depois de uma breve pausa, com um suspiro profundo.

—O que dizia de nosso acordo? —perguntou quando saíamos pela portaria.

—Já disse, segue em pé. Você investiga o passado de um cara morto que Cookie passeia em seu carro e eu te chamo assim que descobrir onde está Reyes.

Olhou-me mais desconfiado que de costume. E costumava levantar um montão de suspeita.

—Bom, seu corpo, o que seja. O bastardo o escondeu para que não o encontre.

—Farrow escondeu o corpo para que não encontre?

—Sim, isso. Esse safado. E temos que encontrá-lo antes que morra.

Garrett esfregou o rosto com as mãos.

—Não entendo nada.

—Bem. Segue assim. Sua coluna vertebral agradecerá.

Contei do vagabundo de Cookie a caminho do escritório e Swopes anotou a marca, o modelo e o número de chassi quando passamos junto ao veículo no estacionamento. Descobriria quem foram os antigos proprietários enquanto eu investigava o paradeiro de meus dois desaparecidos: Mimi e Reyes. Estava claro que precisava do Angel, mas não me custava nada pedir a Cookie que ligasse em todos os hospitais para comprovar se algum homem ferido (moreno, trinta e poucos, musculoso) ingressou nas últimas horas. Talvez já o encontraram e simplesmente não queria que soubesse. Em qualquer caso, teria que fazê-lo com discrição.

Depois de que Garrett foi, subi ao galope a escada junto ao bar de meu pai, parei antes de entrar no escritório de Cookie para olhar a meu redor e logo entrei com grande sigilo.

Cookie levantou os olhos e levei um dedo aos lábios para que não fizesse ruído. Acostumada aos defuntos aparecem a seu desejo sem visita prévia, ficou muito quieta, olhou ao redor com cautela e depois virou para mim arqueando as sobrancelhas, questionadora.

Sem afastar o dedo dos lábios, me aproximei dela nas pontas dos pés (não sei por que, mas me pareceu o mais indicado) e peguei um papel e uma caneta da mesa. Depois de dar uma nova olhada na sala, escrevi uma nota em que pedia que comprovasse os hospitais, se por acaso Reyes ingressou e entreguei. Nesse momento, ouvi que alguém limpava a garganta a meu lado. Quase pulei pra fora das minhas gogos^{23}, de passagem, dei um grande susto a Cookie no processo, virei e vi Reyes apoiado contra a parede junto a mesa. Droga, era bom de verdade.

—Em gíria? —perguntou, enrugando o belo rosto com incredulidade.

Arranquei a nota das mãos e lancei um olhar de poucos amigos.

—É a única outra língua que conhece.

—E esperava me enganar usando gíria?

Olhei a nota e fiz uma careta. Certamente tive ideias melhores. Virei para ele.

—E agora o que? Também pensa em partir a coluna de Cookie?

Cookie deu um grito afogado e segurei a ponte do nariz com os dedos. Era o último que a pobre precisava ouvir, sobre tudo com o espírito do vagabundo no portamalas.

Reyes se desmaterializou e voltou a materializar-se diante de mim em um abrir e fechar de olhos, evidentemente zangado.

—Quanto isto vai durar, Dutch?

—Quer saber quanto tempo passará até que deixe de te buscar? —Não esperei resposta. — Não sabe o que ocorrerá se o corpo morrer, Reyes. Não vou me dar por vencida.

Senti como a frustração crescia em seu interior, fervia a fogo lento e fervia sob a perfeita superfície. Inclinou para mim, mas antes de que desse tempo de fazer nada,

parou, levou as mãos ao peito e voltou a me olhar, surpreso.

—O que houve? —perguntei, mas em vez de responder, Reyes apertou os dentes e esticou os músculos até que seu corpo alcançou um estado marmóreo, como se esperasse algo.

Então vi. Sua imagem se transformou. Um feridas profundas cruzaram o rosto e o peito e tingiram de sangue imediatamente a camisa esfarrapada. Estava molhado, empapado em um líquido escuro que não pude identificar. Resmungou um grunhido e se dobrou sobre si mesmo.

—Reyes! —gritei, correndo para ele.

Desapareceu no mesmo instante em que nossos olhares se encontraram. Desvaneceu. Coloquei as mãos na boca para parar o grito que lutava para sair. Cookie rodeou a mesa imediatamente e se ajoelhou junto a mim. O inferno que estava passando se refletiu com absoluta clareza em seu semblante. E ainda pretendia que não seguisse buscando-o?

Se fosse necessário, moveria céu e terra até encontrá-lo.

Capítulo 6

*Não hesite em, de repente, cantar em publico a música de Missão: Impossível.
(Camiseta)*

Depois de estacionar meu Jipe Wrangler vermelho cereja^{24}, também conhecido como Misery, à meia quadra dali, voltei a entrar em pleno em modo Missão: Impossível para atravessar o perigoso território entre as fronteiras da zona de guerra sul. As gangues proliferavam nessa área assolada pela pobreza, em que se localizava o manicômio. Inclusive o hospital, abandonado pelo governo nos anos cinquenta, estava nas mãos de uma gangue de motoqueiros conhecidos como os Bandits. A maioria deles pertencia à velha escola e, portanto, suas crenças cimentavam na fé em Deus e no país.

Examinei o perímetro, prestando especial atenção ao quartel dos Bandits, junto ao manicômio, e também conhecido como um antro de perdição rottweiler (os Bandits adoravam os rottweilers), e escalei a cerca o mais rápido que pude. Tudo seja dito, não foi muito rápido. Nos anos que levava esgueirando o território dos Bandits, quase nunca coincidiram com as patrulhas de reconhecimento, que faziam acompanhados de rottweilers. A gangue costumava deixá-los dentro durante o dia. Rezando para que a sorte não decidisse me abandonar, embora sem baixar a guarda, me agarrei à cerca e fui subindo até chegar ao topo, estremecendo cada vez que o metal cravava nos dedos. Os caras faziam aquilo parecer muito fácil. Em vez disso, o que eu realmente gostava era encarar com certa assiduidade a esses mesmos caras que faziam aquilo parecer fácil.

Deixei-me cair do outro lado e parei um segundo para me recuperar, em parte para desfrutar minha própria autocompaixão e em parte para verificar os dedos latejantes que me restavam. Felizmente, todos estavam presentes. Perder um dedo no cumprimento do dever durante a escalada de uma cerca seria bastante patético.

Depois de dar uma nova olhada ao edifício, fui sem perder tempo à janela do porão utilizava desde que a escola para entrar de maneira ilegal no manicômio. Os hospitais abandonados sempre exerceram uma grande fascinação sobre mim. Visitava-os com frequência (também conhecido como invasão de domicílio), pois uma noite descobri por acaso, quando estava com quinze anos. Também conheci Rocket nessa ocasião, uma relíquia da ficção científica dos anos cinquenta, quando as naves espaciais pareciam propulsadas a vapor e os alienígenas eram tão bem-vindos como os comunistas. Rocket era um presságio, conhecia o nome de todas as pessoas que morreram até esse momento, milhões e milhões de nomes armazenados em sua mente infantil. Costumava calhar bem.

Atravessei o vão da janela apoiada sobre a barriga, cai no chão de cimento com um salto mortal e aterrissei de pé no porão. Porque não costumo me rebaixar para as coisas.

As vezes que fiz essa mesma manobra e aterrissei de bunda, com o cabelo

coberto de pó e teias de aranha, não contam. Virei para fechar a janela por dentro. Evitar as faces dos rottweilers era prioritário quando visitava Rocket.

—Senhorita Charlotte!

Dei um coice pela enésima vez essa manhã e fiz um corte no dedo com a fechadura. E ainda ficavam muitas horas por diante. Pelo visto, aquele era o dia de Dar um Susto de Morte em Charley. Deveria saber, teria pedido o prato especial do cardápio.

Girei sobre meus calcanhares e topei com o rosto sorridente do Rocket, que me estreitou entre os braços em um quente abraço, apesar da temperatura glacial de meu assaltante. Ao rir, meu fôlego produziu uma nuvem de vapor.

—Senhorita Charlotte — repetiu.

—É como uma escultura de gelo me abraçasse—comentei, provocando.

Deixou-me no chão, com olhos alegres e vivazes.

—Senhorita Charlotte, voltou.

Afoguei uma risada.

—Disse que voltaria.

—Muito bem, mas agora tem que ir.

Agarrou-me com força pela cintura e de repente me vi propulsada para a janela do porão. A mesma janela que acabava de fechar.

—Um momento, Rocket — disse. Plantei os pés nos lados do batente, me sentindo um pouco ridícula. E muito pronta para um exame pélvico. Não era a primeira vez que me jogavam de um manicômio, mas sim a primeira que Rocket fazia. — Mas acabei de chegar — protestei, empurrando em sentido contrário. Embora, a Virgem, olhe que aquele cara era forte.

—Senhorita Charlotte, tem que ir — repetiu, sem alterar-se.

Grunhi tentando opor resistência.

—A senhorita Charlotte não tem que ir, Rocket. Juro.

Não cedeu um só centímetro e seguiu me empurrando pouco a pouco para a janela, até que meus pés escorregaram e, antes que me desse conta, uma de minhas pernas deslizou para frente e me encontrei imediatamente esmagada contra a diminuta janela.

Nesse momento ouvi o estalo, o som arrepiante do cristal fazendo-se pedacinhos em vez ceder à pressão. Maldição. Se precisasse dar pontos, Rocket pagaria caro. Bom, não literalmente, mas...

Estava fazendo malabarismos para tirar as lascas de cristal velho quando Rocket desapareceu. De repente, precipitei-me contra o chão de cimento e aterrissei sobre um ombro, embora golpeei a cabeça de leve. Uma dor insuportável se estendeu como o napalm^{25} por minhas terminações nervosas. E a seguir adverti que não podia respirar. Essa parte sempre era a que menos gostava.

Rocket apareceu de novo, levantou-me do chão e me ajudou a levantar.

—Está bem, senhorita Charlotte? —perguntou. Bom, agora estava preocupado.

Só podia me abanar, tentando insuflar algo de ar nos pulmões que ardiam. A queda me deixou sem respiração, que não se tratava de um problema potencialmente mortal não estava me ajudando muito a atalhar o pânico que começava a invadir.

Ao ver que não respondia, Rocket me sacudiu, esperou um momento e voltou a me sacudir. Tudo a meu redor ficou impreciso, retornou à normalidade e se apagou de novo, por isso comecei a me perguntar se não estaria sofrendo um ataque por causa do golpe na cabeça.

—Senhorita Charlotte, por que fez isso? —quis saber Rocket, enquanto eu ingeria diminutas porções de ar, embora insuficientes para encher o vazio que me levava a uma asfixia iminente.

—O que? Eu? —repliquei, aos monossílabos. Só precisava me dar uns minutos e em seguida chegaríamos às palavras maiores.

—Por que está cansada?

—Pois não saberia dizer.

Por desgraça, o sarcasmo quase nunca se traduzia na língua de Rocket.

—Nomes novos. Tenho nomes novos — disse, me arrastando escada acima.

Rocket tocava as paredes como se fossem de ouro. Naquilo ocupava suas horas, em gravar, um após o outro, os nomes dos que morreram. Embora o manicômio fosse grande, estava convencida de que acabaria atravessando as paredes de cimento destruídas. No fim ficaria sem espaço. Perguntei-me se o edifício desmoronaria, se desintegraria como as pessoas que a mão do Rocket imortalizou. E se isso acontecesse, o que o grandalhão faria? Aonde iria? Eu o levaria para casa, mas não sabia como o senhor Wong reagiria com um pirralho descomunal obcecado raspando as paredes.

—Acreditava que deveria ir — disse, sentindo que meus pulmões por fim se distendiam.

Parou no último degrau e voltou o olhar para o teto, pensativo.

—Não, não tem que ir. Mas não quebre as regras.

Tentei reprimir uma gargalhada. Rocket era muito exigente com as regras, embora eu as desconhecesse por completo. Além disso, devia descobrir de onde isso de tentar me jogar pela janela. Era a primeira vez que tratou de pôr minhas patinhas na rua.

—Rocket, temos que falar — falei, seguindo-o.

Ele continuou medindo a parede da direita, percorrendo o edifício meio em ruínas.

—Tenho nomes novos. Não deveriam estar aqui, não senhor.

—Sei, querido, e saberei deles imediatamente, mas tenho que te perguntar algo.

Antes que me desse tempo para segurar pela camisa para que diminuísse o passo, voltou a desaparecer e tive que me reprimir para não afundar a cabeça entre as mãos com grande frustração. Rocket levava o TDAH^{26} a um nível completamente novo.

—Senhorita Charlotte. —Ouvi que me chamava do final do corredor. — Não fique atrás.

Segui sua voz, rezando para que o chão meio afundado aguentasse, e me arrependendo de não ter levado uma lanterna.

—Vou. Não se mova de onde está.

—Estes daqui — disse quando cheguei junto a ele. — Todos estes não deveriam estar aqui. Têm que seguir as regras igual aos outros.

Rocket sabia que meu trabalho consistia em ajudá-los a cruzar. Olhei a parede que me indicava e que continha centenas de nomes de dezenas de países distintos. Nunca deixava de me maravilhar até que ponto dominava sua matéria.

Decidi pô-lo a prova, ver o que me contava quando ouvisse o nome sobrenatural (a falta de uma descrição melhor) de Reyes. Embora, primeiro perguntaria por Mimi Jacobs. Precisava me assegurar de que seguia viva.

—Certo, mas antes tenho alguns nomes para você.

Parou e virou para mim. Não havia nada neste mundo que atraísse tão rápido a atenção de Rocket como a menção de um nome. Um brilho alegre, quase ávido, animou seu olhar.

Aproximei-me um pouco mais, reticente a perdê-lo se empreendesse uma das buscas pelos corredores encantados do manicômio.

—Mimi Anne Jacobs. Sobrenome de solteira: Marshal.

Baixou a cabeça e as pálpebras começaram a tremer, como se fosse um sistema de busca registrando até o último canto de sua mente para dar com a informação. Parou e me olhou.

—Não. Ainda não chegou a hora.

Senti um grande alívio e me preparei para perguntar pelo seguinte. Sabia que era inútil fazer mais perguntas ao Rocket a respeito de Mimi, embora não pudesse evitar a suspeita de que guardava algo. Agora, Reyes.

—Rocket — decidi dizer ao fim, colocando uma mão sobre seu braço , — o que sabe sobre Rey'aziel?

Franziu os lábios e ficou imóvel um segundo, talvez dois, até que por fim se inclinou para mim e me disse em voz baixa:

—Ele não deveria estar aqui, senhorita Charlotte.

O mesmo que me respondeu a vez que perguntei por Reyes Farrow. Pelo visto, estava a par de que eram o mesmo.

—Por quê? —perguntei, e dava um pequeno apertão no braço para animá-lo a falar.

Mudou de expressão.

—Senhorita Charlotte, já disse. —Repreendeu-me com uma carranca, muito parecida com um bico. — Nunca deveria ter sido um menino chamado Reyes. É Rey'aziel. Nunca deveria ter nascido.

Isso também ouvi.

—Rocket, seu corpo humano segue vivo?

Mordeu os lábios, dando voltas, antes de responder.

—O menino Reyes segue aqui, mas quebrou as regras, senhorita Charlotte. As regras não se rompem — insistiu, balançando um dedo a modo de advertência.

De novo respirei aliviada. Aterrava-me que o corpo de Reyes falecesse antes de encontrá-lo. Só ideia de perdê-lo me paralisava.

—Os marcianos não podem converter-se em humanos só porque querem beber nossa água — acrescentou.

—Então Rey'aziel queria nossa água?

Tentava desentranhar suas metáforas, mas não era fácil. Nada que tivesse que

ver com Rocket era.

Cravou em mim seus olhos infantis e ficou olhando um bom momento antes de responder.

—Ainda a quer — respondeu enquanto me acariciava a bochecha com os dedos. — Mais que o ar.

Respirei fundo. Eram estranhas às vezes que Rocket parecia tão lúcido, tão racional. Tão poético.

—Reyes me disse uma vez que nasceu por mim, para estar comigo. É isso o que te assusta, Rocket? Acaso teme por mim?

—É Rey'aziel, senhorita Charlotte. Claro que temo por você. Temo por todos.

Bom. Aquilo não pintava bem. Ajeitei os ombros e o olhei.

—Rocket, sabe onde está seu corpo?

Sacudiu a cabeça e estalou a língua.

—Não pode quebrar as regras.

—Que regras, Rocket?

Pode ser que a chave estava nas regras que, pelo visto, Reyes quebrou. Era consciente de que agarrava um prego ardendo, mas sem a ajuda do Angel, aquilo era melhor que nada.

—Em casa você não brinca de esconde-esconde.

—Em que casa? —perguntei, um tanto desconcertada pela resposta.

Reyes estava escondendo o corpo. Era essa brincadeira de esconde-esconde que Rocket se referia?

Ficou imóvel e baixou os olhos, como se sentisse algo. De súbito, colocou uma mão sobre minha boca e me empurrou contra a parede. Continuando, inclinou-se para mim e olhou ao redor com os olhos exagerados pelo medo.

—Chiss — vaiou . — Está aqui.

Nesse momento, senti. A temperatura da sala disparou, carregada de eletricidade estática, como se estivesse incubando uma tormenta entre as paredes. Com um violento bater de asas, a escuridão implodiu ao redor e formou redemoinhos em nuvens de obsidiana^{27} no meio do Armagedon. Nesse momento se materializou, embora se manteve sob proteção da capa, com o rosto escondido entre as sombras, fora da vista.

Sim, é claro que sim. Estava furioso.

Afastei a mão de Rocket de minha boca e me aproximei dele.

—Reyes, espera...

Antes que tivesse tempo de dizer mais, ouvi o assobio de algo metálico ao desencapá-lo, e fiquei sem fôlego ao compreender que pretendia usar a espada em Rocket.

—Não, Reyes — falei, me interpondo entre Rocket e a lâmina quando começara a desferir.

Cortou o ar como um tiro e afundou um dedo em meu lado esquerdo. A dor foi instantânea, mas sabia que não haveria sangue. Reyes matava com a habilidade de um cirurgião, embora de dentro para fora. Nunca havia traumatismos externos. Nunca ficavam provas de que cometeu um crime. Somente um corte preciso e tão limpo, tão

perfeito, que conseguia enganar os melhores médicos (ou forenses, dependendo do resultado) do país.

Tive a impressão de que o tempo parou quando baixei os olhos para a lâmina e vi os fios cortantes, os ângulos ameaçadores. Suspendia-se paralela ao chão, afundada em meu corpo apenas uns centímetros, lançando brilhos ofuscantes.

Reyes retirou-a com brutalidade e embainhou no interior da capa enquanto eu tropeçava até a parede, sentindo que meu coração avançava a tropicões. Jogou o capuz para trás com gesto preocupado e inclinou para mim como se fosse me agarrar. Dei um empurrão e virei, mas Rocket desaparecera. Voltei-me para Reyes. A raiva que sentia ante aquela demonstração de excessiva ignorância estava alcançando cotas desconhecidas até então.

—Parece que ultimamente você deu para ferir as pessoas.

A constatação daquele fato conseguiu expor tudo o que acreditava saber sobre ele. Cheguei a pensar que era justo, nobre e claro, mortífero, mas no bom sentido.

—Ultimamente? —perguntou, incrédulo. — Levo bastante tempo salvando sua pele, Dutch.

Aquilo era certo. Mais de uma vez salvou minha vida. Mais de uma vez machucou quem pretendia me fazer mal. Entretanto, essa pessoa sempre, sempre, era responsável por algo espantoso.

—Não pode ir por aí matando e machucando as pessoas porque quer. Já sei que seu pai não te ensinou...

Deu as costas com um grunhido e a capa desvaneceu. O ardor da ira me envolveu com a violência de uma labareda.

—E a que pai você se refere? —perguntou sem alterar-se, ofendido por tê-lo confrontado.

No inferno era um general. Conduziu os exércitos do pai à batalha e as consequências foram inimagináveis. Conseguiu fugir e nascer na Terra. Por mim. Entretanto, a vida que imaginou (em que crescíamos juntos, íamos ao colégio e à universidade juntos e tínhamos filhos juntos) ficou reduzida aos retalhos de um sonho quando o raptaram criança e acabou em mãos de um monstro chamado Earl Walker, o homem ao que assassinou e pelo qual foi preso. A vida que levou na Terra, os abusos aos que se viu submetido, só podia descrever-se como trágica.

Aproximei-me um pouco mais.

—Sinto muito. Não era minha intenção mencioná-los.

Voltou à cabeça para me olhar por cima de ombro robusto, com músculos tensos sob o peso das lembranças.

—Tem que deixar de me procurar.

—Não — disse, com um fio de voz.

Um instante antes de voltar a me dar as costas, seus lábios esboçaram um leve sorriso, que não refletiu nos olhos.

—Fica muito pouco tempo para meu corpo. Não aguentará muito mais.

Meu coração encolheu ao pensar.

—Estão te torturando? —perguntei, respirando com dificuldade.

Reyes contemplou o trabalho de Rocket, elevou uma mão e passou os dedos por

cima de um nome. Os traços da tatuagem ondularam com o movimento.

—Sem piedade.

Não consegui deter a ardência dos olhos quando as lágrimas começaram a concentrar-se em minhas pestanas.

De repente, plantou-se diante de mim.

—Não — me advertiu com voz cortante, — nem pense em sentir pena de mim. Nunca.

Retrocedi uma vez mais para a parede, cambaleante. Seguiu-me. Muito melhor. Era mais fácil zangar-se com ele quando se comportava como um idiota. Entretanto, o tímido toque dos dedos me pegou despreparada, e embora fingisse me acariciar, me seduzir, na verdade não fazia mais que verificar a ferida que acabava de infligir, com ternura, com delicadeza curadora.

—Por que fez mal a Pari? —perguntei, surpresa ainda que fosse capaz de tanta doçura e, ao mesmo tempo, tanta crueldade.

Separou-se da parede.

—Eu nunca fiz mal a sua amiga. Nem sequer sei quem é.

Pisquei, desconcertada.

—Mas se te invocou!

—Ela disse isso?

—Sim. Disse que invocou Rey'aziel em uma sessão de espiritismo.

Reyes riu com aspereza.

—Sua amiga acha de verdade que fui a sua chamada, como se fosse um cão?

—Não, não tem nada a ver com isso.

—Um grupinho de adolescentes descerebradas não pode me invocar brincando de lendas urbanas. Só há uma pessoa na Terra que pode — assegurou, me olhando fixamente.

Referia-se a mim? Podia invocá-lo?

—Ou seja, não foi você?

Não respondeu, limitou-se a sacudir a cabeça.

—Então, você não a machucou?

Hesitou uns instantes e ficou olhando um longo momento.

—Sabe o que é o que acho mais interessante?

Aquilo era uma armadilha. Cheirava a uma.

—O que?

—Que de verdade ache que sou capaz de machucar alguém inocente porque quero.

—Não é assim? —perguntei, animada pela esperança.

—Sim, é claro que sim, disso e muito mais, mas não sabia que você fosse consciente disso.

Bem, estava ressentido. Eu o peguei.

—Materia Rocket? É possível?

—Já está morto, Dutch.

—Então...

—Só queria assustá-lo um pouco para se esconder em algum lugar por um

tempo. Isso é bom.

—Ah, você também é cruel — comentei em voz alta, com total naturalidade.

Circulou meu pescoço com os dedos longos e elevou meu queixo com o polegar. O calor era escaldante.

—Era general no inferno. O que você acha?

—Acredito que está fazendo todo o possível para me convencer de que é mau.

Sorriu.

—Passei séculos no inferno. Sou o que sou. Se fosse você, tiraria essas lentes rosa e meditaria o que pretende salvar. Deixa que meu corpo mora.

—Por que não acaba com ele você mesmo? —perguntei. Começava a ficar impaciente. — Por que não põe fim de uma vez? Por que permite que o torturem?

—Não posso — confessou, baixando a mão. Esperei em silêncio que prosseguisse. Apertou os dentes, visivelmente frustrado. — Vigiam meu corpo. Não deixam que me aproxime.

—Os demônios? Quantos são?

—Muitos, nem você conseguiria se encarregar.

—Bem, então quantos são? Dois? —perguntei. Não imaginava me encarregando de um sequer.

—Se conseguem me levar com eles, terá que descobrir do que é capaz, Dutch, e será melhor que seja logo.

—Por que não me diz e assim economizamos tempo?

Sacudiu a cabeça. Claro.

—Seria como dizer a um pintinho que pode voar antes de tentar abandonar o ninho. Tem que fazê-lo, tem que saber de maneira visceral que é capaz. Por instinto. Se voltar, se me levarem com eles quando meu corpo morrer, estará sozinha, e sim, acabarão a encontrando.

Merda, Merda, Merda.

Rocket se foi e era impossível saber quando voltaria. Em uma ocasião, estive dois meses sem ver seu cabelo, e isso que aquele incidente não teve nada a ver com Reyes. Não possuía nem a mais remota ideia de quanto tempo permaneceria escondido desta vez.

Retornei junto ao Misery e pedi reforços, com os lábios ardendo por culpa do beijo escaldante que Reyes deu antes de desaparecer. Continuando, entrei em contato com Cookie.

—Nada no momento — anunciou, me pondo ao dia sobre o que descobriu ou, melhor dizendo, o que não descobriu.

—Tudo bem, siga investigando. Depois daqui, verei Warren. Ligue se descobrir algo interessante.

—Não se preocupe.

Taft, um agente que trabalhava com meu tio, estacionou o carro patrulha atrás de mim quando fechei o telefone. Um casal de crianças do bairro ficou olhando com sorriso pateta, imaginando que me meti em uma confusão. Poucas eram as crianças por ali que têm um grande apreço pela polícia. Era difícil sobrepor-se à lembrança de

uns homens uniformizados levando um de seus pais no meio da noite por uma briga doméstica.

Saí enquanto Taft recolocava a boina e se dirigia a mim, olhando ao redor se por acaso havia qualquer tentativa de agressão. Usava um uniforme preto recém passado e caminhava com porte militar, mas não era a pessoa que queria ver.

—Olá, Taft — saudei, encerrando as formalidades antes de me dirigir ao fantasma da menina de nove anos que pisava seus calcanhares, também conhecida como Menina Demônio. — Olá, pumpkin^{28}.

—Olá, Charley — respondeu com voz doce, como se não fosse a encarnação do mal.

Igual ao diabo, Menina Demônio possuía muitos nomes. Menina Demônio sem ir mais longe, mas também estava Feto Infernal de Satã, Olho Direito de Lúcifer, Moranguinho ou, para abreviar, uma de minhas favoritas, TF, que coincidia com “Toda uma Fera”. Era a irmã pequena de Taft e faleceu quando eram uns pirralhos. Taft tentou salvá-la de morrer afogada e passou uma semana no hospital com pneumonia, consequência disso. Ela não o abandonou depois. Até que me encontrou. E tentou tirar meus olhos sem motivo.

A primeira vez que nos vimos, sentava no assento traseiro do carro patrulha de Taft, que recolheu na cena de um crime para me levar a casa. Moranguinho acreditou que estava interessada em seu irmão, chamou-me puta asquerosa e tentou me deixar cega. Aquilo me marcou.

Deu uma olhada atrás, o longo cabelo loiro caindo alvoroçado sobre o rosto, olhou o manicômio meio em ruínas e cruzou os bracinhos com cara irritada.

—O que faz aqui?

—Perguntava-me se poderia fazer um favor.

Virou para mim e enrugou o nariz, como se estivesse considerando seriamente.

—Claro, mas em troca você tem que fazer outro.

—Ah, sim? — falei, me apoiando com parcimônia no Misery. — O que quer?

—David está saindo com alguém.

—Veremos — murmurei, fingindo que me importava. — Enfim, quem é David?

Revirou os olhos como só meninas de nove anos sabiam.

—Meu irmão? David Taft? — respondeu, apontando com o polegar.

—Ah! Esse David — disse. Olhei-o e dei uma risadinha tola, um pouco exagerada.

—O que? — perguntou ele.

O ignorei.

—É feia de matar, usa muito batom e a roupa muito apertada.

—Não me diga que é uma prostituta?

Olhei-o com desaprovação. Taft levantou as mãos, em atitude defensiva.

—O que?

—De luxo — respondeu Moranguinho, confirmando minhas suspeitas. Levantou um dedo. — Tem que falar com ele. Essa vadia ficou a noite toda. De verdade.

Franzi os lábios e cruzei os braços, os punhos fechados, esperando não ter uma hemorragia interna por culpa de Reyes. Eu pouco gostava das hemorragias internas. Se precisava sangrar, queria vê-lo, assim ao menos poderia desfrutar daquele ato

heroico.

—Deixe em minhas mãos. —Depois de dirigir ao Taft um olhar reprovador, que respondeu com outro um tanto furioso, expliquei a Moranguinho por que a necessitava. — Enquanto seu irmão e eu temos um bate-papo, importaria de entrar aí e procurar uma menina?

Taft e Moranguinho olharam o edifício com idêntica desconfiança.

—Esse lugar é assustador — disse Moranguinho.

—Não dá nada a temer — menti. Como uma malvada. O que podia dar mais medo que um manicômio abandonado onde, segundo a lenda, os médicos faziam experimentos?. — Aí dentro vive um homem muito bom chamado Rocket, com sua irmã. É menor que você.

Nunca vi direto à irmã de Rocket, mas ele sempre assegurava que estava lá. Pelo visto, morreu de pneumonia durante o Dust Bowl^{29}, o período de grandes secas que assolaram o país nos anos trinta, e pelo que me disse, eu calculava que a menina não teria mais de cinco anos.

—Chama-se Rocket? —perguntou, começando a rir.

—Sim. Falando do assunto... — Me inclinei para ela. — Quando estiver ali dentro, olhe se pode descobrir como se chamava de verdade.

Apesar de ter consultado até o último histórico que encontrei no manicômio, ainda não consegui informação confiável sobre o passado de Rocket. Pelo visto, aquele não era seu verdadeiro nome.

—Certo.

—Espera — falei, um microssegundo antes que desaparecesse. — Não quer saber para que entra?

—Para encontrar essa menina pequena.

—Sim, mas preciso certa informação, se é que pode facilitar isso. Quero saber se pode me dizer onde está o corpo de Reyes. Seu corpo humano. Lembrará?

Voltou a cruzar os braços antes de me soltar: “o que você acha?”.

E desapareceu.

Chiei os dentes, convencida de que Moranguinho era um castigo de Deus por todas as margaritas a mais que tomei na quinta-feira de noite, por culpa dos quais acabei dançando uma desafortunada versão do Hokey Pokey^{30} em cima de uma mesa.

Taft manteve a posição firme, sem tirar os olhos do edifício, enquanto eu me refestelava sobre o Misery e apoiava uma bota no estribo.

—Ouça — falei, tentando atrair sua atenção, — sua irmã diz que a mulher com quem está saindo é uma prostituta.

Voltou-se imediatamente, escandalizado.

—Não é uma prostituta. Bom, bem, claro, é uma prostituta, por isso sai comigo, mas como sabe?

Encolhi os ombros, atônita.

—Cara, não tenho nem a menor ideia se sua namorada é uma prostituta.

—Não, falo de Becky. Como sabe que estou saindo com alguém?

Levantei as mãos.

—Talvez, se soubesse quem é Becky...

Ficou olhando, boquiaberto.

—Minha irmã.

—Ah! Claro! —limitei-me a dizer, para não seguir dando fora.

Quem diria que Menina Demônio possuía um nome tão comum? Esperava algo exótico como Serena ou Destiny ou a Reencarnação do Mal que nos Visita de Noite para nos deixar Rígidos.

O rádio de Taft balbuciou algo que me resultou completamente incompreensível. Enquanto ele se dirigia ao carro patrulha para falar em particular, meu telefone tocou. Era Cookie.

—A Casa da Dor Agonizante ^{31}de Charley, diga.

—Janelle morreu em um acidente de trânsito.

—Bem, sinto muito. Eram muito próximas?

—Janelle, Charley —disse Cookie, bufando. — Janelle York? A amiga de escola de Mimi, a que morreu recentemente?

—Ah, claro — falei, me limitando de novo ao seguro. Parece que estava fazendo muito isso ultimamente. — Um momento, em um acidente de trânsito? Mimi disse ao Warren que Janelle foi assassinada.

—Exato. Segundo o relatório médico, estava doente. Acreditam que desmaiou no volante e que bateu num barranco junto ao I-25, mas foi classificado como morte por acidental.

—Então por que Mimi diria que a assassinaram?

—Estava com medo — aventurou Cookie.

—E talvez esteja relacionado com nosso vendedor de carros de segunda mão assassinado.

—Jogo o que quiser que sim. Acredito que deveria voltar a falar com Warren o quanto antes e descobrir por que brigou com um homem poucos dias antes que o encontrassem morto.

—Leu minha mente, baby. Estou completamente de acordo.

—É Cookie?

Moranginho apareceu a meu lado. Fechei o telefone e a olhei.

—A mesma. Que rápida. Encontrou à irmã de Rocket?

—Pois claro.

Impressionante. Sempre me perguntei se aquela menina existia de verdade ou só era um produto da imaginação do Rocket. Esperei mais informação. Uma eternidade.

—E... o que te disse?

—Ela é azul.

Azul? Bem, ela morreu de pneumonia. Talvez a falta de oxigênio a deixou azul.

—Bem, e que mais?

Voltou a fazer aquilo de cruzar os braços. Se não fosse tão bonitinha, seria irritante.

—Não vai gostar.

—Sabe onde está o corpo de Reyes?

—Não. Foi procurar. Mas disse que Rey'aziel não deveria ter nascido na Terra.

—Isso me disseram.

—É muito poderoso.

—Sim, isso também não é novo.

—E se seu corpo humano morrer, se transformará naquilo para o que foi criado nas chamas do inferno.

Bem, isso não sabia.

—O que seria...? —perguntei, com certo receio, temendo o pior.

—A arma definitiva — respondeu, como se estivesse pedindo uma casquinha de sorvete na sorveteria. — O portador da morte.

—Vá, Merda.

—O anticristo^{32}.

—Maldição.

—É mais poderoso que qualquer anjo ou demônio que já existiu. Pode manipular o contínuo espaço-tempo e provocar a destruição da galáxia e de tudo o que contém.

—Claro, o safado — falei, levantando a mão para que não seguisse.

Era como se de repente tivesse ficado sem ar. Não podia ficar calada, não, precisava perguntar. E não poderia ter sido algo irrelevante, algo que não levaria a destruição do mundo. Não, claro, não. Precisava ser apocalíptico e aterrador. Enfim, pequena merda. Não fazia ideia de como enfrentar aquilo. Entretanto, encontrar o corpo de Reyes se tornou imperativo.

—Descobriu muitas coisas nestes cinco minutos.

—Acho que sim — respondeu, encolhendo os ombros.

Troquei de marcha, coloquei ponto morto e finalmente liguei a direta para a negação antes de voltar a me concentrar em Moranguinho.

—Bom, descobriu o verdadeiro nome de Rocket?

—Sim — respondeu, passando os dedos pela manga de meu pulôver. Era um pouco inquietante.

Esperei. Uma eternidade.

—E?

—E o que?

—O nome de Rocket.

—O que houve?

Respirações profundas. Calmantes respirações profundas.

—Pumpkin — disse, com calma e inspirando profundamente, — como se chama Rocket?

Olhou-me como se fosse louca.

—Rocket, como se chama?

Voltei a apertar os dentes. Se não fosse por seus enormes olhos inocente e a careta de sua boquinha perfeita, a teria exorcizado ali mesmo. Bom, se soubesse como. Baixei a cabeça e brinquei com um fio solto do jeans.

—Está bem?

Encolheu os ombros.

—Sim, ele é apenas um pouco assustador.

Merda. Olhe que Reyes podia chegar a ser um cabeçudo. Malditos anticristos.

Um pensamento surgiu.

—Bem, e como se chama sua irmãzinha?

A menina ficou boquiaberta e me olhou com cara de poucos amigos.

—Não me escuta?

Que demônios fiz agora?

—O que?

—Já disse. Chama-se Blue.

—Ah, sim?

Assentiu.

—Chama-se Blue?

Cruzou os braços (de novo) e assentiu uma vez mais, devagar, para que eu entendesse.

—E não terá um sobrenome por acaso?

Que esperta que era.

—Sim. Bell.

Suspirei. Outro pseudônimo.

—Como Blue Bell, né?

Enfim, estava claro que com aquilo não ia a nenhum lugar. Rocket e Blue Bell. Genial. Não, um momento. Agora havia um Rocket, uma Blue Bell e um suposto anticristo. Não podia dizer que a vida na Charleylandia não fosse interessante.

—Bom, e por que Blue Bell não sai e assim nos conhecemos? —perguntei, um pouco ressentida.

—Fala sério? —Olhou-me como se fosse metade idiota, metade imbecil. — Porque se tivesse morrido e quisesse ficar na Terra para estar com seu irmão toda à eternidade, quereria conhecer a única pessoa em todo o universo que poderia te enviar ao Além?

Estava certa.

Enquanto isso Taft, terminou de falar por rádio e retornou a nós.

—Está aqui? —perguntou, e olhou ao redor.

Sempre olham ao redor. Não sei muito bem por que.

—Em carne e osso — respondi . — Metaforicamente falando.

—Segue com raiva de mim? —quis saber, levantando uma nuvem de pó ao dar um pequeno chute no chão.

Se não estivesse em estado de choque com o Apocalipse pendente, começaria a rir ao ver que Moranguinho fazia o mesmo, embora seus chinelos rosa minúsculos chutaram o chão sem levantar nenhuma nuvem.

—Não estava com raiva — assegurou . — Mas preferiria que deixasse de sair para jantar com garotas feias. —Antes que pudesse dizer alguma coisa, estendeu a mão e entrelaçou os dedos com meus. — Deveria levá-la para jantar.

Dizer que pensar me horrorizou, seria um eufemismo grave. Consegui reprimir uma náusea e voltei a engolir a bÍlis, tentando não fazer uma careta.

—Não está zangada de verdade — disse ao Taft quando me recuperei. Inclinei-me para ele para falar no ouvido. — Pelo amor de Deus, encontre uma garota que possa levar a casa de sua mãe. E logo. Peço por favor.

—Tudo bem — disse, completamente desconcertado.

—E pare de namorar vadias.

Capítulo 7

*Parei de lutar contra meus demônios internos. Agora estamos no mesmo lado.
(Camiseta)*

Depois de mostrar minha identificação no balcão, entrei na delegacia de polícia, onde levaram Warren Jacobs para interrogá-lo, e vi Ubie na outra ponta de muitas mesas. Por sorte, só um par de homens uniformizados me avistou. À maioria dos polis não gostava que invadisse seu território. Em parte por ser a arma secreta do Ubie e resolvia casos antes deles, e em parte por estarem convencidos de que era um inseto estranho. Nenhuma das duas coisas me preocupava excessivamente.

O código de conduta dos polis se apoiava em uma estranha mistura de normas e arrogância, mas há muito aprendi que precisavam de ambas para sobreviver em uma profissão tão perigosa. As pessoas piravam.

Ubie falava com outro inspetor quando me aproximei dele. Menos mal que no último momento lembrei que seguia brava com ele por colocar vigilância, porque estive a ponto de sorrir.

—Ubie — disse com uma voz que pendurava pedaços de gelo.

Longe de deixar-se impressionar por minha frieza, riu ironicamente, assim fui para matar.

—Não seria mal cortar esse bigode — comentei, franzindo o cenho.

Seu sorriso desvaneceu e tocou o bigode um pouco envergonhado. Fui um pouco dura com ele, mas era necessário que soubesse até que ponto levava a sério minha política de não vigilância. Não apreciava precisamente sua indiferença para meu direito à intimidade. E se tivesse alugado um filme pornô?

O outro inspetor fez um leve gesto com a cabeça de saudação antes de afastar-se, lutando por reprimir o sorriso curvava os lábios.

—Posso vê-lo? — perguntei.

—Está na sala de observação um, esperando o advogado.

Caminhei para lá, tomando sua resposta como um sim.

—Certamente, é inocente — falei, girando a cabeça ligeiramente por cima do ombro, mas sem acabar de virar.

—Só diz isso porque está zangada, certo? — perguntou, quando entrava na sala.

Deixei que a porta se fechasse atrás de mim sem responder.

—Senhorita Davidson — disse Warren, levantando para apertar minha mão.

Seu aspecto sofreu uma notável piora da última vez que o vi na cafeteria. Vestia o mesmo traje escuro, afrouxou o nó da gravata e levava o primeiro botão da camisa desabotoado.

—O que é que não me contou? — perguntei enquanto me sentava diante dele.

—Não matei ninguém — insistiu profundamente abatido, incapaz de conter o tremor das mãos.

Os culpados também costumavam ficar nervosos durante os interrogatórios,

embora por razões diferentes. Quase sempre tentavam inventar uma história que fosse acreditável, um alibi que não deixasse nenhum cabo solto e que aguentasse em um julgamento. Warren estava nervoso porque acusavam de cometer não um, mas dois crimes, quando não era responsável por nenhum.

—Não o ponho em dúvida, Warren — assegurei em tom firme. Não me disse toda a verdade e queria saber por que. — Entretanto, discutiu com Tommy Zapata uma semana antes que o matassem.

O homem afundou a cabeça entre as mãos. Sabia que tio Bob estava nos espiando. Levou Warren a uma sala de observação sabendo de que iria vê-lo, mas se esperava que tirasse uma confissão, ficaria com vontade.

—Olhe, se soubesse que o encontrariam morto, jamais teria discutido com ele. Ao menos não em público.

Bom, ao menos era preparado.

—Por que não me conta o que aconteceu?

—Mas já o fiz — insistiu com voz entrecortada e certo desassossego. — Conteí que acreditava que Mimi estava tendo uma aventura. Mudou muito e estava tão distante, tão... estranha, que um dia decidi segui-la. Comeu com ele, com um vendedor de carros usados, e acreditei que... soube que estava tendo uma aventura.

—Houve algo em particular que chamou atenção? Algo que o levasse a acreditar isso?

—Comportou-se de um modo muito diferente ao habitual, quase hostil com ele. Ainda não serviram a comida, quando levantou para ir. Ele tentou segurá-la. Inclusive a agarrou pela mão, mas ela escapou como se desse nojo. Ele ficou em pé e cortou seu caminho quando Mimi pretendia dirigir-se à porta. Foi então quando soube que tudo era certo.

Foi como se o mundo desabasse cima dele ao recordar a cena e afundou no assento.

—Por quê? — perguntei, reprimindo o impulso de tomar a mão. — Como soube?

—Ela o esbofeteou. — Voltou a enterrar o rosto e prosseguiu sem afastar as mãos de diante do rosto. — Jamais esbofeteou ninguém em toda a vida. Parecia uma briga de apaixonados.

No fim, toquei-o no ombro e ele me olhou. Estava com olhos úmidos e avermelhados.

—Depois que Mimi se foi — continuou, — segui-o até a concessionária e o enfrentei. Não quis me explicar o que ocorria, mas me aconselhou que não perdesse Mimi de vista porque poderia estar em perigo. — As lágrimas umedeceram as pestanas e esfregou os olhos com uma mão enquanto fechava a outra em um punho. — Sou tão soberanamente tolo, senhorita Davidson.

—Não diga isso, você não é tolo.

—Sim, sou sim — insistiu, me dirigindo um olhar tão carregado de desespero que foi difícil respirar sob seu peso. — Acreditei que estava ameaçando-a. Sério, como se pode ser tão idiota? Ele tentava me advertir de que algo acontecia, que escapava a meu controle, e não pensei em nada mais que gritar. Disse de tudo, desde que faria uma acusação e até que o mataria. Deus, o que fiz?

Em seguida compreendi que Warren precisaria de duas coisas: um bom advogado e um bom terapeuta. Pobre homem. A maioria das mulheres mataria por alguém que demonstrasse tanta devoção.

—Que mais sabe dele? —perguntei.

Certamente investigou um pouco sobre o passado daquele cara.

—Nada. Ou não muito.

—Certo, me conte o que sabe.

—Já disse, Mimi desapareceu justo depois que o enfrentei — disse, encolhendo os ombros, consumido em desespero. — Não sei muito mais.

—E acreditou que fugiu com ele?

Os nódulos do punho fechado ficaram brancos.

—Já disse que não pensava com clareza.

Quase podia ouvir o chiar dos dentes, tratando de reprimir o intenso desprezo que sentia por si mesmo.

—Descobriu de onde se conheciam?

—Sim — admitiu, depois de um longo suspiro, — foram juntos a escola.

Os alarmes da combinação ganhadora de uma caça níqueis ressoaram em minha cabeça. Escola pequena.

—Warren, não vê? — falei, obrigando-o a prestar atenção. O homem franziu o cenho, desconcertado. — Duas pessoas que foram à escola com sua mulher morreram e ela desapareceu.

Piscou, até que pouco a pouco iluminou o olhar.

—Algo aconteceu — insisti . — Sua mulher costumava falar da escola?

—Não — respondeu, como se tivesse encontrado a resposta curinga a todas as perguntas.

—Merda.

—Não, não é isso. Nunca falava da Escola Ruiz, que esteve antes de mudar-se a Albuquerque. Não queria. Perguntei pela razão em algumas ocasiões; uma dessas vezes inclusive peguei um pouco pesado e ela se zangou tanto que esteve toda uma semana sem falar.

Inclinei-me para frente, esperançosa.

—Alguma coisa aconteceu ali, Warren. Prometo, descobrirei do que se trata.

Tomou minha mão entre as suas.

—Obrigado.

—Mas se morrer na tentativa — acrescentei, assinalando-o com um dedo, — dobrarei meus honorários.

Um sorriso minúsculo suavizou a expressão.

—Tudo bem.

Quase dávamos por terminada a conversa quando seu advogado entrou pela porta. Ficaram falando em voz baixa, por isso me desculpei e me dirigi para o falso espelho, para o que me inclinei ligeiramente e sorri.

— Eu disse — murmurei, assinalando minhas costas com o polegar por cima do ombro, — inocente. Isso te ensinará a me vigiar.

Que divertido era vingar-se.

Depois de levar uma foto ao Chocolate Coffee Café e não obter nenhum resultado (ninguém se lembrava de ver Mimi a noite anterior) brinquei um pouco com Brad, o cozinheiro, e retornei imediatamente ao escritório. Cookie saiu cedo para comer com Amber. Cada vez que sua garotinha de doze anos passava um tempo com o pai, Cookie insistia em levá-la para comer fora, embora fosse uma vez, preocupada se por acaso não passou bem. Nesse momento, percebi que, nos dois anos que nos conhecíamos, nunca me apresentou seu ex, o que era muito estranho. Nem sequer sabia como parecia, embora Cookie costumasse falar dele. Quase sempre mal, às vezes nem tanto e outras dizia maravilhas.

Meu pai estava no bar quando desci para comer jogou a toalha a Donnie, o barman nativo americano de peitorais de morte e um cabelo azeviche que qualquer mulher teria vendido à alma. Entretanto, quase sempre tínhamos pontos de vista muito diferentes. Sobre tudo porque era muito mais alto que eu.

Meu pai abriu caminho entre o labirinto de mesas até chegar à minha. Era meu lugar preferido, um dos cantos mais escuros do bar, de onde podia observar todo mundo sem que ninguém me visse. Não me entusiasmava que me olhassem. A não ser que fosse alguém de mais de um metro oitenta, com um senhor corpo e um sorriso sedutor. E que não fosse um assassino em série. Isso sempre ajudava.

O homem seguia sem recuperar o tom. Os vivos matizes azulados que costumavam salpicar a aura que o envolvia se tornaram opacos e cinzentos. Só o vi assim uma vez, durante a investigação de uma série de casos horripilantes sobre crianças desaparecidas, quando ainda era inspetor da polícia. De fato, não me deixou participar devido à atrocidade. Estava com doze anos na época e poderia dizer que então já vira tudo, mas mesmo assim se negou que o ajudasse.

—Olá, pumpkin — saudou, esboçando aquele sorriso falso que não contagiava seu olhar.

—Olá, papai — respondi, imitando-o.

Trazia consigo respectivos sanduíches de presunto e queijo com pão integral, justo o que gostava nesse momento.

—Yum, obrigada.

Olhou satisfeito quando mordeu, seguiu me olhando enquanto mastigava e engolia, e ainda seguia sem tirar o olho de cima quando acompanhei com um gole de chá gelado para que descesse melhor.

Deixei o sanduíche e me virei para ele.

—Bem, isto começa a me dar medo.

Riu, compreendendo o ridículo da situação.

—Desculpa. É que... cresce muito rápido.

—Cresço? — Tossi na manga antes de prosseguir. — Acredito que já estou bastante crescida. — Tem razão — admitiu, mas seguia distraído. Como se estivesse em outro tempo. Em outro lugar. Depois de um tempo, voltou para a realidade e ficou sério. — Querida, há algo mais a respeito das suas habilidades que não me contou?

Dei outra mordida no sanduíche e o olhei com o cenho franzido, intrigada.

—Já sabe, coisas. Sabe... fazer coisas?

Não fazia nenhuma semana que o marido perturbado de uma cliente tentou me matar. Reyes salvado minha vida. De novo. E fez como já era característico nele: apareceu do nada e cerceou a medula espinhal com um fulminante talho. Considerando que não era a primeira vez que ocorria exatamente o mesmo (que as colunas vertebrais de certos delinquentes apareceram partidas sem sinal externo de traumatismo nem explicação médica), temi que meu pai começasse a atar cabos.

—Coisas? —perguntei, com ar inocente.

—Bom, por exemplo, o homem que te atacou a semana passada.

—Mmm... — murmurei, dando uma nova mordida ao sanduíche.

—Fez...? Pode...? É capaz de...?

—Eu não o toquei, papai — assegurei, depois de engolir. — Já disse isso, havia outro homem e foi ele quem o lançou contra a cabine do elevador. O impacto deve...

—Ok — me interrompeu, sacudindo a cabeça. — Isso... já me contou isso. Mas é que o forense disse que é impossível.

Levantou o olhar para mim e me olhou fixamente com aqueles profundos olhos castanhos.

Deixei o sanduíche no prato.

—Papai, de verdade acha que sou capaz de machucar alguém?

—Não, já sei que é um doce — se retratou, como se lamentasse.

Um doce? E aquele homem dizia que me conhecia?

—Eu só... me perguntava se havia algo mais...

—Trouxe a sobremesa.

Ambos voltamos à cabeça para minha madrastra, que arrastou uma cadeira junto a meu pai e plantou o traseiro no assento depois de deixar uma caixa branca sobre a mesa com supremo cuidado. Saltava aos olhos que foi ao cabeleireiro e fez as unhas fazia pouco. Cheirava a tinta e esmalte. Nunca deixava de me perguntar o que meu pai via naquela mulher, como era possível que estivesse tão cego como outros por aquela aparência externa tão cuidada. Quem a conhecia (ou acreditavam conhecê-la) dizia que era uma Santa por casar com um poli com duas meninas pequenas. Entretanto, Santa não era a primeira palavra que me vinha à cabeça. Acredito que eu a arrepiava, embora, para ser justa, devo admitir que o sentimento era recíproco. Sempre levava um batom muito vermelho para quão branca era. A sombra de olhos, muito azul. A aura, muito escura.

Minha irmã, Gemma, veio atrás dela e ocupou o único assento que ficava livre, junto a mim, com um sorriso de rigor, embora seja certo que um pouquinho forçado. Levava o cabelo loiro preso em um coque muito apertado e se arrumou para parecer maquiada e mesmo assim profissional. No fim era loucura.

Nossa relação começou a deteriorar seriamente na escola e ignorava a razão, embora nunca fosse um poço de tranquilidade. Era três anos mais velha que eu e, de pequenas, aproveitava a mínima oportunidade para me lembrar disso. Embora Denise fosse à única mãe que conheci (por desgraça), Gemma passou três maravilhosos anos com nossa verdadeira mãe antes dela morrer ao dar a luz a mim. Frequentemente me perguntava se não seria essa a origem de todas as nossas desavenças, se Gemma não me culparia inconscientemente de sua morte.

Entretanto, a vaga ficou ocupada apenas um ano depois, quando meu pai casou com aquela loba. Gemma se entendeu com ela desde o começo. Eu, pelo contrário, ainda não alcancei esse estado enlevado do vínculo afetivo mãe-filha. Se tivesse que alcançar o êxtase com alguém, preferia que não fosse com minha madrasta e sim com alguém mais atraente.

Por estranho que pareça, quase agradei a interrupção. Não sabia aonde meu pai iria com seu interrogatório (ou até se ele sabia), mas havia muitas coisas que o bom homem desconhecia. E que não precisaria conhecer. E que não conheceria jamais, se eu pudesse evitar. Para começar, que era um anjo da morte. Contudo, parecia perdido. Quase desesperado. Qualquer um diria que vinte anos de polícia o teriam ensinado mais sobre interrogatórios. Foi voando as cegas, igual a um menino tentando acertar a pinhata^{33} em uma festa de aniversário.

Acabei o sanduíche rapidamente, desculpei-me (para grande irritação de meu pai) e depois fugi para casa, não sem perceber que Denise não ofereceu nenhum dos cheesecakes^{34} que comprou na confeitaria do final da rua. Durante a longa e perigosa caminhada de trinta segundos que separava o bar de minha casa, me dei conta que o comportamento de meu pai desconcertava a Gemma tanto quanto eu. Não deixou de olhá-lo, intrigada. Talvez a chamasse mais tarde para perguntar se sabia o que ocorria. Ou talvez pedisse a uma lutadora alemã que me fizesse a virilha com cera, algo que seria muito mais divertido que falar com minha irmã por telefone.

—E bem? —perguntou Cookie, aparecendo à cabeça pela porta quando ia a meu apartamento.

Como conseguia saber sempre quando chegava? Eu era a rainha do sigilo. Pura fumaça. Apenas uma sombra. Um ninja sem capuz.

—Merda! —exclamei ao tropeçar e derrubar o telefone.

—Falou com Warren?

—É claro que sim.

Peguei o telefone e rebusquei as escorregadias chaves na bolsa.

—E?

—Porque esse homem vai precisar de tratamento.

Suspirou e se apoiou no marco da porta.

—Pobre. De verdade ameaçou ao vendedor de carros que assassinaram?

—Com vários empregados diante — respondi, assentindo com a cabeça.

—Maldição. Isso não vai ajudar nada em nosso caso.

—Certo, mas não importará quando tivermos encontrado quem fez de verdade.

—Se é que encontramos quem fez de verdade.

—Descobriu alguma coisa?

—Os vaqueiros têm esporas?

Seus alegres olhos azuis lançaram um brilho sob a tênue luz do corredor.

—Bem, isto promete. Entra?

—Sim, vou. Deixa que tome um banho rápido.

—Eu também tenho que tomar banho. Acredito que ainda cheiro a derramamento ilegal.

—Não esqueça o café — disse, fechando a porta.

Saudei brevemente a meu companheiro de apartamento, o senhor Wong, antes de entrar no banheiro. Entretanto, uma vez mais não estava sozinha. O Morto do Porta-Malas fez ato de presença assim que a água começou a esquentar. Tentei tirá-lo do chuveiro, me apoiando na parede e empurrando com todas as forças, mas não se moveu nem um centímetro. Precisava aprender sem falta a exorcizar endoidecidos. Depois do banho, coloquei uma calça esportiva e preparei uma cafeteira. Por mais que me empenhasse, não conseguia afastar de meu pensamento o que a irmã de Rocket disse sobre Reyes. Vamos ver, portador da morte? Sério? Quem dizia aquelas coisas?

Estava apertando o botão do senhor Café, quando um calor escaldante me envolveu por trás. Fiquei quieta um segundo, desfrutando daquela sensação, antes de virar. Reyes colocou as mãos na bancada nas laterais e estava presa entre seus braços. Inclinei-me para trás e me permiti o estranho luxo de contemplá-lo. Seus lábios carnudos eram, quase sem dúvida, o traço mais sensual. Tão tentadores. Tão beijáveis. E aqueles olhos castanhos, cristalinos, rodeados de cílios tão espessos e escuros que ressaltavam as bolinhas verdes e douradas da íris. Daquilo se alimentava as fantasias de qualquer garota.

Cativada por seu olhar, penetrante e resolvido, não opus resistência quando seus dedos pegaram uma extremidade do cordão que segurava minha calça e puxou. Baixou os olhos para minha boca, como uma criança em uma loja de doces, e passou os dedos pela cintura, para afrouxá-la. Como sempre, senti como a pele ardia ao tato e me perguntei se seria pela sua habilidade em ser imaterial, apesar de estar vivo, ou a ter sido concebido no inferno. Literalmente.

—Hoje descobri algumas coisas sobre você.

Seu dedo começou a descida para o sul e provocou um estremecimento que me percorreu todo o corpo.

—Não me diga.

Dessa maneira não acabaríamos nunca. Unindo minhas forças, escapei dele passando por debaixo dos braços e me dirigi ao sofá.

—Vem? —perguntei quando o ouvi suspirar.

Seguiu-me com o olhar enquanto eu me deixava cair e cruzava as pernas. Ainda notava o calor dos dedos em meu ventre, mas por mais que quisesse aqueles dedos chegando a costa inferior, seu dono e eu precisávamos conversar.

Depois de um momento, Reyes entrou na sala, para o qual precisou dar dois passos, e notou a presença do senhor Wong no canto. Olhou-o e o estudou com o cenho franzido.

—Sabe que está morto?

—Nem ideia. Conforme ouvi, se seu corpo morrer, virará o anticristo.

Ficou calado um instante, apertou a mandíbula e baixou a cabeça de um modo que me levou a me perguntar com que força eu bati o prego. Não tive que esperar muito para saber.

—É para o que fui criado.

Fui incapaz de controlar o alarme que disparou em meu interior reflexivamente. Olhou-me.

—Surpresa?

—Não. Um pouco — admiti.

—Alguma vez conheceu um homem que queria ser jogador profissional, mas que não possuía condições para ser?

Franzi a testa ante a repentina mudança de assunto.

—Bom, sim, conhecia um cara que queria ser jogador de beisebol. Tentou, mas nada.

—Está casado?

—Sim — respondi, me perguntando uma vez mais a que viria tudo aquilo. — Tem dois filhos.

—Um menino?

—Sim, e uma menina.

—Me permita uma pergunta: o que faz o menino?

Claro. Fui emboscada e caí totalmente na armadilha.

—Joga beisebol. Desde os dois anos.

Assentiu satisfeito.

—E claro que o pressiona e seguirá pressionando para que se converta no jogador de beisebol profissional que ele nunca chegou a ser.

—Seu pai não conseguiu conquistar o mundo, por isso preparou o filho para que o fizesse por ele.

—Exato.

—E o quanto ele te preparou?

—Que possibilidades têm esse menino de converter-se em jogador de beisebol profissional?

—Entendo. Não é como ele. Mas me disseram que seu corpo é como uma âncora e que, sem ele, perderá a humanidade. Que se converterá exatamente no que ele quer que seja.

—Como é possível que acredite em tudo o que dizem sobre mim, mas nenhuma palavra do que digo?

—Isso não é certo — protestei, apertando uma almofada contra o peito. — Você me disse que não sabia o que ocorreria quando morresse. Eu tento descobrir.

—Mas tudo o que ouve é negativo. Catastrófico. — Olhou fixamente através dos cílios e sussurrou— Mentira.

—Acaba de me contar para que foi criado. Isso não é mentira.

—Meu pai me criou com um único propósito, mas isso não me converte em marionete e te asseguro que tampouco no maldito anticristo. — Virou as costas e senti como sua ira se apropriava rapidamente dele e substituía a frustração. — Não quero brigar — disse com um suspiro profundo.

—Nem eu — assegurei, levantando de um salto. — Só quero te encontrar. Quero que esteja bem.

—Que parte da palavra armadilha que não entende? — Virou para mim com a testa franzida. — Não estarei bem até que não deixe de estar em perigo.

Umás batidas na porta nos fizeram voltar à cabeça naquela direção.

—É seu amigo — disse com um toque de irritação óbvia na voz.

—Cookie?

Ela nunca chamava.

—O outro.

—Conheço mais de duas pessoas, Reyes.

—Isso comentaram — disse Garrett quando abri a porta. Não me deu tempo nem de piscar e desembainhou a arma. Precisava aprender a fazer aquilo sem falta. — Onde está?

Afastou-me sem olhares, de um empurrão e percorreu a sala com o olhar.

Reyes seguia ali, sentia-o. Não o via, e Garrett evidentemente tampouco, mas aquilo não mudaria nada. De pouco serviria a pistola em uma confrontação com o filho de Satã.

—Não está aqui.

Garrett se voltou para mim com os dentes apertados.

—Acreditei que tivéssemos um trato.

—Tranquilo, kemosabe^{35} — falei, fechando a porta e passando junto a ele em direção a cafeteira. Precisava de cafeína. — Seu corpo não está aqui e seu espírito foi enfiar-se no Além.

Ouvi um grunhido longínquo enquanto procurava minha xícara preferida, essa em que se lia: “Edward as prefere morenas”.

—Tomará café a esta hora da noite?

—Ou isto ou um gole de uísque.

—Além disso, tudo isso do corpo do Farrow e de seu espírito... assusta um pouco.

—Descobriu algo sobre o Morto do Porta-Malas? — perguntei no instante em que Cookie entrava pela porta, de pijama.

—Opa! — exclamou surpresa que tivéssemos companhia. — Melhor trocar-me.

—Não seja boba — protestei, olhando-a com o cenho franzido. — É Swopes.

—Bem — disse, mas cobriu o peito um tanto sobressaltada.

Como se o pijama de flanela fosse transparente. Soltou uma risada nervosa e se dirigiu direto a cafeteira.

Chegou o momento daqueles dois se conhecerem um pouco mais. Cookie tem uma queda por Garrett desde que entrou em meu escritório com passo tranquilo atrás do tio Bob. Estavam no meio de uma investigação e Garrett ficou na sala de espera, também conhecida como o escritório de Cookie, para que Ubie pudesse me perguntar em particular se dispunha de informação sobre o assassinato de uma mulher idosa do Heights. Aquilo foi antes de Garrett saber a verdade sobre mim. Não sei do que falaram, mas Cookie não voltou a ser a mesma. Embora, claro, talvez tivesse algo com ter ficado dez minutos a sós com um homem alto e musculoso cuja pele morena fazia seus olhos cinza refulgirem como prata banhada pelo sol.

Garrett sorriu, consciente do efeito que produzia nela (nela e na maioria das mulheres), antes de acomodar-se na poltrona disposta em diagonal em relação ao sofá.

—Professora de maternal — disse, suponho que respondendo a minha pergunta a respeito do que descobriu sobre o carro de Cookie enquanto servia suficiente creme no café para deixá-lo irreconhecível.

—Swopes — disse, piscando um olho ao Cookie, — tanto faz o que queira ser

quando crescesse, o que nós gostaríamos de saber é o que descobriu sobre o carro de Cookie.

—Meu carro? —sussurrou Cookie, os olhos como pratos.

—Muito engraçada — comentou Garrett, distraidamente, concentrado no canto onde estava plantado o senhor Wong. Perdão, onde levitava. — A proprietária anterior era professora de maternal.

—Refere-se à pessoa que conduzia o carro antes que eu? —perguntou Cookie, servindo um café puro e sentando no sofá, frente a ele.

Garrett sorriu. Eu também. Provavelmente nunca trocou tantas palavras com ele desde que se conheciam.

—Sim. E possuía muitas muitas de trânsito por excesso de velocidade.

Sentei-me junto a ela e pensei que, inclusive com aquele pijama de flanela, Cookie fazia que o grande fosse belo.

—Então acha que se trata de um caso de atropelamento e fuga? —perguntou.

—Não, se morreu no porta-malas.

—Ah, claro. —Sacudiu a cabeça. — Um momento. — Ficou boquiaberta. — Está dizendo que o matou? Que o meteu no porta-malas de propósito?

—Em vez de por acidente? —perguntou Garrett.

Cookie encolheu os ombros e riu bobamente, embaraçada.

—Tem uma multa por conduzir embriagada —acrescentou Swopes— e a detiveram pelo mesmo, embora o caso foi arquivado por culpa de um tecnicismo.

—Certo — falei, pensando em voz alta, — de modo que sai de uma festa e vai a caminho de casa quando Morto do Porta-Malas põe um pé na estrada, sempre que não estivesse morto antes, e ela o leva adiante, entra em pânico, para comprovar o que aconteceu e, vendo que ainda está vivo, mete-o no porta-malas... por quê? Para que não possa denunciá-la? —Depois de um momento, rendi-me— Não tem sentido. Se tanto a preocupava que a detivessem, por que ia parar?

—Certo — disse Garrett. — Sua teoria não se sustenta por nenhum lado.

Perguntei-me onde estaria Morto do Porta-Malas quando eu não estava no banheiro. Certamente no porta-malas de Cookie.

—Terá que perguntar um pouco mais — disse ao Garrett.

—Sabia das plantas murchas de mentira? —perguntou a Cookie, que apertou os lábios e assentiu com a cabeça enquanto desenhava círculos com um dedo perto da orelha.

Era uma incompreendida.

—Bom, você o que descobriu sobre Mimi? —inquiri.

—OH, muitas coisas. —Endireitou as costas, entusiasmada tendo a palavra. — Mimi ia à escola em Ruiz quando se mudou a Albuquerque para viver com os avós.

Esperamos em silêncio.

—Isso é tudo? —quis saber, depois de um momento.

Ela sorriu.

—Claro que não. Os registros da escola estão a caminho.

Ah, agora compreendia por que estava tão presunçosa. Obter os registros da escola pública do último caso foi como tentar conseguir que um pai desnaturado

doasse um rim. Ao final, tive que apelar a tio Bob, de sua insígnia oxidada e seus mais que reprováveis métodos de sedução.

—Bom, e como conseguiu? —perguntei, impaciente por ouvir o que fez.

Sua cara caiu.

—Pedi-os.

Ah. Enfim, não parecia muito emocionante.

—Mas conseguiu — falei, tentando animá-la.

—Pois sim. E vou deitar.

Olhou ao Garrett timidamente e logo me dirigiu um olhar furtivo pela extremidade do olho. Arqueei as sobrancelhas, desconcertada. Ela apertou os dentes e abriu os olhos. Eu enruguei o nariz, mais desconcertada ainda. Ela suspirou e me apontou a porta com um leve gesto de cabeça. Ah, ok! Voltei-me para Garrett, que tentava ser o perfeito cavalheiro e fingia ter visto o intercâmbio de olhares e gestos. Pelo visto, o braço da poltrona produziu uma repentina fascinação.

—Acompanho você.

Levantei de um salto e saímos juntas ao corredor, imaginando que queria falar do Garrett. Esperava que não quisesse que mandar um bilhete. Não levava papel.

Abriu a porta de seu apartamento e virou para mim.

—Bom, está aqui?

—Garrett? —perguntei, desconcertada.

—O que?

—Espera, quem?

—Charley — protestou, ligeiramente irritada, — o menino.

—Ah.

Esqueci por completo que aquela manhã, enquanto chutávamos as ruas do Albuquerque às três da madrugada (caminhar pela calçada com chinelos de coelho era como ir descalça), deixei escapar que havia um menino falecido perambulando por sua humilde morada. Precisava aprender a manter a boca fechada. Dei uma rápida olhada ao redor. Em sua casa preponderava o negro e as alegres cores mexicanas, e na decoração se misturava o estilo rústico e rancheiro. A minha, apesar de idêntica em tamanho e distribuição, era mais um mistura de mercado de segunda mão e objetos esquecidos em um apartamento de estudantes universitários.

—Não, não o vejo.

—Poderia verificar o resto?

—Claro.

Depois de cinco minutos, durante os que a culpa não deixou de remoer (sério, não deveria ter dito nunca), voltávamos a estar de costas à porta e sem menino falecido à vista.

—Bem, tenho que fazer uma pergunta — disse, captando a atenção. — Se fosse o filho agonizante de Satã, onde esconderia seu corpo?

Dirigiu-me um olhar compassivo.

—Posto que é de você que se esconde, querida, eu diria que no último lugar em que precisamente você procuraria.

—Sem ânimo de ofender — protestei, decepcionada, — mas isso não me ajuda

muito.

—Sei. Sou péssima para coisas sobrenaturais, mas faço um frango frito ótimo.

—Pois eu trocaria pelo sobrenatural...

—Posso pedir esse para o Natal? —perguntou.

—Reyes?

—Não, ao outro — respondeu, com um suspiro melancólico.

—Ugh! —exclamei, compreendendo de repente que se referia ao Garrett. Certo, era atraente e tudo, mas mesmo assim.... — Argh.

—Só diz isso porque está ciumenta.

—Terei que falar longamente qual é a sua — repliquei, depois de um bufo que soou bastante grosseiro.

—O que você disser, bonita — disse, e colocou a palma da mão diante do nariz antes de fechar a porta.

Eu adorava quando ficava melodramática.

Quando retornei a meu apartamento, descobri Garrett concentrado no canto do senhor Wong.

—Não morde — falei para provocar.

Franziu o cenho, receoso, e me olhou com expressão intrigada.

—Como é crescer rodeada de mortos por toda parte? Não te assustava?

Sorri.

—Para mim é normal, é que conheço e, além disso, não costumo me assustar com tanta facilidade como outros. Na verdade, quase nada me assusta.

—Bom, é que é o anjo da morte — disse com voz zombadora, fingindo que o percorria um calafrio, antes de me dar uma olhada, muito devagar, deleitando-se com a vista.

—Deixa de olhar como um idiota o que está fora de seu alcance — aconselhei, enquanto recuperava minha xícara a caminho da cozinha.

—Só estava admirando a embalagem. A verdade é que a calça esportiva não fica nada mal para uma garota que se chama Charles.

Com muita dificuldade consegui reprimir uma gargalhada quando levantou e se dirigiu para a porta. Abriu-a e parou um instante, vacilante.

—Algo mais que queria me dizer? —perguntei.

Virou-se para mim com um brilho travesso no olhar.

—Além de que está deliciosa?

A ira de Reyes carregou o ar de eletricidade e não pude deixar de me perguntar se Garrett fez de propósito. Talvez estivesse começando a entender como funcionava todo este rolo sobrenatural.

—O canibalismo não está bem visto, amigo.

—Vai me denunciar por perseguição sexual?

—Não, mas te colocarei na lista — respondi enquanto enxaguava a xícara.

Piscou os olhos e fechou a porta.

—Vai ficar a noite toda de mau humor? —perguntei depois de um momento.

Reyes desapareceu imediatamente. Suponho que aquilo respondia minha pergunta.

Sentei diante do computador para investigar umas coisas antes de ir ficar com o Pernalonga. Aquele edredom-barra-manta de segurança me acompanhava desde os nove anos. Passamos muitas coisas juntos, incluído Wade Forester. Eu ia à escola. Ele à escola da vida, onde ensinavam aos alunos mais a respeito da procriação que na escola. Perna nunca voltou a ser o mesmo.

Voltando para meu problema com os demônios. Se não podia ver aquelas malditas coisas, como deveria enfrentá-las? Claro que, se pudesse ver, como as enfrentaria? As insinuações de Reyes a respeito de minha capacidade para me levantar contra a personificação do mal caiu em ouvidos surdos. Precisava de informação, o abecedário de tudo relacionado com demônios.

Realizei uma busca sobre como detectá-los e não encontrei nada em recompensa a meus esforços que servisse da menor ajuda. Tudo o que aparecia na tela era como o fio dental é útil em um acidente aéreo, desde artigos que asseguravam que a posse demoníaca era a causa subjacente do TDAH, até videogames com horripilantes senhores do mal. Entretanto, depois de várias páginas, encontrei um lugar que parecia mais ou menos confiável. Passei por cima o fato de que a proprietária do lugar se chamasse Mistress Marigold e fui deixando atrás lendas e mitos, referências bíblicas e históricas, até que dei com um link intitulado *Como detectar demônios*. Bingo.

Tenho que admitir que Mistress Marigold foi de grande ajuda. A mulher publicava uma lista de truques para descobrir demônios, desde jogar sal aos olhos (o que, em primeiro lugar, exigiria que pudesse vê-los e, em segundo, haveria uma leve possibilidade de processo quando eu cegasse algum idiota que deveria estar possuído) até prestar atenção às plantas quando um indivíduo suspeito entrasse na sala. Pelo visto, a presença de um demônio murchava as pobres em um dizer Jesus. Dei uma olhada em meu apartamento. Maldita fosse minha paixão pelas plantas murchas de mentira. Podia comprar um cacto.

Do único que M&M não falava era do fato que ninguém podia vê-los de verdade. No fim, foi de tanta ajuda como uma escopeta de balas de pequeno calibre em pleno combate.

Estava prestes a abandonar a página quando duas palavras chamaram minha atenção. Ali, em meio a um parágrafo banal a respeito da suposta alergia dos demônios ao amaciante de roupa, havia um link destacado que dizia anjo dessa morte!. Bem, que emocionante. Cliquei no link. A página que abriu possuía uma única frase, que encabeçava uma imagem onde se anunciava que estava em construção, embora fosse uma frase interessante.

Se for o anjo da morte, por favor, entre em contato comigo imediatamente.

Certo. Aquilo era novo.

Capítulo 8

*Só parece, ou aqui dentro tem muitas garotas quentes?
(Camiseta)*

Despertei às quatro e meia da madrugada (hora também conhecida como lá pelas tantas) e fiquei na cama, me perguntando por que, em nome de São Francisco, acordei às quatro e meia da madrugada. Não havia mortos levitando a meu redor, não se divisava nenhuma catástrofe planetária e ninguém estava me jogando roupa na cara, mas mesmo assim meu sentido de anjo da morte me dizia que algo estava errado.

Agucei o ouvido se por acaso o telefone tocava. Se alguém possuía os Santos Colhões de me chamar antes das sete, esse era o tio Bob. Entretanto, não havia nenhuma ligação. Nem sequer a da natureza.

Lancei um suspiro e virei para me deitar de costas, olhando à escuridão. Depois do assassinato de Janelle York e Tommy Zapata, algo me dizia que o responsável por suas mortes não procurava informação. Em qualquer caso, se tivesse que fazer uma conjectura me apoiando no que possuía, diria que informação era justamente o que o assassino tentava ocultar.

Algo aconteceu na escola Ruiz há vinte anos, além do típico consumo de álcool entre menores de idade. E havia uma pessoa, no mínimo, que desejava que nada daquilo viesse à tona. De fato, estava inclusive disposta a matar para que tudo continuasse igual.

Reyes também consumia uma boa parte de minha memória. Era realmente o anticristo? Porque, pequena merda se fosse. Talvez ele tivesse razão. Talvez alguém estivesse confuso. Devia admitir que era difícil acostumar-se à ideia de que era o filho do ser mais malvado que já existiu, mas isso não o convertia no diabo. Não? Realmente perderia a humanidade se o corpo falecesse? Ninguém disse que tem que seguir os passos de seu pai. Entretanto, só a ideia de que estivesse morrendo, nesse mesmo momento, depois de tudo que passou...

Meus pensamentos seguiram vagando por esses roteiros até que tive que recapitular e me perguntar por que estava tão obcecada em encontrar seu corpo. A resposta foi ridiculamente simples: não quero perdê-lo. Não quero perder a oportunidade de compartilhar minha vida com ele, algo bastante discutível, considerando que Reyes teria que retornar a prisão e tal, mas aí estava, em toda a glória e esplendor: a verdade. Em muitos sentidos, era tão insensível e egoísta como minha madrasta.

Certo. A verdade dói.

Apesar de tudo, precisava encontrar novas fontes de informação. Meus amigos mortos não estavam sendo de grande ajuda. Reyes possuía uma irmã, mais ou menos, e um amigo íntimo. Se alguém sabia onde Reyes esconderia seu corpo, sem dúvida seria um deles.

Decidi renunciar à tentação de dormir uma noite inteira, prepararia um café e

meditaria sobre o próximo passo na busca interminável do deus Reyes. Talvez entrasse em contato com Mistress Marigold para perguntar que diabos trazia entre as mãos.

Como anjo da morte de nascimento, estava habituada que mortos entrassem e saíssem de minha vida toda a hora. Acostumei a repentina descarga de adrenalina correndo por minhas veias ante sua inesperada aparição, sobre tudo quando alguém que se estatelou contra o chão de cimento depois de uma queda de cinquenta metros se apresentava em busca de conselho matrimonial. Entretanto, a maioria das vezes, a resposta irracional de luta ou fuga ante uma situação de estresse costumava manter-se em segundo plano, confundir-se com o fundo, e permitia decidir por mim mesma se devia recorrer aos punhos ou sair correndo apavorada. De modo que quando arrastei meu corpo sonolento para fora da cama em busca do elixir da vida, frequentemente denominado café, o fato de que dois homens estavam descansando em minha sala mal registrou em minha escala Richter^[36].

Contudo, parei um breve instante para dar uma olhada, duas olhadas (mais que nada porque não estavam mortos) antes de me dirigir para a cafeteira. Precisava arrancar antes de me encarregar de dois homens a quem considerava altamente suspeitos de invasão de domicílio. Um terceiro, que se parecia com André o Gigante, esperava plantado diante da porta, a modo de barricada. Se minha melhor amiga entrasse em uma corrida nesse momento, aquele cara teria uma senhora dor de cabeça.

Acendi uma das luzes baixas da bancada para não ficar cega (e proporcionar a meus adversários uma vantagem imerecida) e fui para meu encontro com o senhor Café. André não afastava o olhar de meu traseiro. Certamente porque usava um boxer com a palavra *Gostosa* escrita no traseiro. Poderia ter colocado em cima, mas estava em minha casa. Já que entraram em meu pedacinho de céu sem que ninguém os convidar, receberiam o que havia, como qualquer filho de vizinho.

Pus café no filtro com seus olhos voltados para mim, apertei o botão de ligar e esperei. Cafeteira nova fazia o café mais rápido que a anterior, mas mesmo assim, a média não descia dos três minutos. Apoiei os cotovelos na bancada para estudar minhas visitas.

Um deles (assumi que se tratava do chefe) estava sentado na poltrona, tirou a jaqueta e a arma estava à vista. Teria ao redor de uns cinquenta anos, o cabelo castanho grisalho penteado de maneira impecável e olhos escuros combinando com o cabelo. Parecia bastante concentrado me observando genuinamente intrigado.

Entretanto, o homem ao lado, o perigoso, não parecia ter nem pinga de curiosidade. Teria mais ou menos minha altura, o cabelo negro e a típica pele dourada e um aspecto juvenil da ascendência asiática. Estava em guarda, quase à defensiva, com os músculos tensos, preparado para agir em caso fosse necessário. Não acabava de decidir se se tratava de um colega ou de um guarda-costas. Não estava armado como seu amigo, o que significava que não precisava da pistola para proteger-se, nem ele nem seus companheiros. Um fato que me resultou certamente inquietante.

André parecia um urso muito gigante. Estava segura de que precisava de um bom abraço, mas ele estava armado. Tanto músculo e metal por alguém tão pequena como

eu. Senti-me importante. Ilustre. Eminente. Ou me sentiria assim se não tivesse *Gostosa* estampado no traseiro.

Pelo contrário, minhas visitas vestiam com a elegância e distinção de verdadeiros cavalheiros, embelezados com aprimoramento com seus correspondentes trajes cinza correspondente. Estive a ponto de recomendar que se abstivessem do vermelho paixão, mas nem todo mundo recebia bem os conselhos sobre moda de uma menina em camiseta e boxer.

Depois de servir tanta creme e açúcar no café que acabou parecendo caramelo derretido, aproximei-me do pesado sofá em frente ao chefe, afundei nele e lancei meu melhor olhar letal.

—Certo — falei, depois de dar um lento e gratificante gole da minha xícara, — só tem um disparo. Não desperdice.

O homem inclinou levemente a cabeça a modo de saudação, antes de baixar o olhar para minha camiseta. Esperava que o estampado não desse uma impressão equivocada de mim. *NERDY* ^{37} não refletia a imagem que queria projetar. Se fosse *Encarnação do mal*...

—Senhorita Davidson — disse com toda calma e segurança. — Chamo-me Frank Smith.

Aquilo era uma grande mentira, embora não importasse.

—Bom, obrigada por vir. Volte quando tiver mais tempo para ficar.

Levantei para acompanhá-los à porta. O perigoso ficou tenso e suspeitei de que não estava ali somente para proteger ao chefe. Maldição. Com o pouco que eu gostava de tortura. Era um tormento.

—Sente-se, por favor, senhorita Davidson — solicitou o senhor Smith, depois de parar seu homem com um gesto.

Lancei um suspiro irritado e obedeci, mas só porque me pediu *por favor*.

—Vejam, já sei como se chama e você como me chama. Poderíamos acabar com isto o quanto antes?

Voltei a dar um novo e lento gole em meu café, incapaz de desprender de seu olhar.

—Possui um assombroso domínio de si mesma. —ficou sério. — Devo admitir, estou impressionado. A maioria das mulheres...

—... São bastante sensatas para se esconder no quarto e chamar à polícia. Por favor, não confunda um instinto de sobrevivência letárgico com inteligência, senhor Smith.

O perigoso chiou os dentes. Não gostava. Isso ou intimidava que usasse grandes palavras. Decidi pelo último.

—Apresento a você o senhor Chao — disse Smith, notando meu interesse. — E esse é Ulrich.

Dei uma olhada a minhas costas. Ulrich me saudou com um gesto da cabeça. Bem cuidadoso, pareciam bastante cordiais.

—E estão aqui por que...

—Você é fascinante — respondeu.

—Bem, não sei se agradeço. Embora, de verdade, uma mensagem bastaria.

Sem abandonar seu sorriso fleumático, era evidente que percebia cada mudança de expressão, de cada gesto que fazia, e tive a clara sensação de que estava me estudando para reunir suficiente informação em que apoiar-se e decidir se mentia.

—investiguei um pouco sobre você — disse . — Leva uma vida interessante.

—Eu gosto de acreditar que sim.

Optei por me esconder atrás da xícara e ocultar minha reação às perguntas. Embora os olhos revelavam muitas coisas, a boca era capaz de delatar inclusive aos melhores mentirosos. Daquele modo, seria capaz de adivinhar se mentia pela metade. Era um bom castigo.

—A universidade, o Corpo de Paz e agora no negócio da investigação particular.

Fui contando com os dedos.

—Sim, acredito que isso é tudo.

—Entretanto, onde você está... — Voltou o olhar para o teto, procurando as palavras adequadas antes de me olhar e acrescentar— as coisas acontecem.

Guardei silêncio um instante, a propósito, tentando dissimular minha resposta, turvar as águas, por assim dizer.

—É sobre as coisas. Elas acontecem.

Os lábios esboçaram um sorriso elogioso.

—Não esperava menos de você, senhorita Davidson. Como você, a esta altura, esperará de mim que seja brutalmente sincero.

—A sinceridade está bem. —Olhei o senhor Chao. — Mas a brutalidade é desnecessária.

Cruzou as pernas e se inclinou um pouco mais na poltrona, deixando escapar uma leve risada.

—Então sejamos sinceros. Parece que você e eu andamos procurando à mesma pessoa.

Arqueei as sobrancelhas, intrigada.

—Mimi Jacobs.

—É a primeira vez que ouço esse nome.

—Senhorita Davidson, acreditava que seríamos sinceros — me repreendeu, entreabrindo o olhar.

—Você está sendo sincero, eu estou sendo profissional. Não posso comentar os casos que tenho. Os detetives particulares têm esse estranho código ético.

—Certo. E a elogio por isso, mas, se me permite observar, estamos no mesmo lado.

Inclinei para frente, me assegurando de deixar muito claro.

—Meu único lado é o de meu cliente.

Assentiu, como se o acusasse.

—Então, se soubesse onde está...

—Não diria — respondi, acabando a frase por ele.

—Enfim, está bem. —Inclinou a cabeça ligeiramente para apontar ao perigoso com um leve gesto. — Mas e se o senhor Chao perguntasse?

Merda. Já sabia que acabaríamos com ameaças de tortura. Tentei não apertar os dentes, tentei não abrir os olhos nem sequer essa fração de milímetro que respondia a

um reflexo involuntário, mas aconteceu de todas as formas. Estava a sua mercê. Aquele homem sabia que suas palavras não me esfriaram, mas eu também guardava alguns ases na manga no caso da situação chegar a esses extremos. Ao menos cairia tentando acertar e dar um ou outro bofetão.

—O senhor Chao pode beijar meu traseiro — disse com toda tranquilidade, olhando-o fixamente.

O senhor Chao nem se alterou, como se fosse de pedra. Tive a sensação de que desfrutaria me torturando e, me chamem sentimental, mas, maldição, eu gostava de fazer feliz às pessoas.

—Desgostei-a — disse Smith.

—Absolutamente. Ao menos, no momento. —Pensei em Reyes e em sua aparição repentina sempre que estava em perigo, embora acudiria essa vez? Depois de tudo, estava furioso comigo. — Se posso assegurar alguma coisa, é que, quando realmente me desgostar, não terá dúvidas disso. —Olhei seus olhos uns segundos antes de acrescentar— Minto?

Smith me observou um longo momento e levantou as mãos, em sinal de rendição.

—Já disse, senhorita Davidson. Investiguei-a. Esperava que pudéssemos chegar a ser amigos.

—E por isso invadiu meu apartamento? Não é um bom começo, Frank.

Segurou a ponte do nariz e riu entre dentes. Começava a gostar daquele cara. Apontaria a virilha e o deixaria de joelhos antes de Chao me deter. Logo já podia me considerar morta, mas, como disse, cairia tentando acertar alguns tapas.

Assim que recuperou a compostura, olhou-me fixamente.

—Então, não se importará que insista que deixe a investigação em andamento, verdade? Por seu próprio bem, claro.

—Claro que não me importo — respondi dedicando meu melhor sorriso. — Embora seja em vão.

—A organização para que trabalho não considerará seu brilhante desempenho se se interpuser em seu caminho.

—Então, talvez devesse mostrar meu lado mais sombrio.

Olhou-me como se sentisse pena de mim.

—É você uma criatura excepcional, senhorita Davidson. Tenho uma pergunta mais. —Esta vez foi ele quem se inclinou para frente enquanto um sorriso malicioso se desenhava em seu rosto. — Você é gostosa ou nerdy?

Precisava renovar meu vestuário.

Um golpe surdo e contundente fez todos nos virarmos para Ulrich, que fez o mesmo e olhou para trás. A porta abriu de novo e se bateu uma vez mais contra o bloco de pedra que o homem possuía como costas, acompanhada de um golpe surdo e contundente. E outro mais. E outro. E outro, até que Cookie decidiu interromper seu embate para perguntar a gritos:

—Mas o que está acontecendo?

Depois a ouvimos grunhir, empurrando a porta com todas as forças para afastar o obstáculo que a impedia de entrar.

Ulrich olhou Smith à espera de instruções. Smith, a sua vez, olhou-me.

—É minha vizinha.

—Ah, Cookie Kowalski. Trinta e quatro anos. Divorciada. Uma filha — recitou. Aquela era sua forma de me fazer saber que fez os deveres. — Deixe-a entrar, Ulrich.

Ulrich ficou ao lado e Cookie entrou tropeçando pela porta, incapaz de parar em um espaço tão curto com o impulso que levava. Conseguiu parar justo antes de bater de cabeça contra a bancada e olhou ao redor.

—Olá, Cook — a saudei alegremente. Ao ver que seu olhar saltava de um a outro sem voltar para mim, acrescentei— São meus novos amigos. Nos estamos realmente nos dando bem.

—Estão armados.

—Sim, não posso negar. Levantei e arranquei a xícara de café das mãos para encher. Nossa admiração mútua por esse pequeno empurrãozinho matinal nos ajudou a estabelecer vínculos afetivos quando nos conhecemos, e disso já fazia três anos. Acabou convertendo-se em um dos pilares de nossa alimentação. — Devo confessar — falei, olhando Smith— que não vejo muito futuro nesta relação.

Cookie seguia sem tirar os olhos.

—Pelas armas?

—Já íamos — interveio Smith, levantou e vestiu a jaqueta.

—Têm que ir? De verdade?

Sorriu, decidindo passar pelo sarcasmo que minhas palavras destilavam, e inclinou ligeiramente a cabeça ao passar por meu lado.

—Esqueceu mencionar para quem trabalha, Frank.

—Não, não esqueci — respondeu, e me dirigiu uma saudação informal antes de fechar a porta.

—Não estava nada mal — comentou Cookie, — um pouco em modo James Bond.

—Sim, o mesmo. Vou te dar de presente um boneco inflável no Natal.

—Há bonecos infláveis? —perguntou, intrigada.

Ignorava por completo, mas dei uma risada boba só em pensar.

—O que faz aqui a estas horas? —perguntei, sinceramente surpresa.

—Não podia dormir e vi que as luzes estavam acesas.

—Então me parece que hoje começaremos a jogar cedo.

Entrechocamos as xícaras de café, brindando Deus sabia o que.

Uma vez que tomamos banho antes da alvorada (cada uma o seu, é óbvio, embora o Morto do Porta-Malas me acompanhou, o que começava a resultar um pouco irritante, sobre tudo pelo quanto era delicado depilar as pernas com a pele arrepiada), Cookie e eu acabamos a caminho do escritório quando o sol despontava no horizonte. O céu tingiu de uma explosão de cores quentes que serpentearam entre as nuvens cinzentas para anunciar a chegada do novo dia. E seria um dia precioso. Até que tropecei e atirei o café sobre a mão.

—Mistress Marigold? —perguntou Cookie enrugando o nariz, embora intrigada, enquanto eu mordida a língua para não soltar uma maldição.

—Sim, sei, mas sabe algo. Com certeza. E quando souber o que sabe, todos

saberemos algo mais. Eu sei o que faço.

—Já está fazendo isso que raramente faz.

—Sinto muito, mas acredito que não tenho controle sobre mim. Estou alucinando. Levantei dois dias seguidos antes do amanhecer e meu cérebro não sabe o que faz. Falarei com ele mais tarde. Talvez o leve a terapia.

—Com um pouco de sorte, esta manhã chegarão os registros da escola e poderei começar a procurar os companheiros de curso de Mimi, a ver se algum deles acabou igual.

—Diz, morto?

—Sim.

Subimos ao escritório pela escada externa. Cookie consultou o fax enquanto eu me dirigia direto à cafeteira para poder encarar o dia com um pouco de dignidade.

—Estão aqui — anunciou, entusiasmada.

—Os registros da escola? Já?

Aquilo era rapidez e o resto eram tolices.

Cookie ligou o computador e caiu na cadeira.

—Vou investigar um pouco, ver que encontro.

Nesse momento a porta do escritório de Cookie abriu, e apareceu uma cabeça com ar indeciso.

—Está aberto? —perguntou um homem.

Assim inclinado, aparentava uns sessenta anos.

—É óbvio — disse, convidando-o a entrar com um amplo gesto. — No que podemos ajudar?

Endireitou-se e entrou, seguido de uma mulher de mais ou menos a mesma idade. O homem lembrava um locutor esportivo, com aquele blazer azul escuro e penteado. Ela vestia uma calça cáqui um pouco passado de moda, que combinava com o cabelo loiro. Envolvia-os um halo de profunda tristeza, denso e evidente. Sofriam.

—Alguma de vocês é Charley Davidson? —perguntou o homem.

—Eu sou Charley.

Apertou minha mão como se fosse a última esperança da humanidade. Fosse assim, a humanidade estava preparada. A mulher o imitou. A frágil mão era um trememente molho de nervos.

—Senhorita Davidson, somos os pais de Mimi — disse o cavalheiro. O ar se impregnou de sua cara colônia.

—OH, passem, por favor — pedi, surpresa.

Fiz- um gesto a Cookie para que nos acompanhasse e os conduzi a meu escritório. Eficiente como sempre, pegou um bloco de notas no caminho.

—Você deve ser Cookie — disse o homem, tomando a mão.

—Sim, senhor, sou Cookie, senhor Marshal. —Continuando, estreitou a da mulher. — Senhora Marshal. Sinto muito pelo que estão passando.

—Por favor, me chame Wanda e a ele Harold. Mimi nos falava muito de você.

O sorriso do Cookie hesitou entre o agradecimento e o horror antes de indicar que sentassem. Depois soltaria a língua.

Aproximei uma cadeira para ela e me acomodei atrás de minha mesa.

—Suponho que não saberão onde está, verdade? —perguntei, com essa perspicácia que me caracteriza.

Harold me olhou fixamente, os olhos tristes, embora arditos. Percebi a grande impotência que sentia, embora também a pequena esperança que aninhava nele, da que Warren, o marido do Mimi, carecia. Tive a leve suspeita de que talvez soubesse mais do que parecia.

—Pagarei o que seja, senhorita Davidson. Ouvi falar muito bem de você.

Aquilo era novo. As pessoas raramente diziam coisas agradáveis sobre mim, salvo que “louca de amarrar” consegui desprender-se das conotações negativas.

—Senhor Marshal...

—Harold — insistiu.

—Harold, conheço as pessoas só ao vê-las, é parte de meu trabalho, e você parece albergar mais esperança em relação à integridade física de Mimi do que está costuma ser habitual. Inclusive diria que está espectador, como se soubesse algo que outros desconhecem.

O casal intercambiou um olhar em que adivinhei sua vacilação. Perguntavam-se se podiam confiar em mim.

—Me deixem ver se posso ajudar — propus.

Harold consentiu, embora um pouco indeciso.

—De acordo. Mimi começou a agir de maneira estranha há umas semanas, mas não explicou o que a preocupava.

—Exato — confirmou Wanda, espremendo a bolsa de mão que descansava no colo. — Tentei que se justificasse comigo quando veio nos visitar, passava a noite com os meninos o primeiro dia de cada mês, mas... ela não... — quebrou a voz e fez uma pausa para secar lágrimas com o lenço de papel, dando uns ligeiros golpes, antes de voltar a me olhar.

Harold colocou uma mão sobre as da mulher.

—Mas contou algo. Talvez, então, pareceu estranho, mas quando desapareceu, uniram as coisas.

Wanda tentou conter um soluço.

—Sim, disse-nos algo, mas então não compreendi... — Se interrompeu de novo, incapaz de prosseguir.

—Podem me contar o que disse?

A mulher baixou o olhar, receosa. Senti como gotejava o desejo de confiar em mim, mas o que Mimi disse a fazia duvidar de tudo. De todos.

—Wanda — interveio Cookie, inclinando-se para a mulher, com o semblante preocupado, — se houver alguém neste planeta a quem confiaria minha vida é à pessoa que agora mesmo tem sentada diante de você. Ela fará todo o humanamente possível, e o inumanamente também se for necessário, para devolver a sua filha sã e salva.

Aquilo era o mais bonito que Cookie disse de mim em toda a vida. Logo teríamos que falar sobre o do inumanamente, embora fizesse com a melhor intenção. Merecia um aumento.

—Adiante, querida — a animou Harold.

Wanda segurou a respiração um instante e tragou saliva antes de falar.

—Contou-me que há muito tempo cometeu um terrível erro e que fez algo horrível. Discuti com ela, assegurei que não importava, mas ela insistiu que teria que pagar os erros. Olho por olho. —Olhou-me. Seu desespero era tanto que me partiu o coração. — Não quero que Mimi se meta em confusões. O que quer que fez, ou acha que fez, foi somente um erro.

—Por isso conservamos a esperança de que desapareceu por vontade própria — acrescentou Harold. — Que foi ela quem planejou e que siga sã e salva.

—Entretanto, nunca deixaria Warren e as crianças sem uma muito boa razão, senhorita Davidson. Se fez, é porque acreditava que não ficava outra opção.

Harold e a mulher assentiram com a cabeça ao unísono. Alegrei-me de que não suspeitassem de Warren e que parecessem confiar nele de maneira incondicional. Mesmo assim, me senti no dever de informar o que ocorria.

—Sinto dizer isto, mas detiveram Warren para interrogá-lo.

Wanda franziu os lábios com tristeza enquanto seu marido tomava a palavra.

—Sabemos, mas prometo que ele não teve nada a ver nisto. É mais, Mimi tentava mantê-lo completamente à margem.

—Cookie e eu acreditamos que todo este assunto poderia derivar de algo que ocorreu na escola.

—Na escola? —perguntou Harold, surpreso.

—Possuía algum inimigo?

—Mimi? —exclamou Wanda entre surpresa e divertida. — Mimi se dava bem com todo mundo, ela era assim. Carinhosa e compreensiva.

—Muito compreensiva — Harold complementou. Olhou a esposa antes de prosseguir. — Nunca gostamos dessa garota com quem andava. Como se chamava?

—Janelle — respondeu Wanda, endurecendo a expressão.

—Janelle York? —perguntei. — Eram amigas íntimas?

—Sim, estiveram muito unidas durante uns anos. Aquela jovem era uma rebelde. Muito.

Depois de trocar um breve olhar com Cookie para que se preparasse, disse sem mais:

—Janelle York morreu em um acidente de carro a semana passada.

A surpresa que se desenhou nos rostos confirmou que não sabiam.

—OH, por todos os céus — lamentou Wanda.

—Conheciam Tommy Zapata?

Todo mundo se conhecia nas cidades pequenas. Era muito provável que ouviram falar do vendedor de carros assassinado.

—Sim, claro — respondeu Harold. — Seu pai trabalhou muitos anos para a prefeitura. Encarregava-se dos jardins e esse tipo de coisas, mas sobre tudo do cemitério.

Aquilo soaria errado, mas deviam saber. Precisava descobrir o que acontecia.

—Ontem pela manhã encontraram morto ao Tommy Zapata. Assassinado.

O desconcerto se converteu em incredulidade. Estavam sinceramente aniquilados.

—Era um ano mais velho que Mimi — recordou Harold. — Foram juntos ao colégio.

—Mas o que está acontecendo? — disse Wanda com a voz tingida de desespero. — Anthony Richardson, o filho do Tony Richardson, também morreu semana passada. Suicidou-se.

Cookie anotou o nome antes de perguntar:

—Foi ao colégio com Mimi?

—Foram à mesma turma — assinalou Harold.

Alguém estava fazendo limpeza, atando cabos soltos, e era evidente que Mimi estava em sua mira. Os Marshals deveriam saber alguma coisa. Algo que ocorreu nessa escola e que nos levasse a raiz daquele assunto.

—Senhor e senhora Marshal, Mimi se transferiu do Ruiz ao Albuquerque para viver com a avó quando ia a escola, por quê?

Wanda me olhou com uma rápida piscada, franzindo a testa com ar pensativo.

—Brigou com Janelle. Imaginamos que Mimi queria ir.

—Ela disse que brigaram?

—Não — admitiu Wanda, lembrando. — Na verdade, não. Passaram de amigas íntimas a inimigas de morte da noite para o dia. Deu-nos a impressão de que os caminhos começaram a tomar direções opostas.

—Não nos entristeceu que fosse assim—acrescentou Harold. — Nunca vimos com bons olhos que Mimi fosse sua amiga.

—Aconteceu algo em particular que pudesse explicar as desavenças?

Trocaram um olhar e encolheram de ombros em um gesto de impotência, esforçando-se em lembrar.

—O que quer que ocorresse acabou deixando Mimi em uma profunda depressão —disse Wanda.

—A encontrávamos chorando no quarto — prosseguiu Harold com abatimento enquanto desempoeirava aquelas dolorosas lembranças. — Deixou de sair, deixou de comer, deixou de limpar-se. Chegou a tal ponto que acabou fingindo doença todas as manhãs, nos suplicando que não a enviássemos a escola. Ficou três semanas seguidas sem ir.

O rosto da Wanda também se tingiu de tristeza.

—A levamos ao médico e ele nos sugeriu que marcássemos hora com um orientador, mas antes que conseguíssemos agendar uma entrevista, Mimi nos pediu permissão para mudar-se para Albuquerque com minha mãe. Queria ir ao Saint Pius.

—Ficamos felizes que houvesse recuperado o interesse nos estudos. Sempre tirava notas excelentes e o Saint Pius é uma das melhores instituições do lugar.

Dava a impressão de que Harold precisava justificar porque a deixaram ir. Estava segura de que não tomaram aquela decisão levianamente.

Wanda deu uns tapinhas de ânimo no joelho.

—Para ser sincera, senhorita Davidson, e por mal que soe, respiramos aliviados quando partiu. Deu um giro de cento e oitenta graus assim que chegou aqui. Suas qualificações melhoraram imediatamente e começou a destacar nas atividades extracurriculares. Por fim voltou a ser a de antes.

Cookie não deixava de tomar notas enquanto os Marshal falavam. Menos mal. Minha letra, nem Deus entendia.

—Pelo que acabam de explicar, tenho a impressão de que o desgosto que Mimi sentia no Ruiz se fundava em algo mais que uma simples desavença com uma amiga — aponteí , — parece como se alguém estivesse intimidando-a, é possível que inclusive ameaçando-a. Ou pior — acrescentei, com certa reticência. Não podia descartar um estupro. — Comentou algo? O que fosse?

—Nada — assegurou Wanda, preocupada com as conclusões que cheguei. — A incentivamos a nos explicar o que a angustiava, mas nunca quis. Começou a mostrar-se hostil cada vez que tocávamos no assunto. Estava muito estranha.

Warren usou aquelas mesmas palavras para descrever o comportamento de Mimi antes do desaparecimento.

—Deveríamos ter insistido mais —disse Harold, com um sentimento de culpa entristecedora. — Simplesmente presumimos que o problema era Janelle. Já sabe como é a escola.

Sim, sabia muito bem.

Capítulo 9

*Por conselho de meu advogado, minha camiseta se abstém de levar mensagem.
(Camiseta)*

Duas horas depois, Cookie e eu encontrávamos em sua mesa, surpresas do resultado de nossas pesquisas nos registros da escola e internet. No último mês, seis antigos alunos da escola Ruiz faleceram ou desapareceram. Entre as mortes havia um assassinato, um acidente de carro, dois supostos suicídios, uma morte acidental por afogamento e um desaparecimento: o de Mimi.

—Tudo bem, toda esta gente não só estava matriculada na escola Ruiz — disse Cookie, repassando a lista, — mas apenas um curso ou dois os separava.

—E talvez existam mais. Não temos os nomes das garotas que poderiam ter mudado o sobrenome ao casar.

—Tenho que procurar — admitiu Cookie.

—Considerando que havia centenas de alunos em toda escola, as probabilidades de que algo assim aconteça por acaso são astronômicas. Existe outra conexão. Não acredito que nosso homem pensa em acabar com todos os que foram com ele a escola. Se se tratasse de um assassino em série, o mais provável é que houvesse um padrão, que as mortes se produziram de maneira semelhante dentro de uma área definida. Quem está atrás de tudo isto quer que pareçam acidentes ou suicídios, ao menos quase todos eles.

—Talvez as ameaças que Warren lançou a Tommy Zapata o puseram na bandeja para matar dois pássaros com um tiro, Tommy e Mimi, e fazer recair as suspeitas sobre Warren — aventurou Cookie.

—E considerando que outros casos estão qualificados como mortes por causas acidentais, alguém está cometendo assassinatos com total impunidade.

—Sabe uma coisa? —disse Cookie, que voltava a repassar os registros, — o nome de Mimi não aparece nesta lista. Deve ser posterior a mudança.

—Bem, façamos o seguinte — falei, pensando em voz alta— você procura nos arquivos policiais do Ruiz algo estranho que aconteceu na época em que Mimi mudou, começando de um ou dois meses antes do traslado. Embora não seja muito provável, talvez o radar do xerife captasse algo.

—Certo. Também verificarei os sobrenomes de casada de algumas destas mulheres.

—Pois já que mencionou — falei, como se não tivesse suficiente trabalho, — que tal se tentar conseguir os registros anteriores a estes?

—Sim, já havia pensado isso. Bem, o que você vai fazer?

Reyes possuía uma irmã fruto de uma espécie de retorcido sequestro, poderia dizer-se. Quando Kim estava com dois anos, sua mãe drogada a abandonou no capacho de Earl Walker apenas uns dias antes de morrer por causa de complicações derivadas de uma infecção do HIV. Meu único consolo era pensar que, se soubesse que tipo de

monstro Earl Walker era, a mãe de Kim jamais teria deixado a filha com ele, fosse ou não seu pai. Embora Walker nunca abusou sexualmente dela, como eu temi em um primeiro momento, tampouco ficou atrás. Utilizou-a para controlar Reyes. Deixava-a morrer de fome para conseguir o que queria dele. E o que queria de Reyes não era nada bom.

—Vou falar com Kim, a irmã de Reyes.

Cookie se animou, esperançada.

—Acha que sabe onde poderia estar?

—Temo que não, mas tenho que tentar.

—Entrara em contato com Mistress Marigold? —perguntou com um sorriso debochado. — Porque esse assunto de “se for o anjo da morte” é um pouco estranho.

—Nem me fale. Ainda não decidi.

—O que acha de eu a chamar? Virgem Santa! —exclamou, voltando a olhar o registro da escola.

—O que houve?

Aproximei-me de um atlético salto para ler por cima do ombro.

—Mimi estudou com Kyle Kirsch. Acabo de perceber agora mesmo.

—O congressista? O mesmo congressista que recentemente anunciou planos de apresentar-se como candidato ao Senado dos Estados Unidos?

—Sim. Seu nome é Benjamin. Aparece como Benjamin Kyle Kirsch. Benjamin me despistou. Deve ser chamado pelo segundo nome.

Inclinei um pouco mais e a olhei fixamente.

—O mesmo congressista que anunciou planos de apresentar-se ao Senado dos Estados Unidos faz um mês?

Cookie ficou boquiaberta.

—Virgem Santa! —repetiu.

Possuía um grande jeito com as palavras.

Um congressista. Um maldito congressista. Era evidente que havia algo suspeito naquele assunto. Um enorme. Como do tamanho do King Kong. E alguém, e não pensava em citar nomes, não possuía intenção de deixá-lo escapar. Certamente porque não havia nada mais assustador que um descontrolado e descomunal traidor semeando o pânico entre a população. Apostava tudo, até o último de meus quarenta e sete dólares e cinquenta e cinco centavos, em Kyle Kirsch. Congressoista. Candidato a senador. Assassino.

Claro, também poderia ser que fosse tudo uma incrível coincidência, uma estranha série de acontecimentos que, por acaso, giravam em torno de um grupo de adolescentes de Ruiz, Novo México, e a um homem que acabava de anunciar candidatura mais ou menos pelas mesmas datas em que seus companheiros de aula começaram a cair como moscas. E, por que não? Também era possível que me coroassem Miss Finlândia antes de acabar o ano.

Graças a Kyle Kirsch, uma nova questão estava me causando sérios transtornos intestinais. Que diabos fez? Salvo se tivesse participado de um ritual de sacrifício para um senhor da escuridão, ou fosse representante do Amway^[38] em algum momento da

vida, não conseguia imaginar o que podia empurrá-lo a assassinar gente inocente.

Ele deve ser interrompido.

Parei o carro no complexo fechado de apartamentos de estilo fazenda de Kim Milhar e bati na porta de cor turquesa.

—Senhorita Davidson — disse Kim quando abriu, me olhando com evidente preocupação. Pegou minha mão e me fez entrar. — Onde está?

Levara o cabelo castanho avermelhado preso de qualquer maneira em um rabo e uns círculos escuros rodeavam os olhos esverdeados, que pareciam enormes e fundos. Se a primeira vez que a vi me deu sensação de fragilidade, nesse momento, a aparência de porcelana dava a impressão de estar a ponto de desmoronar.

Apertei a mão enquanto acompanhava a um sofá bege.

—Esperava que você pudesse dizer, disse quando sentamos.

O vislumbre de esperança a que se agarrou com unhas e dentes desvaneceu e sua aura se fraturou uns milímetros. Foi como se as sombras a envolvessem, como se uma neblina obscurecesse o olhar.

Não sabia até onde contar. Eu gostaria de saber que meu irmão virtualmente pretendia suicidar-se? É óbvio que sim. Kim tinha o direito de saber o que o irmão teimoso estava fazendo.

—Agora mesmo, está furioso comigo — disse.

—Então o viu?

Compreendi como deveria ser duro para ela o acordo que fizeram. Um pacto segundo o qual não podiam manter nenhum contato. Reyes não queria que ela voltasse a sofrer por sua culpa e ela se negava a ser o instrumento mediante o qual pudessem machucar Reyes. Ninguém, nem sequer o Estado, sabia que relação os unia. Apesar de não compartilharem progenitores, eram irmãos até a medula e pressentia que Reyes deixaria de ser meu amigo de alma se soubesse que falei com ela.

—Kim, sabe o que é?

Uniu as sobrancelhas em um delicado franzido.

—Não. Na verdade, não. Só que é muito especial.

—É... — falei, pegando impulso. Não que pensasse em dizer quem era na verdade. O que era. — É muito especial e pode abandonar seu corpo.

Engoliu em seco.

—Sei. Faz tempo que sei. E é muito forte. E rápido.

—Exato. E quando abandona o corpo, é ainda mais forte e mais rápido.

Fez-me saber que me seguia com um leve assentimento da cabeça.

—É por isso que decidiu deixar seu corpo morrer—anunciei, esperando não partir seu coração.

Os olhos avermelhados piscaram várias vezes, mergulhados em um silêncio atordoado antes que acabasse de digerir o que acabei de comunicar. Depois levou uma mão à boca e me olhou incrédula.

—Não pode fazer isso — disse com voz irada pela dor.

Apertei a mão que ainda não soltara.

—Concordo. Tenho que encontrá-lo, mas ele não quer me dizer onde seu corpo está. Está... ferido — falei, evitando a verdade.

Não era necessário que soubesse como a situação era grave ou o pouco tempo que ficava a Reyes.

—O que? Como é possível?

—Não tenho certeza — menti , — mas devo encontrá-lo antes que seja muito tarde. Tem alguma ideia de onde poderia estar?

—Não — respondeu com a voz quebrada enquanto as lágrimas começaram a rodar pelas bochechas, — mas o oficial federal disse que se colocou em uma boa confusão.

Meu sangue gelou nas veias. Ninguém, nem sequer o Estado, sabia que Kim era a pseudo irmã de Reyes. Ela estava completamente fora do sistema, não mantinham nenhum contato a pedido de Reyes e não havia nem um só documento que os relacionasse. Ao menos, que eu soubesse.

—E agora isto — prosseguiu, alheia a minha angústia. — Por quê? Por que me deixaria assim?

Ou esse oficial era muito bom em seu trabalho ou dispunha de informação privilegiada. Me inclinava para informação privilegiada, porque ninguém era tão bom.

Envolvi a mão entre as minhas.

—Kim, prometo que farei o possível por encontrá-lo.

Atraiu-me para ela para me abraçar. Estreitei-a com delicadeza, temendo que quebrasse entre meus braços.

Fui evitando o trânsito do I-40, me perguntando como demônios um oficial federal encontrou Kim. Estava alucinada. Não era fácil encontrá-la e isso que eu conhecia sua existência de antemão. De fato, muito pouca gente sabia.

Começou a tocar a melodia de *Da ya Think I'm Sexy?*^[39] e abri a tampa do telefone, sabendo que encontraria Cookie do outro lado da linha.

—A Casa de prostituição da Charley, diga?

—Tem que vir me buscar — disse.

—Já está oferecendo seu corpo pelas ruas outra vez? Já não falamos disto?

—Umas semanas antes de Mimi mudar ao Albuquerque, uma garota de sua classe desapareceu.

Reduzi uma marcha e mudei para a direita para sair da interestadual.

—O que aconteceu? —perguntei tentando me fazer ouvir por cima de buzinas e impropérios furiosos. — Pois olhe quem fala! —respondi a gritos aos condutores agressivos.

—Ninguém sabe. Nunca encontraram o corpo.

—Que interessante.

—Sim. E muito triste. Segundo um artigo de cinco anos atrás, seus pais ainda seguem no Ruiz. Estão há vinte anos vivendo na mesma casa, com esperança da filha bater na porta qualquer dia destes.

Na verdade, aquilo era bastante comum. Quando o caso não encerrava, os pais costumavam a mostrar-se reticentes na hora de mudar, por medo dos filhos voltarem algum dia e não os encontrarem.

—O encerramento de um caso, para bem ou mau, deveria ser prioritário.

—E adivinha como se chamava.

—Sim...

—Hana Insinga.

Ah. A parte da *Hana* da mensagem que Mimi deixou na parede do lavabo da cafeteria.

—Estou aí em um instante — disse, antes de desligar.

—Esta é a direção — disse Cookie ao subir no Misery.

—Quem vai atender ao telefone?

Na verdade não me importava, mas alguém precisava fazer Cookie passar mal, maldição, e por que não podia ser eu esse alguém?

—Desviei todas as chamadas a meu celular.

Também levava consigo uma pilha de papéis, pastas e o computador.

—Menos mal. Não te pago para que passeie pelo país como uma estrela do rock.

—Que você me paga? Se sou sua escrava.

—Por favor, um escravo sairia muito mais barato. Tem sua própria casa e paga suas contas.

Multifunção até a morte, mostrou a língua enquanto colocava o cinto de segurança. Como gostava de se exhibir. Vi uma brecha e pisei fundo em direção a Central. A oportunidade era tudo. Os arquivos saíram voando do colo de Cookie, que tentou apanhá-los.

—Cortei-me com o papel! —chiou.

—Isso é o que acontece por me mostrar a língua.

Chupou o dedo e me lançou um olhar assassino antes de afastar a mão para olhar a ferida.

—O seguro médico da empresa cobre os cortes com papel?

—As galinhas põem bolas de neve?

Umás duas horas depois, estávamos sentadas em uma acolhedora sala de estar do Ruiz com uma mulher encantadora chamada Hy que nos serviu um refresco feito com pó de sabores em xícaras de chá. Hy parecia ter ascendência asiática, talvez coreana, mas seu marido foi um piloto da marinha, loiro de olhos azuis. Conheceram-se com ele de licença em Corpus Christi, a cidade natal de Hy, no mais profundo do sul do Texas. Ela manteve o sotaque para confirmar. Era minúscula e possuía um rosto redondo emoldurado por uma juba negra com listras cinza que chegava à mandíbula. A camisa branca e a calça cáqui que usava a faziam parecer mais jovem do que era, embora por si já dava a impressão de ser tão delicada como as xícaras de chá que nos ofereceu.

—Obrigada — falei quando me ofereceu um guardanapo.

—Gostam de bolachas? —perguntou. O sotaque texano foi o bolo com os traços asiáticos.

—Não, obrigada — respondeu Cookie.

—Volto em seguida.

Desapareceu rapidamente em direção à cozinha, seguida pelo bater dos sapatos

sobre o tapete.

—Posso levá-la para casa? —perguntou Cookie. — É adorável.

—Pode, mas chamam isso de sequestro e há várias agências dedicadas ao cumprimento da lei que não veem com bons olhos.

Afoguei uma risada em minha xícara de chá ao ver que me respondia com uma careta. Era visto que o corte com papel a deixava de mau humor.

Hy retornou com uma bandeja de bolachas nas mãos. Sorri quando me entregou.

—Muitíssimo obrigada.

—São umas bolachas muito boas — assegurou, sentando em uma poltrona reclinável frente a nós.

Depois de deixar um em meu guardanapo, passei a bandeja a Cookie.

—Senhora Insinga, se importaria de contar o que ocorreu?

Dissemos que fomos até ali para fazer algumas perguntas a respeito da filha, quando pouco antes nos apresentamos em sua porta e ela teve a amabilidade de nos convidar a entrar.

—Faz já tanto tempo... — disse, retraindo-se em si mesma. — Ainda cheiro seu cabelo.

Deixei a xícara na mesa.

—Tem alguma ideia do que ocorreu?

—Ninguém sabe — respondeu com a voz quebrada. — Perguntamos a todo mundo. O xerife interrogou todos os estudantes, mas ninguém sabia nada. Simplesmente, um dia não voltou para casa. Como se a terra a tragasse.

—Saiu essa noite com algum amigo?

A dor armazenada pelo desaparecimento da filha flutuava à superfície e emanou de Hy. Era desorientador. Meu coração pulsava com força e minhas mãos suavam.

—Não devia ter saído. Fugiu pela janela, assim não sei se estava com alguém.

Hy lutava por controlar as emoções e senti muita lástima por ela.

—Poderia me dizer quem eram seus amigos? —perguntei.

Com um pouco de sorte, ao menos teríamos alguns contatos.

Entretanto, Hy sacudiu a cabeça, aflita.

—Fazia poucas semanas que vivíamos aqui. Ainda não conhecia nenhum de seus amigos, embora costumasse falar de umas garotas da escola. Não estou segura de que fossem íntimas, Hana era extremamente tímida, mas dizia que uma das garotas era muito amável com ela. Depois que Hana desapareceu, a jovem mudou a Albuquerque para viver com a avó.

—Mimi Marshal — disse, com tristeza.

Ela assentiu.

—Sim. Disse ao xerife que eram amigas. Ele me assegurou que interrogou a todos da escola e que ninguém sabia nada.

Do ponto de vista ético, não podia trazer o nome de Kyle Kirsch. Não dispúnhamos de provas que demonstrassem sua implicação naquele assunto. Entretanto, decidi focar o tema de uma perspectiva diferente.

—Senhora Insinga, havia algum menino entre as amigas? Mencionou alguma vez que tivesse um amigo?

Hy entrelaçou as mãos no colo. Deu-me a impressão de que não gostava de pensar naquela faceta da filha, mas a jovem estava com pelo menos quinze anos quando desapareceu, possivelmente dezesseis. Era mais que provável que os meninos ocupassem grande parte dos pensamentos.

—Não sei. Embora se gostasse de alguém, jamais teria confessado. Seu pai era muito rígido.

—Sinto muito por seu marido — disse, ante a menção do marido. Nos disse que morrera há dois anos.

Assenti com a cabeça em sinal de gratidão. Depois de levar a conversa para terrenos menos pantanosos e perguntar por sua cidade natal e o que mais sentia falta do Texas, Cookie e eu levantamos e nos acompanhou até a porta.

—Há algo mais — anunciou, ao nos conduzir fora. Cookie já estava a caminho do jipe. — Há uns dez anos, começamos a receber uma renda mensal em nossa conta corrente.

Parei e me virei para ela, surpresa.

—Não quis acreditar que tivesse algo a ver com Hana, mas devo deixar de me enganar. Por que alguém nos daria dinheiro sem razão aparente?

Boa pergunta.

—Trata-se de uma transferência de outra conta?

Sacudiu a cabeça. Claro que não. Isso seria muito fácil.

—Sempre é através de um caixa eletrônico — acrescentou . — Mil dólares em dinheiro no primeiro dia de cada mês. Como um relógio.

—E não tem a menor ideia de quem pode tratar-se?

—Não.

—Disse à polícia?

—Sim — assegurou, encolhendo os ombros, — mas não estavam dispostos a esbanjar seus recursos na vigilância nos caixas da cidade quando nem sequer se cometeu um delito. Sobre tudo considerando que não pretendíamos apresentar nenhuma denúncia.

Assenti. Deve ter sido difícil discutir com as autoridades.

—Meu marido e eu tentamos várias vezes descobrir quem fazia os depósitos, mas quando vigiávamos um caixa, o depósito se realizava em outro. Sempre.

—Bom, vale a pena investigar. Importaria que fizesse mais uma pergunta? — falei, enquanto Cookie se virava no final da calçada para me esperar.

—É óbvio, adiante.

—Lembra quem era o xerife quando Hana desapareceu? Quem levou a investigação?

—Ah, sim. Foi o xerife Kirsch.

Meu coração deu um tombo e prendi a respiração.

—Muitíssimo obrigada por seu tempo, senhora Insinga — disse, esperando que minha reação não a alarmasse.

Depois de me despedir definitivamente da mãe de Hana, Cookie e eu subimos no Misery e ficamos sentadas com expressões boquiabertas. Acabava de dizer quem era o xerife que conduziu a investigação.

—Me permita que faça uma pergunta — disse a Cookie, que estava com o olhar perdido no infinito. — Disse que Warren Jacobs tem dinheiro, verdade? Que cria programas de software para empresas de todo o mundo.

—Isso — murmurou de maneira ausente, sem me olhar.

—Então, por que Mimi trabalha?

Virou para mim imediatamente, como se não pudesse acreditar no que acabava de ouvir.

—Só porque o marido é rico, ela não pode trabalhar? Ter um pouco de independência? Uma identidade própria?

Levantei a mão.

—Cook, poderíamos colocar o movimento feminista em espera um momento? Pergunto por uma boa razão. Hy disse que alguém depositava através de caixas eletrônicos, que alguém deposita mil dólares em sua conta corrente há dez anos no dia primeiro de cada mês. Harold e Wanda disseram que Mimi os visita religiosamente, leva os meninos e passa a noite com eles no primeiro dia do mês. Cookie, Mimi é quem faz esses depósitos.

Ela refletiu um instante sobre o que acabava de dizer, até que baixou a cabeça e assentiu, resignada.

—Mas isso significaria que se sente culpada de algo, não é assim?

—Talvez, mas as pessoas se sentem culpadas de muitas coisas, Cook. Isso não quer dizer que fizesse nada errado.

—Confessou a mãe que fez algo que não estava bem. Charley, o que aconteceu?

—Não sei, querida, mas descobriremos. E aposto o testículo esquerdo de Garrett que tem algo que ver com nosso candidato ao Senado.

Girei a chave de contato. Misery voltou para a vida com um rugido enquanto Cookie olhava pela janela.

—Tem ideia do que isso significa? —perguntou.

—Além do fato de que é provável que Kyle Kirsch seja um assassino?

—Significa que estamos a ponto de acusar um congressista dos Estados Unidos de um delito grave. Um homem que espera ser nosso próximo senador. Um herói local e um pilar da comunidade.

Acaso Cookie duvidava porque Kirsch era um peixe gordo? Os peixes gordos precisavam seguir a lei igual aos médios e os pequenos.

Virou-se para mim com olhar entusiasmado. Sua aura transbordava de exaltação febril.

—Deus, como adoro este trabalho.

Capítulo 10

*Era ateu até que compreendi que sou Deus.
(Adesivo de para-choque)*

Quando paramos na delegacia de polícia do condado de Mora, Cookie esbravejou. Estava encarregada da investigação e o certo é que não fez nada errado. Sempre que não contassem as chamadas erradas, o acesso lento a internet e aguentar uma octogenária pesada que alegou ser Batman depois de que Cookie ligou seu número por engano. Cookie começou a ficar louca com minha imitação da mulher. Não deveria ter colocado no viva voz se não estava disposta a lidar com às consequências.

Passou ao meu lado, me dando um empurrão, assim que descemos do Misery.

—Um dia destes conseguirá que perca o julgamento.

Tentei não rir (bom, ao menos não de forma descarada) e perguntei:

—Mas não o ganhou, e por isso Amber vive com você?

Por desgraça, o xerife atual estava fora por questões de trabalho. A recepcionista nos disse que o xerife anterior, o pai de Kyle Kirsch, vivia em Taos com a mulher e se dedicava ao ramo da segurança, de modo que não pudemos falar com ele. Entretanto, a recepcionista nos facilitou cópias de tudo o que possuíam sobre o caso da Hana Insinga pelo módico preço de um bilhete de ida e volta a um porão úmido e escuro, e remexer em algumas caixas de arquivos.

A recepcionista era muito jovem para lembrar o caso, o que era uma chatice, embora estivesse convencida de que mais de uma pessoa acabaria zangando-se quando descobrisse que fizemos perguntas aproveitando o alvoroço que armamos. No mínimo, atrairíamos atenção de Kyle, e rápido. Claro que, entre os falsos agentes do FBI e as novas amizades que fiz naquela mesma manhã, talvez já tivéssemos revelado a situação de nossa guarida secreta e nossos vis planos para impedir que Kyle Kirsch dominasse o mundo.

Eu adorava fazer os caras maus suarem. O que não se diferenciava muito de minha paixão por fazer suar aos meninos bons, embora por razões muito diferentes.

De volta a casa, passamos por Santa Fé, o que me proporcionou a desculpa perfeita para ter um tête-à-tête com Neil Gossett, o subdiretor da prisão. Na verdade, Gossett ligou para casa e insistiu que fosse vê-lo. Pedi a seu ajudante para nos organizar uma visita. Bem, eu sabia o quanto gostam das visitas na prisão.

—Acha que Neil facilitará esse tipo de informação? —perguntou Cookie quando terminou de falar por telefone com a filha. Pelo visto, Amber estava bem com o pai, o que parecia aliviar as preocupações de Cookie. — Quer dizer, os registros de visitas não são confidenciais?

—O primeiro é o primeiro — respondi, a caminho da prisão.

Peguei o telefone e chamei tio Bob.

—Ah — disse Cookie, teclando no notebook, — Mistress Marigold acaba de responder a mensagem que enviei.

—De verdade? Diz algo de mim?

Cookie afogou uma risada.

—Bom, perguntei o que queria do anjo da morte e respondeu, textualmente: *Isso é entre o anjo da morte e eu.*

—Sim que diz algo de mim! Que simpática.

Cookie assentiu enquanto tio Bob respondia em tom brusco.

—O que tem?

—Além de uns bons melões? —perguntei.

—Sobre o caso.

Irritava-se com muita facilidade.

—Quer tudo tintim por tintim ou um resumo?

—Detalhado, se não se importar.

Assim, os próximos dez minutos, me dediquei a cantar enquanto Cookie seguia fazendo pesquisas pela internet no notebook e ia ladrando uma ou outra correção de quando em quando. Pelo visto, não muito satisfeita de minha interpretação de Kyle Kirsch e o Domínio do Mundo: O musical.

Depois de uma longa pausa, que me levou a perguntar se meu tio não teria sucumbido finalmente às artérias obstruídas, ouvi uns quantos ofegos e bufos e o chiado de uma porta.

—Kyle Kirsch? —perguntou em um sussurro.

—Onde está?

—Na porra do banheiro. Não pode ir por aí dizendo esse tipo de coisas na frente de todos. Kyle Kirsch?

—Sim.

—O Kyle Kirsch que temo?

Suas sinapses deveriam estar faltando.

—Agora tenho que ir à prisão. Avise-me quando atualizar o software e falaremos.

—Certo, espera — disse quando eu ia desligar, — darei uma olhada no caso da garota desaparecida. E pense nas coisas antes de fazer.

—Eu?

Me ofendi. Um pouquinho.

—Você agita mais ninhos de vespas que uma criança de 12 anos. É como Lois Lane até as sobrelhas de crack.

—Eu, nunca. Enfim, tem mais alguma coisa para mim?

—Não.

—Pois vá.

—Tente não entrar em apuros.

—O que? K-shhhhhh. Perco-te.

Desliguei antes que desse tempo de replicar. Se eu era Lois Lane, então não cabia dúvida de que Reyes Farrow era meu Superman. Precisava encontrá-lo, antes dos demônios de criptônima terminarem o que começaram. Não me passou despercebido o fato de que não o vi o dia inteiro. Teria morrido? Partiu já? Senti uma grande opressão no peito só em pensar. Inspirei fundo, com calma, tratando de me tranquilizar enquanto nos dirigíamos ao caminho que levava até a porta principal da

prisão.

—Conforme dizem os jornais, Janelle York possuía uma irmã, embora agora viva na Califórnia — me informou Cookie.

—Bem, isso fica um pouco longe. Viemos ver Neil Gossett — anunciei ao guarda. O homem revisou a lista, como um soldado em posição de sentido.

—Tem uma entrevista?

—É claro que sim — respondi, deixando entrever um sorriso insinuante. — Meu nome é Charlotte Davidson e ela é Cookie Kowalski.

Um gesto divertido apareceu na comissura dos lábios. Era muito jovem para estar farto do trabalho e velho demais para ser um ingênuo. A idade perfeita, na minha opinião.

—Só tenho você na lista, senhorita Davidson. Permita-me fazer uma ligação — disse.

Esbocei um sorriso mais amplo, o que, segundo minha experiência, costumava abrir mais portas que um AK-47^[40]. O jovem fez um esforço por manter a compostura, mas seus olhos me devolveram o sorriso antes de voltar-se e dirigir-se para a guarita.

—Talvez a irmã de Janelle viesse para o funeral — prosseguiu Cookie. — Chamarei à funerária, e verei se podem facilitar alguma informação.

Enquanto realizava a busca do número de telefone no computador, o guarda retornou junto a nós, com o sorriso ainda lutando por transpassar a fina linha dos lábios.

—Têm via livre. Se tomarem essa estrada que rodeia as instalações — disse, assinalando à direita, — levará direto ao edifício onde se encontra seu escritório.

—Obrigada.

Dez minutos depois, voltava a entrar na penitenciária do estado. Bom, no escritório da penitenciária do estado de Neil Gossett. Cookie ficou na sala de espera para seguir com suas indagações e fazer algumas ligações. Era muito produtiva. Ouvi que Neil se aproximava. Saudou Cookie e logo parou para falar com Luann, a secretária, a mesma que foi nos receber na entrada e que nunca afastava o olho, como se acreditasse que eu planejava matar seu cachorrinho cada vez que ia visitar. Sua pálida pele delatava até o último dos quarenta e tantos anos e contrastava marcantemente com o cabelo curto e negro e olhos escuros. Sempre me perguntava por que me lançaria olhadas assassinas cada vez que aparecia por ali. Nunca eram tão descaradas para me obrigar a descobrir, mas mesmo assim... somente recebia a nível emocional a desconfiança, embora recordando a primeira vez que nos vimos, não comecei a sentir seu receio até que descobriu que estava ali por Reyes. Era como se tivesse uma atitude protetora em volta dele, e de repente me perguntei por quê.

Neil agradeceu Luann e logo se dirigiu para o escritório. Fomos à mesma escola, mas nossos caminhos apenas se cruzaram. Principalmente porque era um imbecil. Menos mal que a vida do cárcere o amadureceu. Graças a um incidente ocorrido dez anos atrás, à chegada de Reyes à prisão, em que três dos bandidos mais temíveis que estavam entre as fileiras da população carcerária caíram em apenas quinze segundos, Neil sabia um pouquinho daquele recluso. O que quer que Neil viu esse dia deixou uma impressão profunda. E sabia o suficiente de mim para acreditar em tudo o que

dissesse, por absurdo que parecesse. Que diferença com a escola, onde me chamaram de tudo, desde esquizoide^{41} até Bloody Mary^{42}, o que é um pouco estranho, já que raramente costumava aparecer com um coquetel na mão. Entretanto, agora podia utilizar em proveito próprio à fé recém-descoberta em minhas habilidades e contava com dita confiança para me dar bem.

Entrou no escritório e me dirigiu um olhar de cumplicidade antes de sentar. Neil era um ex atleta meio calvo que ainda conservava um físico decente, apesar da óbvia afeição pela bebida.

—Viu-o? —perguntou, indo direto ao ponto.

No momento se ateria ao plano profissional. Certo. Era lógico que queria saber onde estava Reyes, tendo em conta que era o subdiretor da prisão que virtualmente escapou e tudo isso.

—Eu ia perguntar o mesmo.

—Isso significa que não sabe onde está?

Parecia preocupado.

—Exato.

Tentei parecer igual de preocupada.

Deixou escapar um suspiro de cansaço e estacionou por um momento seu papel de subdiretor da prisão. O que disse a seguir me surpreendeu mais do que quis admitir.

—Charley, temos que encontrá-lo. Terá que evitar que os oficiais sejam os primeiros em dar com ele.

Nesse momento saltaram meus alarmes.

—Por que diz isso?

—Porque se trata de Reyes Farrow — respondeu com certo sarcasmo. — Vi do que é capaz. Vi o que pode fazer só com as mãos. Só Deus sabe o que poderia acontecer se tivesse uma arma. —esfregou o rosto e, depois de um novo suspiro, relaxou os ombros, voltou a deixar a um lado seu papel de subdiretor e acrescentou—Você sabe melhor que eu do que é capaz.

Estava certo. Sabia muitíssimo mais que ele. Se Neil estivesse remotamente perto de saber a verdade, alucinaria.

—Não poderão detê-lo —proseguiu, muito sério— e quando compreenderem que não podem, recorrerão ao que for necessário para abatê-lo.

A ideia de Reyes sendo derrubado por um grupo de oficiais fez meus dentes apertarem e mantive a boca fechada e trancada um bom tempo enquanto sentia como parava meu coração. Reyes disse o mesmo. Em forma humana, era vulnerável. Podiam abatê-lo. Ignorava até onde Neil estava disposto a me ajudar a ajudar Reyes, mas descobriria. Embora se quisesse que ele confiasse em mim, teria que confiar nele. Talvez a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade fosse muito e talvez inclusive contraproducente, mas Neil viu o suficiente para saber que Reyes era diferente. Rodearia ao que ele sabia para levá-lo até meu terreno, deixando para outro dia esses pequenos detalhes irritantes que incorporavam palavras como anjo da morte e filho de Satã.

—Não sei onde se encontra — assegurei, dando um gigantesco salto de fé , — mas

sei que o perseguem e que está ferido.

Surpreendeu-se. Apesar de o rosto permanecer impassível (um verdadeiro entendido na arte da cara de pôquer), as emoções que afloraram improvisadamente ante minhas palavras me contaram que encontrei um aliado em quem podia confiar. Não estava zangado comigo por dispor daquela informação sobre Reyes ou impaciente por unir-se à caça do preso. Nos olhos não brilhava a cobiça ao pensar nos elogios que receberia por capturar um sentenciado foragido.

Não, Neil estava preocupado. Parecia sentir sinceramente por Reyes. E aquilo me surpreendeu. Neil trabalhava com centenas de reclusos diariamente, por isso o desgaste da compaixão deve desempenhar um papel importante em sua profissão. O lógico seria pensar que a frustração bastaria para impedir que sentisse verdadeira preocupação por alguém. Entretanto, percebia. A conexão que possuía com Reyes. Talvez estabeleceu um vínculo com ele depois de tanto tempo como preso, consciente de que era algo mais, não totalmente humano. Em qualquer caso, o beijaria na boca ali mesmo se não fosse tão idiota comigo na escola. O alívio que experimentei ao descobrir que Neil estava ao meu lado, do lado de Reyes, desfez o nó do estômago, ou ao menos afrouxou.

—Como sabe que está ferido? —perguntou.

Senti, literalmente, as emoções que debatiam em seu interior. Preocupação. Empatia. Medo. Equilibraram-se sobre mim e enroscaram a meu redor até me envolver em uma nuvem asfíxiante.

Pisquei tentando abrir caminho entre elas e me concentrei.

—Vou contar uma coisa — decidi, com a esperança de que aquele salto de fé não acabasse em uma aterrissagem forçada em uma plantação de cacto. Porque isso sim doeria. — Tem tudo isso de manter a mente aberta?

Hesitou um instante antes de assentir com certo receio, perguntando-se o que teria entre as mãos.

Inclinei-me para frente e baixei a voz com intenção de atenuar o golpe.

—Reyes é um ser sobrenatural. —Ao ver que ficava igual, que nem sequer pestanejava, prossegui. Em grande parte porque precisava de sua ajuda como o ar que respirava e em menor medida porque me intrigava saber até onde eu podia chegar, e até onde ele estava disposto a chegar para saber a verdade. — Quer dizer, eu também tenho algo de sobrenatural, mas o meu não é nada comparado com o dele.

Depois de um longo e silencioso momento, cobriu o rosto com as mãos e me olhou através dos dedos separados.

—Devo estar perdendo a cabeça — disse. Reconsiderou o tempo verbal e acrescentou—:Não, retiro o que disse. Perdi. Por completo. Estou para que me prendam.

—Bem, bem — falei, me removendo no assento.

Pensei que o melhor seria seguir a corrente. Sem julgar. Sem me precipitar a tirar conclusões. Sem comprar uma camisa de força para o Natal.

Apertou o botão do intercomunicador.

—Sim, senhor? —responderam imediatamente. Aquela mulher era boa.

—Luann, preciso que me interne o quanto antes. Ontem, se for possível.

—É óbvio, senhor. Em algum programa em particular?

—Não — respondeu, sacudindo a cabeça. — Qualquer um servirá. Confio em seu bom julgamento.

—Farei isso imediatamente, senhor.

—É boa gente — disse Neil quando Luann cortou a comunicação.

—Isso parece. E vai fazer prenderem você por que...

Olhou-me com uma careta, como se eu tivesse culpa do colapso mental.

—Porque, por mais que me custe admitir, acredito em você.

Tentei reprimir um sorriso aliviado.

—Não, de verdade, acredito cegamente. Como se acabasse de me dizer que teve um pneu furado ou que está nublado. Como se o que me contaste fosse o mais normal do mundo. Nada extraordinário. Nada pelo que levar as mãos à cabeça.

Merda, sim, mudou desde a escola. E não me referia unicamente à barriga cervejeira e às entradas incipientes.

—E isso é mau?

—É óbvio que é mau. Trabalho em um cárcere, pelo amor de Deus. Este tipo de coisa não ocorre em meu mundo e, entretanto, até a última partícula de meu ser aceita que Reyes seja um ser sobrenatural. Neste momento, antes, duvidaria do homem do tempo.

—Todos duvidam do homem do tempo e agora está em meu mundo — disse, com um amplo sorriso. — Meu mundo é alucinante, mas se contei foi por uma boa razão.

Devolveu-me sua atenção e arqueou as sobrancelhas, intrigado.

—Preciso de ajuda. Preciso saber quem visitou Reyes.

—E para que precisa dessa informação?

—Porque tenho que encontrar seu corpo.

—Está morto? — perguntou Neil, preocupado. Levantou de um salto e rodeou a mesa.

—Não, Neil, calma. — Elevei as mãos para que tranquilizasse. — Não está morto. Ou, bom, acredito que não está morto, embora fique pouco tempo. Tenho que encontrar seu corpo. Como já disse, está ferido. Muito gravemente.

—E acha que alguém poderia estar dando refugio? Alguém que veio visitá-lo.

—Exato.

Virou e voltou a apertar o botão do intercomunicador.

—Luann, poderia buscar os nomes de todas as pessoas que visitaram Reyes Farrow no último ano? E também quereria saber a quem solicitou que se incluísse em sua lista de visitas, tanto as aprovadas pelo estado como as que não.

—Quererá a informação antes ou depois que o prendam, senhor?

Neil franziu os lábios, considerando.

—Antes — respondeu, depois de tomar uma decisão. — Definitivamente, antes.

—Terá em seguida.

—Eu adoro quando diz *em seguida* — comentei, me dizendo que precisava ensinar aquele conceito a Cookie. — Então as visitas têm que passar uma aprovação?

—Sim. — Retornou a sua cadeira, depois da mesa. — O detento deve facilitar o nome de todas aquelas pessoas de quem desejaria receber uma visita. Continuando, a

pessoa em questão tem que preencher uma solicitação, que por sua vez se remete ao estado para aprovação antes da dita pessoa realizar a visita. Mas voltemos ao assunto sobrenatural — propôs, com ar misterioso.

—Claro.

—É vidente? É por isso que sabe que Farrow está ferido?

Sempre com aquela ditosa palavra.

—Não, não especialmente. Não como você acredita. Não posso predizer o futuro nem ver o passado. —Ao ver que me olhava com receio, acrescentei—sério, somente lembro o que ocorreu semana passada. O passado é impreciso, como um borrão, mas mais impreciso ainda.

—Certo, então a que se refere com sobrenatural?

Considerarei contar toda a verdade, embora descartei rapidamente. Não queria perdê-lo, mas tampouco queria mentir. Aquele cara levava perto de uma década trabalhando com criminosos, cada um mais perito na arte de enganar.

Examinei com atenção o desenho pontilhado do tapete, tratando de decidir o que dizer. Odiava esse momento de incerteza em que devia escolher o que contar e o que calar. O problema de me justificar com alguém era que, ao fazê-lo, sua vida nunca voltava a ser a mesma. A partir desse momento, teria uma perspectiva enviesada. Em qualquer caso, considerando que a maioria das pessoas tampouco acreditaria em nada, quase nunca me via em uma situação tão delicada. Entretanto, Neil foi testemunha de feitos sem explicação. Sabia que Reyes era mais poderoso que qualquer outro homem que conheceu. Sabia que eu via coisas que ninguém mais via. No entanto, existia uma linha, um limite a partir do qual a mente humana aceitava o que apresentava como real ou não. Se o cruzasse, perderia sua cooperação e amizade. A verdade é que sua amizade me importava uma merda, mas mesmo assim não sabia se valia a pena arriscar.

—Neil, não quero mentir.

—E eu não quero que minta, assim isto deveria ser vapt vupt.

—Se conto a verdade... — continuei, depois de um fundo suspiro, — digamos que não dormirá tranquilo. Nunca mais.

Repicou com uma caneta sobre a mesa, pensativo.

—Para ser honesto, Charley, não tenho dormido muito bem desde a última vez que veio de visita, semanas atrás.

Merda. Sabia. Fodi sua vida.

—Talvez esteja enganado — prosseguiu, — mas acredito que dormiria melhor se soubesse toda a história. São os cabos soltos que não me deixam pegar olho. Já não confio em nada. Nada tem sentido. Tenho a sensação de que os alicerces sobre os que se constroem minhas crenças se desmoronam abaixo dos meus pés e já não sei a que me segurar porque não distingo entre o que é real e o que não o é.

—Neil, se contar mais, a última coisa que essa informação fará será te ajudar a segurar à realidade.

—Não vale a pena seguir discutindo, está claro que não vamos concordar.

—Não.

—Então, quer discutir?

—Não.

—Então, estamos de acordo?

—Não.

—Pois me permita expor desta maneira. —inclinou-se para frente e esboçou o sorriso mais malicioso que já vi. — Se você quer colocar os focinhos em meus arquivos, eu quero saber tudo.

Acabava de comparar meu nariz com um focinho?

—Acredito que não posso fazer algo assim — respondi com grande pesar.

—Ah, não? Bom, talvez eu tampouco tenha contado tudo.

Franzi o cenho.

—A que se refere?

—Realmente acha que essa pequena história que contei sobre Reyes é tudo?

A primeira vez que visitei a prisão, Neil me explicou uma história surpreendente. Fazia pouco que começara a trabalhar no cárcere quando viu como Reyes, então um jovem de vinte e um anos, acabava com três dos homens mais perigosos do lugar sem nem despentear. Tudo terminou antes de Neil ter tempo de pedir reforços. Foi, então, quando soube que Reyes era diferente.

—Acredita que aquilo foi tudo? —insistiu. Não me surpreenderia que soltasse uma gargalhada maligna. — Tenho dezenas de histórias. Coisas que... Coisas que não têm explicação. —Sacudiu a cabeça, pensando no que supus que seria um sem fim de fenômenos inexplicáveis. Tentei não babar. — E, sinceramente, Charley, preciso de uma explicação. Suponho que se trata do cientista que há em mim.

—Foi péssimo em ciências.

—Comecei a gostar com o tempo.

Não pensava em dar o braço a torcer. Adivinhava a determinação em seu olhar. A mesma determinação que levou a equipe de futebol americano da escola às estaduais três anos seguidos. Maldito.

—Sabe o que? —falei, entrando em modo negociação. — Você mostra o seu e eu mostro o meu.

—E eu começo, não é?

Sorri, confirmando.

—Maldição. Eu sempre sou o primeiro e depois, metade das vezes, as garotas murmuram e saem correndo antes de mostrar as suas.

Era evidente que possuía muita experiência naquele campo.

—Não confia em mim? —perguntei, e tratei de parecer sinceramente chocada.

Seus lábios desenharam uma fina linha.

—Não nasci ontem.

Assinalei a meu redor mostrando as palmas das mãos.

—Cara, estamos em uma prisão. Se não cumprir com minha parte do trato, pode me enviar à cela de isolamento até que faça.

—Quero por escrito.

Desejava mais, necessitava mais como o ar que respirava. Minha ânsia por saber todo o possível a respeito de Reyes eram insaciáveis.

—Como você quiser, escrito com sangue.

—Acredito que não será necessário chegar a esse extremo — disse com um suspiro, depois de um longo momento de reflexão. — Contarei uma das memoráveis. — mordeu o lábio um segundo antes de escolher entre o amplo repertório de que parecia dispor. — Bem, isto aconteceu quando eu ainda era oficial das prisões. Recebemos um aviso de que estava a ponto de estourar uma briga. Uma das sérias, entre o South Sede e os Arianos. A tensão era tão evidente que no terceiro dia já duidávamos que algo aconteceria. Os homens se reuniram no pátio, olharam-se fixamente e foram aproximando-se uns dos outros pouco a pouco, até que os chefes estavam cara a cara. E Farrow apareceu justo no meio. Nos surpreendeu.

—Por que surpreendeu? —perguntei, convencida de que estava com os olhos arregalados.

—Porque não possuía relação com nenhum dos dois grupos. É estranho, mas de vez em quando um dos detentos decide ir por sua conta. Como Reyes. E ia bastante bem.

—Bem, então está no meio da briga e...

Embora soubesse que não aconteceu nada a Reyes, meu coração encolheu de imaginar.

—Bem no meio. Não acreditamos. Os homens começaram a cair como moscas. À medida que Farrow abria caminho entre os reclusos, estes desabavam no chão. Simplesmente desmaiavam.

Parou, absorto em pensamentos.

—O que ocorreu depois? —perguntei, realmente impressionada.

—Quando Farrow chegou até os cabeças, falou com eles. Para então, quase todos outros começaram a dispersar, uns assombrados e outros morto de medos. Os chefes olharam ao redor, compreenderam o que ocorria e, então, o do South Sede mostrou as palmas das mãos e retrocedeu. Entretanto, o ariano ficou furioso. Suponho que acreditou que Farrow estava traindo a raça ou algo pelo estilo.

—São muito suscetíveis com essas coisas.

Neil assentiu.

—O ariano enfrentou Farrow e começou a gritar na cara. Então, antes que ninguém soubesse o que aconteceu, também desabou no chão.

Levantei de um salto e apoiei as mãos na mesa do Neil.

—O que Reyes fez?

Olhou-me.

—Ao princípio não o vimos, mas os tocava, Charley. Nas câmeras aparecia caminhando entre os detentos e tocando-os no ombro. E eles caíam como moscas.

Fiquei boquiaberta, provavelmente muito mais tempo que o conveniente.

—Os oficiais das prisões entraram correndo, requisitaram as armas, registraram todo mundo e fecharam as instalações. —Neil sacudiu a cabeça ao recordar. — É impossível saber quantas mortes evitaram nesse dia. Incluída a minha.

Aquilo me surpreendeu.

—Por que a sua?

Olhou as mãos atentamente antes de responder.

—Não sou tão valente como pareço, Charley. Os Arianos me juraram. Irritei um

dos seus por deixá-lo incomunicável depois de que empurrou uma bandeja em outro recluso. —Neil olhava o infinito. — Nunca teria saído vivo dali. Sei. E estava cagado de medo.

—Não tem nada do que se envergonhar, Neil. —Repreendi-o com o olhar e, continuando, disse em voz alta o que ambos pensávamos—Assim, também evitou sua morte.

—E estou impaciente por devolver o favor.

—Me permita uma pergunta — aponte, tentando esclarecer a suspeita que começou a formar em minha mente. O melhor amigo de Reyes da época da escola também foi seu companheiro de cela. — O cara com quem compartilhava cela, Amador Sanchez, por acaso não estaria relacionado com o South Side, verdade?

Neil pensou um instante.

—Sim, de fato, acredito que sim.

Interessante. Perguntei-me se Reyes teria intervindo se não fosse assim.

—Acredito que Farrow teria detido a briga de todos os modos — comentou Neil, como se lesse meu pensamento.

—Por que diz?

—Quando irrompemos no pátio, fui direito para ele. Preferi me assegurar de que ninguém mais se aproximava. Por um lado, porque não queria que o machucassem e, por outro, porque possuía uma ligeira ideia do que era capaz de fazer. Além disso, também não desejava que nenhum de meus companheiros resultasse ferido. Ordenei que se atirasse ao chão e me ajoelhei junto a ele quando a equipe tática lançou gás lacrimogêneo no pátio. Eu levava uma máscara, mas baixe a seu lado... precisava saber.

—Saber o que?

—Perguntei por que parou a briga.

—O que disse?

—Ao princípio, negou. Disse que não sabia do que estava falando e depois se negou a responder, embora talvez fosse pelo gás lacrimogêneo.

—O que aconteceu depois?

—Quando conduzíamos os homens ao interior para isolar a área, inclinou-se para mim enquanto esperava sua vez para o registrarem e me disse que viveu guerras suficientes para um milhar de vidas.

Engoli, pois sabia muito bem a que se referia.

Neil me olhou com curiosidade.

—O que quis dizer? Não estive em nenhuma guerra e pensei que talvez você pudesse saber. —Entrelaçou os dedos. — Acredito que é a sua vez.

Claro, devia ser sincera com ele, mas não podia contar tudo. Não seria justo para Reyes. Só contaria o estritamente necessário.

—Não sei como dizer isto — comecei, indecisa, — mas Reyes sabe o que é a guerra, estive em centenas delas. —Observei Neil com atenção, atenta a reação. — Foi general de um exército durante séculos, embora de um exército que não é deste mundo.

—É um alienígena? —perguntou Neil com um tom de voz ligeiramente alto.

—Não — respondi, tratando de reprimir uma gargalhada, — não é um alienígena. Não posso contar tudo... É um ser sobrenatural.

—Sabia — disse, e imediatamente ficou em pé. — A uma cela de isolamento. Agarrou meu braço e me obrigou a me levantar da cadeira, embora com delicadeza.

—O que? Mas estou cantando.

—Não, essa canção já cantou antes, preciso de uma nova, uma que não ouvi, e sei que está guardando isso.

—Não é certo. É que...

—Sabe a quantas pessoas contei essa história? —inclinou-se para frente e baixou a voz até convertê-la em um sussurro, como se alguém pudesse ouvir. — Tem ideia do quanto é desatinada?

Fomos para a porta.

—Espera, não pode me colocar em uma cela de isolamento de verdade.

—Não?

—Neil!

—Luann, chame aos de internamento — disse ao abrir a porta.

Cookie seguia esperando no escritório de Luann e afastou a vista do notebook, franziu o cenho aparentando um leve interesse e retomou as pesquisas.

—Tudo bem, desisto. —Mostrei as palmas das mãos em sinal de rendição. Ao notar que afrouxava a pressão sobre meu braço, retirei-o de um puxão e resmunguei entre dentes—Mas depois não me culpe se fizer xixi na cama.

Neil sorriu a Luann com simpatia e fechou a porta.

—Só tem uma oportunidade e se não a aproveitar, não voltará a ver a luz do dia nunca mais.

—Bem, quer jogar duro, jogaremos duro — aceitei, dando uns golpezinhos no peito com o dedo. — Reyes Farrow é o filho de Satã.

Assim que disse, assim que as palavras abandonaram meus lábios, entrei em estado de choque. Levei as mãos à boca e fiquei olhando o vazio um bom momento.

Reyes me mataria por ter revelado aquele segredo. Faria picadinho com sua espada reluzente, estava segura. Não, um momento, ainda poderia consertar. Voltei meu olhar aterrorizado para o Neil, que parecia seguir considerando a solitária.

Baixei as mãos e comecei a rir. Ou ao menos tentei. Por desgraça, parecia uma rã a ponto de afogar-se, mas estava nervosa, confusa.

—É brincadeira — disse, tensa ante a iminência de uma morte certa. Dei um murro amistoso no braço. — Já sabe o que acontece quando está a ponto de prenderem, não ocorrem mais que tolices.

Virei para me dirigir a meu assento (e abri a boca sem que ele visse, surpresa de minha própria estupidez) quando ouvi que dizia:

—Não é brincadeira.

—Vamos! —exclamei com um bufo, me voltando para ele. — É claro que brincava. Não dirá a sério? O filho de Satã? —Soprei de novo, ri bobamente e sentei. — Enfim, o que estávamos dizendo?

—Como é possível? —Retornou junto à mesa, atordoado. — Como?

Maldição. Levantei e me inclinei sobre a mesa com tal agitação que parecia ter dança de São Vito^[43], o que acabou de me trair por completo.

—Neil, falo sério, não pode contar a ninguém.

O desespero refletido em minha voz o fez voltar para a realidade. Levantou o olhar com um leve pestanejo e franziu o cenho, intrigado.

—Neil, se há algo em sua vida que jamais poderá contar a ninguém, é isto. Não sei o que Reyes faria se descobrisse que sabe. Quer dizer... —M e voltei e comecei a caminhar pelo escritório, me afastando dele lentamente, pensativa. — Não acredito que te machucasse. Não, acredito que não, mas quem pode assegurar? De um tempo para cá, está comportando-se de maneira um pouco... imprevisível.

—Como é possível? —balbuciu de novo.

—Bom, estive submetido a bastante pressão. E tortura.

—O filho de Satã?

—Você não me ouviu? —falei. Deus bendito, aquilo era asneira e o resto bobagem. Até o pescoço. — Não pode dizer nenhuma palavra disto a ninguém.

Já cometi o engano de contar a Cookie sem pensar nas consequências. E agora Neil? Por que não publicava no The New York Times? Ou o anunciava em uma placa publicitária no I-40? Ou tatuava isso no traseiro?

—Charley, entendo — assegurou Neil, voltando a si. — Nenhuma palavra. Sei do que é capaz, lembra? A última coisa que quero é provocar sua ira. Prometo a você.

Aliviada, desabei na cadeira com um grande suspiro.

—Mas como é possível? —perguntou pela terceira vez.

Encolhi os ombros como resposta.

—Nem sequer eu conheço os detalhes, Neil. Sinto muito ter contado. Não é tão mau como parece, de verdade.

—Mau? —repetiu, aniquilado. — Por que tem que ser mau?

—Mmm... — meditei um pouco. — É uma pegadinha?

—Charley, eu sei que é uma boa pessoa. Embora o fato de que seu pai é, bem, a personificação do mal. Sabe o que é realmente o mal? —perguntou.

Arqueei as sobrancelhas.

—Quando os americanos falam do mal, se referem a algo maligno, cruel e brutal. Mas isso não é o mal, a não ser a percepção que temos dele.

—Aonde quer chegar?

—O mal não é mais que a ausência do bem, a ausência de Deus.

Nunca me ocorreu olhar daquela maneira.

—Então, sabe que Reyes não é ruim? Acha que é uma boa pessoa.

—É óbvio. —Disse como se eu fosse idiota. — Venha, sério, de verdade é, já sabe, seu filho?

—Sim — respondi, muito a meu pesar. — É de verdade.

—É o melhor que ouvi em toda minha vida.

—O melhor?

Neil sorriu de orelha a orelha.

—Sim, o melhor. —recostou-se na cadeira e uniu a ponta dos dedos de ambas as mãos. — Desde que apareceu por aqui a semana passada... Não, retifico, desde que

Reyes apareceu em minha vida há dez anos, questionei muitas coisas. Perguntava-me se existia realmente um poder superior. Ou o céu. Ou Deus. Devo admitir que parte disso se deve a testemunhar diariamente as atrocidades que o homem é capaz de cometer. Mas também de sentir a existência, ou ter um vislumbre, desse outro mundo, dessa outra realidade sem saber do que se tratava, qual era sua origem. Entretanto, agora... — Me olhou fixamente, com afeto. — Em uma palavra: reafirmou minha fé em Deus, Charley. Quer dizer, pense. Se o filho de Satã existe, já pode estar segura de que o filho de Deus também.

Sacudi a cabeça.

—Tem toda a razão. Estou um pouco surpresa pelo quanto levou isto bem.

—Pense bem. Jesus me ama.

Ri, aliviada, e me inclinei para frente.

—Talvez Jesus te ame — falei em um sussurro, — mas eu sou sua favorita.

Riu também, mas em seguida parou e ficou olhando. Eu diria que muito tempo.

—O que houve? —perguntei, começando a me sentir incômoda.

—Se Farrow é o filho de Satã, então o que é você?

—Nem pensar — respondi, negando com o dedo. — Você me contou algo e eu contei algo. Estamos em paz.

Não afastou seus olhos de mim, cheios de uma repentina curiosidade, quando Luann bateu na porta.

—Entre.

Entrou e entregou vários papéis.

—Isto é tudo? —perguntou Neil, assombrado, enquanto colocava os óculos sobre o nariz.

Luann levou os registros de visitas que pediu.

—Sim, senhor. Rejeitou todos os outros.

—Obrigado, Luann. —Virou para mim quando a secretária partiu. — Só há uma pessoa na lista de visitas aprovadas do Farrow. Nem um advogado. Uma única pessoa.

—Me deixe adivinhar: Amador Sanchez.

—O mesmo. Foram companheiros de cela durante quatro anos.

—Também foram amigos de escola.

—De verdade? —perguntou, assombrado. — Como demônios acabaram compartilhando cela? E durante quatro anos, nada mais e nada menos.

Como Reyes fez? Parecia cada vez mais intrigado.

—O que Luann quis dizer com isso de que rejeitou todas as outras?

—Ah, as mulheres, já sabe. —Subtraiu importância das palavras com um gesto despreocupado da mão enquanto repassava os registros. — Certo, Amador Sanchez o visitou na semana anterior a dispensa. Pelo visto, o via com bastante regularidade.

—Que mulheres? —perguntei, enquanto ele seguia folheando os papéis.

—As mulheres — repetiu, sem levantar os olhos. — Não permite que nenhuma o visite, assim certamente não teremos registros. Embora bem sabe Deus que elas não perdem a esperança. Ao menos uma ou dois no mês. —Levantou a vista para o teto, pensativo. — Agora que penso, geralmente preenchem uma solicitação, para ver se assim ao menos podem vê-lo. Talvez ainda conservemos algumas. Terei que verificar.

Voltou a concentrar-se nos documentos na mão.

—Sim, o que você disser. Que mulheres? —insisti, tentando conter o feroz ataque de ciúmes que me corroía por dentro.

Depois de uma longa pausa durante a que tramei diversas formas de assassiná-lo (lá pela décima sétima) olhou sobre o aro dos óculos.

—Todas essas mulheres das páginas Web.

Seu tom de voz deixou bem claro que de repente parecia idiota.

Comecei a me inclinar em uma morte lenta. Agônica. Talvez a número quatro. Ou a treze.

—Que páginas Web?

Deixou os papéis sobre a mesa e ficou olhando como se não pudesse acreditar no que ouvia. Um gesto muito grosseiro.

—Não é detetive?

—Bom, sim, mas...

—Quanto tempo está investigando Farrow?

—Bem, faz uma semana que descobri quem era. Menos, se te reger pelo calendário de Saturno.

—Primeiro, me lembre de nunca contratar seus serviços.

Mudei de opinião. Seria a número doze, definitivamente. Quase me deu pena e tudo.

—E, segundo, faz o favor e busca no Google.

—Que procure Reyes no Google. Por quê?

Soltou uma risada contida e sacudiu a cabeça.

—Porque está a ponto de ter uma boa surpresa.

Adiantei o traseiro até o limite do assento da cadeira.

—Por quê? A que te refere? Mulheres escrevem para ele? —Ouvi falar de mulheres que se envolviam com presidiários. Sem jogar mão de nenhum dos milhares de adjetivos que utilizava para descrever essas pessoas, perguntei— Se corresponde com alguém?

Neil beliscou a ponte do nariz tentando reprimir um sorriso.

—Charley — disse, me olhando, — Reyes Farrow tem fã clube^{44}.

Capítulo 11

As pessoas podem observar muito só olhando.
YOGI BERRA

—Não te ocorreu buscá-lo no Google?

—Bom, nem a você — se defendeu Cookie quando perguntei por Reyes no carro, a caminho de Santa Fé. — Consulte as bases de dados oficiais e encontrei o arquivo policial e a informação referente à condenação. E visitei a página do The News Journal para os artigos sobre o julgamento.

—E não pensou em buscá-lo no Google?

—Nem a você — repetiu, irritada. Não deixou de digitar no notebook.

—Fã clube! —exclamei, mais que ligeiramente escandalizada. — Tem clubes de fãs. E montanhas de correspondência.

Uma afiada pontada de ciúmes atravessou meu peito e abriu um buraco nele. Metaforicamente falando. Centenas de mulheres, talvez milhares, sabiam mais a respeito de Reyes Alexander Farrow que eu.

—Por que alguém criaria um fã clube de um recluso? —Cookie se surpreendeu.

Perguntei aquilo ao Neil.

—Pelo visto, há mulheres por aí obcecadas com os presos. Rebuscam entre os artigos de notícias e documentos processuais até que encontram condenados atraentes e então, ou empreendem uma cruzada para demonstrar que o detento é inocente, como todos afirmam, ou se limitam a admirá-lo de longe. Neil disse que para algumas mulheres é quase como uma competição.

—Terá que estar louco.

—Concordo, mas pense, esses homens têm muito pouco entre o que escolher. Talvez elas o fazem porque estão virtualmente seguras de que as aceitarão. Quer dizer, quem vai se negar a que uma mulher envie cartas de amor ou vá a prisão fazer uma visita? Essas mulheres não têm nada a perder.

Cookie me dirigiu um olhar carregado de preocupação.

—Parece que aceitou isso muito bem.

—Na verdade, não — admiti, sacudindo a cabeça. — Acredito que ainda estou em estado de choque. É que, céu santo, até contam histórias.

Cookie também parecia profundamente afetada. Estava aproveitando para navegar pela rede a caminho de casa de uma tal Elaine Oake, quando arregalou os olhos, meio encantada.

—E têm fotos.

—E contam histórias. Espera, o que? Têm fotos?

No interesse da segurança rodoviária, decidi parar o carro no acostamento da rodovia. Acendi as luzes de emergência e me volvei para a tela de Cookie. A Virgem Santíssima. Havia fotos.

Uma hora depois, nos encontrávamos diante da porta da mulher a que só podia

me referir como a Perseguidora. Porque, vamos ver, aquilo é sério? Pagava funcionários das prisões e a outros presos para conseguir informação sobre Reyes? Para que o roubassem? Não é que eu não tivesse feito o mesmo, mas ao menos havia uma boa razão.

Abriu-nos uma mulher alta e magra. Era loira e levava o cabelo curto e penteado de modo informal, alvoroçado, embora duvidasse que nenhum só daqueles cabelos não estivesse exatamente no lugar que ela escolheu.

—Olá, senhora Oake?

—Sim — respondeu, com uma muito leve pitada de preocupação na voz.

—Desejaríamos fazer umas quantas perguntas sobre Reyes Farrow.

— Eu tenho que trabalhar. Ela apontou para um sinal em cima da campainha da porta. Então, você pode voltar mais tarde?

Tirei minha licença de detetive privado do bolso traseiro.

—Na verdade, estamos trabalhando em um caso e gostaríamos de falar com você agora, se tiver um minuto.

—Ah. Bem... certo. —Convidou-nos a entrar na humilde morada, se uma casa de vários milhões de dólares com algo como doze mil quartos podia considerar-se humilde. Que não podia. — Comecei a receber tantas visitas que agendar horário. Não deixavam de bater na porta. —Conduziu-nos até uma saleta. — Desejam que peça uma xícara de chá?

Fala sério? Os ricos faziam isso? Pedem que tragam chá?

—Não, obrigada, acabo de tomar um litro de paraíso com gelo e sem açúcar.

Passou um nóculo por baixo do nariz como se meu tosco comportamento fosse... bom, tosco. —Enfim, o que esse insolente fez agora? —disse, recuperada de minha insolência.

—Insolente? —perguntou Cookie.

—Reyes — especificou.

Meus músculos enrijeceram por causa do ciúmes por ouvir com que naturalidade pronunciava o nome de Reyes. Muito pouco próprio de mim. Quase nunca ficava apreensiva. Além disso, a meu modo de ver, ali cada uma defendia o seu. Já veríamos quem paquerava melhor. Nunca teria acreditado que o ciúmes pudesse chegar a me cegar, mas estava visto que, tratando-se de Reyes, precisaria de um cão guia.

Conseguí controlar aquele sentimento apertando os dentes e fechando as mãos em punho.

—Entrou em contato com ele no último mês?

Começou a rir. Pelo visto, nós, rústicos, a divertíamos.

—Não sabem muito de Rey, verdade?

Rey? Pensei que aquilo não podia piorar, notando um tic nervoso na pálpebra.

—Não muito — admiti, incapaz de separar os dentes, o que complicou um pouco minha dicção.

Ao ver que Elaine levantava e se dirigia para uma porta, Cookie colocou uma mão sobre uma das minhas e apertou. Suponho que para me lembrar de que haveria uma testemunha no caso de assassinar aquela mulher e enterrar o corpo sob as azáleas.

Nem sequer sabia que as azáleas cresciam em Novo México.

—Então, talvez deversem me acompanhar.

Abriu umas portas contíguas que davam ao que unicamente poderia descrever como um museu dedicado a Reyes Farrow.

Levantei tratando de afogar um grito quando meus olhos pousaram sobre um mural gigantesco de Reyes. As pernas fraquejaram ao sentir a carícia incitante daquele olhar ardente, que me deixou sem respiração.

—Pensei que gostariam de ver isto — disse, enquanto eu abandonava minha cadeira como em uma nuvem e avançava sem vontade.

O resto do mundo deixou de existir quando entrei levitando no santuário de Reyes. As paredes da ampla sala, salpicada de vitrines iluminadas, estavam cobertas de fotos emolduradas.

—Eu fui à primeira — afirmou, com a voz transbordante de orgulho. — O descobri antes inclusive de o condenarem. As demais páginas nasceram como resultado da minha e não sabem nada dele salvo o que eu digo.

Ou o que os oficiais das prisões diziam. Neil me informou que despediram quatro funcionários nos últimos anos por vender informação e fotografias aquela mulher, uma e outras relacionadas com Reyes Farrow. E pela pinta da casa, apostaria o que fosse que Elaine poderia permitir-se muito mais. A maioria das imagens emolduradas eram as mesmas da página Web, fotos roubadas que os funcionários tiraram enquanto Reyes não olhava. Perguntei-me quantas pagou para que estivessem dispostos a arriscar o trabalho. E, conhecendo Reyes, as vidas.

Inclusive havia umas, um tanto granuladas, tiradas no chuveiro. Granulado ou não, aquele cara era um tesão. Inclinei para estudar a curva dura do traseiro, as suaves linhas dos músculos.

—Essas também são minhas favoritas.

Estremeci ao ouvir Elaine e segui adiante com meu exame, enquanto calculava que possibilidades de invadir mais tarde aquela sala e levar isso sem que me prendessem. Os expositores de cristal continham diferentes objetos que, conforme parecia, pertenceram a Reyes. Desde uniformes carcerários, pente, um velho relógio até uns quantos livros e um par de postais que, supostamente, recebeu. Inclinei-me um pouco mais. Nenhum dos postais possuía remetente. Uns quantos objetos mais à frente, havia várias páginas escritas à mão, dispostas ao longo de uma prateleira. A caligrafia era clara e fluída e, em teoria, de Reyes.

—Tem uma letra linda — comentou Elaine, com certa presunção. Parecia encantada de ter conseguido me deixar muda. — Ainda estamos tratando de desentranhar o mistério da Dutch.

Fiquei gelada. Acabava de dizer Dutch? Quando finalmente consegui me recuperar da impressão, endireitei e a olhei com um ar despreocupado. Por sorte, Cookie estava atrás dela, a um lado, de modo que a mulher não pôde ver a cara de estupefação.

—Dutch? — perguntei, como quem não quer a coisa.

—Sim. —Avançou com absoluta calma e assinalou o expositor. — Aproxime-se e leia.

Voltei a me agachar e li. *Dutch*. Uma e outra vez. Em todas e cada uma das linhas se repetia constantemente uma única palavra: *Dutch*. Em resumidas contas, o que parecia uma carta em realidade era meu apelido reproduzido até não poder mais. A última página mudava. Nela aparecia um desenho composto por palavras, de novo com a insígnia *Dutch*. Meu coração pulsava a tropicões, como se os batimentos do coração corresse a toda velocidade para chegar à linha de chegada.

—Sabe de quando são? —perguntei, depois de respirar profundamente para recuperar a calma.

—Devem ter vários anos. Rey deixou de escrever assim que suspeitou que um dos oficiais as roubava para me dar.

No extremo do expositor havia uma fotografia, talvez a mais fascinante de todas. Era em branco e preto e nela aparecia Reyes sentado na cama da cela, com o braço jogado sobre o joelho encolhido. A cabeça apoiada contra a parede, os olhos fechados e a expressão mais triste que já vi.

Senti uma opressão no peito. Entendia por que não queria voltar para a prisão, mas mesmo assim não podia deixá-lo morrer. Sobre tudo depois do que Blue e Pari disseram.

Aquele lugar, aquele museu, era mais do que podia assimilar. Eu pensando que Reyes era só meu, meu pequeno segredo, um tesouro a conservar e defender até que a morte nos separasse, e todo aquele tempo houvesse exércitos de mulheres que foram atrás dele. Não que não as compreendesse, mesmo assim a ferida ardia. Cookie seguia paralisada, perguntando-se como reagiria.

—Então não sabe quem é essa tal *Dutch*? —Tratei de solicitar mais informação.

—Pedi a um dos funcionários que tentasse descobrir. Ofereci uma soma considerável, mas então Reyes percebeu o que ocorria e despediram o homem. Reyes é muito inteligente. Sabe que tem duas licenciaturas? E ambas as obteve no cárcere.

—De verdade? É incrível — me maravilhei, fingindo que ignorava.

Se aquela mulher descobria que sabia mais sobre Reyes do que aparentava, certamente se converteria em um pitbull e não deixaria escapar sua presa até que soltasse o objeto. Ou me ofereceria um montão de dinheiro que não sabia se seria capaz de recusar. Sobre tudo nesses momentos, em que Reyes estava fazendo o impossível chegar no meu pior lado.

—Poderia me facilitar o nome de seu atual informante?

—Não, sinto muito. Isso constituiria uma violação da confidencialidade. Além disso, já me chamaram a atenção para que abandone e desista de meus espólios. Não posso me arriscar a despedirem essa pessoa ou que me prendam.

Não sabia a que se dedicava um detetive particular?

—Por que me perguntou se conhecia bem a Reyes?

Riu entre dentes, completamente alheia ao fato de que, no mais profundo de mim, queria vê-la morta.

—Reyes não vê ninguém. Nunca. E, acredite, dezenas de mulheres tentaram todos estes anos. Recebe mais correspondência que o presidente, embora nunca leu nenhuma carta.

Aquilo alegrou meu corpo.

—De verdade, tudo o que estou explicando podem encontrar na página Web. Tento advertir as novas visitas que não as receberá nem lerá as cartas, mas todas acreditam que serão a escolhida, a mulher que se apaixonará. Suponho que não perdem nada por tentar. Certamente, compreendo-as muito bem. Entretanto, de todas as mulheres que tentaram, sou a única que o viu.

Estava convencida até a medula que mentia. Jamais viu Reyes em pessoa. Aquilo também me alegrou o corpo.

—Enfim, como encontrou Reyes? —perguntou, desconfiando do propósito de minha visita.

—Bom, estamos trabalhando em um caso e apareceu seu nome.

—De verdade? Como é isso?

Afastei os olhos dele a contra gosto e me virei para Elaine.

—Não posso dizer, mas gostaria de fazer umas quantas perguntas.

—Perguntas?

—Sim. Por exemplo, sabe onde se encontra neste momento?

Esboçou um sorriso condescendente.

—É óbvio. Está em uma unidade de doentes crônicos de Santa Fé.

—Bem — murmurei. Cookie me olhou atravessado, me animando a colocar aquela mulher em seu lugar. Um pouquinho. — Na verdade, programaram a retirada do suporte vital para a semana passada.

Desta vez foi ela quem ficou gelada. Muda de assombro, demorou um instante em recuperar-se.

—Sinto muito, mas isso não é o que minhas fontes contaram — disse, agitando aqueles cílios postiços repetidamente.

—Bom, então temo que terá que buscar outras fontes. Programaram sua morte, senhora Oake. Entretanto, acordou e fugiu da clínica com vento fresco.

—Escapou? —perguntou Elaine, com voz aguda e estridente.

Aquilo era muito mais divertido do que imaginei. Além disso, a mulher estava sinceramente surpresa. Não fazia ideia de aonde Reyes levou seu corpo. De repente me descobri dividida entre celebrar ou lamentar, porque nesse momento, estávamos tão perto ou tão longe de encontrá-lo como antes. Voltei a olhar as páginas escritas à mão enquanto Elaine procurava uma cadeira para descansar um corpo cujas pernas pareciam repentinamente incapazes de sustentar.

O desenho, realizado com a repetição de meu nome, na verdade era o esboço de um edifício. Aproximei-me um pouco mais e me cortou a respiração.

—Sim, é um edifício antigo — comentou Elaine a minhas costas. — Não sabemos onde está, mas acreditam que em algum lugar da Europa.

Voltei-me para Cookie e fiz um leve gesto com a cabeça para que se aproximasse. Enrugou a testa e se aproximou uns centímetros, olhando para trás de vez em quando, por precaução. Ao chegar a meu lado, estudou o desenho com atenção e afogou um grito, igual a mim.

—Eu diria que têm razão — disse. — Parece europeu.

Embora na realidade se encontrasse em Albuquerque, Novo México, e Cook e eu vivíamos nele.

Voltei-me para as postais.

—Posso ver de onde enviaram esses postais?

Elaine estava absorta, abanando-se. Levantou da cadeira com esforço e rodeou a vitrine para abri-la.

—Acredita que virá aqui? —Questionou, enquanto me alcançava.

—Por que viria? —perguntei, sem interesse.

Ambas procediam do México. Nelas aparecia a direção da prisão de Reyes, mas careciam de remetente e não havia nada escrito. O que era muito mais interessante que a repentina necessidade de Elaine de entrar em modo pânico.

—Se já sabe quem sou — balbuciou . — Sabe que paguei por obter informação sobre ele. E se vier aqui?

—Posso ficar elas?

—Não!

Arrancou das mãos. Bem. Um pouquinho possessiva, não?

—Tome, aqui tem meu número — disse, estendendo meu cartão de visita. — Se vier, me chame. Preciso falar com ele.

Cookie e eu nos dispúnhamos a ir quando nos parou.

—Um momento, não, não era isso o que queria dizer. —Foi atrás de nós, seguida pelo repico dos saltos dos sapatos sobre o chão de ladrilhos. — E se vier me matar?

Voltei-me e a olhei com receio.

—Há alguma razão pela qual queira matá-la, senhora Oake?

—O que? Não. — Mentia, de novo.

Perguntei-me o que fez, além de pagar para que o espiassem durante anos.

—Então, eu diria que não tem que preocupar-se.

Dava meia volta para ir. Apressou-se a nos rodear e bloqueou o caminho.

—É só que eu... Todo mundo...

—De verdade, senhora Oake, tenho um caso a resolver.

—Tome — disse, me entregando os postais. — É presente. De todos os modos, escaneei no computador. Mas peço que me ligue assim que o encontrem.

Olhei Cookie de soslaio, evidenciando que aquilo era o último que gostaria de fazer.

—Não sei. Isso seria parecido a sua violação da confidencialidade.

—Não, se minha vida estiver em perigo — replicou com voz estridente. — A contrato.

Precipitei-me em tirar conclusões. Aquilo era muito interessante.

—Primeiro, já tenho um cliente e não posso me comprometer com outro com relação ao mesmo caso. Entraria em um conflito de interesses. E, segundo, por que acredita que sua vida poderia correr perigo? Tem medo de Reyes Farrow?

—Não — respondeu, com um sorriso nervoso. — É só que, bom, estamos casados.

Cookie derrubou a bolsa e, ao tentar recuperá-la antes de tocar o chão, derrubou um vaso. Lançou-se pela peça de porcelana, escorregou sobre o ladrilhado e derrubou uma mesa. Um precioso objeto de cristal soprado à mão saiu voando pelos ares em minha direção. O que pensei ao apanhá-lo foi: *Não será verdade? Outra vez?.* Terei que treinar esse controle muscular.

—Casados? —perguntei, depois da mesa se estatelar contra o chão. Cookie a endireitou e voltou a colocar a esfera de cristal no lugar com expressão envergonhada. — Terá que ser sincera comigo, senhora Oake. Resulta que sei que Reyes não está casado.

Elaine fulminou Cookie com o olhar antes de responder.

—Tudo começou por uma tola discussão —confessou, me devolvendo a atenção— e, enfim, poderia dizer que deixei que as pessoas acreditassem que estávamos casados. Uma das proprietárias das outras páginas assegurou que Reyes e ela se correspondiam, o que não era verdade e eu sabia. Depois outra disse que estavam saindo, (saindo!), assim subi a aposta, por assim dizer. Acreditam que estamos casados há seis.

Depois de rolar os olhos com gesto melodramático, voltei a olhá-la.

—E por que acreditaram?

—Por que... Bom, porque poderia dizer-se que falsifiquei uma licença matrimonial. Está tudo na página Web. Bom, que falsifiquei não, claro.

Agora que possuía uma arma de negociação (quer dizer, seu desejo de conservar a vida), voltei-me para as vitrines.

—Exatamente, o que me oferece em troca de meus serviços?

—John Hostettler — comentei por telefone de caminho a Santa Fé, onde Cookie e eu pararíamos para comer.

Neil Gossett estava ao outro lado da linha.

—É um de meus oficiais.

—E um dos informadores de Elaine Oake.

—Não fode.

—Não fodo. —Evidentemente precisaria de alguma prova, mas aquilo não era meu problema. — Ah, e ontem me esqueci de comentar algo estranho.

—Mais que você?

—Muito engraçado. O outro dia topei com o Owen Vaughn. Agora é poli. Que caralho fiz a ele?

Suspirou.

—Fala sobre quando tentou te atropelar com o SUV do pai?

—Sim.

—Sempre quis perguntar. Nunca contou. Só sei que começou a comportar-se de maneira estranha.

—Mais que a sua? —perguntei.

—Muito engraçada.

Cookie e eu comemos no Cowgirl Café antes de sair de Santa Fé, em silêncio, estudando os papéis e fotografias que Elaine nos proporcionou (sobre tudo as granuladas), mudas de assombro. E sem sair de nosso mutismo, voltamos para casa.

—Vou repassar toda a informação referente ao caso da Hana Insinga — disse Cookie quando enfiei o carro para o complexo de apartamentos.

—Bem, eu irei ao escritório ver se há mensagens e, não sei, fazer algo útil.

—Certo.

Ambas estávamos em outro mundo, preocupadas com Mimi e Reyes.

Atravessava o descampado em direção ao bar de meu pai, quando percebi que cai uma pequena depressão. Quem precisa de TPM quando estou toda fodida? Conforme parecia, as mudanças de humor vinham com o trabalho; entretanto, não conseguia acostumar a ideia de não saber nada de Reyes o dia inteiro. Nenhuma só vez. Além disso, pelo pouco que vi, suas feridas eram mortais, inclusive para um ser sobrenatural.

Morreu no meio da noite, enquanto eu dormia tão ricamente agasalhada em minha cama? Não foi um sono tranquilo, mas não estavam me torturando. Ou talvez morreu essa manhã, enquanto tomava café da manhã com os três patetas, ou enquanto tomava chá e pães-doces com a Perseguidora.

Enfim, quanto podia aguentar naquela situação? Curava mais rápido que o comum mortal, mas duvidava que pudesse sobreviver, nem sequer umas horas, com aquelas feridas, e não falamos de dias.

Atalhei pelo bar para ir ao escritório, embora não visse meu pai em nenhum luar. Pensei em procurar, mas uns caras se viraram para mim assim que pisei no local, caneca gelada na mão, e escapuli para a escada antes que colocassem em prática as chances nulas de dar em cima de mim. Consultei a secretária eletrônica e o correio eletrônico antes de introduzir no computador as palavras que me proporcionaram tantas noites acordada, tantos sonhos úmidos e fantasias proibidas. Apertei no botão de *BUSCA* e uns três segundos depois apareceu uma lista de páginas Web com o nome de Reyes Farrow destacado.

Precisava descobrir o quanto sabiam. Sabiam o que era capaz? Conheciam seu passado? Sabiam o que ele achava de um encontro perfeito?

As horas transcorreram quase sem sentir, embora ao final acabei extraíndo duas conclusões: uma, ninguém fazia ideia de quem ou o que era Reyes, e dois, havia muitíssimas mulheres sós no mundo. Passei do ciúmes consumindo, a incredulidade que invadiu, e inclusive cheguei a me solidarizar com elas. Entendi muito bem. Se Reyes possuía algo, era carisma, um olhar hipnótico que inclusive se incorporava nas fotografias; era um destruidor de corações nato, por isso não surpreendia que hordas de mulheres o desejassem, que suspirassem por ele, apesar dos antecedentes penais.

Surpreendentemente, encontrei um retalho de informação que me deixou muda de assombro. Menos mal que o senhor Wong não falava muito. Bom, nada. Estava tão aniquilada que acreditei ter perdido a capacidade da fala. Um dos guias da página de Elaine Oake com o título *Rumores não confirmados* conduzia a uma seção onde se explicavam muitas coisas.

Segundo um rumor não confirmado, e francamente, aqui no Reyes Farrow Uncensored^{45} albergamos sérias dúvidas, nosso querido Rey teria uma irmã mais nova. Uma busca meticulosa realizada nos arquivos do estado e do condado nos indica o contrário, mas todos sabemos como nosso homem é reservado. Como sempre, tudo relacionado com Reyes Farrow, é possível.

Parecia uma cronista de sociedade. Era provável que os oficiais tivessem dado com a irmã de Reyes, Kim, através da página, mas como diabos Elaine conseguiu

aquela informação?

De fato, me surpreendi que nenhuma das histórias que Neil me contou e acabasse naquelas páginas. Estava convencida de que Elaine estaria disposta a pagar o que pedissem por aquela informação. Talvez Neil a ocultou por todos os meios. Teria que perguntar.

Antes que me desse conta, eram três no relógio. Metaforicamente falando. Não fiquei até tão tarde desde a maratona de Twilight Zone^{46} há umas semanas. Estremeci ao pensar na quantidade de xícaras de café em que afoguei minhas magoas nas últimas horas. O que explicaria o tremor incontrolável que experimentava.

Com a esperança de que o sono não me evitasse por completo, decidi ver se meu pai seguia por ali antes de ir. Costumava voltar para casa entre doze e duas, mas nada perdia por tentar. Em qualquer caso, assim também poderia assaltar a cozinha. Talvez beliscar algo rápido me ajudasse a dormir.

Talvez a quinta xícara de café fosse a culpada, ou até a sexta, mas tive a forte impressão de que algo estava errado no Calamity's quando desci a escada. O lugar estava escuro como boca de lobo, como deveria estar, mas uma luz penetrava no salão por baixo da porta do escritório de meu pai. Comecei a sentir o estômago revoltado enquanto caminhava naquele labirinto de mesas e bancos. Possivelmente o melhor seria fazer uma sopa quando chegasse a casa.

Abri a porta. A luz estava acesa, mas não havia rastro de meu pai. Por prosaico que possa soar, a adrenalina começou a correr por minhas veias, direta ao coração, porque nesse momento percebi uma pontada de medo procedente da cozinha. Também desorientação e angústia, embora o medo afogasse todo o resto. Passei por baixo da bancada do bar e procurei uma faca antes de me dirigir à porta da cozinha. Quanto mais me aproximava, mais esmagador era o terror que percebia. Soube que se tratava de meu pai pelo calor que envolvia aquela emoção, pela textura e cheiro de caramelos de mel e limão. E estava fazendo de propósito. Como se quisesse me dizer que me afastasse dali. Entretanto, ele não sabia que eu era capaz de perceber as emoções de outros. OH, sim?

Não ficava mais remedeio que cruzar as portas duplas que conduziam à cozinha às escuras, fazendo o menor ruído possível. Uma vez dentro, deslizei lentamente a um canto, até que meus olhos se acostumassem à penumbra. Como era possível que não usasse uns óculos de visão noturna vinte e quatro horas por dia, sete dias da semana? Era algo que escapava a minha compreensão.

Antes que desse tempo de me orientar, as luzes acenderam com uma piscada, e de repente me encontrei tão cega quanto antes. Levantei uma mão para proteger da explosão de luz, entreabrindo as pálpebras ante a brancura cegadora. Nesse momento, vi um braço musculoso armado com uma faca, muito mais comprido que o meu, dirigido para mim com tal velocidade que só me ocorreu pensar em probabilidades. Se meus cálculos não andavam errados, considerando o peso atrás do deslocamento e o quanto a lâmina brilhante da faca apontada em minha direção era larga e afiada, aquilo ia doer.

Capítulo 12

*Bem, mas e se a vida me der picles?
(Adesivo de para-choques)*

No preciso momento em que deveria ter caído com uma faca muito afiada no coração, um rebrote de adrenalina acelerou meu pulso e o mundo começou a mover-se em câmera lenta a meu redor. Olhei o lento avanço da faca. Olhei o rosto congestionado e furioso do homem, com o gesto torcido em uma careta. Sim, queria me ver morta. Pequena Merda, porque nem sequer o conhecia. Depois olhei ao lado. Meu pai estava sentado no chão da cozinha, amarrado e amordaçado. Senti de novo o impulso da adrenalina ao ver o sangue correndo por um lado da cabeça e os olhos exagerados pelo medo, embora não pelo que pudesse acontecer a ele. A não ser a mim.

A faca seguia aproximando-se. Voltei a olhá-lo quando a ponta rasgava a pele sob o meu coração. Sem saber o que fazia, abaixei e o mundo recuperou a velocidade normal de repente. O homem, incapaz de parar a tempo por causa do impulso, continuou a trajetória para a parede em minhas costas. Levantei minha própria faca no momento em que ele passava ao meu lado e, entre sua massa e a força com que elevei o braço, fiz um corte no pescoço.

Tropeçou em várias caixas e bateu de bruços contra a parede. O golpe o deixou meio atordoado e derrubou a faca, que enviei debaixo das mesas de trabalho de um chute, antes de aproximar correndo de meu pai, sem tirar o olho de cima do meu aspirante a assassino. O homem tampava o pescoço com as mãos enquanto o sangue emanava a fervuras entre os dedos com um ruído estranho.

Senti-me um pouco mal, mas ele começou.

Não foi até que ouvi as sirenes. Talvez meu pai conseguiu acionar o alarme silencioso antes do homem o prender. Tentei tirar a mordaça, mas o cara deu várias voltas (parecia que gostava da fita adesiva) e, além disso, comecei a ter a sensação de que caía de uma altura vertiginosa. Minha visão nublou e perdi o equilíbrio, por isso acabei desabando contra o armário ao lado. Inspirei fundo, voltei a me endireitar e comecei a procurar a ponta da fita adesiva, que parecia tão escorregadia como o final do arco íris. Tampouco ajudava que fosse incapaz de controlar o tremor de meus dedos.

Ouvi que um casal de polis irrompia no bar pela porta de trás.

—Estamos aqui! —gritei, olhando meu atacante.

Agitava-se como um peixe fora da água, retorcendo sobre as caixas, tentando ficar em pé enquanto tratava de tampar a jugular.

Os polis entraram na cozinha com cautela até que nos viram e um deles acudiu correndo a meu lado para me dar uma mão. O outro pediu reforços e chamou uma ambulância.

—Esse homem tentou me matar — informei ao poli, um pouco atordoada.

Não conhecia agente. Era jovem, certamente um novato.

O oficial deu uma olhada atrás enquanto desenrolava a fita adesiva da cabeça de meu pai e logo se virou para mim.

—Acredito que você ganhou — disse, piscando um olho.

Por um instante, senti-me cheia de orgulho.

—Sim, acredito que sim. —Voltei a olhar ao homem peixe. — Equilibrou-se sobre mim com uma faca bastante afiada.

O outro poli algemou o homem e estava pressionando a ferida do pescoço com um pano de cozinha. Rezei por que não morresse sangrado. Nunca fui à causa direta da morte de alguém.

O novato conseguiu retirar toda a fita adesiva.

—Sinto muito, querida — meu pai se desculpou, com voz rouca.

Abracei-o com força enquanto o agente não retrocedia em seu empenho de liberá-lo. Não havia nem um centímetro do corpo que não ocultasse aquela ditosa fita. Tanto meu pai como eu tremíamos, meio chorosos.

—Está bem? —perguntei no momento em que tio Bob entrava correndo na cozinha, com uma equipe de paramédicos nos calcanhares.

—Leland! —exclamou e se ajoelhou a nosso lado. Dirigiu um longo e gélido olhar ao homem peixe antes de voltar-se para nós. — Não recebemos o sinal.

—Que sinal? —perguntei com receio.

Meu pai manteve os olhos dirigidos no chão enquanto Ubie se explicava.

—Caruso ameaçava seu pai há umas semanas, o que era uma clara violação da condicional. Destinamos vários homens a sua vigilância e também combinamos um sinal se por acaso decidisse aparecer por aqui.

—Digamos que me surpreendeu — disse meu pai, com sarcasmo.

—E a mim também — acrescentei, confirmando as palavras de meu pai. — Também me pegou completamente de surpresa.

—Sabia que o apanharia — comentou meu pai, quando o novato conseguiu liberar os braços. Seu rosto adotou uma expressão de assombro salpicado de certo receio. — Como fez?

Olhei ao tio Bob de lado, coibida.

—Fazer o que?

—Mover-se como se moveu — explicou, sem reparar em quem poderia estar escutando, — parecia... magia.

—Bem, traga algo de beber, certo? —disse o tio Bob ao novato.

—É óbvio, senhor.

O novato me olhou de soslaio e com o cenho franzido quando ia. Genial. A metade do corpo de polícia já pensava que era um inseto estranho, suponho que chegou o momento de convencer à outra metade.

—Leland, não pode ir dizendo essas coisas diante das pessoas — o repreendeu Ubie, ajudando-o a sentar em uma cadeira.

—É que você não viu — se defendeu meu pai, e de repente voltei a me sentir como o patinho feio. Acreditava ter me livrado daquele estigma há anos, mas pelo visto não era assim. — Se moveu como...

—Uma detetive particular bem treinada? —sugeriu Ubie.

Meu pai piscou, tentou olhar para outro lado, mas seus olhos eram atraídos invariavelmente para mim, arrastando um milhão de perguntas atrás de si.

Os paramédicos levaram o homem peixe em uma maca com movimentos rápidos e precisos (devia estar a ponto de se esvaír) e uma segunda equipe rodeou meu pai e a mim. Quando um deles começou a tocar a zona de Danger e Will Robinson, recordei que havia um corte que atravessava o peito de quando abaixei com uma faca saindo de meu corpo. A próxima vez, afastaria a faca antes de me agachar.

—Terá que dar pontos — comentou o paramédico.

Por sorte, Cookie caminhou através do cordão policial mais ou menos nesse momento e foi ela quem me levou ao hospital. O que meu pai queira dizer com aquilo de que sabia que eu lidaria com isso? Em qualquer caso, sua expressão apavorada no momento do ataque me animou a acreditar justo o contrário. Entretanto, o que verdadeiramente me intrigava era o modo como disse, como se tivesse calculando de antemão as possibilidades que possuía. E seu olhar. Nunca me olhou assim. Com um ar inquietante como o de minha madrastra cada vez que nos cruzávamos.

Contudo, aquilo não era tudo. Pela primeira vez em minha vida, Reyes não foi a meu resgate. O que significava que estava ou muito irritado, ou morto.

Depois de uma longa espera, acabei na sala de urgência com uma super cola me segurando, embora a pessoa que me atendeu o chamou SurgiSeal^{47}. As feridas começaram a fechar, o que surpreendeu a mais de um médico e várias enfermeiras, assim, nada de pontos. Só cola forte.

—Estou cheirando cola — disse ao Cookie, sentada a meu lado.

A maldita papelada estava levando muito mais tempo que os dois minutos que demoraram a voltar a me pegar.

—Não posso acreditar — disse, furiosa com meu pai por não me contar que um cara em liberdade condicional o ameaçava. — Ao menos poderia me avisar por sua própria segurança, em vez de tentar que não saber que um maluco pretendia assassiná-lo, a ele e toda a família.

O tio Bob se aproximou de nós.

—Como está?

—Ah, não, não, nem pensar — se adiantou Cookie, franzindo os lábios para mostrar o muito que a decepcionou. — Você tem tanta culpa como esse homem aí — disse, e apontou meu pai, deitado em uma cama na outra ponta da sala de emergência, com a cabeça enfaixada.

Teria que ficar toda a noite em observação, e quase melhor para ele. Cookie parecia uma fúria.

Minha madrastra levantou a vista quando Cookie arremeteu contra o tio Bob. Ao pobre ia cair uma boa.

—Se alguém teria que avisá-la, esse era precisamente você.

Cookie começou a dar golpes no peito com um dedo para recalcar as palavras e soube que Ubie estava a ponto de decompor-se. Olhei ao redor em busca do tubo de cola.

Entretanto, o homem se limitou a baixar a cabeça, como se se envergonhasse.

—Não pensamos que...

—É evidente — cortou Cookie, e foi procurar um café.

—Cara, poderiam baixar a voz? —perguntou o homem que ocupava a cama do lado. — Colocaram-me uma nove milímetros na cabeça e está como um tambor grande.

Não duvidava. Nunca tive uma bala no coco, mas aquilo devia doer. Voltei a olhar ao tio Bob.

—Por isso fez Garrett me seguir?

Franziu os lábios.

—Essa foi a primeira razão.

—E no caso da Reyes Farrow aparecer.

—Essa seria a segunda.

Levantei, enojada dos homens em geral.

—Bem, e podia contar ao Swopes, mas a mim não, verdade?

—Charley, não sabíamos se esse cara apareceria realmente ou se estava blefando. Culpa seu pai da morte da filha, que faleceu quando Caruso bateu o veículo durante uma perseguição policial. Seu pai era quem conduzia o carro patrulha que o seguia. Quando saiu da prisão, começou a chamá-lo e a dizer que mataria toda a família, por isso fizemos alguém te vigiar. Seu pai não queria que se preocupasse.

Ele poderia muito bem ter terminado essa afirmação com “sua linda cabecinha”. Era o mais machista que o ouvi dizer na vida.

Estava em sua frente, furiosa com o fato de que todos os homens a quem sentia conectada, mesmo que remotamente, mentiram nas duas últimas semanas. Fiquei na ponta dos pés e murmurei entre dentes:

—Sabe o que? Vai tomar no cu.

Com ou sem alta, fui procurar Cookie, também conhecida como meu bilhete de volta a casa. Ao passar junto aos elevadores, as portas se abriram e minha irmã apareceu. Gemma suspirou e deu um passo à frente.

—Bom, parece que sairá desta — disse.

—Como sempre.

—Como papai está?

—O médico disse que se recuperará. Uma concussão cerebral^{48} e algumas costelas machucadas, mas nada quebrado. Ainda demorará bastante em despertar.

—Certo, então voltarei pela manhã.

Deu meia volta e começou a andar para o corredor, alguns passos a minha frente, como se não quisesse que a vissem comigo em público. Nesse caso, daria uma boa razão.

Levei as mãos ao peito com um grito afogado, cai contra a parede e comecei a hiperventilar^{49}. Fingir sem hiperventilar de verdade não era tão fácil como poderia parecer.

Gemma se voltou e me olhou atônita.

—O que está fazendo? —perguntou entre dentes.

—Agora me lembro de tudo — falei, elevando uma mão por cima da cabeça, como se agonizasse. — Quando estive no hospital para tirar as amídalas, tentei escapar. O

líquido que gotejava da via que arranquei os conduziu até mim e me recapturaram.

Preocupada que alguém pudesse estar nos olhando, realizou uma rápida verificação do perímetro antes de voltar-se para mim.

—Ainda conserva as amídalas e nunca passou uma noite inteira no hospital.

—Ah. —Levantei. Que pena. — Espera! Dormi no hospital sim, quando a tia Selena morreu. Fiquei com ela toda a noite, segurando a mão.

Revirou os olhos.

—A tia Selena é missionária na Guatemala.

—De verdade? Então quem era aquela senhora?

Depois de um longo e interminável suspiro, se encaminhou para a saída uma vez mais.

—Certamente sua verdadeira mãe — disse, sem virar, — porque é impossível que sejamos irmãs.

Sorri e corri atrás dela.

—Só fala para me fazer sentir melhor.

Capítulo 13

*Não compre problemas,
São grátis e sabem onde vive.
(Camiseta)*

Não levantei até as nove no dia seguinte, compreensível, considerando que deitei perto de cinco da madrugada. Continuava em um estado mental pendendo para o confuso quando fui a busca da cafeteira.

—Bom dia, senhor Wong — saudei com uma voz rouca que soou tão sonolenta como me sentia.

Alonguei a mão para o aparelho quando reparei na nota que sobre o senhor Café. Olhe que era romântico, o homem. Agarrei-a e desdobrei a primeira dobra.

O que é um detetive particular que não se dá por vencido?

Mmm... Me ocorreram várias respostas. Alguém empreendedor. Cumpridor. Confiável. Não sei por que, mas temia que aquilo não era o que procuravam. Desdobrei a última parte da nota.

Um presunto.

Maldito. Deveria ter limitado ao jargão do ramo. Os criminosos não costumavam arriscar-se com o vocabulário.

Por mais instrutiva que a nota fosse, havia trabalho a fazer (muitas vidas a destruir e muito pouco tempo) e novas fechaduras para comprar. Dispondo de aproximadamente três minutos antes de o café estar pronto, decidi fazer xixi, mas alguém bateu na porta justo quando passava por ela. Parei, olhei ao redor, esperei. Depois de um tempo, uma nova rodada de golpes ressonou em meu apartamento.

Aproximei-me nas pontas dos pés, jurando que se alguém mais decidiu vir me matar ficaria muito chateada. Olhei pelo olho mágico e vi duas mulheres, bíblias na mão. Por favor. Mas que disfarce ruim. Certamente se tratava de assassinas profissionais, enviadas para colocar duas balas na cabeça antes do meio-dia.

Entretanto, havia uma única maneira de descobrir. Coloquei a corrente no passador e abri uma fresta. A maior das duas sorriu e começou a falar imediatamente.

—Bom dia, senhora. Percebeu a falta de saúde que aflige nosso mundo ultimamente?

—Isto...

—Que as enfermidades se estenderam até o último canto da verde terra de Deus?

—Bom...

—Viemos informar de que não será sempre assim.

Abriu a Bíblia e foi passando páginas, me oferecendo a oportunidade de falar.

—Então, não vieram me matar?

A mulher parou, franziu as finas sobrancelhas e olhou a amiga antes de dirigir-se de novo a mim.

—Perdoe? Acredito que não entendi.

—Já sabe, me matar. Me assassinar. Colocar uma pistola na cabeça...

—Acredito que nos confundiu com...

—Esperem! Não se vão. —Fechei para abrir a corrente. Ao voltar a abrir a porta, retrocederam um passo, intimidadas. — Então, não são assassinas?

Ambas sacudiram a cabeça.

—São testemunhas de Jeová^{50}?

Assentiram.

Assim, podia aproveitar. Talvez soubessem algo que eu não.

—Perfeito. Permitam-me fazer uma pergunta — disse, enquanto a mais jovem repassava meu traje com o olhar, que consistia em uma camiseta do Blue Öyster Cult ^{51}que recomendava às pessoas que não temesse o anjo da morte, e um boxer , — como testemunhas do Jeová, exatamente do que foram testemunhas?

—Bom, se der uma olhada... — A maior das duas voltava a passar as páginas. — Como testemunhas, estamos obrigados a nos afastar dos pecadores, a expulsar às más pessoas entre nós e...

—Sim, sim, todo isso está muito bem — interrompi, agitando a mão, — mas o que na verdade preciso saber é se vocês podem ver ou testemunhar a existência de... — Incorporei então umas aspas imaginárias como recurso de efeito e acrescentei— Demônios.

Voltaram a intercambiar um olhar. Essa vez respondeu a mais jovem erguendo as costas, com grande segurança em si mesma.

—Bom, os demônios são anjos que ficaram do lado de Satã, o governante do mundo nestes últimos tempos. Nós temos a responsabilidade de permanecer castos e conservar a fé...

—Mas alguma vez os viram? —insisti, interrompendo de novo.

Nesse ritmo, não me convidariam a uma missa na vida.

—Se os vimos? —perguntou a maior, sem todas as respostas consigo.

—Sim, já sabe, em pessoa.

Sacudiram a cabeça.

—Não, fisicamente não, mas se ler esta passagem...

A Virgem, gostava da Bíblia. Li e entendia à perfeição que tivesse tantos seguidores, mas não me sobrava tempo. Por assim dizer, acabaram seus três minutos.

—Não se ofendam, e o digo com todo o respeito do mundo, mas não são de grande ajuda.

Fechei a porta com tristeza ante a expressão confusa. Pensei que poderiam ter encontrado com um ou outro demônio durante os passeios pela cidade. Se não podia recorrer a ninguém, se Reyes me deixou, precisava encontrar o modo de vê-los. Mas não, Reyes não deixou. Era impossível.

Retomei o caminho para o banheiro e compreendi quanta razão havia no velho ditado: não há pior cego que o que não quer ver.

Depois de arrastar meu corpo inerte até o escritório uma hora depois, fiquei olhando a roupa de Cookie. Vestiu um pulôver arroxeadado e um lenço vermelho ao redor do pescoço. Decidi agir como se não tivesse reparado.

Levantou os olhos da tela do computador.

—Bem, tenho algo sobre a irmã de Janelle York. Estava a caminho de casa, mas teve a amabilidade de responder umas perguntas.

Genial.

—E? — perguntei, me servindo uma xícara. Porque às vezes três não é uma multidão.

—Contou que Janelle se meteu nas drogas depois que Mimi mudou a Albuquerque. Os pais pensavam que fosse pela briga com Mimi, mas quando perguntei sobre Hana Insinga, a irmã me disse que tentou falar com Janelle sobre seu desaparecimento. Janelle, Mimi e Hana estavam no mesmo curso. Pelo visto, Janelle ficou furiosa quando a irmã perguntou sobre aquele assunto e disse que não voltasse a mencionar o nome da Hana nunca mais.

—Bom, isso é uma resposta bastante exagerada a uma pergunta inocente.

—É o mesmo que pensei. E sabe o primo de Warren, esse tal Harry, que sempre anda pedindo dinheiro?

—Sim.

—Via morta. Está quase um mês em Las Vegas, trabalhando em um cassino de apostas.

—A diferença dos cassinos onde não se aposta?

—Também falei com a esposa do vendedor de carros assassinado — prosseguiu, me ignorando.

—Estava ocupada.

—Contou exatamente o mesmo Warren: que o marido começou a mostrar-se mais retraído do habitual, inclusive deprimido, que parecia atormentado o tempo todo e que disse algo muito estranho.

Arqueei as sobrancelhas, intrigada.

—Disse que, às vezes, cometem-se pecados impossíveis de perdoar.

—Mas que demônios fizeram? —perguntei, pensando em voz alta.

Cookie sacudiu a cabeça.

—Ah, e que também pensou o mesmo que Warren: acreditava que o marido estava tendo um caso. Disse que de repente começaram a desaparecer grandes somas de dinheiro da conta de economias. Assegurei que não estava enganando-a.

Dirigi um olhar zombador.

—Que não tivesse um caso com Mimi não significa que não pudesse estar enganando-a com outra.

—Sei, mas essa mulher parecia um farrapo. Não precisava fazê-la sofrer mais. Seu marido não a enganava, tenho certeza. Falando de farrapos, como está? — perguntou, franzindo a testa, visivelmente preocupada.

—Farrapo? —protestei, me fingindo ofendida. — Estou bem. O sol brilha e a cola aguenta. Que mais poderia pedir?

—A dominação mundial? —sugeri.

—Bem, além disso. Hoje já falou com Amber?

Suspirou profundamente.

—Parece que minha filha vai acampar com o pai este fim de semana.

—Isso está muito bem. Acampar é divertido — falei, tentando parecer animada.

Sabia por que não gostava da ideia, mas preferi não mencionar. Quando Amber ficava com seu pai, Cookie caía em uma espécie de estado depressivo. Na sexta-feira a coisa mudaria, mas agora seu chute de alegria teria que esperar até depois do fim de semana. Sentia por ela.

—Suponho que sim — disse, evasiva. — Parece cansada.

Recolhi alguns arquivos de sua mesa.

—Você também.

—Sim, mas você quase foi assassinada ontem à noite.

—“Quase” é a palavra pertinente dessa oração independente. Vou investigar umas coisas e logo certamente irei a Taos a falar com os pais de Kyle Kirsch. Poderia ligar para confirmar que estarão em casa?

—Claro. —Baixou os olhos e começou a folhear uns papéis. — Está vivo — disse, quando voltei para a mesa. — O que te atacou. Depois de receber dois litros e meio de sangue. —Parei no meio do caminho, contive a emoção que ameaçava aflorar e segui meu caminho para o escritório. — Ah, e vou com você ao Taos.

Já havia percebido que iria.

—Por acaso, você não me deixou um bilhete, verdade? —perguntei, aparecendo a cabeça pela porta, a ponto de fechá-la. — Em cima do senhor Café.

Franziu o cenho.

—Não. Que tipo de bilhete?

—Não se preocupe, não é nada.

Não imaginava Cookie me ameaçando de morte, mas ainda precisava descobrir se era uma viúva negra. Levava um morto no porta-malas e hoje em dia nunca podia estar segura de nada.

Sentei-me à mesa, com a mente nublada com possibilidade de chuvaradas. O cara seguia vivo. Menos mal, supus, embora agora seria uma ameaça permanente. Quase desejei que Reyes estivesse ali, que houvesse eliminado ou, ao menos, que o incapacitado para que não pudesse voltar a fazer mal a ninguém. Uma vez mais surgiu a mesma pergunta retórica de sempre: por que aqueles monstros sobreviviam quando boas pessoas morriam diariamente?

Uns golpes tímidos na porta me arrancaram de minhas reflexões e vi a cabeça de Cookie aparecendo pelo vão.

—Uma pessoa aqui quer ver você — disse, como se estivesse zangada.

—Homem ou mulher?

—Homem. É...

—Tem pinta de testemunha do Jeová?

Piscou, surpresa.

—Hein... não. É que agora temos problemas com as testemunhas do Jeová?

—Ah, não, absolutamente. É que esta manhã fechei a porta no nariz de uma dupla de testemunhas e pensei que enviaram aos seus atrás de mim.

Cookie sacudiu a cabeça.

—É seu tio Bob.

—Pior ainda. Diga que não estou.

—E com quem acha que pensará que falei todo este tempo?

—Além disso — disse tio Bob, afastando Cookie para o lado, — ouvi você. — Lançou um olhar reprovador. — Deveria se envergonhar, pedir que Cookie minta por você. O que fez a essas testemunhas de Jeová?

—Nada. Elas começaram.

Sentou em minha frente.

—Preciso de sua declaração do que ocorreu ontem à noite.

—Nenhum problema. Já passei a limpo.

—Ah. —Animou-se e tomou o papel que passei, embora ficou com cara de enterro à medida que lia. — “Ouvi um ruído. Um cara mau me atacou com uma faca. Abaixei e cortei o pescoço. Fim.” — Suspirou profundamente. — Bom, terá que se esforçar um pouco mais.

—Mas sou só uma menina — protestei, em tom glacial. — Não é como se tivesse resolvido dezenas de casos tanto para você como para meu pai. Como se a minha linda cabecinha não tivesse que preocupar-se com coisas tão desagradáveis como os detalhes, não? Deus me livre de algum dia saber de algo.

A mandíbula tremeu como se estivesse a ponto de dizer algo, enquanto calculava, quase com total segurança, que possibilidades haviam de sair ileso do escritório.

—Que tal se nos ocupamos disto mais tarde? —perguntou, colocando minha declaração em uma pasta.

—Tudo bem?

Justo quando o tio Bob levantava, Cookie me chamou pelo intercomunicador.

—Sim?

—Tem outra visita. É Garrett. Não estou segura se é testemunha de Jeová ou não. Ah, o outro traidor. Perfeito.

—Claro que sim, mande entrar.

Quando Garrett e tio Bob se cruzaram, Ubie deve ter feito algum sinal de advertência, porque Garrett arqueou as sobrancelhas intrigado antes de entrar, servir uma xícara de café e sentar na cadeira em frente. Eu esperava, tamborilando as unhas sobre a mesa, aguardando o momento certo para arrancar os olhos.

Deu um longo gole antes de falar.

—O que fiz?

—Sabia do cara que ameaçou meu pai?

Não respondeu imediatamente, mas se mexeu no assento. Era tão evidente que o pesquei com o traseiro no ar que nem sequer teve graça.

—Não disseram a você?

—Merda, Swopes, não, não me disseram. Preferiram esperar que esse cara nocauteasse meu pai e o preparasse para uma viagem espacial envolta em fita adesiva para depois tentar me matar com uma faca de açougueiro.

Levantou de um salto e amaldiçoou quando derrubou café em cima. Pelo visto, ninguém o atualizou?

Exclamou, passando a mão pelo jeans. — Quando? O que houve?

—Posso imprimir minha declaração, se por acaso serve de algo.

Voltou a sentar e me olhou com receio.

—Claro.

Imprimi, satisfeita de que todo o trabalho investido nela não foi em vão. Agarrou-a, demorou em ler as quatro frases (tanto que comecei a me perguntar se não seria disléxico) e depois me olhou.

—Bem, são muitas coisas para assimilar de repente.

—Acredite, para mim também — respondi, destilando ironia a torrentes.

—Cortou o pescoço?

Inclinei para ele.

—Faço coisas assim quando me zango — assegurei com voz ameaçadora.

A mandíbula tremeu um instante.

—Que tal se voltar mais tarde?

—Tudo bem?

Dirigia-se para a porta quando parou e se virou.

—Temos que falar com a proprietária anterior do Taurus de Cookie. Esta tarde estará em casa. Está dentro?

Separei os dentes para responder.

—Estou.

—Darei o endereço a Cookie. Agora tenho que fazer uma ligação.

Depois de me dar um minuto para me tranquilizar, percebi que um acesso de ira se apropriou de Garrett antes de desaparecer. Uma raiva explosiva em cujo raio era melhor não encontrar-se. Descobriria mais tarde quem estragou seu dia.

—O senhor Kirsch nos espera esta tarde — anunciou Cookie de sua mesa, aproveitando que a porta que separava nossos escritórios ficou aberta. — Sua mulher está fora da cidade, mas disse que estará encantado de falar conosco sobre o caso da Hana Insinga.

Levantei e me aproximei.

—Está a umas três horas daqui. Devemos ir.

—Pedi que levemos o arquivo do caso.

—Claro.

Recolhemos nossas coisas e saímos pela porta para empreender uma viagem a um dos lugares mais belos da Terra: Taos, Novo México.

—Dei ao Garrett o endereço de e-mail de Mistress Marigold e fiz um resumo — comentou Cookie quando subimos ao Misery. — Enviará um email, e ver se solta por que quer que o anjo da morte entre em contato com ela. Enquanto isso, só posso te contar piadas verdes pelo caminho, e ver se isso ajuda a se animar um pouco.

Girei a chave do contato com um sorriso.

—Estou bem, um pouco zangada.

—E com toda razão. Eu também estou e não me atacaram. Nem me cortaram com uma faca de açougueiro. Stevie Ray Vaughan¹⁵²¹?

Ambas olhamos o rádio e pouco a pouco uns sorrisos se desenharam em nossos rostos.

—Vai ser uma boa viagem — disse, ligando-o.

Qualquer viagem que começasse com Stevie Ray seria boa.

A maioria dos detetives particulares se limitaria a ligar ao antigo xerife do

condado de Mora em vez de realizar uma viagem de três horas de carro até sua casa, mas eu era capaz de descobrir muito mais a respeito de alguém olhando-o. Era a única maneira de não ter dúvidas a respeito do que o senhor Kirsch sabia sobre o caso. Se o homem sabia que seu filho estava envolvido em algo ilegal, eu também saberia. Talvez não conhecesse até o último detalhe, mas teria uma ideia se estava relacionado com o encobrimento de atividades ilícitas.

Cookie esteve ocupada todo o caminho, solicitando informação e realizando chamadas.

—E trabalhou para o senhor Zapata durante sete anos? —dizia naquele momento, pendurada no telefone. O senhor Zapata era nosso vendedor de carros assassinado e Cookie falava com um de seus antigos empregados. — Aham. Ok, muito obrigada. — Desligou o telefone e me olhou. Parecia cansada. — Espero que quando eu morrer as pessoas também lembrem só de coisas boas de mim.

—Um novo testemunho que advoga pela próxima canonização do Zapata?

—Sim. A mesma história, dia diferente.

—Não sei o que fizeram na escola — disse, dobrando à direita para a esquina do senhor Kirsch, — mas está claro que ninguém está disposto a nos contar. Ao menos sabemos algo sobre aqueles pirralhos.

—O que? —perguntou, sem deixar de digitar no computador.

—Que são muito bons em guardar segredo. —Estacionei no caminho de entrada da casa do senhor Kirsch. — Onde disse que sua mulher estava?

Cookie fechou o computador e levantou os olhos.

—Wow, bela casa. —A maioria das casas em Taos era bonita. Preciso ter dinheiro para viver ali. — No norte, visitando a mãe.

—Sabe o que? —falei, desembarcando do jipe. — Quando fecharmos o caso, voto por imitá-la. Enfim, o norte é uma boa direção.

—Deveríamos ir a Washington.

—Nada é mau.

—Ou New York — retificou, mudando de ideia. — Sou apaixonada por New York. Assenti.

—Eu gosto de New York como amiga^[53], mas estou dentro.

O pai do congressista Kyle Kirsch parecia ter sido em seus tempos um osso duro de roer. Era alto e desajeitado, e perdeu a musculatura. Possuía cabelo loiro grisalho e olhos de um intenso azul céu. Mesmo aposentado, continuava sendo um agente da lei até a medula. Seu porte, gestos, até o gesto mais inconsciente apontavam a uma longa e frutífera carreira apanhando criminosos. Recordou meu pai, o que fez aflorar certa tristeza. Estava muito zangada com ele, mas também extremamente preocupada. Entretanto, pelo bem de todos os presentes, decidi me concentrar no assunto que nos levou até ali. Teríamos um longo bate-papo, meu pai e eu, mas no momento precisava descobrir se o senhor Kirsch estava envolvido no desaparecimento de Hana Insinga.

—Lembro-me do caso como se fosse ontem — assegurou o senhor Kirsch, enquanto repassava o arquivo como um falcão observando à presa. Duvidava que fosse dos que escapassem coisas. — Toda a cidade se virou na busca. Enviamos equipes de

rastreamento às montanhas e distribuímos folhetos por todos os municípios em um raio de centenas de quilômetros. —Fechou a pasta e nossos olhares, os seus de azul intimidante, encontraram-se. — Senhoritas, este é o caso que nunca consegui fechar.

Cookie e eu trocamos um olhar. Estava sentada a meu lado no sofá de couro, com a caneta e computador preparados. O lar dos Kirsch estava decorado com o típico estampado de manchas brancas e negras das vacas Holstein ^{54}e os quentes ocres da paisagem de Novo México. O resto da casa mesclava com grande acerto o estilo rural e mexicano.

Apesar do tempo que transcorreu, percebi o pesar do senhor Kirsch.

—O relatório dizia que entrevistou com todos os estudantes da escola. Houve algo que chamou a atenção? Algo que não considerasse suficientemente importante para incluir no caso?

Seus lábios formaram uma fina linha. Endireitou-se e se aproximou de uma janela com vistas a um pequeno lago.

—Houve muitas coisas que me chamaram atenção — admitiu , — mas por mais que tentasse, não consegui esclarecer nada.

—Segundo os testemunhos — prossegui, recuperando o arquivo e abrindo sobre meu colo, — Hana poderia ter ido ou não a uma festa naquela noite. Poderia ter saído cedo ou não. E poderia ter ido andando ou não até um posto de gasolina no final da rua em que vivia. Há tantos testemunhos contraditórios que é difícil encaixar as peças.

—Sei — disse, e virou-se para mim. — Estive dois anos tratando de encontrar sentido, mas quanto mais tempo passava, mais vagas se voltavam as histórias. Era enlouquecedor.

Era uma das características daquele tipo de situações. Decidi ir pelo ouro. Até esse momento, algo em meu interior me dizia que o antigo xerife não estava envolvido em encobrimentos de nenhum tipo, mas precisava me assegurar.

—Em seu relatório diz que interrogou seu filho, que foi à festa, embora fosse um dos estudantes que assegurou não vê-la.

Voltou a sentar em minha frente, suspirando profundamente.

—Acredito que tive parte de culpa. Sua mãe e eu estávamos fora esse fim de semana e quase poderia dizer que o ameaçamos de morte se saísse de casa. Ao princípio, disse que não foi à festa por medo de meter-se em confusões. Entretanto, quando soube por outros de que sim, estive lá, ao final confessou. Mesmo assim, aquilo foi só o que consegui descobrir. Com ele me passou o mesmo que com muitos outros, recebia sinais confusos. Comportamentos estranhos que não soube encontrar significado.

O senhor Kirsch dizia a verdade. Estava tão envolvido no desaparecimento de Hana como eu.

—Em ocasiões, os jovens ocultam coisas que acreditam que poderiam colocá-los em confusões e que não têm nada a ver com o caso. Vi muitas vezes durante minhas investigações.

Assentiu.

—Eu também, mas asseguro que os adultos fazem o mesmo — disse, com um amplo sorriso.

—Sim, tem razão. —Levantamo-nos para ir . — Em tempo, felicidades pela carreira de seu filho para o Senado.

Nesse momento sua aura projetou raios iridescentes de orgulho e me vi envolta em seu calor, embora também meu coração encolheu ligeiramente. Se eu estivesse certa, seu filho era um assassino. Não encararia bem a verdade. E quem sim?

—Obrigado, senhorita Davidson. Amanhã dará um comício em Albuquerque.

—Ah, sim? —exclamei, surpresa. — Não sabia. Não estou tão a par destas coisas como deveria.

—Eu sim — interveio Cookie, elevando ligeiramente o queixo. Tentei não começar a rir. — Dará um discurso no campus da universidade.

—Sim, senhora — confirmou o senhor Kirsch. — Por desgraça, não posso ir, mas em uns dias repetirá em Santa Fé. Espero não perder isso.

Eu também esperava que não perdesse. Poderia ser a última vez que veria seu filho recebido como um herói.

Depois de comer algo em Taos e a três horas de carro até Albuquerque, Cookie e eu fomos diretamente para o endereço que Garrett nos deu. Ele já estava ali, esperando no final da rua em sua caminhonete negra. Estacionamos atrás dele quando descia.

—Que tal foi à chamada? —perguntei, em alusão à repentina necessidade de falar com alguém quando saía de meu escritório essa manhã. Intrigava-me saber quem ligou e por que.

—Fantástica. Agora tenho um empregado menos.

—Por quê? —exclamei, um tanto surpresa.

Sorriu-me como um menino travesso.

—Fez-me prometer que eu não te seguiria, mas não disse nada para fazê-lo seguir.

Afoguei um grito. Sem dissimulação.

—É um infame.

—Por favor — protestou, rodeando o jipe para ajudar Cookie a descer.

Reconheço que Misery não era dos veículos mais confortáveis para subir e descer.

—Obrigada — disse Cookie, surpresa.

—De nada. —Nos levou pela rua, para uma pequena casa branca de adobe^{55} com um jardim cheio de ervas daninhas. — Havia um homem te vigiando tempo o todo. — Me olhou de lado enquanto caminhávamos. — Ou ao menos acreditava ter um homem te vigiando o tempo todo. Pelo visto, ontem à noite pensou que não estaria mal fazer uma pausa para ir comer algo sem esperar à mudança de turno. Por volta das três da madrugada? —perguntou. Assenti, com os dentes apertados de raiva. — Sua vida estava em perigo, se por acaso não ficou claro.

Tirou um papel do bolso traseiro.

—Ficou muito claro quando me apunhalaram no peito, sabe?

Olhei Cookie com desconfiança, que me confirmou seu apoio incondicional com uma resolvida e leve inclinação de cabeça.

Garrett revirou os olhos. Que pouco profissional.

—Não apunhalaram, fizeram um corte. E tenho notícias sobre essa tal Mistress Marigold... é esse nome mesmo? Mistress Marigold?

—O que disse? —perguntou Cookie, meio encantada. Achei engraçado.

—Bom, informei que era o anjo da morte, tal como me disse — prosseguiu, assinalando Cookie com um gesto de cabeça, — e ela me respondeu que se eu era o anjo da morte, ela era o filho de Satã.

Tropecei com um buraco no meio-fio. Garrett me agarrou e, ao olhar atrás, vi Cookie com os olhos totalmente abertos.

—Tentei responder por correio eletrônico — continuou Swopes, me olhando com receio, — mas parece que não quer saber nada mais de mim.

—Eu teria feito o mesmo — comentei com fingida despreocupação. Santo céu, quem seria aquela mulher?

—Chama-se Carrie Li-E-DELL — disse, pondo ênfase na pronúncia.

—Mistress Marigold?

Como diabos sabia aquilo? Garrett franziu o cenho.

—Não. Esta mulher. —Assinalou a casa. — Trabalha em um jardim de infância.

Ah, bem. Inspirei fundo, dei uma olhada no papel, li o nome de Carrie Liedell e ri entre dentes.

—Pronuncia-se Li-DELL.

—Sério? E você como sabe?

Parei e apontei o papel.

—Vê isto daqui? O i-e? Em inglês, quando duas vogais são adjacentes, a primeira dá as cartas.

Olhou-me com o cenho franzido.

—E isso que diabos significa?

Comecei a andar de novo para a porta, lançando um divertido olhar atravessado a Cookie, e nesse preciso instante percebi o quanto o repico de meus saltos sobre o cimento era genial.

—Significa que nunca aprendeu a ler como é devido.

Cookie dissimulou uma risada fingindo que tossia quando Garrett me alcançou junto à porta. Esperou enquanto eu chamava. Quando a maçaneta girava, perguntou-me em voz baixa:

—E então em sobrenomes como Astair?

Aí estava certo.

—Ou Springsteen.

Uma mulher de uns trinta anos e um cabelo curto e escuro, que enquadrava uma mandíbula já por si exageradamente quadrada, abriu a porta uma fresta.

—Ou, não sei, Bloom.

Agora já estava blefando.

—Sim? —perguntou a mulher, em tom cauteloso.

Certamente pensava que queríamos vender algo. Aspiradores. Assinaturas de revistas. Religião.

Antes que pudesse abrir a boca, Garrett se inclinou para sussurrar no ouvido:

—Ou Should. E, sim, Charles, posso seguir assim o dia inteiro.

Estava totalmente preparada para vencê-lo com um alicate.

—Olá, senhora Liedell? —Mostrei minha licença de detetive particular. Mais para impressionar meus fãs. — Sou Charlotte Davidson e estes são meus companheiros Cookie Kowalski e Garrett Swopes. Estamos investigando um caso de atropelamento e fuga que ocorreu há três anos.

Partindo do fato de que não fazia a menor ideia do que ocorreu realmente ao Morto do Porta-Malas, estava assumindo um grande risco. Embora aquela mulher estivesse envolvida em sua morte, havia uma infinidade de coisas que poderiam ter acontecido; entretanto, considerando que o cara parecia ter morrido no porta-malas, um atropelo com fuga era o que melhor encaixava. Imaginei que voltava para casa de noite e que, simplesmente, não o viu. Depois, temendo meter-se em problemas, convenceu-o para que entrasse no porta-malas? A teoria era um pouco débil, mas era a única.

Cobrei a aposta imediatamente. Senti que a adrenalina começava a correr por suas veias e que a atravessava uma afiada pontada de medo enquanto a culpa se abatia sobre ela como se a envolvesse em uma nuvem negra. Apesar de tudo, em seu rosto apenas desenhou uma pontada de angústia. Abriu os olhos e franziu os lábios de maneira imperceptível. Ensaiei aquele momento, o que a convertia em uma assassina.

Decidi pressioná-la um pouco mais e impedir que seu sistema tivesse oportunidade de recuperar-se.

—Importaria de nos explicar o que ocorreu, senhorita Liedell? —perguntei com voz acusadora.

Fechou a gola da camisa com uma mão, autoconsciente. Embora também pudesse ser por ter um vagabundo morto levitando sobre ela, olhando-a com uns olhos verdes em que começava a acender uma faísca de reconhecimento. Nunca me encontrei na situação de que um morto queria machucar um vivo (nem sequer sabia se podiam), mas rezei com toda minha força para não ter que parar aquele cara. Era enorme. Além disso, considerando que só eu o via, teria sido um pouco estranho.

—Não... Não sei do que está falando — balbuciou.

—Atropelou um vagabundo — falei, percebendo o tremor delator na voz, — meteu-o no porta-malas de seu Taurus branco de ano dois mil e depois esperou que morresse. Deixei algo?

Notei que Garrett esticava a mandíbula, embora não consegui adivinhar se por discordar com minha linha de atuação ou estava zangado com ela pelo que fez.

—Foi em Coal Avenue — interveio o Morto do Porta-Malas com voz profunda, clara e cortante. Ao princípio me assustei um pouco, mas até os loucos desfrutavam de momentos de lucidez. Logo se voltou para mim e me prendeu ao chão com um olhar furioso. — Em um estacionamento, por incrível que pareça.

—Atropelou-o em um estacionamento? —perguntei, talvez com voz algo estridente por causa da surpresa.

Garrett se moveu inquieto a meu lado, perguntando-se aonde queria ir com tudo aquilo. Eu também me perguntava isso.

Essa vez abriu os olhos e sua expressão de culpa era inegável.

—Eu... nunca atropelei ninguém.

—Estava bêbada — prosseguiu o cara, enquanto as lembranças sulcavam o rosto de rugas, — completamente bêbada, e me disse que se subisse no assento traseiro, ficaria bem.

—Disse-lhe que subisse em seu carro — traduzi, dissecando-a com um olhar cortante. — Você bebeu.

A senhorita Liedell olhou ao redor, para assegurar-se de não estar saindo em um programa de câmera oculta.

—Devia ter uma concussão cerebral, porque não podia me concentrar. Só sei que estava falando com ela e depois recordo que agonizava em seu porta-malas. Voltou a me golpear, embora desta vez com um tijolo.

—Mas que diabos disse? —perguntei, esquecendo as aparências.

O cara me deu seu olhar glacial.

—Disse que era poli e que estava detida.

—Putá merda! —exclamei, completamente alucinada. — A sério? Foi poli? Qual o segredo?

Assentiu, mas Liedell afogou um grito e cobriu a boca com ambas as mãos.

—Não, eu não sabia que era poli. Acreditava que era um vagabundo louco. Estava sujo. Acreditei que estava mentindo para tirar dinheiro. Já sabem como são. —Estava aterrorizada. Em circunstâncias um pouco mais normais, até seria engraçado. — Vocês não são polis, não podem fazer isto.

Justo nesse momento, o tio Bob parou seu SUV diante da casa com um chiado de pneus, seguido de dois carros patrulha mais, com as luzes das sirenes acesas. Seu senso de oportunidade, embora impecável, deixou-me surpresa.

—Não — admiti, incapaz de dissimular meu espanto, — mas ele sim.

Levantei o polegar por cima do ombro para assinalar Ubie, também conhecido como o Justiceiro. Caminhava para nós com decisão. Com uma missão. Ou com hemorroidas. Ou com ambas.

—Carrie Liedell? —perguntou, aproximando-se sem perder tempo.

A mulher assentiu distraidamente, talvez enquanto via passar sua vida pela frente.

—Você está presa pelo assassinato do agente Zeke Brandt. Leva algo nos bolsos? —perguntou antes de fazê-la girar e revistá-la.

Outro poli lia seus direitos quando Liedell começou a berrar.

—Não sabia que era poli! —defendeu-se, entre soluços. — Acreditava que mentia! Quando o agente a levou dali, Ubie se voltou para mim, muito sério.

—Brandt estava três anos desaparecido e ninguém sabia o que aconteceu. Estava investigando uma rede de narcotráfico que utilizava indigentes como camelos.

—Mas como soube? —perguntei, sem sair de meu assombro.

—Swopes me contou, o caso que atribuiu a ele enquanto se supunha que estava te vigiando.

Olhei Garrett com o cenho franzido.

—É que aqui já não se respeita nada?

Encolheu os ombros.

—Tenho que entender que já se encarregou desse probleminha? —perguntou tio Bob.

—Fiquei sem emprego, mas sairei desta — respondeu Garrett, referindo-se ao cara que deveria estar me vigiando quando me atacaram.

—Um momento — disse, levantando uma mão para pedir tempo. — Como sabia que Carrie Liedell assassinou seu agente?

O tio Bob se aproximou um pouco mais. Não queria que ninguém ouvisse.

—Quando Swopes me contou do vagabundo morto no porta-malas do Taurus branco de Cookie, recordei que durante a investigação do desaparecimento de Brandt aparecia o que acreditávamos que poderia ser um caso de atropelamento e fuga em uma das gravações das câmeras de vigilância de um clube. Entretanto, a imagem estava muito embaçada e quase tudo acontecia fora de enquadramento, por isso não fomos capazes de estabelecer o que ocorria com exatidão. Revisamos a cena, pensamos que poderia tratar-se de nosso homem, já que precisamente essa noite realizou uma ligação desta mesma loja, e realçamos a imagem para ver a matrícula do veículo.

Ubie estendeu a mão ao Garrett e deu um forte apertão.

—Bom trabalho — o felicitou. Logo estreitou a mão de Cookie. — Não está nada mal. Sinto por seu carro. Não o prenderemos muito tempo.

Cookie, que ainda não saiu de seu assombro, olhou-o confusa.

Depois, o tio Bob se voltou para mim.

—Voltamos a ser amigos?

—Nem que fosse o último superpoli sobre a face da Terra lutando contra as hemorroidas.

Riu com dissimulação.

—Não tenho hemorroidas. —Ato seguido, o idiota se inclinou e, apesar de tudo, beijou-me na bochecha. — Esse cara significava muito para mim, querida — sussurrou no ouvido. — Obrigado.

Cookie seguia com a boca aberta quando tio Bob deu meia volta em direção ao SUV.

—Isto acaba de acontecer de verdade? Porque é o último que teria esperado. Quer dizer, eu acreditava que as professoras de creche eram boa gente.

—Cookie, se durarmos o suficiente neste negócio, acredito que descobriremos que em todos os ofícios há personagens por amestrar. —Sorri e dei uma pequena cotovelada. — Pegar? Amestrar? Professora?

Deu-me uns tapinhas no ombro sem me olhar e começou a andar para o Misery.

—Te devo uma — avisei, levantando a voz para que me ouvisse. Virei para o Morto do Porta-Malas. Quer dizer, para o agente Brandt. — Então, não está louco?

Um sorriso canalha se espalhou em seu rosto e de repente o achei atraente. Vamos ver, ainda estava com o cabelo desgrenhado e um nojo, mas pequenos olhos grandes.

—E os banhos? —perguntei, temendo a resposta.

Seu sorriso se alargou e me debati entre a ira desatada e a admiração. Nunca um

morto tirou sarro de mim daquela maneira.

—Pode cruzar através de mim — informei, tratando de conservar o bom humor.

—De verdade? —Captei a ironia. Ele já sabia. Aproximou-se de mim. — Posso te beijar primeiro?

—Não.

Com uma risada relaxada, rodeou minha cintura com um braço, atraiu-me para ele e inclinou a cabeça. Contive a respiração quando seus lábios tocaram meus e... desapareceu.

Quando cruzavam através de mim, sentia seu calor, suas lembranças mais apreciadas e cheirava suas auras. Depois de desaparecer, levantei a gola do pulôver para voltar a cheirá-lo. Seu aroma era uma mistura de algodão doce e sândalo. Inspirei fundo, com a esperança de não esquecê-lo jamais. Quando estava com doze anos, arriscou sua vida para salvar um menino da vizinhança do ataque de um cão e acabou com vinte e sete pontos. Era um milagre que nem o outro menino nem ele morressem. Entretanto, nasceu para aquilo, para ajudar às pessoas, para salvar o mundo. E então apareceu uma professora de jardim de infância bêbada chamada Carrie Liedell para nos roubar um dos bons.

E se sentiu perdido. Durante três anos, deixou de saber quem era, quem chegou a ser com o passar dos anos. Até que Cookie abriu esse porta-malas e minha luz o encontrou, permaneceu sumido na escuridão e confusão. De algum modo, segundo suas lembranças, minha luz o trouxe de volta. Talvez houvesse algo mais em ser um anjo da morte do que sabia graças ao folclore popular. Definitivamente devia uma margarita a Cookie.

—Sempre beija os mortos? —perguntou Garrett.

Esqueci que seguia ali.

—Eu não o beijei — protestei, defensiva. — Cruzou através de mim.

—Sim, o que você disser. —Deu-me um pequeno empurrão com o ombro ao passar ao meu lado. — Lembre-me de cruzar através de você quando morrer.

Capítulo 14

*Algumas meninas vestem Prada. Algumas meninas vestem Glock 17¹⁵⁶ cano curto semiautomática com um indicador de antecâmara carregada e um punho antiderrapante.
(Camiseta)*

Por um breve e feliz instante, quase consegui esquecer que Reyes poderia estar morto e que havia a possibilidade de que não voltasse a vê-lo. Assim que subi no Misery e fui para casa, o peso da tristeza voltou a distribuir-se a meu redor. Concentrei-me em respirar e em passar todos os carros possíveis só porque podia. Não chegamos ao escritório antes das seis. Nem me incomodei em ver meu pai. Teve alta e estava em casa, o que implicaria ter que fazer uma pesada viagem até Heights, e por volta do meio-dia já esgotara as quatro horas de descanso relativo da noite anterior. Decidi que o veria pela manhã. Depois de um longo sono reparador.

Cookie ia aproveitar para trabalhar um pouco mais e começou a consultar a secretária eletrônica quando saía pela porta. Ubie deixou uma mensagem para explicar onde estava o carro de Cookie e me lembrar de que ainda devia uma declaração. Não dei uma já? Aquele homem nunca se dava por satisfeito.

—Vai para casa? —perguntou Cookie, franzindo a testa como se não acreditasse.

—Pareço querer ir a algum outro lugar?

—A verdade?

—Vou para casa — prometi, com um sorriso.

—Certo. O que me diz dessa tal Mistress Marigold?

—Pode acreditar nisso! De onde diabos tirou isso do filho de Satã? —falei, sacudindo a cabeça com incredulidade.

—Oxalá soubesse. Eu me limitei a te registrar com um e-mail falso e enviei uma mensagem. Terá que consultá-lo de vez em quando. —Passou um pedaço de papel onde estava escrito o nome de usuário e senha. A expressão se suavizou. — Ele está bem, Charley, estou segura.

Ficava sem ar só de pensar em Reyes. Decidi mudar de assunto antes de ficar azul por falta de oxigênio. O azul não me caía bem.

—Mistress Marigold é uma louca. E acredito que Mimi se esconde em algum lugar.

Deu a entender que concordava comigo com um sorriso.

—Eu também acredito. As duas coisas. Diria que Mimi sabia o que ocorria e desapareceu de propósito.

—A encontraremos — prometi, respaldando minhas palavras com um breve assentimento de cabeça.

Retornei a casa em busca de uma tigela de cereais e uma ducha. Um quente, agora que o Morto do Porta-Malas cruzou. O safado.

Mal me lembro de ir para cama, quando despertei com uma textura familiar

percorrendo minha pele. Calor. Eletricidade. Abri os olhos com uma piscada e olhei para um senhor Reyes Alexander Farrow sentado no chão, sob minha janela. Observando-me.

Era imaterial, de modo que, apesar da escuridão que envolvia outros objetos do quarto, até a última e fluída linha de seu ser era visível. Atraíam meus olhos para elas, tentadoras, como as hipnóticas ondas do mar. Segui com o olhar, vaguei sobre as planícies e desci para os vales.

Sentei para encará-lo, amassando ainda mais as dobras do edredom.

—Está morto? —perguntei, com uma voz que era um eco sonolento de si mesma.

—Isso importa? —respondeu, evitando a resposta.

Estava sentado na mesma posição da fotografia em branco e preto daquela perseguidora Elaine Oake: um joelho encolhido, um braço rodeando-a, a cabeça apoiada contra a parede. Sentia-me apanhada na intensidade do olhar, incapaz de respirar sob seu peso. Desejei ir para ele, explorar até o último centímetro do corpo. Mas não me atrevi.

Como se adivinhasse o momento exato em que decidi não me jogar em seus braços, sorriu e inclinou a cabeça.

—Meu pequeno anjo da morte — disse, com uma voz com sabor de caramelo líquido, cremosa, doce e tão tentadora que encheu minha boca de água, literalmente. — Costumava te olhar durante horas inteiras.

Tentei esconder a alegria que senti. A ideia de que me contemplasse. Observasse-me. Me estudasse. Embora, em qualquer caso, estou certa de que percebeu. Reyes sabia muito bem a minha fraqueza quando se tratava dele.

—Via você correr pelo parque em direção aos balanços, o cabelo resplandecente espalhando sobre os ombros e caindo emaranhado pelas costas me fascinava. O modo como seus lábios ficavam vermelhos quando comia sorvete. E seu sorriso. —Um suspiro profundo escapou entre seus lábios. — Meu Deus, era ofuscante.

Desde que possuía três anos mais que eu, não se tratava de um comentário tão obscuro como pudesse parecer. Sentia como me reclamava no profundo timbre da voz, como seu poder de persuasão me atraía para ele, me seduzindo como um [íncubo](#), e todo meu ser estremeceu em resposta, sacudido por um desejo tão visceral, tão devorador, que me deixou sem fôlego.

—E quando estava na escola — prosseguiu, como se revivesse um sonho, — o modo que levava os livros. O arco das costas. A pele imaculada. Desejava você como um animal anseia o sangue.

As forças me abandonavam com cada palavra, com a reverberação de cada pulsar que parecia bater contra mim. Sabia que estava perdida se continuasse. Carecia da força sobre-humana que precisava para resistir a ele. Simplesmente, não havia nada sobressalente em mim, nem humano nem de nenhum outro tipo.

—Uma curiosidade, especificamente, o que é o enxofre? —perguntei, rezando para que aquilo sufocasse as chamas.

Além disso, queria lembrá-lo de onde vinha, feri-lo um pouco, do mesmo modo que ele fazia comigo. Feria-me que não confiasse em mim, que não levasse em consideração meus desejos e preocupações. Igual todos os homens de minha vida

faziam ultimamente.

Um sorriso lento e calculado desenhou em seu rosto.

—Se alguma vez voltar a incomodar a minha irmã, farei picadinho de você.

Suponho que funcionou. Eu o machucava. Ele contra-atacava. Um dar e receber ao que acabaria me acostumando.

—Se não pensar em me dizer onde está, se não confiar em mim para que possa te ajudar, então para que veio? Por que se incomoda em aparecer por aqui?

Um leve grunhido reverberou entre as quatro paredes antes de sentir que Reyes se afastava. Sua essência abandonava o quarto e deixava atrás um frio silêncio. Apenas um instante antes de desaparecer por completo, roçou-me levemente e sussurrou em meu ouvido:

—Porque você é a razão de eu respirar.

Com um suspiro, envolvi-me um pouco mais entre as mantas e fiquei deitada um bom momento, pensando em... tudo. Em suas palavras. Na voz. Em sua beleza deslumbrante. Eu era a razão pela que respirava? Ele era a única razão pela qual meu coração pulsava.

Levantei de um salto, afogando um grito. Seus batimentos do coração. Senti os batimentos do coração, fortes e constantes. O eco puxador que produziam enquanto falava. Estava vivo!

Levantei da cama de um salto, tropecei ao meu pé ser objeto de um ataque por parte de um lençol assaltado pela síndrome de ansiedade por separação, cheguei ao banheiro em uma perna, sentei em meu trono de porcelana e fiz xixi. Ainda ficava um cartucho na antecâmara, a última oportunidade de descobrir onde se encontrava. Com um pouco de sorte, talvez Amador Sanchez, o melhor amigo de Reyes, não se importasse em receber detetives particulares endoidecidas no meio da noite. Embora, levaria a pistola, só pelo por acaso.

Depois de me vestir, prender o cabelo e dar o último retoque ao conjunto com uma Glock, corri ao escritório e procurei tudo o que Cookie descobriu sobre o melhor amigo de Reyes tanto na escola quanto na prisão: o senhor Amador Sanchez. Era enternecedor que não perderam o contato e seguiram vendo-se com tanta assiduidade ao longo dos anos. Bufo.

Passei vários semáforos vermelhos (eram três da madrugada) e me plantei no Heights uns quinze minutos depois, embora deva admitir que um tanto surpresa de me dirigir ali precisamente.

Na escola, Amador Sanchez era um estudante comum, pobre, preso algumas vezes por delitos menores e acabaram prendendo-o e condenando-o a quatro anos da prisão por agressão com arma de fogo com resultado de lesões graves. Não ajudou muito que, além disso, tivesse batido em um policial. Essas coisas sempre era melhor pensar duas vezes. Mesmo assim, o cara vivia em uma das melhores vizinhanças da cidade. Que não se esquecesse de perguntar quem era seu agente da bolsa. Ao senhor Wong e a mim não viria nada mal um bonito lugar onde cair mortos.

Apesar de saber onde me dirigia, a casa frente à que estacionei não era exatamente o que esperava. Imaginei algo típico do South Valley, uma residência própria de alguém com poucos ganhos; nem sequer descartava um centro de

reinscrição. Uma espantosa moradia de tijolos, de três andares, telhado de telhas e entrada com vidraças não acabava de enquadrar com minha imagem de um ex-presidiário condenado por agressão.

Apertei o passo para deixar atrás o gélido ar da madrugada e toquei a campainha, sentindo um ligeiro remorso. Talvez aquela não fosse a casa de Amador. Talvez ele vivesse na parte de trás, na casa do guarda ou algo assim. Entretanto, segundo as notas de Cookie, Amador residia ali com a mulher e dois filhos. Esperava com toda minha alma não estar equivocada. Se ao final resultava ser um ex-presidiário que quebrou todos os estereótipos para forjar uma carreira de êxito (e legítima, com um pouco de sorte), aquilo me alegraria o dia.

Envolvi-me na jaqueta e voltei a chamar, deixando claro a seus ocupantes que não iria. Acendeu a luz da varanda e uma figura imprecisa se recortou contra a vidraça. Por fim ouvi como girava a chave e a porta se abriu com cautela.

—Sim?

Um latino de trinta e poucos anos apareceu na soleira, esfregando um olho e me observando com o outro.

Mostrei minha licença, com resolução.

—Reyes Farrow. Onde está?

Baixou a mão e me olhou incrédulo, como se acreditasse que era uma louca fugida do manicômio.

—Não conheço nenhum Reyes Farrow.

Cruzei os braços.

—De verdade? Quer que vamos por esse caminho? Mencionei que meu tio é inspetor do Departamento de Polícia do Albuquerque e que posso fazer que se apresente aqui em vinte minutos?

Ficou à defensiva imediatamente.

—Por mim, pode chamar a sua tia também. Eu não fiz nada, merda.

Pequeno temperamento.

—Amador. —Uma mulher apareceu às costas. — Não seja tão grosseiro — repreendeu com delicadeza.

O homem encolheu os ombros meio envergonhado e ficou de lado quando ela ocupou o vão da porta.

—No que podemos ajudá-la?

Mostrei minha licença pela segunda vez.

—Sinto me apresentar a estas horas.

—Comigo não se desculpou pela hora — disse a sua mulher.

Lancei um olhar assassino. Delator.

—Minha visita se deve a que estou solicitando informação sobre Reyes Farrow. Esperava que seu marido conhecesse seu paradeiro atual.

—Reyes? —fechou o pescoço da bata. A preocupação enrugou o belo rosto. — Não o encontraram?

—Não, senhora.

—Entre, por favor. Faz um frio de medo.

—Vai convidá-la a entrar? —perguntou Amador. — E se for uma assassina em

série? Ou uma perseguidora? Já sabe como as mulheres me perseguem.

A mulher me sorriu, diante das circunstâncias.

—Ninguém o persegue. Fala para me deixar ciumenta.

Não pude menos que sorrir, de caminho a um lindo salão com coloridos brinquedos jogados por toda parte.

—Desculpe a desordem — disse, começando a recolher. — Não esperávamos visitas.

—OH, por favor, não se incomode.

Já me sentia suficientemente mal.

—Pois claro que não esperávamos visitas — resmungou Amador. — Deixa de tolices, que são as três da puta amanhã.

A mulher sentou-se junto ao marido com um suspiro. Devo admitir, eram tão deslumbrantes como a casa. Faziam um bonito casal.

—Certamente já sabe quem é Amador — disse . — Eu me chamo Bianca.

—OH, desculpe. —Não seria de mais que me apresentasse. — Charlotte Davidson. Tenho que encontrar a Reyes imediatamente. Eu... Eu... — balbuciei sem saber se continuava, ao ver que me olhavam boquiabertos.

Bianca foi primeira em recuperar-se.

—Desculpe-me, dizia?

Deu uma cotovelada no marido.

Bom.

—Isto, bom, é só que...

Amador seguia estupefato. Bianca estendeu a mão e fechou a boca.

—Prometo que nos ensinaram boas maneiras — se desculpou, com uma risada nervosa.

—Não, está tudo bem. É pelo cabelo?

Afastei com a mão, um pouco coibida.

—Não, é só que nos surpreende vê-la.

—Certo, então nos conhecemos?

—Não — respondeu Amador.

Intercambiaram um olhar e negaram com a cabeça antes de virarem para mim, sem deixar de sacudi-la.

Bem, muito bem.

—Bom, então vou direto ao ponto. —Lancei a Amador outro de meus olhares assassinos. — Onde está Reyes Farrow?

Falei muito séria, maldição, mas quando a única emoção que percebi foi a de uma intensa satisfação, devo admitir que fiquei perplexa.

—Não sei onde está. Juro.

Voltavam a sacudir as cabeças ao unísono. Aquilo começava a ser um pouco grotesco.

—Acabou — decidi, abrindo as mãos em um gesto de desespero. — O que está acontecendo aqui? —Inclusive Bianca parecia fazer grandes esforços para reprimir uma risada, assim acabei cruzando os braços. — Perdi alguma coisa? Vamos ver, é que vocês parecem muito... Não sei, contentes. Querem que lembre que é uma hora muito

inoportuna para estar contente?

—OH, não estamos contentes — assegurou Bianca, o mar de contente.

Então caí. De bruços. Sabiam quem eu era.

—A Virgem, Reyes falou em mim?

Suas cabeças quase vibraram do afinco com que começaram à sacudir. E mentiam. Como velhacos.

Incapaz de acreditar que Reyes fez algo parecido, levantei e comecei a passear pela sala. Pisei em um Transformer, duas vezes. Estava com dificuldades de aprendizagem.

—Isto é incrível — resmunguei entre dentes. Voltei-me para eles. — Contou o que é? Hein? Hein? Claro que não.

Como contaria a seu melhor amigo que era o vil e infame filho de Satã. Não, por todos os demônios.

Depois de um tempo, percebi que estavam rindo. Parei e fiquei olhando um instante antes de voltar a me sentar.

—Bem, não se ofendam, mas... enfim, o que houve?

Um bonito sorriso se desenhou no rosto de Amador.

—É que nunca... — Olhou a mulher. — Não sabíamos se existia de verdade.

—O que quer dizer?

—É a Dutch — disse Bianca.

O coração deu uma cambalhota ao ouvir meu apelido. Reyes era o único que me chamava assim.

—É a garota de seus sonhos.

—A que é feita de luz — acrescentou Amador.

A garota de seus sonhos? Não sabiam que era o anjo da morte? Certamente não. Não acreditava que se alegrassem tanto de me ver se soubessem desse pequeno detalhe.

—Um momento — disse, adiantando o corpo imperceptivelmente, — que sonhos? Sonha comigo?

Aquilo ficava interessante.

Bianca tampou a boca e começou a rir enquanto Amador falava.

—Só fala de você. Já na escola, mesmo que todas as garotas fossem atrás dele, só falava de você.

—Embora dissesse que nunca te viu, ao menos em pessoa, por isso não sabíamos se existia de verdade ou não.

—Como saber — disse Amador, — uma linda jovem feita de luz? Algo que, por certo, nunca acabei de compreender. Bem, é branca e isso, mas...

Bianca deu uma palmada no ombro e se virou para mim.

—Quanto mais sabíamos dele, mais convencidos estávamos de que existia em carne e osso.

—Assim, dizia que era linda? —perguntei, centrando minha atenção nessa única palavra.

Bianca sorriu sem reservas.

—Não se cansava de repetir.

Bem. Aquilo era o melhor que ouvi o dia todo. Ok, ainda era muito cedo, mas fui até ali por uma razão.

—De verdade que preciso saber onde está — falei depois de suspirar profundamente, voltando para a realidade com um leve pestanejo. — Sinto dizer isto, mas se não o encontro logo, morrerá.

Aquilo acabou imediatamente com o ambiente descontraído.

—O que quer dizer? —perguntou Amador.

—Bom, vejamos, o que é exatamente que sabem dele?

Precisava calcular até onde podia contar.

Bianca mordeu o lábio antes de responder.

—Sabemos que pode abandonar seu corpo e transportar-se a outros lugares. Possui um dom extraordinário.

—Costumava fazê-lo no cárcere. Aprendeu a controlar e não ao reverso.

Ignorava que o dom o controlou em algum momento. Aquilo ficava interessante. O que conheciam sobre o dom de Reyes e a franqueza que demonstravam me ajudaria a explicar o que acontecia.

—Reyes decidiu que já não precisa do corpo.

As preciosas sobrancelhas de Bianca franziram em um gesto de preocupação.

—Não entendo.

Desloquei-me até a ponta do assento.

—Já sabem que pode abandonar o corpo... — Ambos assentiram. — Bom, pois quer ficar fora de maneira permanente. Quer desprender-se dele. Acredita que o enfraquece, que o faz vulnerável.

Bianca levou uma delicada mão à boca.

—O que o faz acreditar em algo assim? —perguntou Amador, irritado.

—Em parte por ser um idiota. —E deixei aí. Não precisava contar toda a verdade. Talvez estragasse a festa o dia que soubessem que os demônios existiam de verdade. — Não fica muito tempo. —Dirigi a Amador um olhar suplicante. — Tem alguma ideia de onde pode estar? O que seja.

Amador baixou a cabeça, com pesar.

—Não. Não sei nada dele. Quando acordou e saiu do hospital, dava por certo que viria aqui. —Bianca entrelaçou os dedos com os do marido. — Os polis também pensaram o mesmo — prosseguiu. — Vigiam-nos, e ao final compreendi que aparecer por aqui nos deixaria em perigo e que por isso mesmo não faria.

Ele não mentia e eu seguia com as mãos vazias. Era para começar a chorar. E espernear e a gritar um momento. Mataria Angel quando tudo aquilo acabasse. Meu único investigador, a única pessoa a quem podia encomendar a tarefa de bater as ruas de maneira imaterial, e fazia dias que não sabia nada dele. Começava a pensar seriamente se devia despedi-lo.

—Não te ocorre nada, Amador?

Fechou os olhos, meditando.

—É preparado — disse, sem abri-los.

—Sei.

—Não, é muito preparado. Um verdadeiro gênio. Nunca conheci ninguém igual.

—Voltou a abrir os olhos e me olhou. — Como acha que conseguimos esta casa?

Fiquei calada. A pergunta despertou minha curiosidade.

—Enquanto estive preso com ele, Reyes se dedicou a estudar o mercado, ações, bônus e essas coisas, e através de mim passava a informação a Bianca para que soubesse no que investir, quando vender e quando comprar.

—Eu entreguei mil dólares e ele nos converteu em milionários — disse Bianca. — Pude voltar a estudar e Amador abriu seu próprio negócio de solda e fabricação de maquinaria quando saiu.

—Reyes é tudo para nós — assegurou Amador, — e não só por isso — acrescentou, abrangendo quanto o rodeava com um amplo gesto da mão. — Não sabe quantas vezes salvou minha vida. Inclusive antes de acabarmos juntos na prisão. Sempre pude contar com ele quando precisei.

De repente foi difícil imaginar Amador agredindo alguém. Parecia uma boa pessoa e teria apostado o que fosse que se colocou em confusões por proteger um dos seus.

—E é muito preparado — insistiu, absorto de novo em pensamentos. — Não se esconde de qualquer um. Esconde-se de você. Onde ele não espera que você o busque.

—Charlotte — disse Bianca com voz apagada, — gostaria de um café?

Amador assentiu, mostrando aprovação.

—De todos os modos, levantaríamos daqui a uma hora.

—Nesse caso...

Foi como pendurar uma cenoura diante de um burro. Fomos à cozinha e passamos a hora seguinte conversando sobre Reyes, sobre como era na escola e os sonhos e esperanças que possuía. Por incrível que pudesse parecer, estava claro que tudo girava entorno de mim. Amador não sabia muito a respeito de Earl Walker, o homem que o criou e maltratou sem piedade, porque Reyes sempre se negou a falar dele. Entretanto, estava seguro de que Reyes não matou ninguém, nem sequer Earl. Oxalá estivesse certo.

A conversa acabou derivando para as páginas Web. Comentei a visita que fiz a Elaine Oake. Bianca soltou uma risada e olhou Amador de soslaio.

—Conte, por favor — disse Amador ao fim, sorrindo.

Bianca se voltou para mim.

—Eu não possuía dinheiro para investir quando Reyes estudava o funcionamento da bolsa, de acordo? Assim me disse que chamasse uma mulher que tentou visitá-lo várias vezes e que ofereceu dinheiro aos oficiais das prisões para que solicitassem informação sobre ele. E fiz. Disse que meu marido era seu companheiro de cela e que podia conseguir o que quisesse. Para ela, aquela informação não tinha preço. Literalmente. Pagava muito bem. De fato, chegou um momento em que já não sabíamos mais o que contar. —Deu uma gargalhada. — Assim consegui os mil dólares do primeiro investimento.

—Vendeu informação?

Eu também comecei a rir.

—Sim, mas quase tudo eram detalhes insignificantes, nada que pudesse comprometê-lo. De vez em quando, Reyes me dizia que contasse algo importante

sobre seu passado, para que não perdesse o interesse. Entretanto, os oficiais das prisões acabaram filtrando algumas coisas que ele não queria que soubessem. Não temos ideia de onde tiravam aquela informação.

Ah, acreditei saber a que se referia.

—Um pouco relacionado com a irmã?

Bianca torceu o gesto.

—Sim. Nunca soubemos como chegou aquilo às mãos de um oficial.

—Reyes nunca falava dela — confirmou Amador.

Estava segura que os oficiais descobriram a existência da Kim através de uma daquelas páginas Web. Entretanto, Amador estava certo: Reyes era incrivelmente inteligente. Não era que não soubesse, mas... Um momento. Fiquei olhando fixamente.

—E as fotos de Reyes no banho?

—De onde acha que tiramos a entrada para esta casa?

Fiquei boquiaberta.

—Reyes sabia?

Amador começou a rir com vontade.

—Foi ideia dele. Sabia que ela pagaria o que fosse pelas fotos e ele queria que ficássemos com esta casa.

Não podia acreditar no que ouvia. Fazia tudo aquilo por seus amigos. E ainda pretendia me fazer acreditar que ia por aí machucando gente inocente? Duvidava-o mais que nunca. Mas e se morresse? Era possível que perdesse a humanidade? Era realmente possível?

Albergava a esperança de descobrir algum indício do paradeiro durante a conversa, algo que os Sanchez nem sequer fossem conscientes que soubessem, mas não houve nada que me chamasse particularmente a atenção. Deixei um cartão de visita e levantou. Amador saiu disparado para o banheiro enquanto Bianca me acompanhava à porta.

—Vamos, o que contava de mim? —perguntei.

Soltou uma risada e sacudiu a cabeça.

—Não, sério. Dizia algo de meu traseiro?

Reyes ocupava meus pensamentos quando cheguei ao edifício de apartamentos, com o coração esperançoso. Embora não entendesse por que. Talvez saber que seguia vivo bastasse para me animar. Nunca reparei que ouvia os batimentos do coração, embora ao lembrar compreendi que sempre foi assim, normalmente nessa região nebulosa entre a vigília e a letargia, quando os sonhos semilúcidos deslizavam pela superfície da consciência. Os batimentos do coração me arrulhavam até que perdia o conhecimento.

Ao introduzir a chave na fechadura, ouvi a voz da senhora Allen no final do corredor.

—Charley? —perguntou com um fio de voz.

Deus, nosso Senhor dos Anéis, e agora o que? A única vez que a senhora Allen se dirigiu a mim foi aquela em que seu poodle toy escapou e acreditou necessitar um

investigador particular com licença para encontrá-lo. Em minha opinião, Prince Phillip era uma ameaça para a sociedade. Estava claro que o primeiro que ocorreu fazer aquilo a um cão era um desalmado. Porque, de verdade, pobres poodles.

Voltei-me para ela. Embora fosse isso, ao menos obteria uma bandeja de bolachas caseiras, já que a senhora Allen considerava as bolachas caseiras recompensa suficiente por passar horas inteiras atrás do inimigo público número um. Algo que, na realidade, já me parecia bem.

—Olá, senhora Allen — disse, começando a andar para ela.

Justo nesse momento ouvi um estranho golpe. Imediatamente senti que a cabeça me estalava de dor enquanto o chão se aproximava de meu rosto a velocidade vertiginosa e o que pensei antes da escuridão me engolira por completo foi: Vamos lá!

Capítulo 15

*Aonde vou e o que faço nesta cesta?
(Adesivo de para-choque)*

Depois da freada, bati a cabeça (a mesma cabeça que acabava de sofrer um traumatismo causado por um objeto contundente) contra uma das laterais do interior de um porta-malas. Despertei sobressaltada. Entretanto, não demorei a começar a perder terreno e a escorrer de volta à inconsciência ao compasso dos batimentos de meu coração. A quente e intensa escuridão que ameaçava impor-se me obrigou a reagir, a me aferrar a consciência com unhas e dentes.

Concentrei-me na aguda e palpitante dor de cabeça, que estava presa nos pés e mãos, no murmúrio de um motor e no rumor de uns pneus sobre o asfalto por debaixo de mim. Se aquele era o modo de Cookie acabar me colocando no porta-malas de um carro, acabava de ganhar de Natal uma sessão intensiva de depilação inguinal equivalente ao tratamento de um ano inteiro.

—Bom, enfim, o que faz?

Abri os olhos com um tremendo esforço e topei com a cara sorridente de um membro de gangue de treze anos chamado Angel. Graças aos céus. Certamente ele podia me tirar daquele atoleiro. Estava com meio corpo dentro do porta-malas e o outro meio aparecia pelo assento traseiro. Nesse momento, teria matado a um mamute peludo para ser tão imaterial quanto ele.

—Agonizo — grasnei com voz rouca de tanto que a garganta estava ressecada. —
Vá procurar ajuda.

—Não agoniza. Além disso, me pareço com Lassie?

Seu sorriso petulante fraquejou apenas um instante, o suficiente para delatar preocupação. Aquilo não pintava bem.

—De quem se trata? —perguntei, fechando os olhos ante as pontadas de dor que arremetiam contra meu crânio em harmonioso compasso.

—São dois homens brancos — disse com voz forçada pela angústia.

—Como são?

—Brancos — respondeu, com total indiferença. — Todos são iguais.

Tentei lançar um suspiro audível, mas não consegui reunir suficiente ar nos pulmões constrangidos.

—É de tanta ajuda como uma colher em uma briga com navalhas. —Apalpei a capa da pistola em busca da pistola, mas não estava. Evidentemente. Além disso, o fio de que pendia minha consciência começava a desfiar-se. — Vá procurar Reyes — pedi, perdendo terreno mais rápido que conseguia recuperar.

—Não há maneira. —Sua voz soava cavernosa. — Não sei como encontrá-lo.

—Então, esperemos que ele saiba como me encontrar.

Pouco depois, ou isso acreditei, despertei pela segunda vez quando o porta-malas abriu e uma corrente de luz alagou o reduzido compartimento. De repente senti uma

estranha afinidade com os vampiros, entortando os olhos para me proteger do desumano resplendor.

—Está acordada — disse um deles. Parecia surpreso.

—Não me diga, Sherlock — murmurei, e me vi recompensada pelas moléstias com uma aguda pontada de dor na base do crânio.

Aquela poderia ter sido uma dessas vezes em que seria justificado ter medo e, entretanto, não sentia nada. A adrenalina não corria por minhas veias. Não gelou meu sangue. Não havia suores frios provocados pelo pânico nem câibras causados por ataques de ansiedade. Ou me deram uma droga ilegal ou me converti em um zumbi, e considerando que não sentia desejos de devorar o cérebro, inclinava-me mais pelas drogas.

—Me pegou — protestei, enquanto me tiravam do porta-malas de qualquer jeito e me arrastavam para o que parecia ser um motel abandonado.

Com uma grande desconsideração, nenhum dos dois se dignou responder, e então compreendi que estava com a língua em um pano. Além disso, caminhar com os pés atados também era um pouco complicado, embora, por sorte, contava com meus guarda costas. Por estranho que possa parecer, aquilo me fez sentir importante. Decidido, precisava agenciar um guarda-costas. Colocar em prática um programa de máxima segurança não só frustraria futuros sequestros, mas levantaria minha autoestima, e sentir-se estimado era sentir-se feliz.

—O que quer que faça? —perguntou Angel, saltando a meu redor como um gafanhoto em uma frigideira.

Por dizer algo, já que apenas o via. Era incapaz de me concentrar em nada que não fosse à bucha que tinha por língua.

—Vá procurar Ubie — disse, balbuciando a queima roupa.

—Acha que não pensei nisso? Tentei chegar até ele enquanto você estava fazendo de médium de uma moça em coma, Rip Furgo^{58}. Agora mesmo está à beira de um ataque, tratando de ficar em contato com você. Acredita que sua tia avó Lillian anda rondando-o.

Meus guarda costas me ajudaram, pelas laterais a cruzar a soleira de uma sala individual que, com muita dificuldade, estava em pé. Perto da parede do fundo havia uma cadeira, junto com diversos utensílios de tortura um tanto desfocados dispostos sobre a penteadeira do lado. Agulhas, facas, inquietantes aparelhos metálicos para um propósito concreto. Ao menos minhas escoltas se esforçaram um pouco, faziam os deveres e prepararam o cenário. Não era uma garota escolhida ao azar para torturá-la e enterrá-la no deserto. Escolheram-me expressamente para me torturar e enterrar no deserto. Minha autoestima subiu alguns décimos.

—E se pode saber por que Ubie acha que tia Lil está rondando? —perguntei, enquanto me soltavam sobre a cadeira antes de me prender a ela.

—Com quem fala? —perguntou um de minhas escoltas.

O outro lançou um grunhido por resposta. Não custava adivinhar quem era Riggs e quem Murtaugh^{59}, embora claro que aquela era uma versão brincadeira da dupla de Máquina Mortífera^{60}. Além disso, por fim compreendi por que não conseguia reconhecer seus rostos: usavam máscaras de esquí, que não combinavam com os

ternos.

Também não demorei a descobrir que estar presa a uma cadeira era muito menos confortável do que alguém poderia imaginar. As cordas me cravavam nos punhos e antebraços, e espremiavam os pobres Danger e Will Robinson. Nunca voltariam a ser os mesmos.

—Bom, tentei o truque do açúcar — confessou Angel, sem parar de dar saltos para não perder detalhes do que faziam. — Sim, homem, como você me explicou isso, mas o gato não deixou de dar lambidas até que a mensagem passou de dizer *Charley precisa de ajuda* a algo como *Lil olha traseiros*.

—Ubie tem gato?

Percebi um movimento fugaz, tão repentino e veloz que mal tive tempo de registrar, antes de me encontrar com a cara virada para a pia oxidada de minha direita. Não foi até então que uma dor aguda me atravessou a mandíbula e comecei a perceber que aquilo seria uma verdadeira Merda. Grrr eu odiava tortura.

—Voltou a me pegar —protestei, cada vez mais irritada.

—Você acha? —riu Riggs Mal. espertinho.

—Dói uma parte do cérebro. Exijo saber como se chama essa parte do meu cérebro e o que faz.

Riggs o Mal ficou parado.

—Senhora, não sei como se chama essa parte de seu cérebro — respondeu, voltando-se para perguntar a seu BFF^{61}. — Você sabe?

—Está brincando? —replicou Murtaugh o Mal, embora algo me disse que se tratava de uma pergunta retórica.

Por mais que me esforçasse em identificar aqueles homens, a quem começava a considerar suspeitos de sequestro, não conseguia me concentrar. Não sabia o que me deram, mas era a bomba. Precisava pedir a receita.

Suas vozes soavam como uma gravação reproduzida muito devagar e era incapaz de fixar o olhar em seus olhos o suficiente para poder descobrir a cor. Na verdade, era incapaz de fixar a vista em nada que implicasse ter que voltar a cabeça para outro lugar que não fosse o chão. Os sapatos eram bonitos.

—Nossa paciência está acabando, senhorita Davidson — assegurou Murtaugh o Mal. A voz não era muito profunda e as mãos eram pequenas. Definitivamente não era meu tipo. — Dispõe de uma única oportunidade, uma só.

Melhor uma que nenhuma. Teria que jogar o resto. Ir pelo ouro na primeira tentativa. Sorte de principiante, não me falta agora.

—Onde está Mimi Jacobs?

Merda. Bom, quando todo o resto falta, minta.

—Na Flórida.

—Onde fica Floyd? — Mal Riggs perguntou ao parceiro.

—Flórida — repeti. Puxa. Voltei a tentá-lo. — Flo wi...

Minha cabeça voltou a girar com brutalidade para a direita e a aguda dor que iniciou na mandíbula percorreu toda a coluna vertebral em ondas expansivas escaldantes. Contudo, algo me dizia que os tapinhas carinhosos de Murtaugh o Mal teriam doído muito mais se não estivesse drogada até as sobrancelhas. Agora teria que

voltar a recuperar a consciência. Suspirei, irritada.

Murtaugh o Mal se ajoelhou diante de mim e levantou meu queixo para que o olhasse. Todo um detalhe, porque só não teria conseguido. Nesse momento acreditei distinguir a cor dos olhos e teria apostado até meu último centavo a que o outro também era do mesmo azul cristalino. Já sabia por que me arrepiaram. Os agentes falsos do FBI eram uma merda.

—Isto vai doer muito mais em você que em mim — avisou Murtaugh o Mal, também conhecido como agente especial Powers.

Sorri.

—Não, se o cara da janela tem algo a dizer a respeito.

Ambos os sequestradores se viraram. Antes que desse tempo a reagir, Garrett Swopes colocou duas balas em Riggs Mal. Atirou tão rápido que nem sequer o vi. Claro que tampouco posso dizer que vi com muita nitidez, mas bom. Murtaugh malvado tirou a pistola e disparou, por isso Swopes teve que se esconder atrás da parede. O ruído era ensurdecedor. Tentei dar uma mão ao Swopes dando uma cabeçada em Murtaugh Mal, mas só consegui pender a cabeça e obter outra bonita panorâmica dos sapatos.

—Sim senhor! —exclamou Angel entusiasmado, saltando pela sala sem parar de dar gritos emocionados. Não podia levá-lo a nenhuma parte.

Houve mais troca de tiros e alguém atirou a porta abaixo de um chute. Também calçava uns bonitos sapatos. Reluzentes. De repente, Garrett começou a me desatar. Levava umas botas poeirentas e jeans. E talvez Riggs Mal jazesse morto ou não a meus pés. Quer dizer, sim, parecia morto, com os olhos abertos olhando ao vazio e demais, mas preferi não tirar conclusões precipitadas.

—Saiu por trás — informou Garrett ao cara dos sapatos bonitos. Quem disse que frequentava boas lojas?

Consegui manter a cabeça erguida tempo suficiente para identificar o Ninja dos Três Patetas. Não mudou muito desde que seus asseclas e ele invadiram minha casa a outra manhã.

—Senhor Chao — murmurei, paradoxalmente muda de assombro. — Como me encontraram, meninos?

—O senhor Chao e eu trocamos números faz um tempo, quando o pesquei te seguindo — respondeu Garrett, brigando com as cordas. No fim se deu por vencido e tirou uma navalha pela qual eu teria matado.

—Fala sobre quando você também vigiava?

—Sim. Estava há vários dias pisando nos seus calcanhares.

—Senhor Chao — protestei, em tom desaprovador. — Embora tenha uma bela bunda, verdade?

—Vamos atrás dele? —perguntou o senhor Chao, com um suave sotaque cantonês^{62}.

Garrett me liberou e caí enfraquecida entre seus braços, como uma boneca de trapo.

—Onde estão meus ossos? —perguntei.

Não havia maneira de manter-se erguida.

—Seu amigo e você vão — disse Garrett, respondendo Chao.

Tanto faz, de todos os modos minha pergunta foi bastante retórica.

Levantei a vista e topei com o Frank Smith, o chefe do senhor Chao, com seu impecável terno carvão. Sorria como se visse aquilo todos os dias.

—Só quero colocar Charles a salvo — prosseguiu Garrett.

—Está vestindo as cuecas suculentas? —perguntou Smith, de evidente bom humor.

—Como me encontraram?

Smith voltou ligeiramente à cabeça para seu companheiro.

—O senhor Chao viu dois homens carregando algo volumoso em um portamalas, no beco de trás de seu edifício de apartamentos.

—Volumoso? —repeti, ofendida no ato.

—Chamou-me para que fosse dar uma olhada no apartamento enquanto ele seguia o veículo — interveio Garrett, me ajudando a levantar como podia. — É óbvio, não estava em casa.

—Quando compreendemos que a sequestraram, o senhor Chao me ligou e ficamos de nos encontrar todos atrás daquela colina. —O senhor Smith apontou pela janela feita pedacinhos.

Vi somente uma claridade me cegando.

—A poli está a caminho — disse Garrett.

—Charley — me avisou Angel com voz assustada meio segundo antes de que uma chuva de balas descarregasse sobre nós.

Garrett me derrubou de um empurrão atrás de um colchão de molas imundo e em seguida eles também se atiraram ao chão. O ruído possuía uma qualidade estranha. O fogo incessante de uma arma automática ressonava e assobiava a nosso redor enquanto uma bala atrás de outra furava o gesso das paredes, os móveis desmantelados e descascava a velha pia. De repente parou, supus que para recarregar. O senhor Chao grunhiu de dor. O acertaram, embora ignorasse a gravidade.

—Temos que pedir ajuda — disse a Garrett, tentando levantar.

—Charley, maldita. —Me puxou e me obrigou a deitar de novo atrás da cama velha e bamba. — Primeiro terá que pensar o que vamos fazer.

—Pois não sei, poderíamos pegar o senhor Chao e dar o fora daqui.

A adrenalina deve ter destravado minha língua, porque de repente estava sem problemas para articular minha opinião.

Garrett nem sequer prestava atenção. Não podia acreditar isso. Outra vez? Já voltávamos para os velhos hábitos?

—Se esperarmos, Charley, a poli chegará a qualquer momento — disse.

—Também podemos agarrar ao senhor Chao, sair daqui pela janela de trás e esperá-los fora.

Uma nova rajada de balas soou a nosso redor.

—Filho de puta — resmungou Garrett enquanto os projéteis ricocheteavam em todas direções. — Se pode saber quem diabos são?

—Ah, sim, esqueci-me de mencionar que disse seu nome. É vamos-dar-o-fora-

daqui Redenbacher^{63}.

—Tome, pegue isto. —levou a mão às costas.

—É um cartão para te liberar de vamos-dar-o-fora-daqui?

Colocou uma pequena pistola na mão esquerda.

—Cara, sou destra.

—Charley — disse, com voz exasperada.

—É só para que saiba.

—Fique aqui — ordenou.

Ficou de joelhos, preparando-se supostamente para fazer algo heroico.

A primeira bala que impactou no corpo de Garrett me deixou em estado de choque. O mundo começou a mover-se em câmara lenta quando o som do metal afundando na carne alcançou meus ouvidos. Ficou olhando com cara de incredulidade. Quando uma segunda bala o atravessou, baixou o olhar para um dos lados, tentando encontrar o orifício de entrada. À terceira que o alcançou, já decidi o que precisava fazer.

Os projéteis desfilavam em fileira pela parede em nossas costas quando o atirador fez uma breve pausa e inverteu o rumo da procissão, escorando-a em minha direção e desenhando uma boa varredura.

Assim que levantei, apertei os dentes e esperei.

Garrett desabou para trás e chocou contra a parede, com a mandíbula tensa pela dor, enquanto as balas arrancavam o gesso das paredes nuas, ricocheteavam contra a pia metálica e atravessavam o mobiliário como se fosse feito de papel. A sala parecia a pobre vítima de uma luta de travesseiros.

Onde estava o filho de Satã quando precisava? Possivelmente seguia zangado comigo. Talvez essa vez não aparecesse (não deu sinal de vida quando o cara em liberdade condicional me atacou, empenhado em tirar meu coração, de primeira), mas era um risco que estava disposta a correr, por Garrett.

Podiam ocorrer duas coisas: ou me matavam com um tiro nesse mesmo momento ou Reyes se apresentava e nos tirava do apuro. Outra vez. E tudo aquilo, o ruído e caos que nos envolvia, acabaria. Sentia como a força do impacto dos projéteis me ondulava a pele, o calor de um objeto que se movia a maior velocidade que o som palpitava em minhas terminações nervosas.

Fechei os olhos e sussurrei em voz baixa, incapaz de me ouvir por cima dos disparos:

—Rey'aziel, eu te invoco.

Uma bala passou junto a mim com uma reverberação ensurdecedora. E outra. Cada vez mais perto. A próxima alcançaria meu pescoço e certamente cortaria minha jugular.

Abri os olhos, preparei-me para o ataque e observei atônita como o mundo desacelerou ainda mais. Os escombros suspensos no ar como ticker tape^{64} perfurada, congelados no tempo, uma vez que uma fileira de balas abria caminho lentamente em minha direção. Concentrei-me na que estava mais perto, que levava meu nome. O metal estava vermelho vivo, a fricção de um deslocamento tão rápido esquentava o metal imediatamente. O mundo voltou para a normalidade com uma forte investida

no preciso instante em que uma força sobre-humana me derrubava e me deixava sem fôlego. Os projéteis que olhava incrustavam na parede acompanhados de pequenos estalos, por cima de minha cabeça.

E tudo obscureceu, começando pela periferia até que se fechou sobre mim e sumi em uma bela e negra inconsciência.

Abri os olhos com uma leve piscada apenas uns segundos depois, ou isso acreditei, e me encontrei flutuando para um teto a ponto de derrubar-se, que era totalmente desconhecido. Olhei para baixo, para meu corpo deitado no chão, em meio de um atoleiro de sangue que se estendia ao redor de minha cabeça desenhando um arco. Depois voltei os olhos para cima, para a figura escura que me elevava aos céus. Apertei os dentes e fechei os punhos.

Maldição. Daria um bom chute na bunda.

Puxei o braço para me soltar e comecei a cair de volta à Terra. Reyes apareceu imediatamente, com a capa negra ondulando em torno dele. Entretanto, não consegui parar o impulso do braço a tempo e o alcancei na mandíbula.

—O que é isso? —perguntou, revelando os traços perfeitos ao jogar o capuz para trás.

—Bem. —Encolhi os ombros, envergonhada. — Acreditava que era a morte.

O sorriso que esboçou desenhou duas encantadoras covinhas no rosto, o que, por sua vez, fez um arrepio percorrer minhas costas.

—Eu diria que você é isso—respondeu, arqueando as sobrancelhas com dissimulação.

—Bem, sou a morte. Já sabia. —Voltei a olhar meu corpo escancarado com muito pouca dignidade no chão. — Então, estou morta?

—Nem de longe. —aproximou-se um pouco mais, colocou os dedos sob meu queixo e me fez virar a cabeça para os lados para comprovar os danos causados por Murtaugh o Chungo. — Deveria ter me invocado antes.

—Nem sequer sabia que podia. Arrisquei.

Franziu o cenho.

—Geralmente, não é necessário. Sinto suas emoções antes de aparecerem na superfície.

—Drogaram-me. Era feliz.

—Ok. A próxima vez me invoque antes.

Baixei a cabeça, hesitante.

—O que houve? —perguntou.

—A outra noite um cara com uma faca me atacou e, se bem me lembro, asseguro que minhas emoções estavam à flor da pele. Não veio.

—É o que acha?

Olhei com uma rápida piscada, surpresa.

—Estava ali?

—Claro que sim. Mas se arranjou bem sozinha.

Escapou-me um bufo.

—Pois está visto que você aparece na tentativa de esfaqueamento de outra garota chamada Charley, porque estiveram a ponto de me matar.

—E arrumou isso sozinha. Claro, já disse a você.

—Já me disse o que?

—Que pode fazer muito mais do que acredita. —Um sorriso extremamente sensual aflorou nos cantos dos lábios e Reyes cortou a distância que nos separava. — Muito mais.

—Garrett! —gritei, e acordei um segundo depois a seu lado. De volta em meu corpo, sentei com esforço e procurei Reyes. Estava sonhando? Seria próprio de mim, a verdade. Entretanto, o tiroteio parou. — O que ocorreu? —perguntei a Smith.

—O pistoleiro está morto — disse, enquanto assistia o senhor Chao. — E a poli está a ponto de chegar, assim vamos.

—Um momento, você o parou?

Ajudou um senhor Chao choramingando a levantar e colocou um braço por debaixo dos ombros.

—Não fui eu.

—Espere, e Garrett? —perguntei, enquanto ele saía pela porta carregando o companheiro.

Um SUV parou com André o Gigante ao volante, também conhecido como Ulrich, o terceiro homem.

—A poli está a ponto de chegar. Exerça pressão.

—Obrigada — falei, embora tivesse me dado às costas.

Voltei-me para Garrett e comprovei que o sangue que vi desenhar um arco ao redor de minha cabeça não era meu, a não ser dele. Procurei a ferida mais feia e, enfim, exerci pressão.

Capítulo 16

*Sociedade Nacional do Sarcasmo: Como se sua ajuda fizesse falta.
(Adesivo de para-choque)*

Era tarde quando entrei no quarto do hospital de Garrett (que seguia dormido), então decidi comer o conteúdo da bandeja. Internaram-me por uma concussão cerebral e a ele por três feridas de bala, assim ele ganhava. Essa vez.

—O que faz? —perguntou com voz áspera pelo cansaço e a medicação.

—Comendo seu sorvete — respondi, com a boca cheia de deliciosa baunilha.

—E por que está comendo meu sorvete?

De verdade, era capaz de fazer as perguntas mais bobas.

—Porque já acabei o meu. Por favor.

Começou a rir e em seguida o rosto torceu de dor. Ficou horas na sala de cirurgia, depois em recuperação e no fim o transferiram a um quarto porque, apesar da quantidade de sangue que perdeu, estava fora de perigo.

—Não veio me seduzir, não é? —perguntou.

—Lembro que é você quem anda por aí com o traseiro no ar — respondi, — graças a uma camisola mínima com ventilação traseira incorporada.

Meu traje não variava muito do dele, mas Cookie trouxe um moletom para usar debaixo da camisola.

Meu médico, ocupado nesse momento com a papelada, concordou em me dar alta a contra gosto depois de fazer ao Ubie e Cookie prometer que não me deixariam dormir doze horas seguidas. Era tarde, mas não havia nenhuma razão para permanecer toda a noite no hospital quando meu computador estava em casa e podia descansar ali tanto quanto no hospital. Enquanto matava o tempo procurando fotos de Reyes na Web.

Deixei o sorvete e subi na cama de Garrett.

—Não será daqueles que ficam com toda a roupa de cama, verdade?

Senti que Reyes estava perto. Senti a tensão ao me colocar sob os lençóis, junto ao Garrett. Estaria ciumento? De Garrett? Fui visitar um amigo. Ponto. Consolar e animar.

—Isto é muito desconfortável — protestou Garrett.

—Não diga tolices.

Passei um braço por cima da cabeça e a atraí para meu ombro.

—Ai.

—Por favor — resmunguei, revirando os olhos.

—Atiraram no ombro contra o que te apoia.

—Está com analgésicos — falei, batendo a cabeça com força. — Deixa de choramingar.

—Você não está bem doa cabeça, verdade?

Suspirei profundamente e me afastei um pouco.

—Melhor?

—Estaria se pudesse acariciar Danger e Will Robinson.

Ignorando o surto de raiva que estalou na sala como eletricidade estática, eu cobri as meninas, protetora.

—Nem sonhe — falei, dando uma palmada na.

Garrett voltou a rir e segurou uma lateral, dolorido.

—Além dos peitos e ovários, colocou nome a alguma outra parte do corpo? — perguntou uma vez que se recuperou.

Não fazia nenhuma semana que o apresentei a Danger e Will Robinson, Beam-me-up^{65} e por último, embora não menos importante, Scotty.

—Pois agora que menciona, recentemente batizaram os dedos de meus pés, durante uma sessão um pouco estranha do jogo da garrafa e muitas margaritas.

—Importa-se de me apresentar.

Levantei e briguei com as meias até que saíram, balançando a cama o suficiente para conseguir que Garrett soltasse uns pequenos gemidos de dor.

—Você é um chorão — protestei, me virando para deitar ao lado e levantando os pés. — Bem, começando pelo mindinho do esquerdo, temos o Dunga; Mestre; Zangado; Feliz; Dengoso; Atchim; Soneca; rainha Elizabeth terceira; bootylicious^{66}, o santo padroeiro das bundas quentes, e Pinkie Floyd .

— Pinkie Floyd? —perguntou Garrett, depois de uns instantes.

—Já sabe, como a banda.

—Bem. Os das mãos também têm nome?

Voltei-me para ele com olhar incrédulo. Com a mãe de todas as olhadas incrédulas.

—Isso é o mais absurdo que ouvi em minha vida.

—O que? —exclamou, como se o tivesse ofendido.

—Por que diabos nomearia meus dedos?

Olhou-me com olhos frágeis por causa da medicação.

—Você sabe — respondeu, arrastando ligeiramente as consonantes, o que indicava que o último chute de morfina estava começando a sortir efeito.

Inclinei-me para ele e o beijei na bochecha quando fechava as pálpebras. Deduzi que Reyes voltaria a explodir, mas então compreendi que se foi. Sua ausência me deixou um vazio no que deveria ser a área torácica.

Depois de uma noite de hospitais, uniformes e perguntas, por fim me soltaram sob fiança. Já que não fazia ideia do que significava fiança, supus que seria injusto me responsabilizarem. Garrett estava estável e eu voltava a ter todos os membros grudados. Ou, ao menos, a cabeça. Uma insistente dor surda não me deixava esquecer o que se sentia quando ficava inconsciente.

Quando a polícia chegou ao motel abandonado, o pistoleiro estava morto. Pelo visto, quebrou o pescoço ao escapular pela parte traseira do carro durante o tiroteio. Certo. Por mim, nenhum problema. Conteí que Garrett, preocupado porque talvez me sequestraram, seguiu aqueles caras até ali e, ao compreender que estava certo, chamou à polícia, entrou na sala disparando a torto e direito e abateu um dos

sequestradores. A Riggs o Mal.

Entretanto, o pistoleiro morto de fora não possuía olhos de cor azul cristalina e, portanto, não era quem eu suspeitei, Murtaugh Mal. Quer dizer, um de meus falsos agentes do FBI. Pelo visto, Garrett atirou no suposto agente Foster, que resultou ser um pequeno criminoso de Minnesota. Então, onde estava o outro falso cara do FBI? O agente especial Powers. Deve ter escapado, porque o pistoleiro era alguém novo a quem nunca vi.

Seguia sem ter notícias do fã de minhas boxers, o senhor Smith, embora esperasse que o senhor Chao estivesse bem. Não podia pedir ao tio Bob que descobrisse se deu entrada em algum hospital sem revelar que havia mais gente implicada na cena do crime do que fiz acreditar. Além disso, se eles não queriam ser reconhecidos, quem era eu para levantar a lebre?

Cookie e Ubie me acompanharam a casa dando um passeio. Antes de entrar, aproximei-me da porta da senhora Allen e chamei. Era tarde, mas a mulher costumava rondar pelo apartamento em plena noite e precisava me assegurar de que não fizeram nada quando me raptaram. Apenas a abriu uma fresta.

—Senhora Allen, está você bem?

A mulher assentiu tristemente, com cara de espanto. Contou que chamou à polícia assim que me levaram, mas não pode descrever o carro, nem aos homens. Ao menos tentou.

—Certo. Se precisar de algo, já sabe onde estou.

—Está bem? —perguntou com sua trêmula voz de anciã de causar pena.

—Estou bem — assegurei. — Como está PP?

Deu uma olhada atrás.

—Estava muito preocupado.

A presenteei com um de meus maiores e mais sinceros sorrisos, que pretendia tranquilizá-la.

—Diga que estou bem. Muitíssimo obrigado por chamar à polícia, senhora Allen.

—Encontraram você?

—Encontraram.

Enquanto tio Bob e Cookie me acompanhavam a meu apartamento, prometi não voltar a subestimar aquela mulher, nem seu cão.

—Muito bem, parece que vamos precisar de vários litros de café.

—Ah, não, nem pensar — protestei, ao ver que Cookie se dirigia para o senhor. Bom, não para o Senhor, em plano Jesus Cristo, mas o senhor Café. — Você vai descansar. Não vou dormir, prometo isso, e você não vai seguir em pé nem um minuto mais por mim.

Era quase meia-noite e essa foi a semana mais caótica de minha vida, sem contar quando investiguei o desaparecimento de um turista em pleno carnaval.

O tio Bob e ela trocaram um olhar, muito pouco convencidos.

—O que acha de eu fazer o primeiro turno? —perguntou a Cookie. — Descansa agora um pouco e a acordo daqui a pouco.

Cookie franziu os lábios e se dirigiu para a cafeteira de qualquer forma.

—Claro, mas prepararei um pouco de café. Ajudará. E tem que prometer que me acordará dentro de duas horas.

O tio Bob sorriu. Sorriu muito. Como se paquerasse. Por favor. Estava com uma concussão, pelo amor de Deus, a cabeça já me dava suficientes voltas.

E ela devolveu o sorriso! A mãe que...!

—O que é isto? —perguntou Cookie, com voz repentinamente cortante.

—O que?

—Esta nota. De onde saiu?

Ah, era o bilhete ameaçadora daquela manhã.

—Mas se já disse isso — me defendi, com cara angelical.

Chiou os dentes e se dirigiu para mim a grandes pernadas com a nota na mão.

—Perguntou se te deixei um bilhete, mas em nenhum momento mencionou que se tratava de uma ameaça de morte.

—O que? —O tio Bob levantou de um salto do sofá no que acabava de enrolar-se e arrebatou o pedaço de papel. Leu e me lançou um olhar desaprovador. — Charley, juro que se não fosse minha sobrinha te deteria por obstrução à justiça.

—O que? —balbuciei, para parecer afetada. — E que diabos alegaria?

—Isto é uma prova. Teria que ter me chamado assim que a recebeu.

—Ok! —exclamei. Já eram meus. — Não tenho nem ideia de quando recebi. Encontrei-a na cafeteira esta manhã ao levantar.

—Invadiram sua casa? —perguntou, atônito.

—Bom, eu certamente não os convidei a entrar.

Voltou-se para Cookie.

—O que vamos fazer com ela?

Cookie seguia me olhando com cara de poucos amigos.

—Acredito que mereceria uns açoites.

O tio Bob se animou. É que Cookie não aprenderia alguma vez?

—Posso olhar? —perguntou, entre dentes. Como se eu não estivesse ali.

Cookie riu bobamente e retornou junto à cafeteira.

Pelo amor do chocolate Godiva. Aquilo era surrealista.

Alguém bateu na porta do lavabo.

—Charley, docinho?

—Sim, Ubie, querido?

—Está acordada?

Engraçado.

—Não — respondi, enxaguando o sabão das costas.

Alcansei para ouvir um suspiro exasperado antes de prosseguir.

—Chamaram da delegacia de polícia. Parece ser que temos algo sobre o caso do Kyle Kirsch. —Baixou a voz para dizer *Kyle Kirsch* e a quase deixei escapar uma risada. — Tenho dois homens lá embaixo, farei um subir.

—Tio Bob, prometo que não dormirei. Tenho trabalho. —Ou o que era o mesmo, o repasse da tórrida sessão fotográfica “Bad Boys” de um tal senhor Reyes Alexander Farrow. Eu também teria pago uma fortuna pelas fotos desse traseiro. — Estarei bem.

—Certo — concordou no fim, depois de uma longa pausa. — Voltarei em seguida. Direi aonde vou, se por acaso necessitasse algo. E não durma.

Eu roncava, muito alto.

—Você é hilária — assegurou, embora suspeitava que não falou sério.

Lavei o cabelo com delicadeza, rezando para que a cola aguentasse. As concussões cerebrais doíam. Quem diria. Tive que sentar no chão do box para depilar as pernas já que o mundo seguia inclinando-se para a direita o suficiente para me fazer perder o equilíbrio. Voltar a levantar foi um suplício.

Estava a ponto de fechar a torneira quando o senti. De repente estava envolvida em um calor asfixiante e o ar carregou de eletricidade. Seu aroma de terra úmida, a tormenta no meio da noite, suspendia-se em torno de mim, enroscando a meu redor, e inspirei fundo. Reparei em algo novo que nunca notei antes: o batimento do coração. Sentia como reverberava entre as paredes do banheiro e batia contra meu peito. Era uma sensação maravilhosa e ansiei que chegasse o dia em que pudesse voltar a vê-lo em pessoa. Ao Reyes de carne e osso. De verdade.

Permaneceu em silêncio, sem aproximar-se, e comecei a me perguntar se não possuiria outro superpoder.

—Vê através da cortina do box? —perguntei, meio de brincadeira.

Ouvi o assobio do metal apenas um instante antes da cortina de plástico cair com leveza a meus pés, dividida em dois.

—Agora sim — respondeu, inclinando aqueles lábios carnudos em um sorriso malicioso que fez meu coração afundar.

Embainhou a espada em baixo das dobras da capa, que desapareceu a seguir para dar alívio ao corpo poderoso. Usava a mesma camiseta, embora sem manchas de sangue no peito. No entanto, sabia que se Reyes hesitava, se sua parte humana voltava a despertar, ficaria reduzido ao homem que seu corpo se tornou. Me fez um nó no estômago pensar, por isso tentei afastar aquela ideia de minha mente. Acabava de apresentar-me uma nova oportunidade, a ocasião de convencê-lo para me dizer onde estava. E se precisava usar a chantagem em qualquer de suas formas, faria sem duvidar. Ou suborno puro e duro.

Fechei a torneira e estendi a mão em busca de uma toalha. Ele estendeu a sua e me agarrou, de modo que fiquei nua e pingando. O que utilizei em minha conveniência da melhor maneira.

—É isto o que quer? —perguntei, abrindo os braços, me expondo a ele por completo, esperando que não se importasse com a cola. Era difícil desprender-se daquela merda.

Com o olhar cheio de desejo, deu um passo à frente e segurou entre os braços. Entretanto, parou um instante, indeciso, cravando seu olhar no meu um longo momento, como assombrado. Acariciou meu o queixo e passou o polegar por meus lábios. Em seus olhos da cor do café banhado pelo sol brilhavam umas bolinhas verdes e douradas até que solidificou nos cílios e juntou a boca com a minha. A língua passou entre meus lábios em um beijo ardente. O sabor era de perigo e escuridão.

Uma mão perturbadora desceu por minhas costas e rodeou uma nádega no momento em que a boca separou da minha e buscou o pulso no pescoço. Senti um

estremecimento tão prazeroso que precisei de todas minhas forças para sussurrar ao ouvido:

—Pode me ter toda depois que disser onde está.

Parou, esperou um longo momento até que conseguiu controlar o ritmo da respiração e estreitou os olhos para afastar-se de mim.

—Depois que disser.

—Depois.

A temperatura do banheiro caiu em segundos; estava furioso. Em um abrir e fechar de olhos retornamos ao ponto morto que o deixamos. Acabaríamos com um torcicolo de tão bruscos e inflexíveis que eram os vaivens de nossa relação.

—Seria capaz de utilizar seu corpo para conseguir o que quer?

—Sem pensar duas vezes.

Aquilo doeu. Senti como repercutia em seu interior. Aproximou-se de novo, inclinou até a cabeça parar a escassos centímetros da minha e sussurrou em um fio de voz apenas audível:

—Putá.

—Vá — falei, incapaz de conter a dor que as palavras me provocaram.

Desapareceu e deixou atrás de si um vazio de amarga desolação. Então, me acendeu a lâmpada. A puta ou, bom, prostituta. O astro do cinema clássico... No que estaria pensando?

—Cookie, depressa, levanta.

Sacudi-a sem olhares até que os dentes chacoalharem, e fui em direção a seu armário. Ficou em pé de um salto e começou a agitar os punhos no ar como um personagem de desenhos animados. Teria explodido em gargalhadas se não tivesse a cabeça como um tambor por culpa da comoção cerebral.

Embora uma risadinha escapou.

—Pequenos cabelos, linda.

Os afastou um tanto coibida e me olhou com os olhos meio fechados.

—O que houve?

—Tenho uma ideia.

—Uma ideia?

Franziu a testa por um tempo, até que uma calça de moletom alcançou em seu rosto. Não pude resistir. Sobre tudo porque a vingança era um prato que se servia frio. Ou ao menos morno. Estalei em gargalhadas e fosse o que Deus quisesse.

—Teria que melhorar a pontaria — protestou, afastando a calça do rosto e me lançando um olhar sonolento de poucos amigos.

—Tenho muito boa pontaria, que saiba.

Minha cabeça estava no limite de um desastre nuclear quando escapulimos pela parte de trás e rodeamos o edifício para ir a busca do Misery na vergonhosa tentativa de esquivar os polis que faziam guarda. Senti-me mau, mas se aparecesse com escolta policial, não chegaria muito longe. Quando paramos diante do Chocolate Coffe Café, Cookie me olhou esperançada.

—Nos passou algo por alto? Encontrou mais provas?

—Não exatamente. —Voltei-me para ela antes de descer do carro. — Tenho uma ideia. Norma, Brad e quem estiver aí dentro vai parecer um pouco estranho, assim preciso que me ajude.

—Sempre que não tiver que dançar sobre uma bancada...

Entramos na cafeteria e demos uma olhada a nosso redor. Era o turno de Norma, mas não vimos quem estava atrás dos fogões. Havia dois clientes acomodados em um lugar muito pouco conveniente, mas já me encarregaria mais tarde daquilo.

Assinalei a bancada com um gesto de cabeça e Cookie e eu nos dirigimos para ali com passo seguro. Meu astro do cinema clássico se recostava nela, com os cotovelos apoiados na bancada e as pernas cruzadas à altura dos tornozelos. O chapéu claro e a gabardina eram dos anos quarenta, e davam um ar inegável de Humphrey Bogart. A visão me deixou sem respiração. Cookie e eu adorávamos Humphrey.

Sentei no banco ao seu lado ao ver que Norma se aproximava.

—Olá, bonitas, já encontraram quem procuravam?

Cookie sentou junto a mim, embora no lado errado. Agarrei-a pela jaqueta por debaixo da bancada e a fiz dar a volta por trás de mim.

—Não — respondi, triste. — Ainda seguimos procurando.

Norma estalou a língua e nos serviu duas xícaras de café sem sequer pedirmos. Para ser sincera, não estava certa de que convinha beber café com a cabeça tão confusa como estava, mas rejeitar uma xícara seria como rejeitar a paz mundial. Todos os interessados sairiam ganhando se aceitasse sem reservas. Assim que alguém propunha um modo de mais uma dose estava perdida.

Cookie sentou e me olhou de lado, um pouco tensa.

—Lembra seu papel? —perguntei.

Franziu ligeiramente a testa, mas seguiu o jogo e assentiu. Sorri.

—Bem, temos que acabar de memorizá-lo antes do ensaio geral de amanhã à noite.

—Ah, claro — disse, com uma risada nervosa. — O ensaio geral.

—Estão fazendo uma peça de teatro ou algo assim? —perguntou Norma, nos passando o menu.

—Sim, no Stage House. Nada especial.

—Isso é muito bom! —exclamou, retomando o pano de chão para limpar a bancada. — Fiz um pouco de teatro na escola. Avisem-me quando estiverem preparadas.

—Obrigada — falei, antes de me dirigir a Cookie.

Bogart se sentava entre as duas. Olhou-me de lado.

—Olá — o saudei, esperando dar a impressão de ser inofensiva.

O astro morto se virou para mim, com os lábios reduzidos a uma fina linha.

—De todos os cafés do mundo, teve que escolher o meu.

O coração pulou uma batida. Era igual ao Bogart. Que pena que Cookie não pudesse vê-lo.

—Veio levar minha alma? —perguntou.

Deixou-me um tanto surpresa que conhecesse a natureza de meu trabalho.

—Se não se importa — respondi. Procurei a foto de Mimi Jacobs e a sustentei na

mão. — Viu esta mulher?

Voltou o rosto e ficou olhando fixamente o guichê de Brad.

—Não estou acostumado a me fixar no que passa por aqui.

Sorri.

—Em mim se fixou.

—É difícil passar por alto.

Nisso estava certo.

—Por que não quer cruzar?

Encolheu os ombros.

—Tenho outra opção?

—É óbvio. Se óbvio “o da morte”, sou o anjo. Não posso te obrigar a cruzar.

Virou para mim, surpreso.

—Querida, se houver alguém que pode, essa é você.

Não ia discutir com ele.

—Bom, pois não vou. Se não quer cruzar, não insistirei.

Olhei Cookie, sentada atrás dele. Observava-me atentamente, sem perder uma só palavra, assentindo, como se estivesse avaliando meu desempenho. Deixei escapar um suspiro, e olhei ao redor, um pouco envergonhada.

—Está rindo de mim? —perguntou entre dentes, tentando dissimular.

—Não — prometi antes de me concentrar de novo em Bogart.

—Hey, baby! —Voltei-me e sorri a Brad quando este apareceu a cabeça pelo guichê. — Não pode viver sem mim.

—Você disse, bonito, e, além disso, tenho fome.

Um sorriso de prazer desenhou em seu rosto.

—Baby, acaba de dizer as palavras mágicas.

Retornou à cozinha e começou a preparar sei lá o que, embora soubesse que sua criação roçaria a qualificação de obra de arte.

—Em ocasiões, as lembranças encontram um esconderijo e ficam enterradas — prossegui, me dirigindo ao Bogart, — e quando a gente cruza, vejo. Minha esperança era de que tivesse visto Mimi e que tivesse reparado em algo que a passou por alto a outros. Se cruzou através de mim, poderia rebuscar entre as lembranças para encontrá-la, mas não vou te obrigar.

Evitei mencionar que, de todos os modos, tampouco saberia como.

O homem sacudiu a cabeça.

—Ninguém me espera ao outro lado.

—Tolices. Sempre há alguém esperando. Confia em mim; embora não acredite, alguém te espera.

—Bom, possuía família. —Depois de um suspiro profundo, acrescentou— Se não te importa, acredito que passo.

Me partiu o coração. Sua gente o aguardava e ele sabia, mas considerava que não merecia cruzar. Fez alguma coisa no passado que os separou, e provavelmente em seu seio familiar.

Oxalá pudesse convencê-lo, porque aquele homem não sabia o que perdia ao obstinar-se em permanecer na Terra. Embora tivesse suas razões. Não pressionaria.

—Quando estiver preparado — falei, tocando um braço.

Baixou olhar, tomou a mão e levou aos lábios frios. Depois de depositar um delicado beijo em meus nódulos, desapareceu.

Olhei Cookie, abatida.

—Não mordeu.

—Vê suas lembranças? —perguntou, muda de espanto.

Não compreendia como era possível que, aquelas alturas, houvesse algo que a espantasse.

—Sim, vejo, mas nunca tentei farejar neles com intenção de encontrar algo em concreto. Embora acredite que poderia. É questão de tentar. Além disso, ainda tenho que falar com outra pessoa.

Fiz um gesto para que pegasse a xícara e me seguiu a sala de jantar. Uma dezena de mesas salpicavam a ampla sala, ao longo das paredes se alinhavam vários reservados. Um casal jovem conversava entre sussurros junto a uma das enormes janelas que davam ao cruzamento, sob a luz fraca dos abajures. Em um dos reservados do fundo, uma mulher sentava com aparência de ter sido uma prostituta drogada. Pelo aspecto da pele, era evidente que deu duro às anfetaminas.

Primeiro olhei a cadeira e depois ao Cookie.

—Terá frio — adverti, lamentando sinceramente.

Entretanto, começávamos a ser alvo dos olhares estranhos de Norma, por isso precisava tê-la em frente enquanto falava com a mulher.

Adiantou-se indecisa, como se caminhasse pisando em ovos, e se encolheu depois de sentar. A mulher a transpassou, alheia por completo que acabaram de invadir seu espaço pessoal.

—Isto é perturbador de qualquer forma — disse Cookie.

—Sei. Sinto muito.

—Não, não sinta — repreendeu, — faria o que fosse pela Mimi. Agite os dedos, faz magia e descubra onde está.

Sorri e me sentei frente a ela.

—Feito.

A mulher estava com os braços apoiados na mesa e olhava pela janela. Não deixava de esfregar os punhos e nesse momento percebi que cortou as veias. Entretanto, as feridas estavam fechadas e cicatrizadas, de modo que aquela não foi à causa da morte. Ignorava o que acabou com ela, mas dava a impressão de ter levado uma vida bastante dura.

—Querida — chamei, levantando uma mão e tocando um braço.

Abandonou momentaneamente a pose típica do obsessivo compulsivo e me dirigiu um olhar vazio.

—Meu nome é Charlotte. Estou aqui para te ajudar.

—É linda — disse, aproximando uma mão do meu rosto. Sorri ao sentir que os dedos me acariciavam as bochechas e lábios. — Como um milhão de estrelas.

—Se quer cruzar através de mim, pode.

Afastou-se imediatamente e sacudiu a cabeça.

—Não posso. Irei ao inferno.

Tomei as mãos entre as minhas.

—Não, não vai ao inferno. Querida, se o destino fosse o inferno, já estaria ali. Fica fora de minha jurisdição. Além disso, garanto que eles sabem como ocupar-se dos seus.

Seus lábios estremeeceram e as lágrimas alagaram os olhos.

—Não...? Não vou ao inferno? Mas... Acreditava que ao não ir ao céu...

—Como se chama?

—Lori.

—Lori, admito, nem sequer eu sei por que algumas pessoas não cruzam. Costuma ocorrer quando o falecido foi vítima de um crime violento. Importa-se em dizer como morreu?

Cookie abraçou a si mesmo, tentando aquecer.

—Não lembro — confessou Lori, e inclinou-se para a segurar em vez das mãos. — Me conhecendo, o mais provável é que tomei uma overdose de algo. —Dirigiu-me um olhar envergonhado. — Não fui uma boa pessoa, Charlotte.

—Tenho certeza de que fez o melhor que soube. É evidente que alguém acredita nisso ou, como já te disse, teria ido a outra direção. Entretanto, está aqui. Talvez esteja um pouco confusa. —Tirei a foto do Mimi e mostrei. — Viu esta mulher?

Apertou os olhos e sacudiu a cabeça enquanto se esforçava em lembrar.

—O rosto é familiar, mas não tenho certeza. Não costumo prestar atenção às pessoas. Estão muito longe.

—Quando cruzar, se ao final decidir, permitirá que busque entre as lembranças para ver se posso encontrá-la?

Piscou, muda de espanto.

—É óbvio. Pode fazer?

—Não faço ideia — admiti, soltando uma risada.

Sorriu.

—Bom, o que tenho que fazer?

Levantei.

—Me atravesse. O resto ocorre por si só.

Depois de um suspiro profundo, levantou. No ar se respirava uma animada excitação e me alegrei por ela. Parecia tão perdida... Talvez fosse aquilo que Rocket não parava de falar. Possivelmente muitos dos que ficam estão perdidos e sou eu quem deve encontrá-los, em vez deles a mim. Entretanto, não sabia como, a não ser que viajasse por todo do país sem descanso.

Precisava me concentrar em remexer entre as lembranças. No momento em que respirava, Lori deu um passo para mim e a ouvi sussurrar:

—OH, Meu Deus.

Sua vida me bateu em alta velocidade. A partir do momento que, ainda criança, a mãe a alugou a um vizinho uma tarde inteira, em troca de uma dose, até a vez que, já na escola, um grupo de garotas puxou o cabelo ao passar junto ao armário. Entretanto, a aflição ficou rapidamente eclipsada pelo poema que a levou a ganhar um concurso. Publicaram em um jornal local junto a sua foto. Nunca se sentiu tão orgulhosa de si mesma. Deixou atrás seu passado e foi à universidade um semestre, mas logo

começou a atrasar-se, e a pesada carga do fracasso voltou a enraizar. Retornou à vida que conhecia, a vida nas ruas vendendo-se pela seguinte viagem, e morreu de overdose em um quarto sujo de hotel.

Precisava abrir caminho entre os momentos mais destacados, rebuscar entre as lembranças antes que fosse para sempre. Encontrei a primeira vez que entrou na cafeteria. Sentou e não tornou a levantar. Permaneceu encerrada em si mesma durante anos. Avancei pouco a pouco, verificando um cliente atrás de outro, muitos para repassá-los, assim trouxe a imagem de Mimi à frente e vi uma mulher dando um tropeção junto à porta de entrada, com o medo desenhado no rosto e uns olhos assustados que não deixava de olhar todas as partes.

Sentou e esperou, mas depois de um carro atrás de outro estacionar junto à cafeteria, os nervos se apoderaram dela, pegou um marcador permanente junto à caixa registradora e se dirigiu ao lavabo sem perder tempo. Aproximadamente um minuto depois, outra mulher entrou no banheiro e Mimi saiu apressada da cafeteria para acabar engolida pela escuridão da noite.

Ofegante, abri os olhos e levei às mãos ao peito, como se mergulhasse em uma piscina e acabasse de emergir a superfície. Enchi os pulmões de ar e voltei a sentar, muda de espanto. Consegui. Remexi entre as lembranças. Precisei uns segundos para digerir o que vi e conter a tristeza que ameaçava me enrolar. Lori não teve uma vida nada fácil. Não me cabia a menor dúvida de que estava em um lugar melhor, por mais sensível que pudesse soar.

Além disso, a encontrei. Encontrei Mimi.

Olhei Cookie, incapaz de reprimir um sorriso.

—Me permita que te faça uma pergunta — disse, quase sem fôlego.

—Adiante.

—Se fosse à esposa de um homem de negócios endinheirado, com uma casa enorme e filhos preciosos que amasse mais que a vida, qual é o último lugar em que buscariam?

Um lampejo de esperança iluminou o rosto de Cookie.

—Funcionou?

—Funcionou.

Dei uma olhada a minhas costas e apontei ao outro lado da rua.

—O centro de acolhida para gente sem lar? — perguntou, sem acreditar nas próprias palavras.

Voltei-me para ela e encolhi os ombros.

—É perfeito. Não posso acreditar que não pensei nisso antes. Estava diante de nossos narizes todo este tempo.

—Mas... OH, Meu Deus, bem, e agora o que fazemos?

Tamborilou as mãos sobre a mesa, apenas capaz de dominar o entusiasmo.

—Passaremos pra cumprimentar.

Capítulo 17

*Sabe essas coisas más que acontecem às pessoas boas?
Sou uma delas.
(Camiseta)*

Deixei uma nota de vinte dólares sobre a bancada quando passamos por ela apressadas.

—Brad, poderia preparar o nosso para levar?

A cabeça apareceu pelo guichê, levantando as mãos com desconcerto.

—Voltamos em seguida.

Cruzamos a rua apressadas e fomos a um edifício de tijolo com grades nas janelas e uma enorme porta metálica. Estava começando a garoar.

—Acredito que está fechado — observou Cookie, ofegando atrás de mim.

Esmurrei a porta, esperei um momento e voltei a esmurrá-la. Depois de uma longa espera, um Hulk de olhos sonolentos saiu para nos receber.

Optei por um sorriso. Mais que tudo porque não gostava de provocar sua ira.

—Olá. —Mostrei a licença. — Sou Charlotte Davidson e esta é Cookie Kowalski. Sou detetive particular e estou investigando um caso para o Departamento de Polícia de Albuquerque — disse, mentindo pela metade. — Poderia falar com você?

—Não.

Hulk ficava de mau humor quando o acordavam no meio da noite. No filme não se mencionava esse aspecto da personalidade. Teria que escrever aos produtores.

Além disso, era evidente que minha licença não o impressionou. Decidi mostrar uma nota de vinte dólares.

—Só seriam umas perguntas. Ando procurando uma mulher desaparecida.

Arrebatou a nota dos dedos e se preparou para o questionário.

—Bom. —Tirei a foto de Mimi da bolsa. — Viu esta mulher?

Ficou olhando. Digamos que um bom tempo. Suspirei e alcancei outra nota. Se aquilo seguisse assim, teria que enviar um SOS ao FMI para superar a aquisição hostil.

—Talvez — murmurou. Agarrou a foto e a aproximou. — Ah, sim. É Molly.

—Molly?

Molly encaixava, considerando que na verdade se chamava Mimi. Possivelmente foi mais simples habituar-se a responder a esse nome que, por exemplo, Guinevere ou Hildegard.

—Sim, tenho muita certeza. Mas agora todos dormem.

—Olhe, sabe isso que costumam dizer que, se estivesse a ponto de cair uma bomba nuclear em cima, seria melhor começar a se despedir e não deixar para amanhã?

Riu entre dentes. Quem dizia que Hulk não possuía senso de humor?

—Tem graça.

—Sim, bom, pois imagina que sou uma ogiva nuclear armada e não posso esperar

a manhã.

—Bem, e quer vê-la agora, não?

Pequena rapidez de reflexos.

—Veloz como o raio, amigo. É um lince.

Olhou com desconfiança, tentando decidir se ria dele ou não.

Aproximei um pouco mais.

—Depois, talvez você e eu pudéssemos dar um passeio até essa cafeteria ali e tomar algo.

—Não é meu tipo.

Maldito. Às vezes passava. Enfim, o que podia fazer uma garota nesse caso?

—Claro, vai nos deixar passar?

—Eu gosto mais... verdes.

—Por favor. —Tirei minha ultima nota de vinte. — Agora me deixou dura.

Arrancou dos dedos e abriu a porta.

—Terão que assinar o registro de entrada e preciso de uma cópia da licença de detetive particular. Depois as acompanharei.

Cinco minutos depois, Cookie sacudia com delicadeza uma mulher que dormia envolta em uma manta cinza, em um das dezenas de camas distribuídas por uma sala gigantesca parecida com um ginásio.

—Mimi? —Chamou com um fio de voz. Para ajudá-la a fazer entender que vínhamos em paz, Cookie pegou a lanterna de Hulk emprestada e a sustentava debaixo do queixo. Não tive coragem de dizer que parecia o fantasma dos Natais passados^{67}.

— Mimi, querida.

Mimi se moveu, entreabriu as pálpebras sonolentas e lançou o grito mais estridente e horripilante que ouvi em toda minha vida. Ao menos, proferido por um ser humano. Os indigentes que nos rodeavam reagiram em consonância, houve quem quase enfartou e quem seguiu roncando tão ricamente.

—Mimi, sou eu! — Cookie tentou tranquilizá-la, dirigindo o feixe de luz direto ao rosto.

Embora aquilo só a fez mais parecida com o fantasma dos presentes de Natal^{68}, já que a lanterna suavizava as rugas e iluminava a pele com esse suave resplendor típico da radiação nuclear.

Mimi jogou as pernas no ar, algo que não acabava de encaixar com nenhuma das duas respostas irracionais, de luta ou fuga, ante uma situação de estresse, sinceramente. Continuando, rodou sobre si mesma e caiu ao chão pelo outro lado da cama.

Um homem atrás deu uns golpes na minha perna.

—Que demônios acontece aí?

—Um exorcismo. Não há de que preocupar-se, cavalheiro.

Deu meia volta com um sonoro pigarro e voltou a dormir.

A cabeça de Mimi apareceu por cima do colchão.

—Cookie? —perguntou, um volume muito mais civilizado.

—Sim. —Cookie rodeou a cama apressada para ajudar a subir. — Viemos te dar uma mão.

—Ai, Meu Deus, sinto muito. Acreditei que...

—Tem sangue — observou Cookie, rebuscando na bolsa para pegar um guardanapo de papel.

Mimi tocou o lábio e a seguir enxugou o sangue que saía do nariz dando uns toques leves com o guardanapo que Cookie deu.

—Sim, costuma acontecer quando vejo minha vida passar por mim. —De repente ficou calada, e com o olhar perdido acrescentou— E também é possível que tenha mijado na calça.

—Vamos, querida.

Cookie ajudou a levantar-se e eu corri a segurá-la pelo outro lado. Pelo módico preço de vinte dólares (dessa vez procedente da carteira de Cookie) emprestaram-nos um dos escritórios para poder falar com ela com tranquilidade.

—Pequenos pulmões, gata — comentei. Assaltei uma pequena geladeira em busca de água e estendi a garrafa quando o nariz deixou de sangrar.

—Sinto muitíssimo — se desculpou, agitando uma mão diante da face. — Estava desorientada e não sabia quem eram.

—Bom, tampouco ajudou ter em cima Casper, o fantasma da lanterna.

Cookie franziu a testa.

—Mimi, esta é Charley — me apresentou.

—Ai, caramba. —Tentou levantar, mas as pernas falharam e voltou a desabar na cadeira.

Estendi a mão para segurá-la.

—Por favor, não levante, não sou tão importante.

—Pelo que ouvi — disse, sem me soltar, — é mais importante do que acredita. Como me encontrou?

Cookie sorriu com prazer.

—É o que ela faz. Está bem?

Depois de uma breve introdução e o ameno relato de como Mimi acabou em um centro de acolhida para gente sem lar, no que apareciam como artistas convidados um taxista bêbado e um pequeno, embora controlado, incêndio, passamos à parte mais importante da história: por que estava em um albergue para indigentes.

—Simplesmente pensei que não ocorreria a ninguém me buscar aqui. Acreditei que não me encontrariam.

—Mimi, Warren e seus pais estão mortos de preocupação — repreendeu Cookie.

Ela assentiu.

—Terá que resignar-se. Melhor mortos de preocupação que somente mortos *mortos*.

Estava certa. Era tarde e estava a ponto de minha cabeça explodir. Decidi colocá-la a par do que descobrimos até o momento e continuar a partir daí.

—Caso você saiba, me diga.

Olhou-me com o cenho franzido, desconcertada.

—Uma noite, quando foi à escola, alguém deu uma festa. Uma garota chamada Hana Insinga escapou de casa, foi à dita festa e no dia seguinte seus pais denunciaram o desaparecimento.

Mimi baixou a vista quando mencionei o nome da Hana.

Prossegui.

—Uns afirmaram que a viram, outros negaram. Uns apontaram que poderia ter abandonado a festa com um menino; outros disseram que não, que foi sozinha.

A repentina respiração entrecortada de Mimi me fez pensar que poderia ter encontrado algo.

—E agora, vinte anos depois, quem disse ter visto Hana abandonar a festa com um menino está morrendo, um após o outro. Parece a história?

Mimi baixou a cabeça, como se fosse incapaz de nos olhar. Cookie colocou a mão no ombro como amostra de apoio.

—Aproxima-se bastante, mas Hana não abandonou a festa com um menino. Abandonou-a com várias pessoas, entre elas eu.

Cookie ficou gelada.

—O que quer dizer?

—Quis dizer que, essa noite, tiraram o corpo da casa entre várias pessoas — me adiantei, tentando abrir caminho através da dor que de repente invadia e arremetia contra meu peito. — Já estava morta e foram todos juntos enterrá-la. Tenho razão?

Era a única explicação lógica.

Secou uma lágrima com o guardanapo empapado de sangue.

—Sim. Fomos sete. Havia sete pessoas.

Cookie tentou afogar um grito, tampando a boca com a mão.

Ajoelhei para olhar Mimi nos olhos.

—Alguém que foi à festa a matou e vocês viram, verdade? Eles ameaçaram fazer o mesmo?

—Por favor, não siga — suplicou entre soluços.

—Eles a assediavam na escola? Empurravam pelos corredores? Tiravam os livros das mãos? Para advertir. Para mantê-la na linha.

—Não posso... Não...

Decidi começar pelo Tommy Zapata e deixar Kyle Kirsch para o grande final.

—Tem tudo isto algo a ver com o vendedor de carros com que comeu, Tommy Zapata?

Deu um grito afogado e me olhou.

—Como sabe isso?

—Encontraram-no morto há três dias.

Levou as mãos à boca.

—Acusarão seu marido de assassinato se não conseguir demonstrar que ele não fez.

—Não! —ficou em pé de um salto e se dirigiu para a porta. — Não, ele não fez nada. Não sabem nada de nada.

Segui-a e a segurei pelo braço.

—Mimi, espera. Podemos te ajudar, mas devo saber o que aconteceu.

—Mas...

—Se quiser que tire você e seu marido desta confusão, terá que sentar e me explicar tudo. O que aconteceu essa noite?

Hesitou, indecisa, e depois de um suspiro entrecortado, sentou novamente.

—Estava na festa e fui a um dos banheiros de cima com outra pessoa. Não estava bem.

Certamente se tratava de Janelle York.

—A festa acontecia na casa de Tommy Zapata, aproveitando que os pais estavam fora da cidade. —Me deu um olhar carregado de desespero. — Nos estávamos nos divertindo. O típico, fazíamos idiotices e escutávamos música. A outra pessoa e eu fomos ao banheiro do quarto dos pais de Tommy e acredito que ficamos dentro um bom tempo, conversando. Então ouvimos umas vozes, assim apagamos a luz e abrimos a porta só uma fresta, para olhar. Supusemos que alguém estava transando na cama dos pais e pensamos em dar um susto para fazer uma brincadeira.

Cookie encontrou um lenço limpo e o ofereceu a Mimi, que aproveitou para limpar o nariz.

—Mas eram três garotos. Três jogadores de futebol americano. Estavam com Hana na cama e estavam transando com ela.

Afogou os soluços no lenço.

—Era Tommy um deles? —perguntei.

—Não, ele estava dando uns amassos em um canto.

Então presenciou tudo e agora estava morto.

Depois de uma breve pausa, se recuperou e prosseguiu.

—Não acredito que fosse consentido, porque ela estava muito bêbada. Hana vomitou em cima de um dos garotos, ele saiu dela e começou a gritar. Ela se assustou. Ela tropeçou em seus pés e tentou caminhar até porta. Foi quando aconteceu. Não tenho certeza se o rapaz empurrou o que, era difícil de ver, mas Hana bateu contra o canto da penteadeira dos Zapata e abriu a cabeça. Tommy tentou parar a hemorragia, mas Hana morreu em questão de minutos.

Que curioso que até o momento não mencionasse o nome de Kyle. Quanto medo ela tinha?

Olhou-nos, suplicante.

—Foi um acidente. Poderiam ter explicado, mas estavam como loucos. Passaram, não sei, meia hora andando acima e abaixo pelo quarto, amaldiçoando, tentando decidir o que fazer. O pai de Tommy trabalhava no cemitério e alguém teve uma ideia. Para isso primeiro precisavam envolvê-la em toalhas e aí foi quando nos descobriram. Eu chorava como uma histérica e eles se assustaram ainda mais.

—Eles a machucaram? —perguntou Cookie, quase tão angustiada quanto Mimi.

—Não, a verdade é que não — respondeu . — Envolveram Hana em umas toalhas e limparam o sangue. Depois, quando todo mundo se foi, desceram para a caminhonete de Tommy e, depois de carregar duas pás na caminhonete, fizeram-nos subir à parte traseira com eles para que os acompanhássemos ao cemitério.

—Claro! —exclamei, tendo um momento de iluminação. — Daí os números que escreveu na parede do banheiro com nome da Hana! Sabia que parecia alguma coisa. São indicações de lote. A enterraram em um túmulo recente.

—Não em um, sob um. —Ao ver que franzia a testa, desconcertada, acrescentou— A funerária cavou uma sepultura para o funeral no dia seguinte. Os meninos cavaram

um pouco mais enquanto outros olhavam. —As lembranças quebraram a voz. — Ficamos olhando. Nem sequer decidimos pará-los. Se em algum momento tivemos a oportunidade de fazer o que devíamos fazer...

Cookie pegou as mãos.

—Você não teve nenhuma culpa, Mimi.

—Mas eles disseram que sim — replicou. — Disseram que ajudamos, que fomos cúmplices e que se contássemos, nos matariam. OH, Meu Deus, estávamos realmente mortas de medo.

A angústia que a asfixiou durante vinte anos brotou com forças renovadas e voltou a paralisá-la. Batia contra mim em ondas avassaladoras. Levantei, enchi os pulmões de ar para afastá-la enquanto Mimi prosseguia.

—Além disso, estávamos convencidos de que também nos matariam, mas não fizeram. Colocaram o corpo de Hana na tumba e cobriram de terra. No dia seguinte, enterraram o senhor Romero em cima dela e ninguém percebeu.

O fato de que se tratasse de um acidente e não um assassinato premeditado era o que explicava que Mimi e Janelle seguissem vivas. Se aqueles meninos fossem uns assassinos, desumanos e cruéis, não acreditava que chegaria a conhecer Mimi.

—Tremia tanto que mal podia respirar — seguiu dizendo, quase com o mesmo tremor de então. — E tem razão, nos incomodavam. —Olhou-me. — Foram encorajando-se pouco a pouco, um dia depois de outro, até que foi insuportável. Deixei a escola e por fim pedi a meus pais que me permitissem viver aqui com minha avó. Não podia seguir ali. Não conseguia olhar aos senhores Insinga no rosto, sabendo o que estavam passando.

—Faziam o mesmo a Janelle? —perguntei.

Olhou-me, confusa.

—Janelle?

—Janelle York.

Passou da tristeza à indignação em segundos.

—Mas acabou sendo um cãozinho. Estava nisso, com todos eles.

—Não entendo. —levantei. — Estavam escondidas...

Franziu a testa.

—Não era com ela que me escondia no banheiro — interrompeu, como se a ofendesse que pensei algo semelhante. — Janelle estava no quarto com eles, ficando com Tommy em um canto, em cima de um puf. Faria tudo por ele. Quando Tommy começou a perder os estribos por medo de seus pais descobrirem o que aconteceu, foi ela quem propôs enterrar Hana naquela tumba.

Abri as mãos, desconcertada.

—Então com quem estava escondida? E quem estava transando com Hana?

Engoliu em seco. Era fácil adivinhar que não queria dizer..

—Jeff. Jeff Hargrove estava... em cima dela.

—Espera, Jeff Hargrove estava com Hana?

—Sim, bom, ao menos nesse momento. Acredito... Acredito que alternavam.

—Quais?

Encolheu os ombros em um gesto de impotência.

—Além do Jeff, também estavam Nick Velasquez e Anthony Richardson — respondeu, lembrando.

Merda.

—Mimi, quem estava com você no banheiro?

Baixou a cabeça.

—Isto é confidencial, certo?

Ajoelhei e a olhei nos olhos.

—Não posso prometer que não acabe sendo público, Mimi, mas temos que saber quem estava ali.

—Kyle Kirsch — acabou confessando a contra gosto com um suspiro profundo.

Sua resposta me cortou o fôlego.

—Então, quer dizer que Kyle não teve nada que ver com a morte de Hana?

Mimi parecia surpresa.

—Não, nada absolutamente. Tratavam-no quase tão mal quanto a mim, embora fosse o filho do xerife não se atreviam a ir muito longe. — Pegou meu braço e cravou as unhas ao fechar a mão. — Tem que conhecer Jeff Hargrove. É louco. Xerife ou não, teria matado nós dois.

Apoiei o peso nos calcanhares.

—Bom, e então? — falei, refletindo em voz alta. Virei para Cookie, sem saber o que pensar. — Kyle... o que? Não quer que saibam deste assunto e por isso decidiu encarregar-se de todos?

—Como? — exclamou Mimi escandalizada, afundando as unhas em meu braço de tal maneira que teria que acabar arrancando com alicate. — Kyle jamais faria algo semelhante. Nunca faria mal a ninguém.

—Mimi, todo mundo começou a morrer dois segundos depois que Kyle Kirsch anunciou que pretendia concorrer ao Senado — disse, em tom conciliador. — Como explica isso?

—Já sei que todos começaram a morrer, mas ninguém sabe quem é o assassino. Nem sequer Kyle. Está morto de medo. — Olhou Cookie. — Contratou um exército de guarda-costas. — Ficou pensativa uns instantes e sacudiu a cabeça. — Tem que tratar de Jeff Hargrove. Esse homem nunca esteve bem da cabeça.

Cookie se inclinou para frente.

—Mimi, Jeff Hargrove se afogou na piscina faz duas semanas.

A surpresa, sincera e genuína, desenhou no rosto de Mimi. Ela estava tão desconcertada como as demais, e eu, perdida por completo.

—E Nick Velasquez supostamente se suicidou faz três semanas — acrescentou Cookie.

—Isso já sabia. Igual a Anthony Richardson, mas ignorava Jeff.

—Querida, todos que estiveram nesse quarto morreram, salvo Kyle e você. Não há outra explicação.

—Não, isso é impossível — insistiu, sacudindo a cabeça. — Teriam que conhecer Kyle.

—Estavam tendo um caso? — perguntei.

O amor não só era cego, mas frequentemente se aventurava imprudentemente

na Tontolândia.

Dirigiu-me outro de seus olhares incrédulos. Não eram nada mal.

—Não, não estávamos... Não é o que pensam. —mordeu o lábio até que decidiu seguir falando, com um suspiro de resignação—Ninguém sabe, absolutamente ninguém, mas Kyle é gay. Estávamos no banheiro falando de meninos.

Pelo amor das tortas de milho. Aquilo ficava cada vez melhor.

—Bem, me deixe pensar — falei, esfregando a testa— Repita por que foi almoçar o outro dia com Tommy Zapata.

Franziu a testa.

—Pedi que nos víssemos e concordei por medo. Confessou que estavam chantageando-o e que já não podia suportar mais, que não podia seguir vivendo com tantos remorsos.

A chantagem costumava convencer às pessoas de que já não podia seguir vivendo com o que fez. Era incrível.

—Contou que encontrou com Kyle e que disse que daria um passo adiante, que confessaria tudo, que pensava assumir sua parte de responsabilidade no assunto. Queria saber se podia contar com meu apoio. Diria às autoridades que ameaçaram Kyle e a mim e que nos obrigaram a acompanhá-los.

Seguia sem ver a lógica por nenhum lugar.

—A família de Kyle tem dinheiro e você está casada com um homem rico, e mesmo assim não os chantageavam? —perguntei, incrédula.

—Não, mas acreditam que sabemos quem fazia.

—De verdade?

—Tommy pensava que era Jeff Hargrove.

—Um momento, o cara com mais votos para ir a prisão por estupro e assassinato? Esse Jeff Hargrove?

—Sim. Tommy supunha que teria problemas econômicos e que por isso decidiu que ele, ao ser dono de uma concessionária de carros, seria um alvo fácil. Estava certo. Investiguei as contas do Jeff — acrescentou Mimi. Uau, sim, era boa. — Apareciam várias anotações de ganhos nos mesmos dias em que Tommy retirava o dinheiro. Três no total.

Minha mãe, e mesmo assim Tommy e Jeff estavam mortos.

—Kyle me ligou depois — prosseguiu Mimi— Disse que Tommy se desculpou com ele porque supôs que aquilo afundaria sua carreira política.

—Isso é uma boa razão para matar, Mimi — observou Cookie.

—Não, Kyle não se importava. O acompanharia para dar esse passo. Supõe-se que hoje devia pronunciar um discurso com Tommy a seu lado, onde anunciaria o que aconteceu.

Isso que era coragem.

—Talvez mudasse de opinião.

Mimi suspirou, incapaz de ocultar sua frustração.

—Teriam que conhecer Kyle. O que estão insinuando vai completamente contra sua natureza, não tem nenhum sentido. Em qualquer caso, ele sentia que estava vivendo uma mentira ao ocultar a homossexualidade.

Esfreguei uma mão pelo rosto. Minha cabeça doía, e não só pela concussão cerebral. E eu que acreditava ter o caso no caminho certo... bem feito pra mim, por pensar.

—Bom, vamos ver — falei, um tanto irritada pela frustração, — o que fez Kyle depois que você mudou a Albuquerque? Deixaram de incomodá-lo?

Encolheu os ombros, em um gesto de desolação.

—Kyle é um bom ator. Terminou por convencer Jeff que estava do seu lado. Depois, quando acabou a escola, fez o mesmo que eu: foi e passou todo o verão com a avó.

—Mas então alguém te ameaçou depois de que se encontrou com Tommy Zapata? Fugiu por isso?

—Pouco depois de ver Tommy, percebi que todos estavam morrendo e compreendi que minha família corria perigo. Enquanto o assassino me tivesse em sua mira e eles estivessem perto de mim, jamais estariam a salvo. Assim um dia subi em um táxi e fugi. Se não fosse pelo incêndio, agora estaria em Spokane.

—No momento consegui seguir viva, Mimi — disse Cookie, — mas agora terá que ficar a salvo para sempre.

Sim, e enquanto isso eu tentaria descobrir que diabos estava acontecendo.

As luzes apagaram depois de uma breve piscada e um silêncio inquietante se instalou entre nós. Pedi que não fizessem ruído, agachei e coloquei a cabeça pela porta do escritório para dar uma olhada. A luz de emergência no final do corredor iluminava um vulto enorme estendido no chão, que certamente se tratava de Hulk.

—Filho da puta — murmurei, incapaz de acreditar no que via. — Nos seguiram?

Tenho que prestar mais atenção a minhas costas. Aquilo começava a passar dos limites.

—Quais? —perguntou Mimi, em um sussurro estridente que percorreu todo o corredor.

Cookie a calou levando um dedo aos lábios. Peguei Mimi por uma mão enquanto Cookie pegava pela outra e começamos a correr para fora do escritório, em direção a uma saída traseira que vi ao entrar. Evitamos caixas e bolsas com todo o sigilo que pudemos até que chegamos à porta. Por sorte, a chuva que esmurrava o telhado nos oferecia um pouco de cobertura. A saída possuía um desbloqueio de emergência, mas faria soar o alarme, o que me fez vacilar. Embora, pensando melhor, talvez um alarme era justo o que necessitávamos.

Conduzi-as a um canto que ficava entre as sombras, perto da porta, e ficamos ali acoradas enquanto decidia se convinha atrair tanta atenção.

—Olá, chefe — saudou Angel, aparecendo a meu lado.

Dei um coice e assustei Cookie e Mimi. Olhei com cara de poucos amigos.

—Outra vez? Sério? —sussurrei.

—O que fazem?

—Escapar dos maus. Que outra coisa costumo fazer ultimamente?

—Com quem está falando? —perguntou Mimi.

—Isto... — Cookie se deixou levar pelo pânico um instante, mas se recompôs imediatamente. — Está ensaiando para uma peça de teatro.

—Agora?

—Então tem tudo controlado? —perguntou Angel com uma risada rouca.

Revirei os olhos e virei para Cookie.

—Certo — sussurrei , — tenha o telefone à mão. Vocês sairão correndo por essa porta, e não parem por nada do mundo. Eu a fecharei e tentarei trancá-la por fora.

—Com o que? —perguntou Cookie em um sussurro estrangulado pelo medo.

—Cook, falhei alguma vez? —falei, tomando as mãos.

—Não me preocupa que me decepcione, preocupa-me que decepcione a si mesma. Essas pessoas são assassinos desalmados, Charley.

—Acho que vou vomitar — avisou Mimi.

Tremiam tanto que comecei a ter sérias dúvidas de que conseguissem ficar a salvo sem acabar ao menos com um par de fraturas por culpa de alguma queda.

—Cook, tem que tirar Mimi daqui. Ela confia em nós. Você consegue.

Inspirou fundo.

—Claro, bem, farei, mas se apressa. Tem melhor pontaria que eu.

Tirou um calibre trinta e oito da bolsa.

—A Virgem! —exclamei. Ainda não recuperara minha Glock da cena do crime do motel abandonado. Bem, Cookie já tem presidentia para seu fã clube. Embora, a julgar pelo peso...— Bom, e as balas?

—Ai! —Voltou a rebuscar na bolsa e extraiu um carregador cheio, e me alcançou com um sorriso. — Rápido — apressou enquanto eu encaixava o carregador e colocava uma bala na antecâmara.

O estalo ressonou com força e fiz uma careta de desgosto. Talvez a chuva amortecesse em parte, mas quem estivesse a um tiro de pedra ouviria e, portanto, saberia da pistola.

—Tem ideia de quantos são? —perguntei ao Angel.

—Só um. O Mal do motel.

—Murtaugh o Mal?

—O que você disser — respondeu, encolhendo os ombros.

—Maldição. Dei uma olhada ao redor— Oxalá apodreça no inferno.

—É muito boa — comentou Mimi. — Tem um ar muito dramático.

—OH. —Virei para ela com um sorriso. — Obrigada.

Essa vez foi Cookie quem revirou os olhos. Lançou um suspiro de exasperação, pegou Mimi pela mão e investiu contra a porta. A batida foi extraordinária. A segunda tentativa foi mais proveitosa: a porta abriu e, tal como esperava, o dispositivo de segurança fez soar um alarme estridente, que me lembrou de bastante o alarido da Mimi. Estava com um pé dentro e outro fora quando ocorreram duas coisas ao mesmo tempo: Cookie caiu rodando pela escada externa e uma mal intencionada, mas muito mal intencionada faca me fez um corte nas costas.

Capítulo 18

*Se no início você não conseguir, talvez a falha seja sua.
(Camiseta)*

Por alguma estranha razão, essa semana as pessoas estavam empenhadas em me esculpir como uma abóbora do Halloween. Talvez porque o Halloween estava se aproximando. Por norma geral, as navalhadas doíam. Caí de bruços, tropecei com Mimi, que tropeçou com Cookie, e rezei a Deus para não acabar disparando a ninguém.

Em defesa de Cookie tenho que dizer que choviam canivetes. Enquanto rodávamos pela escada e acabávamos umas sobre outras ao pé do último degrau, Angel empurrava a porta com todas as forças (que Deus abençoasse aquele pequeno pivete) e a estampava no nariz de Murtaugh o Mal. Fechou com um golpe surdo e contundente e a faca repicou contra os degraus.

—Uau, Angel! Impressionante! —exclamei, golpeando Cookie no joelho com minha embotada cabeça. Para que aprendesse.

—Corram! —gritou Angel, impaciente. Já não parecia de tão bom humor.

Com o coração batendo forte, levantamos desajeitadas e começamos a correr para o beco, o lugar menos iluminado dos arredores. Se em vez do beco escolhêssemos a rua e por fim o cara estivesse armado, coisa que suspeitava, teríamos sido um alvo fácil. Com a luz que as lâmpadas projetavam, seria impossível não nos ver. Minha ideia era rodear o edifício e entrar na cafeteria em um dizer Jesus, com à esperança de que Norma tivesse uma chave para fechar as portas. Além disso, com um pouco de sorte, o alarme traria a cavalaria.

Cookie voltava o olhar ao redor enquanto corria. Quando queria, aquela mulher se movia muito rápido. Entretanto, não avançamos nem vinte passos quando a porta abriu de repente bateu contra a fachada de tijolo do edifício. O chiado de Mimi foi de grande ajuda. Se por acaso alguém não tivesse ouvido o alarme ensurdecedor.

—Corram — disse enquanto me virava e apontava com a pistola.

O que foi mais complicado do que imaginei, por culpa da chuva torrencial que me esmurrava o rosto. Disparei uma vez e o cara se resguardou no interior do edifício enquanto Cookie e Mimi aproveitavam para dar o fora. Pouco depois as alcançaria.

—O que faço? —perguntou Angel, interpretando seu número do gafanhoto em uma frigideira com energia renovada.

—O que puder, querido.

Fui em frente e dei uma olhada na passagem entre o centro de acolhida e a fábrica de doces do lado. Havia várias caixas e jaulas, mas pelo resto o caminho parecia livre; além disso, os obstáculos poderiam nos servir para nos dar cobertura em caso de necessidade.

Por desgraça, a necessidade surgiu logo. Ouvi um disparo. Mimi caiu no chão soltando um chiado e cobriu a cabeça. Apontei e voltei a disparar, embora não antes de

ouvir o assobio de outras duas balas.

Pela primeira vez em minha vida, estava em um tiroteio. Em um tiroteio de verdade, atirando em um cara mau. E claramente a pontaria de ambos deixava muito a desejar. Apontei à cabeça e acertei a luz em cima. Quanto a ele, ignorava a quem apontava, salvo que estivesse eliminando as janelas da fábrica de doces como parte de uma estratégica manobra de distração. Cookie e Mimi estavam perto de um contêiner, onde se dirigiram para resguardar-se atrás. Murtaugh o Mal já corria em nossa direção quando Angel tropeçou nele. A arma caiu com repique no chão, e deslizou vários metros.

—Pegue! —gritei ao Angel, atravessando o beco como um relâmpago para me reunir com o Cookie.

—Não funciona assim — protestou exasperado, e lançou os braços no ar.

Eita, havia regras?

—Acertou alguma das duas? —perguntei entre ofegos enquanto me protegia atrás do contêiner.

—Acredito que não — disse Mimi. — Quanto tempo diria que a polícia demorará em chegar?

—Muito mais do que temos — respondi com total sinceridade.

Angel afastou a pistola do homem com um chute, mas ele demorou uns segundos em encontrá-la e dirigir-se de novo para nós.

Estávamos presas atrás de um contêiner, já que era impossível fugir por aquele lado. Passei engatinhando junto a elas para ver se havia algum buraco na cerca que rodeava o imóvel. Não houve sorte. Devia ter uns três metros de altura e, considerando que era feita de blocos de concreto, duvidava que conseguisse atravessá-la sem levar muito, mas muito tempo. Se pudessemos subir no container, talvez conseguíssemos escalar, mas isso significaria nos expor ao Mal. Além disso, era muito provável que ele tivesse mais balas do que eu.

—Sinto muito, Mimi — me desculpei.

Mimi se escondeu demonstrando grande sentido comum e nós tínhamos conduzido ao mau direto até ela. Bem para Charlotte.

—Não, por favor, não sinta. —começou a chorar e tremer de maneira incontrolável e meu coração encolheu . — Você não tem culpa de nada. A culpa é só minha.

Realizei uma rápida inspeção do perímetro. Murtaugh o Mal quase nos alcançou, com a pistola elevada, preparado para disparar. Talvez se ficasse muito quieta, com um pouco de sorte poderia estar a meio metro de distância.

—Oxalá tivesse feito o que precisava ha vinte anos.

—Mimi — murmurou Cookie, passando um braço por cima dos ombros.

Antes de começar a pensar, levantei a arma e saí de trás do contêiner, me sentindo mais exposta que nunca em toda minha vida. Sem contar aquela vez em Cidade do México. Maldita tequila.

—Tanto faz! —gritei, através da chuva torrencial.

Não ficava mais remédio que invocar Reyes. Eu não gostava de incomodar, considerando que estavam torturando-o e tal, mas...

O sorriso diabólico que se desenhou no rosto de meu adversário me fez perceber por que o conhecia como Murtaugh o Mal por esses lares.

—Rey'aziel ...

Sem pensar duas vezes, Murtaugh o Mal apertou o gatilho.

Um momento. Ainda não acabou.

Entretanto, o mundo começou a mover-se em câmera lenta e a bala parou diante de mim.

—Já não discutimos antes seus problemas com o senso de oportunidade?

Olhei de lado a minha direita e vi que Reyes estava ali, tão tranquilo. A capa se agitava ao redor em majestosas ondulações, como se fosse um oceano em si mesmo. Voltei a me concentrar na expressão de raiva que contraía o semblante de Murtaugh o Mal, nas gotas de chuva suspensas no éter, na bala que abria caminho em minha direção, lançando alegres salpicaduras ao atravessar a água. Quase conseguia distinguir a agitação que seu avanço provocava no ar. Escassos centímetros a separavam de meu coração. Se se produzisse um salto no tempo, embora um pequeno salto de um nano segundo para o futuro, a bala alcançaria o objetivo.

—O que está acontecendo? —perguntei a Reyes.

Vi que encolhia os ombros pela extremidade do olho.

—O que acontece quando alguém dispara a queima roupa — respondeu.

Apesar da delicada situação em que me encontrava, sua voz profunda me tranquilizou.

—Não, falo disso, tudo parado. Ou, bom, que esteja tão lento.

—O mundo é assim, *Dutch*. —Baixou o olhar para mim e o capuz inclinou para um lado, como se assaltasse a curiosidade. — E bem? Quer que me encarregue dele?

Queria. É claro que queria. Entretanto, ainda havia uma questão pendente entre nós, tão irritante como um fio solto pendurando de um pulôver. Queria tirar dele, mas sabia que, se me atrevesse, arriscava-me a desfazer tudo. Por alguma razão, que encabeçava o mais alto da lista junto com os chihuahuas e as armas de destruição em massa, fui incapaz de evitar.

—Vai me dizer onde está?

—Vai entrar nisso agora?

—Sim.

—Pois então, não.

—Pois então eu me encarrego disto.

Nada mais a dizer, assim que aquelas palavras abandonaram meus lábios, compreendi que os rumores a respeito de minha precária saúde mental talvez não fossem tão sem fundamento como queria acreditar. Para começar, acaso o fato de que precisasse de ajuda não foi a razão pela que o invoquei?

—Está segura?

—Absolutamalditamente.

Confirmado. Estava com um parafuso a menos.

Virou-se, irritado, com esse grunhido gutural costumava me provocar um prazeroso arrepio ao longo da coluna vertebral.

—É a pessoa mais teimosa...

—Eu?! — exclamei, incrédula— Eu sou teimosa?

É claro que sim. O melhor era me prender e esconder a chave.

De repente, plantou-se diante de mim.

—Como uma mula.

—Porque não quero que se suicide? Por isso sou teimosa?

Baixou a cabeça até parar a escassos centímetros da minha, embora não visse o rosto.

—Absolutamalditamente.

Plagiador! Apertei os dentes.

—Não preciso de ajuda.

—Claro. Mas talvez você devesse... — tocou meu ombro com um dedo e deu um leve empurrão ao lado, para me afastar da trajetória da bala. — Se abaixar da próxima vez.

A sensação do mundo recuperando o ritmo normal podia comparar-se a de um trem de mercadorias me atropelando a toda velocidade. A investida me cortou a respiração e o som ricocheteou contra o peito e reverberou nos ossos quando o projétil continuou o caminho e passou inofensivamente por meu lado. Dava uns tropeções e ainda tive tempo de virar para Murtaugh Mal, que piscou surpreso e voltou a apontar.

Se tivesse prestado atenção, se o rugido do trovão e a chuva não fossem tão ensurdecadores, talvez ouvisse o carro que se enfiava no beco a toda velocidade. Igual a Murtaugh Mal. Entretanto, ambos ficamos um tanto surpresos quando vimos que um SUV negro se dirigia embalado para nós. O condutor pisou no freio a fundo e o veículo se deslocou lateralmente, desenhando um círculo que varreu Murtaugh Mal do chão como um tornado e o enviou contra a fábrica de doces, sem me tocar um cabelo.

Fiquei petrificada, piscando sob a chuva que esmurrava meu rosto quando o SUV parou com um chiado e Ulrich, o dos Três patetas, desceu de um salto do assento traseiro e se dirigiu a grandes passos para Murtaugh Mal, enquanto a janela do acompanhante descia. O senhor Smith esboçava um amplo sorriso.

—Boa praça, posso assegurar que se mete em mais problemas que minha tia avó Mai, e isso que ela está senil — disse.

Olhei Ulrich. O homem comprovou se Murtaugh Mal estava vivo e em seguida deu um soco, acredito que para ter certeza. Angel caiu de joelhos, aliviado, e desabou no chão em uma interpretação teatral de A Morte do Caixeiro Viajante^{69}.

—Como nos encontrou? —perguntei ao Smith.

—Procurávamos este cara fazia muito tempo e decidimos que o mais lógico era seguir você.

—Vocês são policiais? —perguntei.

—Nem de longe.

Então que diabos passava? Ouvi umas sirenes longínquas e soube que não demorariam a ir. Olhei senhor Chao, também conhecido como Super Dave.

—Acredita que convém dirigir como está?

Ulrich atirou um novo e desumano soco em Murtaugh Mal.

—Não se deixa convencer com facilidade — disse Smith.

—Eu vou — anunciou Angel, incorporando-se e me saudando ao estilo militar antes de desaparecer.

Eu gostei da saudação. Teria que instaurar no escritório como procedimento padrão.

—Charley, está bem? —perguntou Cookie das sombras.

Embora duvidasse de que Cookie fosse na onda.

—Como nunca, fique aí.

Seguia sem saber quem eram aqueles homens. Igual a Murtaugh Mal, eles também podiam ir perfeitamente atrás de Mimi.

O senhor Chao desceu do SUV pela porta do condutor e rodeou o veículo. Fechei o caminho, me interpondo entre o contêiner e o muro de tijolos de cimento. Se quisesse Mimi Jacobs, primeiro teria que passar por mim. O que levaria tipo meio segundo. Milésimo acima, milésimo abaixo.

Inclinou o corpo e deu uma olhada por cima de meu ombro. Satisfeito, virou para mim, com o cabelo completamente empapado. Quando estendeu uma mão para meu rosto, senti um calafrio, embora porque acreditei que partiria meu pescoço ou algo assim. O que seria habitual. Entretanto, passou os dedos pelas sobrancelhas para afastar a franja molhada dos olhos. Continuando, fez uma muito leve reverência e retornou junto para a van.

—Está viva — informou a Smith, e compreendi que falava de Mimi.

—Suponho que vou ficar sem saber para quem trabalham, verdade? —perguntei.

—Poderia dizer que para o peixe gordo.

—Trabalham para Deus?

Reprimiu um sorriso.

—Um degrau abaixo, digamos que para o comandante chefe.

—Então tudo isto está vagamente relacionado com a cadeira do Senado.

—Vagamente.

—Bem, não venha com desculpas. Espere, Kyle Kirsch está comprometido no assunto?

Entrecerrou os olhos e encolheu os ombros.

—Aponte um pouco mais ao norte.

—OH, vamos lá, não acha que estou feliz com isso?

—Acabamos de salvar sua vida — respondeu, arqueando as sobrancelhas.

Soprei.

—Por favor, mas se estava com tudo controlado.

Smith riu entre dentes e sacudiu a cabeça.

—Tenho que admitir que este é o trabalho mais interessante que já me atribuíram. —Olhou aos olhos, como se lamentasse seriamente. — Sentirei sua falta. E de suas cuecas. —Voltou o olhar para as sombras. — Acompanhe essa mulher à polícia, tem uma boa história para contar.

Depois de um último e contundente soco, Ulrich passou junto a mim, saudou-me com uma leve inclinação de cabeça e subiu ao banco traseiro. Algo me disse que não voltaria a vê-los. Já se afastavam quando de repente Cookie e Mimi me puxaram por trás e me envolveram no abraço de grupo mais asfíxiante que já me envolvi.

As luzes vermelhas e azuis de carros patrulha e da emergência que cercavam o beco se deslizavam sobre as paredes dos edifícios vizinhos. Dois paramédicos subiram no Murtaugh Mal algemado à parte traseira de uma ambulância enquanto um terceiro comprovava o estado de um Hulk chocado que não deixava de gemer. Sabia como se sentia. Aproximei-me para ver como subiam ao Mal à ambulância quando dois homens de terno vieram a meu encontro. Ultimamente parecia que os ternos abundavam por ali. Deviam estar em oferta no Dillard's.

—Senhorita Davidson? —perguntou um deles.

Assenti. Agora que as águas voltaram ao leito, minhas costas doíam horrores. Murtaugh Mal estragou uma jaqueta que estava como nova e me deixou uma pequena fissura em uma vértebra. Retorci sob a jaqueta, tratando de aliviar a dor.

—Sou o agente Foster, do FBI. —Identificou-se. — E este é o agente especial Powers.

—Sim, Bem — falei, bufando— Já ouvi isso antes.

O agente Foster não se alterou.

—Nos disseram, motivo pelo qual gostaríamos de falar com você antes de interrogar esse homem.

Voltei o olhar para o Mal, já na ambulância.

—Deve chatear que apareça o autêntico.

—Não posso te deixar sozinha nem um minuto — tio Bob protestou, aproximando-se em grandes passos.

—Acredito que vou acabar na delegacia de polícia — comentei aos agentes.

—Nos encontramos ali.

—Está ferida? Que tal a cabeça? —perguntou tio Bob. No fundo era um molengo.

—Melhor que a tua. Já pensou em terapia de eletrochoque?

Suspirou profundamente.

—Já vejo que segue zangada comigo.

—Você acha?

No fim das contas os Mal eram parentes. Primos ou algo assim. Bem, surpresa. Ambos eram naturais de Minnesota e meteram-se em confusões a vida inteira, embora nunca em nada tão sério como um assassinato. Ao menos que soubéssemos.

A delegacia de polícia era um ferredouro de atividade, onde se coziavam casos novos e antigos. O sol começava a despontar no horizonte quando Mimi começou a prestar declaração na sala de interrogatórios respaldada por Cookie, que a acompanhava para ser solidária. Procurou umas mantas para envolver-se e levou chocolate quente. Dentro do possível, pareciam estar bem atendidas. Também estavam na sala os pais de Mimi, que vieram imediatamente. O pobre homem parecia incapaz de separar-se dela e mantinha um braço sobre os ombros, o que dificultava que Mimi pudesse beber o chocolate, embora imaginei que não se importasse. Nunca se era muito grande para desfrutar de um abraço paterno. Pelo que sabia, começou lavar a roupa, incluídos a suja.

O tio Bob estava ocupando-se de retirar as acusações contra Warren e chamaram

Kyle Kirsch, que se apresentaria a qualquer momento.

—Acredito que não pagaram o suficiente — comentou Ubie ao aproximar-se, com uma pilha de papéis nas mãos.

Estava servindo leite em pó no café enquanto tratava não deixar a manta escorregar dos ombros, basicamente para ocultar o corte das costas. Duvidava muito que pudesse suportar uma nova rodada de cola.

—Nas contas dos primos Cox aparecem depósitos de cinquenta mil dólares.

—Repete quem são os primos Cox?

Suspirou. Eu me diverti.

—Os homens que te sequestraram? O cara que tentou te assassinar em um beco escuro? Art e William Cox? Você ouviu falar de alguma coisa?

—Claro. Só queria que voltasse a dizer Cox. Eles pareciam determinados em cumprir o trabalho — acrescentei, dando um gole no café, — certamente prometeram muito mais quando terminassem.

—Estou certo, mas não podemos rastrear os ganhos. O pistoleiro morto do motel era um comparsa da prisão. Também estamos investigando as contas.

Voltei-me no momento em que Kyle Kirsch entrava precipitadamente na delegacia de polícia seguido de perto por dois guarda-costas. Reconheci pelos pôsteres da campanha. Mimi saiu imediatamente da sala de interrogatórios e se lançou nos braços de Kyle quando este parou junto ao sargento de recepção.

—Está bem? —perguntou Mimi.

—Eu? —assombrou-se, olhando-a boquiaberto. — Como está você? O que houve? —quis saber, estreitando-a com força.

—Um homem quis me matar e Cookie e sua chefe, Charley, salvaram minha vida.

Encolhi-me, um tanto envergonhada. Foi todo um detalhe por sua parte evitar que justamente nós éramos culpadas de que estiveram a ponto de acabar com ela.

O tio Bob se aproximou com passo tranquilo e estendeu a mão.

—Congressista — saudou.

—É você o inspetor Davidson? —perguntou, apertando-a

—Sim, senhor. Obrigado por vir. Quer que traga algo antes de começar?

Kyle concordou em testemunhar, insistindo que não havia nada a ocultar. Abraçou Mimi de novo.

—Acredito que chegou a hora — disse, com um triste sorriso.

—Cedo ou tarde terei que fazer.

—Tem razão.

Perguntei-me se os deteriam por não terem testemunhado. Esperava que não fosse assim porque eles também podiam considerar-se vítimas em todo aquele assunto.

—Esta é Charley Davidson — apresentou Mimi, ao me ver rondando por ali.

Kyle apertou minha mão.

—Não sabe o quanto devo a você.

—Warren!

Mimi se jogou nos braços do marido quando este entrou aos tropicões na delegacia de polícia, com o mesmo aspecto aflito de sempre.

—Sinto dizer, — confessei ao Kyle em voz baixa, — mas durante bastante tempo acreditei que era você quem estava atrás dos assassinatos.

Sorriu com tristeza, apesar de simpático.

—Não a culpo, mas prometo — acrescentou, dirigindo-se a tio Bob— que não tive nada a ver. Talvez não seja inocente, mas certamente não sou culpado de assassinato. —Tirou o telefone. — Sei que tínhamos uma entrevista, mas se importaria que primeiro chamasse a minha mãe? Não consegui entrar em contato com meu pai. Acredito que foi pescar e nunca leva o telefone. Só quero que saibam onde estou e o que é o aconteceu antes que vejam nas notícias.

—É óbvio, adiante — disse Ubie.

—Obrigado. Está de visita na casa de minha avó, em Minnesota — comentou, virando a cabeça enquanto se afastava.

O tio Bob e eu ficamos gelados. O alcancei e tomei a mão com suavidade para que afastasse o telefone da orelha.

Franziu a testa e o fechou.

—Aconteceu alguma coisa?

—Kyle... Congressista...

—Pode me chamar Kyle, senhorita Davidson.

—Os suspeitos de tentativa de assassinato eram delinquentes procedentes de Minnesota. Comentou a sua mãe ou a sua avó o que estava ocorrendo? O que aconteceu no Ruiz? Ou que Tommy Zapata queria dar um passo à frente e confessar o que fez?

Kyle piscou, surpreso. Meditou minhas palavras e se virou depois de um momento, completamente estupefato.

—Kyle, todos os que estiveram nesse quarto com Hana Insinga morreram, salvo Mimi e você e, acredite, se fosse por esses homens, agora mesmo Mimi não contaria. —Toquei o ombro com delicadeza. — Só fica você. —cobriu os olhos com uma mão e inspirou fundo. — Por acaso, sua mãe não pediu recentemente que emprestasse cem mil dólares, verdade?

—Não — respondeu, virando para mim com expressão resignada. — Minha mãe procede de uma família rica. Se precisasse de dinheiro, não precisaria me pedir.

Isso explicaria a luxuosa casa do Taos em que vivia com um xerife aposentado.

—Acredita que sua mãe é capaz de...?

—Minha mãe é capaz disso e de muito mais, pode estar segura. —O rancor tingiu repentinamente a voz, fria e implacável. — Conte tudo a mesma noite em que aconteceu, faz vinte anos. Fez-me prometer que não diria nada a meu pai. Disse que me prenderiam, que as pessoas pensariam que eu era tão culpado quanto os outros. Assim que acabou a escola, me enviou a casa de minha avó.

—Sua mãe soube todo este tempo? —perguntou o tio Bob.

Kyle assentiu.

—Quando contei que viria a público junto com Tommy Zapata, ficou furiosa. Disse que o Senado era o único que importava e, com o tempo, a presidência. — Começou a rir, com aspereza. — De todos os modos, nunca teria conseguido. Teriam investigado meu passado, meu estilo de vida, e pessoas como eu não chegam a

presidente, mas ela insistiu que tentasse, começando pelo Senado. —Olhou meus olhos. — Essa mulher está louca.

—E se eu levá-lo para testemunhar? —tio Bob propôs.

Conduziu-o até uma sala de interrogatório um tanto isolada. Eu fiquei atrás. Uma sinfonia seguia retumbando em minha cabeça, embora passasse da Quinta do Beethoven ao *Summertime* de Gershwin^{70}. Enfim, ao menos podia agradecer por algo: talvez minha madrastra estivesse louca, mas no mínimo não era uma assassina. Que eu soubesse, claro.

Tomei dois analgésicos e sentei na sala de espera. As pálpebras começaram a pesar mais do que gostaria, mas queria esperar Cookie e saber o que tio Bob descobriu. Estava virtualmente segura de que acabávamos de resolver um misterioso caso de assassinato. Assim e tudo, tanto fez para minhas pálpebras. O mundo desapareceu, correu para baixo, girou sobre si mesmo, dançou o *Hokey Pokey*^{71} e deu a volta. Nesse momento, meu pai entrou em cena. Supus que ouviu o que aconteceu e que queria comprovar como estava.

—Olá, papai.

Fiz um esforço sobre-humano para levantar da cadeira e dei um abraço vacilante. Não o vi desde a noite do ataque, o que me convertia em uma má filha.

—O que faz aqui? —perguntou, me apertando com força.

—Bom, e você?

—Tenho que prestar declaração sobre o ataque.

—Ah.

Claro.

—Por que está enrolada em uma manta? O que houve?

—Papai, estou bem. O de sempre. Coisas de detetives particulares e isso.

—Charley, tem que buscar outro emprego — me repreendeu, exasperado.

Estava brincando quando vi entrar Denise e Gemma pela porta. Surpreendeu-me que meu pai arrastasse até ali seus grilhões, junto com minha irmã.

—O que você faz aqui? —perguntou Denise. — Acreditava que ela não vinha.

Olhou meu pai com ar inquisitivo.

O homem chiou os dentes. Devia irritar renunciar culpa da velha bruxa. Gemma levantou uma mão em um cordial gesto de saudação e depois bocejou. Parecia tão cansada como me sentia.

—E por que se supõe que eu não devia vir? —perguntei a meu pai.

Ele sacudiu a cabeça.

—Só vamos repassar uns detalhes. Pensei que não gostaria de — respondeu, travando a língua. Que interessante— Você também terá que declarar em um momento ou outro e não queria te fazer perder tempo ou influir em seu testemunho.

—Bom, pois parece que estamos com sorte — disse animada, com um amplo sorriso. — Já que estou aqui, eu adoraria participar da diversão.

Meu pai começou a balbuciar quando tio Bob se aproximou de nós.

—O congressista está prestando declaração por escrito — anunciou Ubie. — Acredito que vai demorar um tempo. Poderíamos aproveitar para repassar as gravações.

—Gravações, diz? —perguntei, fingindo absoluta inocência.

—Sim, as fitas que Caruso fala com seu pai. Leland decidiu gravar. Embora tenha que admitir, irmão — disse, dirigindo-se a meu pai, — não acredito que Denise e Gemma queiram ouvir.

—Pois eu acredito que sim — repôs Denise, deixando-os atrás com passo tranquilo em direção à sala de conferências.

Um ar de impotência envolvia meu pai o envolvia que acabava sendo embaraçoso.

—Isto é incrível —comentei, seguindo-a apressada, — é como matar vinte e sete pássaros de um tiro. Quem diria que uma visita à delegacia de polícia pudesse ser tão proveitosa?

—Segue um pouco zangada — explicou Ubie a meu pai.

Pelo visto, tratava-se de um encontro comunitário. Nós, e por nós me refiro à família e alguns oficiais, sentávamos ao redor de uma mesa, enquanto policiais de todo tipo e condição, principalmente bonitos e muito bonitos, ocupavam as paredes. Até Taft enfiou a cabeça por ali. Interessante, embora não compreendia a curiosidade que pareciam ter suscitado as fitas em todo mundo, sobre tudo Denise e Gemma.

—A quem quer que mate primeiro mate, Davidson? —perguntou a voz da gravação, Mark Caruso. Em geral possuía uma boa projeção vocal e a pronúncia não estava má. Precisava retocar ligeiramente o tom para que refletisse melhor o estado de ânimo. — Que morte te prostraria de joelhos? —Um grande começo. Notava que pensou muito bem aquele discurso. — Que morte te consumiria em um poço tão profundo e escuro do que não seria capaz de sair?

Para mim aquela pergunta era mais retórica que outra coisa.

Os presentes se alternavam dirigindo olhadas furtivas a meu pai, à caça das emoções contidas que Caruso conseguia despertar nele. A situação explicava por que os realities faziam tanto sucesso. A avidez humana por ser espectador da tragédia, por contemplar a sutil diferença entre a dor e a angústia, por ver como as emoções contraem a expressão de um rosto normalmente sorridente, era irresistível. Não eram culpados. O gosto pela morbidez é inerente a todos, forma parte de nossa disposição biológica, de nosso DNA.

—Sua esposa, Denise? —disse Caruso, como se pedisse permissão.

Minha madrasta afogou um grito apenas audível, levando a mão à boca por ouvir mencionar seu nome, enquanto as lágrimas enchiam os olhos. Entretanto, graças a minha extraordinária capacidade para perceber as emoções, podia afirmar com toda segurança que estava desfrutando dos olhares compassivos com dissimulação. Contudo, ainda percebi com maior intensidade o alívio que a invadiu ao me olhar lado pelo fato de que Caruso foi por mim e não por ela. Suponho que eu teria feito o mesmo, mas poderia passar sem seu chute de atenção as minhas custas.

Caruso esperou uma resposta.

—Não — disse por fim, com voz resignada. — Não, tem que perder uma filha, como eu. O que te parece Gemma? A bonita?

Embora Gemma apenas se movesse em todo aquele tempo, ficou de pedra. Empalideceu e segurou a respiração durante o que pareceu uma eternidade antes de

olhar meu pai. Denise entrelaçou um braço no do marido e se apoiou nele para oferecer seu superficial apoio, mas meu pai nem devolveu o olhar a Gemma nem pareceu reparar nos cuidados de sua mulher. De repente, tornou-se tão fechado como uma ostra. Por estranho que parecesse, suave gotas do calibre nove. Por que agora? Tudo acabou. Aquele cara estava entre grades.

Mesmo assim, seguiu sem responder.

Todo mundo se preparou, consciente do que estava por vir. Quem jogou.

—Ou o que me diz dessa bomba relógio que tem por filha? —perguntou Caruso, com uma voz áspera que delatava quanto desfrutava com aquilo. — Como se chama? Ah, sim... Charlotte.

Disse meu nome devagar, como se saboreasse cada fonema, cada consoante à medida que abandonava os lábios. Senti que todas as olhadas se voltavam dissimuladamente para mim, mas baixei os olhos e não voltei a elevá-los. Não sei por que, mas a que mais notava era a do tio Bob. Sempre teve fraqueza por mim, do qual eu me aproveitava à mínima oportunidade.

Nesse momento se ouviu a voz gravada de meu pai, nítida, tensa, forçando as sílabas. Não abriu a boca quando Caruso mencionou Denise ou Gemma, mas quando meu nome saiu, derrubou-se.

—Por favor — disse, rouco por causa da emoção entristecedora que tentava conter, — Charley não. Por favor, Charley não.

Meu coração parou. O ar da sala engrossou tanto que acreditei que asfixiaria. A verdade soterrada baixo aquelas palavras me enrolou em ondas de tal magnitude que não fui capaz de levantar o olhar até depois de um tempo, completamente atordoada. Todo mundo dirigia olhadas compassivas a meu pai. Eles viam um homem angustiado. Eu via um homem, um policial e um detetive veterano que tomou uma decisão.

Abaixou a cabeça, pesaroso, e começou a me dirigir olhadas furtivas. Dizer que sua confissão me deixou desconcertada seria o eufemismo do século. O murmúrio da emoção que meu pai tentava emudecer por todos os meios não era o medo, a não ser o da culpa. Olhou-me fixamente, com os cílios vencidos pelo peso de uma desculpa silenciosa, e o desassossego que me invadiu me empurrou da cadeira como um valentão no recreio.

Levantei cambaleante, esquecendo a manta e o resto da gravação, e observei os rostos que me rodeavam. Denise não sabia como encaixar que seu marido suplicou por minha vida quando não fez pela sua. Sua visão superficial da realidade a impedia de aprofundar o suficiente para compreender a verdade. Devia ser bom ver o mundo de maneira tão unidimensional.

Entretanto, tio Bob sabia. Seguia sentado, boquiaberto, olhando fixamente meu pai como se este tivesse perdido a cabeça. E Gemma também sabia. Gemma. A última pessoa sobre a face da Terra de quem precisava de compaixão.

Por sorte, um muro de desconcerto conteve as lágrimas que poderiam aflorar depois de compreender que meu pai pouco mais que pintou um alvo em mim. Meus pulmões seguiam paralisados, como se ficassem sem ar. Senti que começavam a arder e me obriguei a respirar, sem afastar meus olhos incrédulos dele.

Meu pai, um veterano do Departamento de Polícia de Albuquerque com mais de vinte anos de serviço nas costas, era muito inteligente para fazer algo tão extremamente estúpido. E o tio Bob sabia. Podia ver a consternação e a raiva mesclando-se atrás dos olhos castanhos. Estava tão aniquilado como eu.

O rosto de meu pai era todo um poema. O desconcerto de minha madrastra, nos olhando sucessivamente, era cômico. No entanto, outras três pessoas naquela sala também adivinharam. Podia compreender que uma delas fosse o tio Bob, mas me custava acreditar que Taft percebeu. Dirigiu-me um olhar surpreso que raiava na desculpa.

Entretanto, a expressão de incredulidade da Gemma era mais do que podia suportar. Seguia com o olhar cravado em nosso pai, completamente estupefata. Ao menos estava demonstrado que seu doutorado em psicologia servia para algo. Sabia que a escolheu antes de mim. Escolheu minha madrastra antes de mim.

Meus pés me fizeram retroceder até que senti uma maçaneta contra o quadril. Estiquei a mão para trás e girei quando meu pai levantava.

—Charley, espera. —Tentou me deter, ao me ver sair precipitadamente da sala.

O corredor desembocava em muitas mesas com telefones que não paravam de tocar e teclados que jogavam fumaça. Abri caminho entre eles sem olhar atrás.

—Charley, por favor, para — ouvi dizer a minhas costas.

E que visse a quinquilharia balbuciante em que me transformei? Nem pensar.

Entretanto, era mais rápido do que imaginei. Agarrou meu braço com sua delicada mão de dedos largos e me obrigou a virar para ele. Nesse momento compreendi que estava chorando copiosamente. Via-o impreciso, fechei os olhos com força e sequei o rosto com o dorso da mão livre.

—Charley...

—Agora não.

Escapei da mão e caminhei de novo para a saída.

—Charley — voltou a me chamar.

Alcançou-me quando estava a ponto de sair pela porta. Fez-me voltar a entrar e puxei o braço para que me soltasse. Agarrou-me de novo e de novo me soltei, uma e outra vez, até que o esbofetei sem querer, tão forte que ressoou por toda a sala. Houve um grande silêncio e de repente todo mundo nos olhava.

Tocou a bochecha, onde recebeu o bofetão.

—Mereço isso, mas deixa que me explique.

De pé na entrada, era incapaz de ouvir o que dizia através da humilhação e traição se mesclavam para impedir que a voz chegasse até mim. Ele baixou as cortinas. Fechado. As palavras ricocheteavam contra mim como se me protegesse um campo de força invisível e, depois de lançar um olhar irado com que pretendia deixá-lo mudo, dei meia volta e tentei sair dali pela enésima vez, sobre tudo porque vi Gemma e Denise aproximar-se. A ideia de ter que enfrentar a sua indiferença me revolia o estômago. Traguei saliva, tentando fazer retroceder a bÍlis que sentia na garganta.

Esta vez, meu pai não me agarrou pelo braço, mas apoiou a sua na parede para me cortar o caminho.

—Se tiver que te algemar e te levar de volta a essa sala enquanto chia e esperneia,

farei-sussurrou no ouvido, depois de inclinar-se para mim.

Fulminei-o com o olhar, vendo como Denise se apressava a chegar a nosso lado, com ar ofendido.

—Acaba de te bater? —perguntou, horrorizada.

Nunca antes senti tanta vontade de dar uma boa sova. Onde estava Ulrich quando o precisava?

—Não vai fazer nada a respeito? —perguntou a meu pai. A meu pai. Olhou ao redor, incomodada ante o fato de que outros oficiais testemunharam minha birra. — Leland...

—Calada — a cortou com um sussurro cortante que a deixou muda. Pela primeira vez em sua vida.

Denise levou uma mão ao pescoço, meio coibida. Por lei, qualquer oficial de polícia que me tivesse visto eu bater estava obrigado a me deter. Embora nenhum se voluntariou.

Meu pai inclinou para mim aquele corpo enxuto, mas forte e não ficou nenhuma dúvida de que se tivesse que me levar de volta à sala à força, faria. Embora seria como agarrar um gato pela cauda. Não me renderia sem lutar; ele se lembraria pelo resto da vida.

—Certo — falei, imitando seu tom de voz, — me algeme, porque não penso em voltar para essa sala para que todo mundo se compadeça da pobre cujo pai a jogou nos braços de um assassino louco.

Suspirou, derrotado.

—Não foi isso que fiz.

—Ah, não? —interveio Gemma com voz glacial, adiantando-se. — Papai, isso é exatamente o que fez.

—Não, quer dizer...

—Ela é especial. É única — prosseguiu minha irmã. Suas palavras me deixaram atônita. — É muito mais do acredita e a abandonou a mercê de um assassino?

—Gemma, do que está falando? —perguntou Denise. Pela emoção que se desprendia dela, compreendi que se sentia traída. — Suplicou a esse homem que não fizesse mal a Charley.

Gemma se armou de paciência. Fechou os olhos azuis um momento e depois se voltou para Denise.

—Mamãe, não ouviu o que disse?

—Ouvi perfeitamente — replicou Denise, com a voz repentinamente manchada de rancor.

—Mamãe — insistiu Gemma, colocando as mãos nos ombros da mulher, — abre os olhos.

Disse com ternura, tratando de não ferir os sentimentos da bruxa. Eu não possuía tantos escrúpulos.

—Isso é impossível.

Denise apertou a mandíbula, zangada.

—Vê? —disse, dirigindo-se a meu pai enquanto assinalava, se por acaso não se deu conta.

Eu seguia surpresa pela reação da Gemma. Sinceramente, acreditava que importava uma merda.

—Talvez pudéssemos seguir discutindo este assunto em meu escritório — propôs tio Bob, que se manteve à margem até esse momento.

—Vou — decidi, tão cansada que acreditava que cairia doente.

Caminhei para a porta.

—Sabia que ele não poderia fazer nada frente a você — confessou meu pai em voz baixa.

Parei e virei. Esperei.

—Sabia que acabaria como outros.

Quais eram outros? E de quantos mais estava falando?

Aproximou-se de mim e olhou aos olhos, suplicante.

—Querida, pense. Se fosse por Gemma ou Denise antes que o encontrássemos, agora estariam mortas.

Estava certo, mas nem por isso doía menos o que fez. Uma dor como nunca senti antes me retorceu as vísceras, abriu caminho através de meu peito e bloqueou o fornecimento de ar até que comecei a ofegar. E então voltou a ocorrer. Outra vez a maldita choradeira. Por favor, podia ser mais patética?

Meu pai acariciou meu rosto.

—Sabia que não aconteceria nada, minha linda garotinha. Possui, não sei, um poder ou algo similar. Uma força que te acompanha. É o mais milagroso que vi em minha vida.

—Mas, papai, teria que ter contado — repreendeu Gemma. — Teria que avisá-la.

Gemma também começou a chorar. Não podia acreditar. Entrei em dimensão desconhecida. Acabaram as maratonas de ficção científica. Gemma se aproximou de mim e me abraçou. Mas um senhor abraço. E veja se não devolvi.

A raiva e a frustração de anos sendo a pessoa que dá mancadas, a exceção, o patinho feio afloraram à superfície e não pude, nem buscando todas as minhas forças, parar os soluços que convulsionavam meu corpo. Meu pai nos uniu, sussurrando desculpas enquanto nos abraçávamos.

Olhei Denise. Seguia ali, voltando o olhar a todos os lados, confusa e incômoda, e quase senti pena por ela. Quase. Fiz um gesto ao tio Bob para que se unisse a nós. Olhava-nos com um sorriso distraído, mas quando me viu fazer um gesto para que se aproximasse, franziu a testa e sacudiu a cabeça. Lancei meu olhar laser assassino e voltei a insistir que se aproximasse. O homem deixou escapar um longo suspiro e acabou dando um passo à frente para estreitar todos entre seus braços.

Assim ali estávamos, no meio da delegacia de polícia do Departamento de Polícia de Albuquerque, nos abraçando e soluçando como os famosos em reabilitação.

—Não posso respirar — disse Gemma, e começamos a rir como costumávamos a fazer na escola.

Capítulo 19

*Que não me importe não quer dizer que não entenda.
(Camiseta)*

—Sem ofensa, mas você se comportou como um porco comigo durante anos.

Gemma olhou surpresa, sentada em uma das mesas do bar de meu pai. Sammy nos preparava ovos rancheiros^{72} e, meu pai, o que pedimos para beber. Denise também nos seguiu até ali, e inclusive o tio Bob se desculpou e saiu da delegacia de polícia para comer algo.

—O congressista pode esperar — disse com um amplo sorriso. Justo antes de acrescentar—Se importaria de explicar o corte nas costas?

Então eu dei uns tapinhas na sua barriga e disse:

—Sabe? Se seguir comendo assim, terei que começar a te chamar tio Bola.

E ele disse:

—Isso foi um pouco grosseiro.

E eu disse:

—Já sei, por isso disse.

E ele disse:

—Ah.

E depois fomos ao bar.

Gemma removeu na cadeira.

—Estou tentando me emendar, certo? Enfim, você sabe o que é crescer com a incrível Charley Davidson por irmã? Essa Charley Davidson?

Dei um gole no chá gelado que meu pai nos trouxe e estive a ponto de me afogar. Depois de um longo e exaustivo acesso de tosse, fiquei olhando a minha irmã boquiaberta.

—Está de brincadeira? Você sempre foi a filha perfeita. Você tinha problemas comigo?

—Não, com o vizinho — respondeu, revirando os olhos. Nos parecíamos mais do que lembrava. Era arrepiante.

—Mas se foi você que nem sequer me cumprimentava pela rua — protestei. — Nem se incomodava em levantar os olhos quando entrava em uma sala.

—Achei que você não queria.

Ela baixou o olhar, envergonhada, e meu queixo caiu.

—E por que acreditava algo tão absurdo?

—Porque foi você quem me disse que não voltasse a te falar na vida. Que nem sequer te cumprimentasse. E que nunca, sob nenhum conceito, voltasse a te olhar.

O que? Não lembrava aquilo absolutamente. Bom, houve uma vez que...

—Cara, estava com nove anos.

Sacudiu a cabeça.

Bem, talvez aquela outra vez...

—Doze?

Uma nova sacudida.

—Bom, quando fosse, em qualquer caso já faz muito tempo.

—Não mencionou até quando. É evidente que você não lembra, mas eu sim, como se fosse ontem. Além disso, sempre se mostrava muito reservada. Eu queria saber mais coisas, mas você se negava a me contar. —encolheu os ombros. — Sempre me senti separada de sua vida.

Agora fui eu quem se remexeu desconfortável.

—Gemma, tem certas coisas que é melhor que não saiba.

—Começamos — resmungou, lançando os braços no ar.

Nosso pai se sentou frente a nós e começou a rir.

—Comigo faz o mesmo. Sempre foi assim.

—De verdade, não brinco — protestei.

—Charley tem razão — interveio Denise. — É melhor que guarde essas coisas para ela.

Já voltávamos a nos aventurar no Villanegação, que não era nem a metade de divertida que Villamargarita. Não havia nada que Denise odiasse tanto quanto falar sobre Charley.

—Denise — disse meu pai, colocando uma mão sobre as suas, — não acha que já insistimos suficiente nisso?

—O que quer dizer?

—Quero dizer que sempre que damos as costas, se nega a reconhecer que tem um dom especial, embora estivesse diante de si.

Denise deu um grito afogado, atônita.

—Eu nunca fiz nada semelhante.

—Mãe — disse Gemma. Gostava daquela mulher, coisa que eu não entendia. — Charley é muito especial e sabe. Por diabos, tem que saber.

—Por isso fiz — assegurou meu pai, com o rosto voltado para a mesa, envergonhado. — Querida, sabia que se Caruso fosse por você, sairia ilesa. Nunca acontece nada.

Eu não diria que sai do apuro ilesa. O peito aguentava graças à cola. Bom, ao menos uns minutos. A ferida fechou quase imediatamente, mas não tive coragem de dizer ao médico. O que era outro dos aspectos de mim que minha família desconhecia, a rapidez com que curava.

—Papai, por que não me avisou?

Uma profunda e dolorosa vergonha o engoliu por completo e estendeu uma mão para tomar uma dele, temendo que desaparecesse.

—Não queria que soubesse nada do Caruso se pudesse evitar. Pelo que fiz. Esperávamos encontrá-lo antes que cumprisse as ameaças.

—Papai, pode nos contar isso tudo — disse Gemma.

—É que não entendem. Tem razão. —Meu pai caiu em desânimo total. — Sua filha morreu por minha culpa. Estávamos em uma perseguição e eu estava atrás. O carro patinou, bateu no guardrail^{73}, quicou e caiu no barranco do outro lado da estrada. O veículo capotou varias vezes e sua filha morreu.

—Papai... OH, por favor! —exclamei, exasperada. — Aqui, o único culpado é ele. Sério, quem pensa em entrar em uma perseguição a toda velocidade quando leva uma criança no carro?

Assentiu depois de um longo suspiro.

—Sei, mas isso não me ajudou a assumir a morte da menina. —Olhou-me. — Não podia contar. Mas fiz. Sua vez.

—Bem, não, isso foi uma armadilha.

O tio Bob soprou.

—Seu pai tem razão. Agora é você.

A mãe do cordeiro, se soubessem que era o anjo da morte... Não. De nenhuma das maneiras.

—Para começar — disse meu pai, — como fez aquilo na outra noite?

—O que? —perguntei quando Donnie, o garçom nativo americano de meu pai, trouxe-nos a comida. Aproveitei para dar uma olhada naquele peito e afoguei uma risada quando peguei a Gemma fazendo o mesmo. Batemos as mãos por baixo da mesa. — Olá, Donnie.

Olhou-me e franziu a testa.

—Olá — respondeu, com certo receio. Nunca gostou de mim.

—Aquilo — insistiu meu pai assim que Donnie se afastou. — O modo que se moveu. —inclinou-se para frente e baixou a voz. — Charley, não havia nada humano no modo que se moveu.

Os olhos da Gemma arregalaram.

—O que? Como se moveu?

Inclusive Denise de repente pareceu muito interessada enquanto misturava os ovos com o Chile.

Enquanto meu pai explicava a todos o que fiz, a forma como me movi, virei para Moranguinho, que apareceu a meu lado. Toquei Gemma com o quadril para que se afastasse um pouco e arrumei um lugar.

—Olá, pumpkin — Cumprimentei quando sentou no banco, a meu lado.

Revirei os olhos ao ver que meu pai parava o relato e que todos se viravam para me olhar.

—Bem, sério, aqui todo mundo sabe que posso falar com os mortos.

—Sabemos — disse Gemma, — nos queremos bisbilhotar.

—Ah, Bom, então, certo.

Denise fingiu um interesse extremo no que estava comendo. Não teria estranhado se ela tivesse bufado ou que tivesse uma síncope, mas acredito que começava a compreender que ficou sozinha. Pela primeira vez na vida.

—O que houve? —perguntei a Moranguinho. — Seu irmão voltou a sair com prostitutas?

—Charley — me repreendeu Gemma.

—Não, sério, faz esse tipo de coisas — me defendi. — Talvez terei que intervir.

—Não sei — respondeu Moranguinho com um gesto de indiferença. O cabelo loiro espalhou sobre os ombros. — Estive na casa de Blue. No edifício velho. É muito divertido. E Rocket é muito engraçado.

Meu coração acelerou ao ouvir o nome de Rocket.

—Então está bem?

—Sim. Diz que está comportando-se como um santo.

Suspirei aliviada e me perguntei se Blue encontrou o corpo de Reyes. Eu não gostava de nada ter que dizer em alto, mas...

—Encontrou-o? Encontrou Reyes?

O tio Bob ficou duro. Era o único da mesa que sabia algo a respeito do Farrow e do fato que escapou da prisão, por dizer de algum jeito.

Moranguinho encolheu os ombros.

—Não, disse que só você podia encontrá-lo, mas que está buscando-o com a parte errada do corpo.

Meus olhos foram diretamente entre as pernas sem poder remediar.

—E isso o que significa?

—Não tenho nem ideia.

—Enfim, disse...? —Me inclinei e baixei a voz. — Te disse que parte do corpo deveria utilizar?

Outros também se inclinaram.

—Só disse que aguçasse o ouvido.

—Ok. —Endireitei-me, confusa. —Te disse o que precisava ouvir?

—Não sei. Diz coisas estranhas.

—Bom, bem, me diga exatamente o que disse.

—Disse que prestasse atenção ao que só você pode ouvir.

—Ok—repeti, franzindo o cenho.

—Vamos brincar de amarelinha.

—Bem.

—Ah, sim, também disse que se apresse.

—Espera! —Entretanto, Moranguinho se foi. — Malditos mortos.

—O que? —perguntou Gemma, sem poder reprimir a urgente curiosidade.

Não estava mal aquilo de poder ser tão franco. Voltei-me para tio Bob com cumplicidade.

—Disse que, se quiser encontrar Reyes, tenho que prestar atenção ao que só eu posso ouvir. Não sei o que significa.

—Charley — disse Gemma, — sei o que ocorre.

Fiquei com a boca aberta até que consegui me recuperar da surpresa. Olhei a meu redor, um pouco envergonhada.

—Gemma, asseguro a você ninguém aqui sabe o que ocorre.

—E quem tem culpa disso? —perguntou meu pai.

Gemma sorriu.

—Sei que está apaixonada por alguém — disse. Ato seguido, piscou o olho e compreendi que estava me encobrindo. Sabia o que era. Quando demônios descobriu?.

— E sei que possui habilidades que nunca nos falou.

Meu pai também apoiou as costas contra o encosto e ficou olhando fixamente. Queria respostas que eu não estava disposta a oferecer. Ainda não.

—Ajudaria saber que uso meus poderes para o bem?

Seus lábios desenharam uma fina linha.

—O que teu coração diz que faça? —perguntou Gemma.

Apoiei o queixo com decisão na palma da mão e comecei a apunhalar minha guarnição de croquetes de batata e cebola com o garfo.

—Meu coração está muito tenso por ele para pensar com clareza.

—Então, fica quieta e escuta — disse. — Vi você fazer isso outras vezes. Quando éramos pequenas. Fechava os olhos e escutava.

Era certo. Endireitei à medida que as lembranças iam a minha memória. Estava certa. Às vezes, quando via The Big Bad (que mais tarde resultou ser Reyes) ficava quieta e escutava os batimentos do coração. Mas sempre estava perto. Por isso alcançava para ouvir. Ou não era assim?

Gemma me repreendeu com o cenho franzido.

—Fecha os olhos e escuta. —inclinou-se para mim e me sussurrou ao ouvido—É o anjo da morte, por amor de Deus.

Tratei de ocultar minha surpresa sob uma máscara de ceticismo.

—E você como sabe? —perguntei em voz baixa.

—Ouvi que dizia a esse tal Angel quando o viu pela primeira vez.

Por todos os Santos, esqueci por completo.

—Agora, se concentre — disse, me olhando com total confiança.

Inspirei fundo, deixei escapar o ar devagar e fechei os olhos. Senti-o quase imediatamente. Um fraco pulsar a distância. Concentrei-me nele, todo meu mundo girou em torno daquele som. Quanto mais me concentrava, o ouvia com maior nitidez, um ritmo familiar, uma cadência balsâmica. De verdade era Reyes? Seguia vivo?

—Reyes, onde está? —sussurrei.

Senti uma onda de calor, o brotar de uma labareda, e a seguir senti uns lábios junto a minha orelha e ouvi uma voz tão profunda, tão rouca, que a baixa frequência da vibração me envolveu em sensuais ondas.

—No último lugar em que me buscaria — respondeu sarcasticamente.

Abri os olhos afogando um grito.

—OH, Meu Deus, sei onde está. —Olhei os rostos que me rodeavam. Todos esperavam, espectadores. — Tio Bob, pode vir comigo? —perguntei, levantando de um salto. Meteu um novo pedaço na boca e levantou para me seguir. Meu pai também. — Papai, não é necessário que venha.

Dirigiu-me um olhar zombador.

—Tente me impedir.

—Talvez não seja nada, sério.

—Bom.

—Certo, mas a comida vai esfriar.

Sorriu. Olhei Gemma, incapaz de acreditar que soubesse o que era. Entretanto, meu coração encolhia só em pensar que meu pai pudesse saber. Era sua garotinha. E queria seguir sendo tudo o que me fosse possível. Inclinei para ela antes de sair correndo pela porta

—Por favor, não diga a papai — sussurrei.

—Nunca.

Apoiou as costas no encosto da cadeira e me dedicou um sorriso tranquilizador. Bem, começava a gostar daquilo. Um pouco ao estilo família Addams.

Qual era o último lugar em que procuraria Reyes? Em minha própria casa, naturalmente.

Cruzei o estacionamento tão depressa como minhas botas, sem esperar meu pai ou tio Bob, e quase poderia dizer que caí rodando pela escada do porão. Era a única explicação lógica. Todos os apartamentos estavam alugados durante o curso acadêmico, assim Reyes só podia estar no porão.

Quando por fim parei derrapando sobre o chão de cimento, a porta do alto da escada fechou e nesse momento compreendi que esqueci algo. A luz. O interruptor estava acima. Dava meia volta para subir a escada e fiquei gelada. De repente, uma estranha e angustiante sensação deslizou sobre a superfície de minha pele em voo raso, sem chegar a tocá-la, como quando a eletricidade estática roça delicadas terminações nervosas. O primeiro que percebi foi um cheiro. Um aroma acre suspenso no ar denso. A acidez queimou a garganta e lacrimejou meus olhos. Tampei o nariz e a boca com uma mão e pisquei várias vezes, envolta em sombras. Umhas figuras geométricas começaram a tomar forma. Ângulos afiados e articulações protuberantes materializavam ante meus olhos. Quando consegui me acostumar à escuridão, vi que as formas se moviam, arrastavam umas por cima de outras como aranhas gigantes, desprendendo do teto, esmagando às demais para conseguir ser as primeiras.

Retrocedi com passo vacilante antes de compreender que estavam por toda parte. Girei ao redor, desenhando um círculo, completamente rodeada.

—Enviaram duzentos mil.

Virei e vi Reyes, em atitude fera, com a espada desencapada, tão selvagem, tão imponente que estremei.

—In numeris firmatis — disse. A união faz a força.

Desejavam-no tanto que babavam. Literalmente. Um líquido escuro gotejava dos dentes afiados e formava poças no chão. Foi então quando vi seu corpo humano, apenas um farrapo do que foi, e minhas pernas fraquejaram. Segurei o corrimão da escada para não cair e sacudi a cabeça para afugentar o enjoo repentino que me assaltou e para esclarecer mente. Reyes estava inconsciente, empapado em uma mistura do próprio sangue e a saliva espessa e negra dos demônios.

—De todos, só estes conseguiram — prosseguiu.

Sozinho? O porão era diminuto e nesses momentos albergava duzentos, talvez trezentos deles. Demônios. Uma mistura de fuligem e cinzas com dentes.

As luzes acenderam com uma piscada e, justo então, compreendi. Se afastaram da luz e, sob ela, desapareciam.

—Apaguem a luz! —gritei, porque deixei de vê-los.

—O que? —perguntou tio Bob do alto da escada.

—Apaguem a luz e não desçam.

—Não, não apaguem —ouvi Reyes. — Se você os vê... — prosseguiu, repetindo a advertência que já fez em outro momento.

Entretanto, o tio Bob obedeceu.

Reyes grunhiu, contrariado. A capa o envolvia, uma massa negra que formava majestosas ondulações ao redor. Apesar da profunda escuridão do porão, a lâmina da espada despedia brilhos ofuscantes. Cercavam-no, estreitando o círculo pouco a pouco, arrastando uns sobre outros, gotejando de gretas e fendas, desprendendo do teto, brigando por abrir caminho até a primeira linha entre legiões.

Dei uma rápida olhada ao redor, aos seres que me rodeavam, com o coração acelerado. E então, como Reyes me advertiu, me viram. Um após o outro, as cabeças de ossos proeminentes se viraram para mim. Era como se sorrissem (em uma espécie de ilusão ótica horripilante), com as largas bocas e afiados dentes formando uma meia lua invertida, baixando a cabeça em atitude hostil, a ponto de atacar.

—Acende a luz — repetiu Reyes com esforço enquanto descarregava a espada gigantesca sobre um ousado demônio que se atreveu a aproximar-se muito. — Os cegará e ganhará um pouco de tempo.

—Charley, o que houve? —perguntou Ubie do outro lado da porta.

Elevei o olhar. A escada estava completamente bloqueada, abarrotada de dezenas de demônios autênticos de última geração.

Demorei uns instantes em assimilar o que me rodeava. Estava paralisada, sem saber o que fazer.

De repente, Reyes apareceu diante de mim. Na voz se distinguia uma advertência tão se desesperada, uma decisão tão imóvel, que esvaziou o escasso ar em meus pulmões. Espada em riste, inclinou-se e disse:

—Não me obrigue a te matar.

Avançavam. Reyes ficou em minha frente, preparado para enfrentá-los. Angel se materializou a meu lado, com os olhos exagerados pelo terror. E nesse preciso instante compreendi até que ponto fodi tudo. Deveria ter escutado Reyes. Deveria ter feito caso de suas advertências.

Ou não. Se tivesse ouvido, se tivesse me mantido à margem, até quando aquilo iria? Até quando o torturariam? Em quantos pedaços eram capazes de mutilá-lo antes de morrer?

—*Dutch* — disse Reyes a modo de aviso. Levantou a espada. — Por favor.

Acaso não acabariam por dar comigo de todos os modos? Acaso não teria que enfrentar aquilo, quisesse ou não? Por desgraça, não sairia viva dali. Eram muitos. Reyes estava certo. Se conseguissem cruzar, se encontrassem o caminho para o céu, iniciariam uma nova guerra e tudo por minha culpa. Não podia ser o catalisador da guerra. O portal precisava fechar.

Baixei as pálpebras lentamente pela última vez e Reyes não vacilou. Ouvi o assobio da espada cortando o ar como se dividisse átomos. Uma vez mais, o mundo começou a mover-se em câmera lenta. Senti que meu coração deixava de pulsar e decidi confrontar minha sorte de frente. Abri os olhos no mesmo instante em que um demônio se equilibrava sobre mim com o olhar na jugular. O ar desenhou ondas a meu redor quando Reyes virou a lamina com todas as forças. Um nano segundo depois seguia inteira enquanto o demônio jazia dividido em dois. Reyes o decapitou no ar.

O mundo recuperou a velocidade normal com uma investida enquanto um demônio atrás de outro se lançava sobre nós. Reyes se virava para todas as partes

descarregando golpes de espada, arrancando-os com a lâmina, demonstrando uma maestria indiscutível. E no mais profundo de meu ser, não cabia em mim de prazer pensando que não me matou, que tentava repeli-los, que estava disposto a enfrentá-los por mim. Caíam um após o outro, mas seguiam avançando. Seguiam nos encurralando. E conheciam o ponto fraco de Reyes.

Um deles se elevava imóvel no meio do caos observando a batalha que estava acontecendo. Parecia mais inteligente que outros, mais resolvido. Estudou Reyes, como lutava, a limpeza com que atirava os golpes mortais, baixou o olhar para o corpo humano que jazia aos próprios pés e atacou. Os largos dedos serrados se afundaram no peito de Reyes e o deus ante mim cambaleou. A capa que o protegia desvaneceu e Reyes levou as mãos ao peito enquanto dezenas de demônios se equilibravam sobre ele como abutres, aproveitando a oportunidade apresentada.

Com um esforço sobre-humano, consegui levantar, os sacudiu de cima, balançou a espada e reatou a luta. A capa o envolvia uma vez mais, formando redemoinhos ao redor do relevo preciso dos músculos até reencontrar sobre o torso.

Entretanto, assim que materializou, o demônio voltou a atacar e enterrou as garras no ombro. A capa voltou a desvanecer e Reyes caiu no chão, apoiando-se nas palmas das mãos. A visão de um ser tão poderoso prostrado de joelhos me feriu no mais profundo. Corri para ele, mas se virou e fiquei cravada no lugar ao ver o olhar furioso da besta de ombros encurvados a que dei rédea solta.

—Vá — grunhiu, desaparecendo sob um enxame de demônios.

Aquela visão me deixou sem respiração e desta vez minhas pernas não conseguiram me aguentar. Desabei no chão, em estado de choque, vendo como aumentava a montanha de demônios de aranha. Um pesar infinito alagou até a última partícula de meu ser. Nesse momento outros se viraram para mim ao unísono. Um líquido escuro gotejava das faces enquanto avançavam, sem pressa, conscientes do desaparecimento do único obstáculo.

—Charley, corre — disse Angel, me puxando para que levantasse.

Levantei cambaleante e fui retrocedendo pouco a pouco até que parei em seco ao sentir um hálito quente na nuca.

O medo tomou conta de mim de tal maneira que tudo começou a girar, os limites de meu campo visual obscureceram e compreendi algo que bastou para que as lágrimas fossem a meus olhos. Ia morrer.

Capítulo 20

*Basta ter medo do medo. E de aranhas.
(Adesivo de para-choque)*

Meus olhos fecharam como em um sonho enquanto as criaturas seguiam avançando. Era o anjo da morte, pelo amor de Deus. Literalmente. Reyes disse que podia enfrentá-los, mas como? Nem sequer possuía uma espada. Embora brilhasse, maldição. Ao menos havia isso a favor. Brilhava tanto que os mortos conseguiam ver a continentes de distância. Ou isso me disseram. Se os demônios iam quando vissem a luz, por que podiam aproximar-se tanto de mim? Por que não se separavam de minha luz?

Abri os olhos de repente.

Com só pensar, assim que a ideia formou em minha cabeça, uma força visceral prendeu em meu interior, produziu uma vibração enérgica, uma sacudida incontrolável, começou a formar redemoinhos e a crescer, e pouco a pouco foi ganhando intensidade até que já não pude contê-la.

—Angel — disse, incapaz de dominar aquela energia que ameaçava transbordar os limites de meu corpo— corre.

Três coisas ocorreram de maneira simultânea: Angel soltou minha mão, as agudas arestas de uns dentes afiados perfuraram meu pescoço e transbordei em uma explosão de luz que viajou em todas as direções e alagou o porão de um grande resplendor que saturou e engoliu até a última sombra. O rugido da energia em estado puro consumindo tudo o que encontrava a caminho afogou os alaridos dos demônios. Estes, envoltos em chamas, acabaram reduzidos a cinzas como papel carbonizado, e quando a luz retornou a meu interior, retirando-se para as profundezas de meu ser, fiquei um longo momento pensando o quanto o que acabava de ocorrer era alucinante.

—Charley! —O tio Bob irrompeu no porão. — O que foi esse ruído?

Meu pai pisava seus calcanhares, descendo os degraus de três em três.

—Esperem! —gritei, e levantei uma mão. — Fique aí um momento.

—Esse é Farrow? —perguntou o tio Bob.

—Chamem uma ambulância.

Aproximei um pouco mais e compreendi que Reyes imaterial não estava ali. Meu coração parou até que ouvi a voz ricocheteando nas paredes.

—Ainda é vulnerável.

Girei e o vi sentado em uma prateleira, de cócoras, balançando sobre os calcanhares, com uma mão elevada sobre o punho da espada. A ponta da lâmina se apoiava no chão diante dele. Era quase tão alta quanto eu. A capa se agitava ao redor, envolvendo-o até encher o último canto da peça. Inchava e retrocedia, e tive a sensação de ser engolida por um oceano de águas escuras. Era o ser mais magnífico que jamais vi.

E estava ali. Estava vivo.

—Acreditava que também acabei contigo.

Virou a cabeça, mas não consegui ver seu rosto.

—Não sou um demônio. Forjaram-me na luz.

—A luz das chamas do inferno — lembrei.

Não respondeu. De repente, me irritei. Por que tudo o relacionado a ser um anjo da morte tem que ser tão complicado?

—Por que não me disse que podia fazer o que fiz e pronto?

—Já expliquei isso, seria como dizer a um pintinho que pode voar. Tem que descobrir do que é capaz a um nível visceral. Dizer isso, não teria feito nenhum favor.

—E se não tivesse descoberto, Reyes?

A cabeça encapuzada se inclinou para um lado.

—Por que pergunta essas coisas? Fez. Conseguiu. Fim da história. Mas isso segue sendo vulnerável — disse, dirigindo um olhar ao corpo humano, a embalagem aniquilada e reduzida do homem que foi.

—Se recuperará quando levarmos a um hospital.

—Para que?

Virei para ele.

—O que quer dizer?

—Acha que terminou? Que meu pai se dará por vencido? Para ele, isto foi uma vitória. Agora sabe que há um portal na Terra. Não parará ante nada e encontrará um modo de acabar contigo. Arrancará um membro atrás de outro para chegar ao mais fundo de ti, a essência. Além disso, agora conhece sua debilidade. —Voltou a olhar seu corpo. — Não tem nem ideia do que acontecerá se meu pai me encontrar. Não desejo me desembaraçar de meu corpo humano por capricho, *Dutch*, existe uma boa razão. Não posso correr riscos.

—Charley, tenho que me aproximar dele. Está morrendo.

Ouvi o uivo próximo das sirenes de uma ambulância.

—Só um momento —pedi a meu tio. Não sabia o que Reyes faria se se aproximasse. — O que quer dizer? A que razão se refere?

Reyes desceu da estante e aterrissou com suavidade diante de seu corpo físico.

—Sabem como me encontrar. Podem me seguir através deste corpo.

—Já me disse isso, mas existe outra razão. Qual é?

Sacudiu a cabeça.

—Você abriu o caminho. Eu devo fechá-lo.

Fiquei dura ao compreender o que, em minha inconsciência, fazia. Aproximei-me um pouco mais.

—Por que não me matou quando teve a oportunidade? Por que terá que chegar a isto?

—Charley — disse meu pai, alarmado, — o que está acontecendo?

Reyes levantou uma mão enluvada até meu rosto. Senti a carícia, ardente e sedosa.

—Te matar? —repetiu com uma voz aveludada que abriu caminho até meu ser mais profundo. — Isso seria como pretender apagar o sol.

Pisquei, impotente, enquanto Reyes virava e elevava a espada, agarrando o

punho da pesada arma com as mãos.

No preciso instante em que a descarregava à velocidade do raio, atravessei o tempo como um relâmpago, passei por debaixo de seus braços e protegi seu corpo com o meu. A lâmina parou escassos milímetros de minha coluna vertebral.

Voltou a elevá-la com um grunhido.

—Se afaste — me advertiu com aspereza.

—Não. —Fui incapaz de impedir que a emoção me delatasse, que meus olhos ardessem. Chiei os dentes deitada sobre Reyes. Empapado em sangue, seu corpo seguia uma fogueira, quente, vital e vivo. O coração pulsava sob minhas mãos. O pulso retumbava em meus ouvidos. — Não permitirei que faça.

Deu um passo à frente com ar ameaçador e adiantou o capuz para que não visse a dura expressão do rosto.

—Não entende o que ocorrerá se me encontram, se estiver comigo?

—Sim, entendo — assegurei com voz suplicante. — Torturarão você. Utilizarão a chave para chegar até aqui. Mas...

—Não é tão simples.

Aquilo parecia simples?

—Então o que? Diga de uma vez.

Abriu a boca como se fosse dizer algo, apesar da reticência.

—Sou como você. Sou a chave — decidi ao fim.

—Sei e entendo.

—Não, não entende. —esfregou o rosto com a mão enluvada. — Igual você é o portal que leva ao céu, sou o portal pelo qual sai do inferno. —Baixou a cabeça, como se se sentisse envergonhado. — Se me encontrarem, legiões inteiras cruzarão através de mim e não precisarão ir nas costas de ninguém para chegar a este plano.

Demorei uns instantes em compreender o verdadeiro significado das palavras. Era difícil de acreditar. Parecíamos muito mais do que imaginei. Nós somos chaves. Somos portais. Um ao céu e o outro ao inferno. Como um espelho.

—Possuiriam um acesso direto através de mim, igual os mortos têm um acesso direto ao céu através de você. E o primeiro que fariam é ir por você. Teriam a forma de sair do inferno e, contigo, o modo de entrar no céu. Assim agora, se afaste ou eu te afastarei.

Acreditei. Reyes me afastaria, me jogaria na outra ponta do porão para chegar até o corpo. Estava desesperada quando levantei o olhar para ele, perdida na agonia. E naquele estado levantei a mão e disse.

—Rey'aziel, *te vincio*^{74}.

Parou e me olhou como se não pudesse acreditar o que acabava de ouvir.

—Sim, ouviu bem —respondendo ao olhar inquisitivo, — encadeio-te.

Retrocedeu um passo, visivelmente consternado.

—Não! —exclamou, tentando colocar as mãos sobre a capa, que se desintegrava ao redor. A espada caiu no chão, onde desapareceu como se quebrasse em mil pedaços ao bater contra ele. Olhou-me de novo, com olhos suplicantes. — Dutch, não.

A culpa que atravessou meu coração foi cem vezes pior qualquer coisa que me fizesse com a espada. O olhar acusador, aqueles olhos que se sentiam traídos. E

desapareceu. Um instante depois, seu corpo humano voltou para a vida com um profundo suspiro. Os músculos rígidos, apertou os dentes retorcendo de dor enquanto a agonia se fazia patente em seu rosto.

—Tio Bob! —gritei, e meu pai e ele se aproximaram correndo. — Ajude, por favor.

Subiram Reyes à parte traseira da ambulância. Colocaram uma máscara de oxigênio e encontraram uma veia. Seu corpo musculoso parecia extremamente vulnerável, como o de um menino. Desejava envolvê-lo entre meus braços e apagar tudo o que aconteceu de ruim em sua vida. Entretanto, somente com a magia dos contos de fadas conseguiria aquilo e até com minhas habilidades, ou talvez apesar delas, o último em que acreditava era na magia.

Antes da ambulância chegar, o tio Bob, meu pai e eu repassávamos a história que íamos contar. Nos dirigíamos a minha casa, diria o relatório, para acabar com a papelada de um caso quando ouvi um ruído procedente do porão, ali encontramos Reyes inconsciente e chamamos uma ambulância. Não soava mal se não fosse muito exigente, mas depois de contar umas vinte mil vezes, quase comecei a acreditar.

Seguia enrolada na jaqueta de meu pai, a que cobria a roupa empapada de sangue, enquanto um médico fazia perguntas na sala de espera do hospital, onde aguardava notícias sobre o estado de Reyes.

—Olhe, não sei nada mais. Não tenho nem ideia de como fez essas feridas nem o que aconteceu, e sinto que algumas pareçam de vários dias. Já encontrei assim.

Neil Gossett sentou a meu lado com dois cafés na mão, depois de despachar o médico com um olhar de poucos amigos.

—Obrigada — falei.

—Onde está seu pai?

—Teve que voltar para a delegacia de polícia. Acabamos de resolver um caso importante e está prestando declaração.

Meu pai também explicaria a Cookie o que aconteceu, que se alegraria de saber que encontramos Reyes.

—Enfim — disse Neil, me oferecendo uma xícara e franzindo a testa ao ver o sangue que ainda levava nas mãos, — tal como eu o vejo, Reyes despertou na unidade de crônicos com amnésia. Ao fim e ao cabo, estava em coma e possuía uma ferida na cabeça. Não sabia quem era e muito menos onde estava. É evidente que não pode acusá-lo de tentativa de fuga quando ignorava que estivesse fugindo.

Fiquei olhando atônita. Neil levantou uma mão e fechou minha boca com um sorriso.

—De verdade estaria disposto a fazer algo assim? —perguntei, com uma evidente nota de agradecimento na voz.

—Sim, estaria disposto.

Suspirei com alívio.

—Neil, muitíssimo obrigada.

—Não há de que — respondeu, tomando um gole de café. — Não, sério, não há de que. Eu gosto de meu trabalho.

Sorri.

—Ah, perfeito. Agora já tenho algo com que chantagear. Vejamos... — murmurei, tomando um longo gole de café quente, — o que preciso?

—Que examinem sua cabeça? —sugeri. — E, por certo, não é necessário que recorra à chantagem para conseguir. Conheço alguém contatos.

—Se quisesse que me examinassem a cabeça, iria ver minha irmã.

—Cara, sua irmã é um colírio.

Recostou contra a parede, como sonhado em lembranças longínquas.

—Eew. —Era bonita, mas assim e todo... Neil Gossett? Com alguém de meu próprio sangue? Não acabava de me convencer. — Tenho que dizer algo.

Endireitou-se.

—Parece sério.

—É. O prendi.

—O que?

—Que o acorrentei — repeti, com um suspiro de cansaço, — bem, que o amarrei.

Inclinou para mim.

—Acha que sou a pessoa mais indicada para contar? —perguntou, baixando a voz.

—Pervertido. —Depois de dar um tapa no ombro, baixei o olhar, envergonhada pelo que estava a ponto de confessar. — Acorrentei seu ser imaterial ao corpo humano. Não pode abandoná-lo. Está amarrado a ele.

—Pode fazer isso?

—Pelo visto, sim. Soube sem mais.

—Uau.

—Não, não entende, o que quero dizer é que se tornou louco.

Ficou olhando fixamente, mudo de espanto.

—O que?

—Que está furioso — falei, mordendo a comissura do lábio.

Neil abriu a boca como se fosse dizer algo, incapaz de encontrar as palavras.

—Charley, uma vez vi Reyes furioso, lembra? —decidiu dizer por fim. — E foi algo que me deixou marcado.

—Sei e sinto. Poderia dizer que se suicidaria. Não sabia que outra coisa podia fazer.

—E por isso o irritou e depois o enviou de volta a prisão, não? —perguntou, em um fraco e áspero sussurro.

Encolhi. Dito assim, soava bastante mal.

—Mais ou menos.

—A mãe que te pariu, Charley.

—O que fez agora?

Ambos levantamos a vista. Owen Vaughn, o cara que tentou me atropelar na escola, estava ante nós vestido com seu uniforme negro de polícia. Placa reluzente incluída.

—Vaughn — disse Neil, com gélida saudação.

Owen deu umas batidinhas na placa.

—Agente Vaughn — corrigiu. — Preciso saber o que ocorreu nesse porão.

OH, pelo amor do dragão do Pedro.

—O agente Davidson já tomou declaração — repus com olhar desafiante.

—Refere-se ao tio Bob?

—O mesmo.

Owen olhou os lados do corredor e depois se inclinou para mim.

—Você gostaria de saber o que penso de você?

—Mmm, é uma pergunta armadilha?

—Não importa — disse, endireitando as costas, — guardo isso para uma ocasião mais apropriada. — Sorriu satisfeito de si mesmo. — Como o dia que meter seu traseiro na prisão.

—Sério, pode-se saber que diabos fez? — perguntou Neil quando o outro se afastava a grandes passos.

—Você foi seu maldito amigo — falei, abrindo a mão para convidá-lo a falar, — diga-me você.

Neil ficou um momento mais, até que apareceu Cookie com comida e uma roupa. Cookie tentou me levar para casa, mas não podia ir, não antes de saber como Reyes estava. Meu pai veio e foi. Gemma veio e foi. Por fim apareceu um médico, com olhos cansados. Reyes estava em cuidados intensivos, mas parecia recuperar-se assombrosamente bem, dadas as circunstâncias. Mesmo assim, não podia ir. Angel apareceu quando começava a escurecer e ficou toda a noite comigo. Sentou no chão, junto a minha cabeça, depois que deitei em um pequeno banco acolchoado onde dormi tão bem como pode dormir em um pequeno banco acolchoado.

O tio Bob voltou para primeira hora da manhã seguinte, um pouco irritado.

—Por que não foi para casa?

—Porque não. — Esfreguei os olhos, depois as costas e olhei Angel. — Ficou aqui toda a noite, querido?

—É óbvio — respondeu. — Esse cara daí não deixava de te olhar.

—Quem, esse? — perguntei, apontando o homem que ficou transposto no banco em frente. — Acredito que dorme com olhos abertos.

—Ah. Porque o faça olhar.

—Sim. Bom, o que houve? — perguntei ao Ubie.

—Vamos ao Ruiz. Concederam-nos uma permissão para exumar o corpo de um tal senhor Saul Romero.

—Ah, bem. Quem é Saul Romero?

—O cara sob o que supostamente está enterrada Hana Insinga.

—Ah, Bem. Já sabia.

—Então vamos?

Encolhi os ombros sem muito entusiasmo.

—Suponho. De qualquer forma, o Estado tampouco vai me deixar ver Reyes.

—Então para que demônios passou a noite aqui?

Voltei a encolher os ombros.

—Masoquista que sou. Preciso de um banho.

—Vamos, levo você. De todos os modos, temos que pegar Cookie e nos encontrar ali com o xerife.

Estacionamos no Ruiz Cemetery atrás da Mimi e Warren Jacobs. Kyle Kirsch já

estava ali com o pai. Pelo tom arroxeadado dos círculos que rodeavam os olhos, era fácil adivinhar que nenhum dos dois dormiu muito. Alguém foi buscar à mãe de Kyle em Minnesota e estava esperando que a levassem até Novo México. Por desgraça, Hy Insinga também chegou, e estava visivelmente afetada. Me partiu o coração.

—É esse — indicou Mimi ao xerife do condado de Amora, assinalando o sepulcro do senhor Romero. — O segundo túmulo à esquerda.

Duas horas depois, uma equipe do Escritório de Investigação Médica do Albuquerque começava a extrair os restos da Hana Insinga, vinte anos depois da trágica morte. A dor que se refletia no rosto da mãe era insuportável. Agradecendo que pudesse contar com uma amiga, retornei ao SUV de Ubie e de ali contemplei como Hy Insinga se aproximava de uma Mimi trêmula e soluçante, preocupada com como acabaria aquela reunião. Ficaram abraçadas um longo tempo.

Três dias depois, Reyes Farrow, depois de mostrar uma notável e inexplicável melhoria, foi entregue ao cuidado da equipe médica da Penitenciária de Novo México. Fui a Santa Fé para vê-lo, tremendo visivelmente dentro de minhas botas enquanto enfileirava com as outras visitas, esperando minha vez para passar pelo ION Scanner^{75}, que procurava restos de drogas. Entretanto, um guarda me tirou da fileira e me informou que o subdiretor da prisão, Gossett, queria falar primeiro comigo.

—Como está? —perguntou Neil quando o guarda me fez passar ao escritório.

Começava a me acostumar à ordem dentro do caos e me sentei em frente a ele.

—Estou bem — respondi, encolhendo os ombros. — Agora mesmo, descansando um pouco do negócio da investigação particular.

—Vai tudo bem? —perguntou, alarmado.

—Ah, sim. Só prefiro tomar as coisas com calma. Bom, o que houve? Posso vê-lo ou ainda está na enfermaria?

Neil desviou o olhar antes de responder.

—Queria dizer isso em pessoa antes que dissessem na área de visitas.

Meu coração despencou.

—Aconteceu alguma coisa? Reyes está bem?

—Está bem, Charley, mas... não quer ver você. —Inclinou a cabeça, como se estivesse com pena. — Pediu ao Estado para rejeitar seu pedido.

Fiquei sentada um longo tempo, aniquilada, enquanto digeriria as palavras. Era como ter o peito encaixado em torno que começou a fechar.

Tudo a meu redor escureceu. Mal podia respirar. Precisava sair dali.

—Bom, então vou.

Levantei e me dirigi à porta.

Neil rodeou a mesa e agarrou meu braço.

—Charley, mudará de opinião. Está furioso.

Sorri.

—Neil, está tudo bem. É só que... Cuida dele, ok?

—Sabe que sim.

Saí da prisão com um sorriso no rosto e conduzi de volta a casa lutando com unhas e dentes para não sucumbi aquele peso esmagador. Mesmo assim, senti meus

cílios molhados. Foi lamentável. Pensei em meu futuro pelo caminho. Como seria a vida sem Reyes Farrow? Já não podia separar-se do corpo. Já não podia me visitar, falar comigo, me tocar, salvar minha pele um dia sim e outro também. Depois de uma vida inteira tendo-o virtualmente a minha completa disposição, de repente estava sozinha.

Quando estacionei junto ao complexo de apartamentos, compreendi da forma mais deplorável e humilhante que me converti em uma dessas mulheres, uma das centenas de mulheres que tentavam vê-lo, que tentavam aproximar-se dele em vão. Era Elaine Oake.

Não era ninguém.

Depois de caminhar até minha casa arrastando os pés, liguei o computador e li por cima umas quantas mensagens etiquetadas como urgentes, duas do tio Bob. Depois de decidir que podiam esperar, saí de minha conta e entrei em meu e-mail falso, enquanto tentava encontrar alguma desculpa para me colocar na cama às onze da manhã. Queria tirar um pouco de proveito, mas uma letargia salpicada com traços de depressão começava a apoderar-se de mim. Uma mensagem de Mistress Marigold apareceu na tela. O mais provável era que se tratasse do mesmo correio que enviou Cookie e Garrett. Ligeiramente apressada pela curiosidade (e me perguntando se de verdade precisava voltar a respirar) cliquei o link e li.

Estou há muito tempo esperando para saber de você.

Fim

[11](#) Francês: eu.

[12](#) Artes marciais mistas.

[13](#) A coreia de Sydenham ou a dança-de-São-Vito é uma das maiores manifestações clínicas da febre reumática. É uma complicação tardia e não supurativa de infecções das vias aéreas superiores por estreptococos beta-hemolíticos do grupo A, que caracteriza-se por lesões inflamatórias, normalmente localizadas no tecido conjuntivo dos órgãos acometidos. Dentre eles podem ser afetados o coração, as articulações, o sistema nervoso central, a pele e o tecido subcutâneo. Os movimentos espasmódicos incontrolláveis surgem quando as lesões comprometem os núcleos da base do sistema nervoso e suas conexões com a região límbica, lobo frontal e tálamo. Esses movimentos involuntários tem a características de serem rápidos, irregulares e sem finalidade dos membros, da face e/ou do tronco, geralmente associados à hipotonia e à diminuição da força muscular. Sua evolução é autolimitada e sua duração pode variar de uma semana a dois anos. Entretanto são frequentes as suas recorrências.

[14](#) Tamanho do sutiã

[15](#) Foi um ator de cinema e teatro dos Estados Unidos, eleito pelo American Film Institute como a maior estrela masculina do cinema norte-americano de todos os tempos.

[16](#) Revista seleções

[17](#) Magnum, P.I. é uma série de televisão americana que fez muito sucesso nos anos 80. Série de ação, onde Thomas Sullivan Magnum (Tom Selleck), era um ex-oficial da Inteligência Norte-Americana que se desligara da Marinha dos EUA para se tornar jardineiro e investigador particular nas horas vagas.

[18](#) As sinapses nervosas são os estímulos (Impulsos Nervosos) que passam de um neurônio para o seguinte por meio de mediadores químicos, os neurotransmissores, através da fenda sináptica.

[19](#) <http://www.youtube.com/watch?v=Xx3nTsFJEQE>

[10](#) Dirty Harry (Perseguidor Implacável, no Brasil; A Fúria da Razão, em Portugal) é um filme norte-americano de 1971, onde Clint Eastwood interpreta pela primeira vez o detetive Harry Callahan. Callahan é um policial que age além dos limites da lei, impondo sua própria filosofia para acabar com o "lixo humano" da cidade de São Francisco

[11](#) Conta à história de sete indivíduos que, quando crianças, enfrentaram uma criatura centenária que se alimentava do medo e mudava de forma, ora chamada de It (Coisa), ora de Pennywise (o palhaço Parcimonioso) na cidade fictícia de Derry, no Maine, e 30 anos depois eles são chamados de volta para o confronto definitivo quando a criatura volta a matar crianças. Quem sente sua presença é Michael Hanlon, um bibliotecário e único do grupo dos sete amigos que continuou morando em Derry. Assim ele liga para Richard Tozier (o brincalhão piadista), Eddie Kaspbrak (o fracote hipocondríaco), Stanley Uris (o escoteiro), Beverly Marsh Rogan (a garota do grupo), Ben Hanscom (um gordinho tímido) e William Denbrough (espécie de "líder" do grupo), pois todos os sete, quando jovens, viram "A Coisa" e juraram combatê-la caso surgisse outra vez. Porém este juramento pode custar suas vidas. Nesta obra Stephen

King descreve claramente a personalidade e peculiaridades de cada uma das sete personagens principais, demonstrando sua ótima técnica de criação de descrição.

Conta a história de sete indivíduos que, quando crianças, enfrentaram uma criatura centenária que se alimentava do medo e mudava de forma, ora chamada de It (Coisa), ora de Pennywise (o palhaço Parcimonioso) na cidade fictícia de Derry, no Maine, e 30 anos depois eles são chamados de volta para o confronto definitivo quando a criatura volta a matar crianças. Quem sente sua presença é Michael Hanlon, um bibliotecário e único do grupo dos sete amigos que continuou morando em Derry. Assim ele liga para Richard Tozier (o brincalhão piadista), Eddie Kaspbrak (o fracote hipocondríaco), Stanley Uris (o escoteiro), Beverly Marsh Rogan (a garota do grupo), Ben Hanscom (um gordinho tímido) e William Denbrough (espécie de "líder" do grupo), pois todos os sete, quando jovens, viram "A Coisa" e juraram combatê-la caso surgisse outra vez. Porém este juramento pode custar suas vidas. Nesta obra Stephen King descreve claramente a personalidade e peculiaridades de cada uma das sete personagens principais, demonstrando sua ótima técnica de criação de descrição.

[{12}](#) Posição do futebol americano. Jogadores de tal posição são membros da equipe ofensiva do time (do qual são líderes) e alinham-se solo atrás da linha central, no meio da linha ofensiva. Sua função é dar o início as jogadas e fazer passes para os wide receivers e também, porém nem tantas vezes, para os tight ends. É ele que dá a bola para o corredor iniciar uma jogada de corrida, os corredores são geralmente o halfback e, em algumas poucas jogadas, o fullback.

[{13}](#) Nome dos peitos dela kkkk

[{14}](#) Huevos rancheros é um pequeno-almoço tradicional mexicano com raízes nos ranchos mexicanos. O prato era tradicionalmente servido ao pequeno-almoço a meio da manhã ou ao almoço, aos trabalhadores do campo.

A versão básica dos Ovos Rancheiros consiste em Tortilhas de milho ligeiramente fritas, ovos fritos com molho de tomate e pimentões. Os ovos são muitas vezes



acompanhados por fatias de abacate, batatas fritas e pimentos extra picantes.

[{15}](#) É o menor vaporizador do mundo. Porque ela chama o tio assim... vai saber né? hehe



[{16}](#)

[{17}](#) Chrysler 's B e motores RB são uma série de big-block V8, que em 1958 substituiu os motores Hemi de primeira geração. Os motores B e RB usar em forma de cunha de câmaras de combustão.

As características de projeto incluem 17 parafusos por cabeça de cilindro, um bloco de cilindros, que se estende de 3 polegadas (76 mm) abaixo da linha central do virabrequim, um coletor de admissão não expostos ao óleo do cárter na parte inferior, em aço estampado, balanceiros eixo oco (versões de corrida usado rockers forjados de



aço), e uma bomba de óleo montado na frente

{18}



{19}



{20} Filme norte-americano de 1942 que conta um drama romântico na cidade marroquina de Casablanca sob o controle do da França de Vichy. O filme é baseado na peça Everybody Comes To Rick's ("todo mundo vem ao café de Rick") de Murray Burnett e Joan Alison.

{21} Gíria para membro de uma gangue de latinos

{22} Do francês: Aí está!

{23} Modelo de bota criado na década de 1960, caracterizada por ser branca, com cabedal liso, de cano ajustado médio ou alto, com fechamento em zíper na parte interna do cano, bico arredondado, salto baixo e grosso. Os materiais mais utilizados na fabricação eram vinil, sintético, plástico e couro. Integrava o look futurista, proposto por vários estilistas da época, incluindo André Courrèges, a quem se atribui a criação do modelo, lançado na coleção Moon Girls, de 1964. O termo "go-go" provém da palavra em francês medieval "la gogue", que significa "alegria, felicidade". O mesmo gerou a expressão moderna "à gogo", que significa "abundância". Foi bastante proeminente entre as tendências de moda da época, pois, até então, as mulheres somente usavam botas para atividades no campo ou para equitação, e não como calçado para o dia a dia.

{24}



{25} É um conjunto de líquidos inflamáveis à base de gasolina gelificada, utilizados como armamento militar. O napalm é na realidade o agente espessante de tais líquidos, que quando misturado com gasolina a transforma num gel pegajoso e incendiário.

{26} Déficit de atenção

{27} Obsidiana é um tipo de vidro vulcânico, formado quando o magma solidifica rapidamente, por exemplo, arrefecendo sob água. Consiste em 70% ou mais de sílica (SiO₂ - dióxido de silício). A obsidiana não é um mineral por não ser cristalino e, além disso, é muito similar na composição do aço, granito e riólito. É

classificada às vezes como um mineralóide.



{28} Abóbora.

{29} Designa-se por Dust Bowl um fenômeno climático de tempestade de areia que ocorreu nos Estados Unidos na década de 1930 e que durou quase dez anos. Foi um desastre econômico e ambiental que afetou severamente boa parte dos Estados Unidos da América nessa altura.

Ocorreu em três eventos: 1934, 1936 e 1939-40, mas algumas das regiões das Planícies Altas (High Plains) experimentaram condições de seca por quase oito anos. O efeito "dust bowl" (taça de pó) foi provocado por anos de práticas de manejo do solo que o deixaram susceptível às forças do vento que provocaram seca induzida pelo alto nível

de partículas de solo suspensas no ar. O solo, despojado de umidade, era levantado pelo vento em grandes nuvens de pó e areia tão espessas que escondiam o sol durante vários dias. Estes dias eram referidos como "brisas negras" ou "vento negro"

^[30] <http://www.vagalume.com.br/wine-o/hokey-pokey.html>

^[31] Do inglês, House of Pain (e a única informação que consegui foi essa) é um grupo de hip hop irlandês-norte-americano fundado em 1992, em Valley Stream, Estados Unidos. Lançaram três álbuns antes da saída do líder do grupo, Everlast, que seguiu carreira solo, fazendo o grupo entrar em um hiato de quatorze anos. Em 2010 voltaram à ativa.

^[32] Anticristo (do grego αντιχριστός i.e. "opositor a Cristo") é uma denominação comum no Novo Testamento para designar aqueles que se oponham a Jesus Cristo, e também designa um personagem escatológico, que segundo a tradição cristã dominará o mundo nos últimos dias antes que haja a segunda vinda de Cristo.

^[33] A pinhata (em espanhol: piñata) ou pichorra é uma tradição ibérica bastante difundida em certos países americanos, porém incomum nos países onde surgiu (Portugal e Espanha).

Trata-se de uma brincadeira, que, normalmente, se dedica às crianças, contudo pode ser jogado por adolescentes e até adultos. Consiste em uma panela, recheada de doces, totalmente coberta por papel crepom, suspensa no ar a uma altura média de dois metros, onde o participante, vendado, tenta quebra-la com um bastão e, conseqüentemente, liberar os doces.

É especialmente popular no México, onde é comum em aniversários, sob a forma de uma estrela de cinco pontas.

No Brasil, se restringe à Região Nordeste, mais precisamente nos estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e interior da Bahia, sob o nome de quebra-panela ou quebra-pote.

^[34] O cheesecake já era conhecido dos antigos gregos. Os norte-americanos a criaram no século XX. Desde então, tornou-se uma espécie de bolo nacional, mas, segundo os profissionais, existem «mais teorias sobre o bolo de queijo do que pessoas que saibam prepará-lo».

O cheesecake americano é normalmente constituído por uma base de bolacha, um recheio à base de queijo, creme e ovos, e uma cobertura de fruta. Este cheesecake é cozido no forno, no entanto existem inúmeras variações da receita, entre as quais as que são compostas por natas, queijo e gelatina e não necessitam de forno.

Apesar de ter nascido na Grécia há muito tempo, o cheesecake só se popularizou nos anos 1970, quando era uma das sobremesas mais populares dos Estados Unidos, e

principalmente, de Nova Iorque.



^[35] The Lone Ranger foi uma rádio no início de longa duração e de televisão mostram baseado em um cowboy mascarado no Velho Oeste americano, que galopa sobre injustiças endireitamento, geralmente com a ajuda de um índio americano inteligente e lacônico chamado Tonto, e seu cavalo de prata. Tonto cumprimenta o Lone Ranger com a expressão "kemosabe", que também foi escrito "Kemo Sabe" ou "Kemo Sabhay". A origem desta expressão é um tanto obscura, mas James Jewell, diretor

início da série de rádio, disse que o nome vem do acampamento de um menino localizado em Mullett Lake, Michigan que seu pai-de-lei tinha corrido 1911-1941. A tradução foi dito significar "batedor de confiança." Fran Striker, o escritor de O ranger os scripts sozinhos, disse que a expressão real era Ta-i ke-mo sah-bee, que segundo ele significa "saudações fiel olheiro". No piloto da série de TV Clayton Moore, "Enter the Lone Ranger", Tonto afirma explicitamente que "Kemosabe" significa "batedor de confiança". No entanto, a expressão "amigo fiel" também tem sido associada com o termo Sabe Kemo.

{36} A escala Richter, também conhecida como escala de magnitude local (M_L), atribui um número único para quantificar o nível de energia liberada por um sismo. É uma escala logarítmica, de base 10, obtida calculando o logaritmo da amplitude ¹ horizontal combinada (amplitude sísmica) do maior deslocamento a partir do zero em um tipo particular de sismógrafo (torção de Wood-Anderson).

{37} 1. Uma pessoa chata ou impopular, um obcecado por algo especificado: um nerd de computador

2. Uma pessoa estúpida e fraca

{38} Amway é uma multinacional norte-americana de vendas diretas fundada em 1959 por Rich DeVos e Jay Van Andel. E empresa já foi acusada de fazer pirâmide financeira na década de 90.

{39} <http://www.youtube.com/watch?v=Hphw fq1wLJs>

{40} 

{41} O Transtorno de Personalidade Esquizoide (TPE) é definido como um transtorno de personalidade primariamente caracterizado por falta de interesse em relações sociais, tendência ao isolamento e à introspecção, e frieza emocional, e simultaneamente por uma rica e elaborada atividade imaginária interior

{42} Bloody Mary (em inglês "Maria, a sanguinária", em referência à rainha Maria I de Inglaterra) é um coquetel feito com vodca, suco de tomate, suco de limão, sal, molho inglês, tabasco e pimenta.



{43} Coreia de Sydenham ou a dança-de-são-vito é uma das maiores manifestações clínicas da febre reumática.

{44} Um fã-clube (fã clube ou clube de fãs) é uma associação de indivíduos dedicados a expressar sua admiração por uma pessoa famosa, grupo, ideia (tal como História) ou mesmo um objeto inanimado (por exemplo, um automóvel ou um modelo de computador).

{45} Sem censura

{46} Além da Imaginação no Brasil e Quinta Dimensão em Portugal, é uma série de televisão americana criada por Rod Serling e dirigida por Stuart Rosenberg, apresentando histórias de ficção científica, suspense, fantasia e terror. Mediante o sucesso popular da série, ao longo de sua história foram realizadas diversas temporadas e continuações. Além da imaginação (1959), de 1959, da CBS, possui 5 temporadas e 156 episódios, enquanto que na década de 1980 foi lançada, ainda pela

CBS O Novo Além da imaginação, com 3 temporadas. Essa primeira continuação foi precedida por um filme, No Limite da Realidade que causou polêmica pela morte de um dos atores no set de filmagem. Já no século XXI, houve a produção, pela UPN, de Além da imaginação (2002) com apenas uma temporada, apresentada por Forest Whitaker.

[{47}](#) Adesivo tópico para a pele.

[{48}](#) A concussão cerebral é a perda da consciência de curta duração que acontece logo a seguir a um traumatismo craniano (bater com a cabeça).

[{49}](#) Hiperventilação é o aumento da quantidade de ar que ventila os pulmões, seja pelo aumento da frequência ou da intensidade da respiração. A causa mais comum da hiperventilação é a ansiedade, mas exercícios físicos, febres e doenças respiratórias também costumam levar a esse estado. A hiperventilação pode estar associada a ataque de pânico, histeria e outros transtornos de ansiedade.

[{50}](#) As Testemunhas de Jeová são uma denominação cristã não-trinitária, milenarista e restauracionista presente em quase todos os países e territórios do mundo e que é conhecida pelo seu trabalho regular e persistente de evangelização de casa em casa e nas ruas e pela sua interpretação peculiar da Bíblia, que suscita polêmicas.

Adoram exclusivamente a Jeová e consideram-se seguidores de Jesus Cristo. Acreditam que sua religião é a restauração do verdadeiro cristianismo, mas rejeitam a classificação de serem fundamentalistas no sentido em que o termo é comumente usado. Afirmando basear todas as suas práticas e doutrinas no conteúdo da Bíblia.

[{51}](#) Blue Öyster Cult é uma banda americano de rock, formada no final da década de 1960 e em atividade até hoje.

[{52}](#) Stephen Ray "Stevie Ray" Vaughan (Dallas, 3 de outubro de 1954 — East Troy, 27 de agosto de 1990) foi um guitarrista, cantor e compositor de blues elétrico norte-americano. Era o líder da Double Trouble. Nascido em Dallas, Vaughan se mudou para Austin com 17 anos, quando iniciou sua carreira musical.

[{53}](#) É como se ela gostasse, mas não fosse apaixonada.

[{54}](#) 

[{55}](#) O tijolo de adobino é um material vernacular usado na construção civil. É considerado um dos antecedentes históricos do tijolo de barro e seu processo construtivo é uma forma rudimentar de alvenaria. Adobinos são tijolos de terra crua, água e palha e algumas vezes outras fibras naturais, moldados em formas por processo artesanal ou semi-industrial.

[{56}](#) É a primeira das armas GLOCK 

[{57}](#) Íncubo (em latim incubus, de incubare) é um demônio na forma masculina que se encontra com mulheres dormindo, a fim de ter uma relação sexual com elas.

[{58}](#) Rip van Winkle é o nome de uma narrativa curta de um personagem homônimo, escrita pelo Washington Irving e publicada em 1819, baseada em contos germânicos que Irving conheceu, ouviu e aprendeu durante o período no qual passou na Europa. De acordo com Charles M. Skinner, no livro Myths and Legends of our Own Land, esta é a mais conhecida das lendas americanas.

Este conto foi escrito durante um estágio de Irving na Inglaterra e conta sobre os tempos antes e após a revolução norte-americana. Conta que um homem, fugindo à sua esposa má, corre até uma floresta. Depois de muitas aventuras ele põe-se a descansar embaixo de uma árvore umbrosa, e adormece.

{59} Mel Gibson Martin Riggs Danny Glover Roger Murtaugh

Personagens do filme Máquina Mortífera

{60} Lethal Weapon (no Brasil, Máquina Mortífera) é um filme americano de 1987, do gênero ação e policial, dirigido por Richard Donner.

{61} Melhores amigos para sempre (best friend forever).

{62} Chinês simplificado

{63} Marca de pipoca

{64} Ticker Tape foi o primeiro meio de comunicação eletrônica digital, transmissão de estoque informações de preços de mais de telégrafo linhas, em uso entre por volta de 1870 através de 1970. Ela consistia de uma tira de papel, que funcionou através de um aparelho chamado estoque ticker, que imprimiu nomes de empresas abreviados como símbolos alfabéticos seguidos por numérico estoque preço de transação e informações volume. O termo "ticker" veio o som emitido pela máquina como impressa.

{65} São os ovários kkkkk.

{66} Algo como: bumbum curvilíneo ou voluptuoso.

{67} Desde o século XIX, pessoas afirmam ter recebido visitas na véspera de natal, visitas estranhas de três fantasmas, que se dizem os fantasmas do natal passado, presente e futuro o que rendeu Charles Dicken a escrever seu livro A Christmas Carol. Os fantasmas costumam visitar as pessoas solitárias ou as pessoas que não gostam do natal, o primeiro espírito que chega é o Fantasma do Natal Passado. Depois do Presente e Futuro.

{68} O Fantasma do Natal Presente, é o segundo dos três espíritos a visitar uma pessoa na véspera de natal, ele é um homem meio agigantado que pode mudar de forma para caber em qualquer lugar, mostra as cenas comoventes do presente, como famílias carentes passando fome no natal, crianças esqueléticas pedindo esmola, e outras famílias comemorando o natal do presente.

{69} Death of a Salesman (conhecido em português como A Morte do Caixeiro Viajante) é uma peça de teatro de Arthur Miller escrita em 1949, sendo sua obra mais famosa e mais frequentemente interpretada [, estando, atualmente (março 2012) sendo encenada na Broadway, em Nova York.

{70} http://www.youtube.com/watch?v=ixdJLXDT_QM

{71} O hokey cokey (Reino Unido), Pokey (Estados Unidos , Canadá , Irlanda , Austrália), hokey Tokey (Nova Zelândia), também conhecido como okey cokey ou cokey cokey, é uma dança bem conhecida nos países de língua Inglesa.

{72} Huevos rancheros é um pequeno-almoço tradicional mexicano com raízes nos ranchos mexicanos. O prato era tradicionalmente servido ao pequeno-almoço a meio da manhã ou ao almoço, aos trabalhadores do campo.

{73} Uma mureta, guard rail ou defesa metálica é uma proteção que geralmente

aparece nas margens de pistas de automobilismo e em muitas estradas públicas.

[{74}](#) Prendo(latim).

[{75}](#) O chamado "scanner de ion", é "um espectrómetro de mobilidade iónica" e identifica a presença de moléculas de drogas.